

Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise

Volume 19 | Nº 1-2 | Ano 2021

O infantil



Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise

Publicação oficial da Fepal

(Federação Psicanalítica da América Latina)
Luis B. Cavia 2640, apto. 603, esq. Av. Brasil
Montevideo, 11300, Uruguay
revistacaliban.rlp@gmail.com
Tels: 598 2707 7342 / 598 2707 5026
www.facebook.com/RevistaLatinoamericanadePsicoanalisis
www.instagram.com/caliban.rlp

Staff

Editores

- Raya Angel Zonana (Brasil, SBPSP), Editora chefe
- Eloá Bittencourt Nóbrega (Brasil, SBPRJ), Editora chefe suplente
- Cecilia Rodríguez (México, APG), Editora associada
- Carolina García Maggí (Uruguai, APU), Editora associada
- Cecilia Moia (Argentina, APA), Editora associada suplente

Comissão Executiva

Adriana Pontelli - (Argentina, Editora de De Memória), Silvana Rea (Brasil, Editora de Dossiê), María Luisa Silva Checa. (Peru, Editora de Clássica & Moderna), Gabriela Levy (Uruguai, Editora de O Estrangeiro), Griselda Sanchez Zago. (México, Editora de Extramuros), Soledad Sosa (Uruguai, Editora de Argumentos), Abigail Berbedé (Brasil, Editora de Argumentos e Bitácora), Mariana Mantiñán (Uruguai, Editora de Comunicação), Eloá Bittencourt (Brasil, Editora de Vórtice), Wania Cidade (Brasil, Editora de Vórtice), Mariano M. Horenstein (Argentina, Editor de Textual), Analía Wald (Argentina), Helena Surreaux (Brasil), Cecilia Moia (Argentina, Editora de Incidente), Claudia Carneiro (Brasil, Editora de Cidades Invisíveis)

Conselho de Editores Regionais

Samantha Nigri (SBPRJ), Raquel Plut Ajzenberg (SBPSP), Sandra Selem Ferreira Adami (SPMS), Jacó Zaslavsky (SPPA), Daniela Morábito (SPM), Ramón Florenzano (APCH), Rosa Martínez (APCH), Eduardo Kopelman (APC), Jorge Bruce (SPP), Rómulo Lander (SPC), María Arleide da Silva (SPR), Cristina Bisson (APdeBA), Ana María Pagani (APR), Julia Braum (SAP), Paolo Polito (AsoVeP), Julia Casamadrid (APM), Carlos Frausino (SPBsb), Cristina Curiel (SPM)

Conselho Consultivo

Abel Painstein (Argentina, APA), Bernardo Tanis (Brasil, SBPSP), Dominique Scarfone (Canadá, CPS), Elias Mallet da Rocha Barros (Brasil, SBPSP), Laura Verissimo de Posadas (Uruguay, APU), Leopoldo Bleger (França, APF), Leopoldo Nosek (Brasil, SBPSP), Marcelo Viñar (Uruguai, APU), Marta Labraga de Mirza (Uruguai, APU), Moisés Lemlij (Peru, SPP), Olgária Chain Feres Matos (Brasil, FFLCH/USP, EFLCH/Unifesp), Stefano Bolognini (Itália, SPI), Sudhir Kakar (Índia, IPS)

Colaboradores

Ana María Olağaray, Iliana Horta Warchavchik (SBPSP), Margarita Nores, Brenda Glez, Admar Horn (SBPRJ), Fernanda Borges (SBPRJ), Marina Meyer (SPM), Miriam Grinberg (SFCM), María Luisa Silva Checa (SPP), Pedro Colli Badino de Souza Leite (SBPSP), Daniel Castillo (APU), Claudio Danza (APU) e Sílvia Gadea (APU), Regina Esteves (SPFor), Claudia Kowarick Halperin (SBPdePA), Paula Ramalho da Silva (SBPSP), Suzanne Robell Gallo (SBPSP), Alicia Briseño (SPM)

Revisão da versão em espanhol: Soledad Sosa

Revisão da versão em português: Raya Angel Zonana

Revisão da versão em inglês: Analía Wald

Tradução, correção e normatização de textos: Alejandro Turell, Natalia Mirza, Gastón Sironi, Schirlei Schuster, Laura Rodríguez Robasto, Marín Fernández Gianni, Denise Mota

Assistente editorial: Soledad Segovia

Arte e design original: Di Pascuale Estudio

Design atual e layout: Leandro Salvadores, Fernanda Cozzi, Pamela Blanco

Comissão Diretiva

Presidente

Andrés Gaitán (SPM)
Suplente: Susana Velasco (SPM)

Secretária Geral

Dalia Guzik (Ampiep)
Suplente: Elnora Jiménez (Ampiep)

Tesoureiro

Samuel Pinzón Bonilla (Apap)
Suplente: Ramón Mon (SPM e Apap)

Coordenador Científico

Ricardo Carlino (APdeBA)
Suplente: Samantha Nigri (SBPRJ)

Diretora de Publicações

Magdalena Filgueira (APU)
Suplente: Corina Nin (APU)

Diretora de Sede

Sílvia Gadea (APU)
Suplente: Zuli O'Neill (APU)

Diretora de Comunidade e Cultura

Sonia Terepins (SBPSP)
Suplente: Sílvia Maia Bracco (SBPSP)

Diretor de Conselho Profissional

José Francisco Rotta Pereira (SPPel)
Suplente: Ceres Tavares (SPPel)

Coordenadora de Crianças e Adolescentes

Aline Pinto (SBPPA)
Suplente: Carmen Zelaya (SPP)

Revista indexada em Latindex

· *As opiniões dos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação. Autorizada a reprodução, desde que citada a fonte e apenas com a autorização expressa e por escrito dos editores.*

· *Se você é responsável por alguma das imagens e não entramos em contato, por favor, comuniquem-se conosco por meio do nosso correio.*

Créditos das imagens:

Em capa e contracapa:

Christian Boltanski, *Animitas (Small Souls)*, 2015. Video projection (Animitas; 13 hours, 6 sec), flowers, hay, one bench Dimensions variable
Photo credit: Thierry Bal

Em 2ª e 3ª capas:

Ombres (Shadows), Christian Boltanski, 1984. Installation view of Contemporary Art, Nagoya, Japan, 1990

Em seções:

Obras de Boltanski: Courtesy: Christian Boltanski Studio and Marian Goodman Gallery

©Christian Boltanski, Licensed by ADAGP

Obras de Hugo Aveta cedidas pelo artista:

www.hugoaveta.com

Vórtice: p. 172 - Alvaro Argüeles;

p. 193: Itzel Ximena Torres

Cidades Invisíveis: Arq. Daniel Villani

Ilustrações de abertura das seções:

Lucas Di Pascuale (pp. 12, 168, 198, 228, 248, 262, 270, 278)

Christian Boltanski (p. 198)

Índice

Editorial

Para sempre

Raya Angel Zonana

07

**Argumentos:
O infantil**

O infantil: Suas múltiplas dimensões

Bernardo Tanis

14

O infantil, um nome da verdade

Alicia Killner

32

O infantil: Terceira margem para a função <pai>

Magdalena Filgueira

41

Freud, infância e o judaísmo: Ressonâncias entre o Talmud e a verdade

Rafael Mondrzak e Claudio Laks Eizirik

52

O infantil como fundamento da subjetividade

Leonardo Peskin

62

A propósito da branquitude em nossa clínica com crianças e adolescentes

Josimara Magro Fernandez de Souza

70

Pandemia, potenciais inconscientes e

desenvolvimento resiliente: O infantil e o humor

Rubén Zuckerkfeld e Raquel Zonis Zuckerkfeld

81

“É que eu não estou aí...”: A construção de sentido no tratamento de uma criança autista

Alejandro Beltrán

95

A infância da época: O que nos ensina a

psicanálise em tempos de *avant-coup*

Analía Wald

113

Novas contribuições para a discussão sobre a atividade tradutiva da criança e seu protagonismo na constituição da tópica psíquica

Luiz Carlos Tarelho

124

Vórtice:
Feminicídio:
*A violência que
 você não vê*

Dossiê:
*Primeiras
 impressões*

O aprisionamento da mentira, a liberdade conquistada mediante as verdades possíveis <i>Alicia Beatriz Dorado de Lisondo</i>	140
Só... Solidão... Fronteiras entre a curva e a reta <i>Maria Cecília Pereira da Silva</i>	152
Feminicídio: A violência que você não vê <i>Eloá Bittencourt Nóbrega e Wania Maria Coelho Ferreira Cidade</i>	170
Corpos femininos: Horizontes aniquilados <i>Regina Esteves</i>	174
Os feminicidas: O mal-estar que nos habita <i>Rocío Franco e Elizabeth Haworth</i>	178
Feminicídio: O que a psicanálise tem a ver com isso? <i>Sandra Gonzaga e Silva</i>	182
As vozes do silêncio: Por que falar de feminicídio? <i>Dalia Guzik e Cristina Oñate</i>	186
A vida é real e de viés <i>Ludmila Y. Mafra Frateschi</i>	190
Paixões e feminicídio <i>Laura Ward da Rosa</i>	194
Primeiras impressões <i>Silvana Rea</i>	200
As garras do infantil em Clarice Lispector <i>Yudith Rosenbaum</i>	202
Filosofia: Essa velha criança nua <i>Walter Omar Kohan</i>	208
Flores, anjos e marionetes: A criança como mistério maleável no pensamento de Freud <i>Mauro Vallejo</i>	215

Textual

**Clássica &
Moderna**

**Cidades
Invisíveis**

De Memória

Bitácula

Lyotard e Freud: Criança e infância como “afeto” <i>Kirsten Locke</i>	220
A política de desenvolvimento infantil precoce no Peru e o impacto da Covid-19 <i>Hugo Brousset e Verónica Díaz</i>	224
Christian Boltanski: Letra e música <i>Christian Boltanski</i>	230
O fracasso e sua beleza <i>Uma conversa sobre cinema e psicanálise com Arnaud Desplechin</i>	239
Liberdade para imaginar com Silvia Bleichmar <i>Gisele Senne de Moraes</i>	250
Silvia Bleichmar da cozinha: “Se Aristóteles tivesse cozinhado, teria escrito muito mais.” <i>Marina Calvo</i>	257
Quito, cidade oculta <i>Álvaro Carrión</i>	264
Para evocar as contribuições de Víctor Guerra <i>Marcelo Viñar</i>	272
A escuta sensorial e estética do analista na obra de Víctor Guerra <i>Anne Brun</i>	274
Víctor Guerra <i>Carla Braz Metzner</i>	276
Resenhas	280
Autores	282



Calibán -
RLP, 19(1-2),
7-11
2021

Editorial

» Para sempre

[...] Escrever tem por fonte o insistente desejo de fazer falar o infans,
a fim de se aproximar o mais possível de nossa afasia secreta.
J.-B. Pontalis, 2012

O fim veio antes

Christian Boltanski, artista plástico francês, considerava-se um artesão da memória; sua obra tratava do esquecimento e do desaparecimento.

Ter nascido no dia 6 de setembro de 1944, em Paris, poucos dias após a liberação da cidade do domínio nazista, fez com que Boltanski ganhasse no nome a palavra *Liberté*. No dia 14 de julho de 2021, aniversário da Revolução Francesa, cujo lema foi "*Liberté, égalité, fraternité*", Christian Liberté Boltanski faleceu.

Desde muito cedo, Boltanski foi assombrado pelos ecos do Holocausto e fez destes ecos seu trabalho. Dias antes de falecer, ele havia autorizado *Calibán* a usar as imagens de suas obras, nas quais jogos de sombras, velhas fotos anônimas descobertas em antiquários, restos descartados – roupas, brinquedos, objetos que a vida deixa para trás quando a morte chega – propõem uma reflexão sobre o infantil, a infância, o tempo, a memória e a morte.

A arte atravessa o tempo, o artista não. Boltanski faleceu *antes*.

Antes que a equipe de *Calibán*, comovida, pudesse lhe fazer chegar às mãos este número da revista que o homenageia expondo sua obra e suas palavras em uma entrevista interrompida.

Este tempo que não passa

À semelhança do artista que cria sua arte com objetos de descarte, criamos nossos sonhos noturnos com restos da realidade cotidiana mesclados com fantasias. Nesta arte própria, o infantil desliza e desponta como acontece neste sonho/lembança freudiano que aqui descrevo livremente:

Um intenso tom de amarelo domina a cena. Aos poucos, percebe-se que o vívido amarelo vem das muitas flores que tomam uma verde pradaria em declive. Três crianças com idades em torno dos três anos, dois meninos e uma menina, colhem as flores. O ramalhete da menina é o mais bonito e os meninos se atiram sobre ela e "defloram" seu ramalhete fazendo-a chorar e correr até duas mulheres que no alto da colina, diante de uma casa, a

←
**Départ -
Arrivée, 2015**
Christian
Boltanski

86 Red light
bulbs, 99 blue
light bulbs,
electric wire
185 x 283 cm
and 190 x 305
cm

Courtesy:
Christian
Boltanski
Studio and
Marian
Goodman
Gallery
©Christian
Boltanski,
Licensed by
ADAGP
Photo credit:
Rebecca
Fanuele



acolhem e lhe dão um pedaço de pão. Os meninos, famintamente desejosos, correm a reclamar também seu quinhão de pão, e um deles se lembrará – muitos e muitos anos depois – do sabor delicioso que este pedaço de pão deixou em sua lembrança.

Nesta cena Freud (1899/1976) percebe que o tom amarelo vívido das flores, o sabor extraordinariamente delicioso do pão, impressões estéticas quase alucinatórias e inesquecíveis, imagens que se tornam texto, encobrem desejos ocultos e misteriosos que desvelam uma sexualidade *exuberante*, a sexualidade perverso-polimorfa que denota o infantil.

O que dizer do infantil? Este que se constrói em momentos remotos, longínquos e que não cessa de se reinscrever a cada instante pelas brechas, em pequenos atos, pequenas frases, palavras, gestos, detalhes evanescentes, mas indestrutíveis. Isto que estava *antes* e que está *de novo* presente, em um *sempre* que se repete a cada vez de forma diferente.

É o campo da psicanálise o espaço privilegiado para o aparecimento destes vestígios tão esquecidos quanto marcantes que formam o que se é e o que se virá a ser. Na transferência, retomam-se lembranças ficcionais e atos; repetem-se e refazem-se em um reencontro com o outro, os muitos e tantos encontros em que enigmas, cores e sons assombraram de tal forma o *infans* que um excesso traumático se tornou fonte inesgotável do sabido-não conhecido que habita o humano até o fim dos dias.

É neste *pote de ouro* pulsional e errático, reservatório libidinal do humano, que se encontra o poeta, o artista, o espaço da criação. Paradoxalmente, também aí vive o *pequeno tirano narcísico* para quem o mal está no outro que merece somente seu ódio e destrutividade.

Entre esta dualidade polarizada, as muitas nuances pelas quais estes momentos primordiais do humano navegam tornam-se renovadamente presentes.

Nas lembranças que encobrem, nas fantasias criadas nestes tempos distantes, Freud *escuta a fala* do *infans*, na qual surge o inconsciente moldado pelo infantil pulsional que não se diz pela palavra, mas que aponta em balbucios.

As lembranças, as reminiscências, escreve Pontalis (1997), revelam *Este tempo que não passa*, tempo de um *Antes* (Pontalis, 2012/2013) que, no entanto, é vivo: “fonte viva [...] que não cessa de jorrar” (p. 24) da qual irrompe o *infantil* – este que agora se faz tema de *Calibán*.

Houve uma vez...

E, talvez pela riqueza do tema, pelo balbucio do infantil que assomou na comunidade psicanalítica inspirada pelo Congresso da IPA de 2021, recebemos muitos e valiosos trabalhos para *O infantil* e esta edição de *Calibán* se fez dupla: traz dois números, números 1 e 2 do volume 19, de 2021.

A singularidade das vozes forjadas no tempo dos começos pelas experiências particulares de cada um dos autores da sessão **Argumentos** se torna escrita em *Calibán*

Para Bernardo Tanis, o infantil revela-se em uma experiência “à flor da pele” que se vivencia em busca de uma ressignificação que possa promover o novo.

E o novo se apresenta na possibilidade de simbolização em formas criativas polifônicas a partir do lúdico, traço *princeps* do infantil. O olhar psicanalítico de Alicia Killner e Magdalena Filgueira pausa, respectivamente, nos escritores criativos Lewis Carrol e Guimarães Rosa. Por sua vez, Leonardo Peskin parte de filósofos como Agamben e Benjamin e vê o infantil como fonte de toda experiência, enquanto Rubén e Raquel Zukerfeld ressaltam o humor como um aspecto central do lúdico que permeia a criatividade e a invenção, potenciais do humano que provém do infantil.

Que papel tiveram as experiências precoces nas construções e desconstruções da teoria freudiana? Rafael Mondrzak e Claudio Eizirik seguem a trilha das marcas deixadas na invenção de Freud pelo seu pai, Jacob Freud, e pelas tradições do judaísmo em leituras do Talmud e da Torá.

O infantil não pertence a nenhuma idade, está presente a todo momento da vida, mas estrutura-se em um tempo que chamamos infância. É com a infância, em uma originalidade particular a cada um, que Alejandro Beltran, Alicia Lisondo, Analia Wald e Maria Cecília Pereira da Silva escolhem trabalhar. Tempo em que a criação da subjetividade da criança se enlaça à vinculação com o adulto. Neste encontro, mensagens ora enigmáticas, ora contundentemente claras imprimem na história do *infans* aspectos da cultura que constituirão o adulto, como escreve Luiz Carlos Tarelho pelas linhas da teoria laplancheana, ou como nos aponta o trabalho de Josimara Magro Fernandes ao expor as cores fortes e impactantes que o racismo estrutural toma ao invadir sua clínica pela fala das crianças que atende.

Tempo pulsional

Um brinquedo que o pequeno narciso desbravador conquistou. Assim, muitas vezes, a mulher é tomada em nossa cultura patriarcal e colonialista na América Latina. E se o *brinquedo* insistir em ter vida própria, se algo puser em xeque o domínio do conquistador, o infantil, com sua face mais cruel, mostra o narcisismo destrutivo do Eu tirânico.

A seção **Vórtice** trata do feminicídio; esta ferida que em nossa sociedade sangra e que o psicanalista enfrenta seja diretamente pela voz de analisantes, seja pelos gritos das ruas. Em *Calibán*, são as vozes das que sobrevivem a esta lei mortífera que se fazem fortes e contundentes para contrabalançar o silêncio de outras vozes que não mais serão ouvidas. Dez analistas mulheres falam de feminicídio em suas clínicas e em suas comunidades, espaço no qual o trabalho analítico ganha vigor.

A psicanálise, como parte fundamental da cultura, estende sua escuta para questões sociais, para traumas coletivos que abalam nosso mundo e nesta área temos muito a aprender com Silvia Bleichmar que, precocemente falecida, deixou um legado precioso, evocado em **Clássica & Moderna** por Gisele Senne, e por Marina Calvo, psicanalista e filha de Bleichmar, que faz de lembranças pessoais um pensamento vivo.

Em **De Memória**, o infantil é visto pela psicanálise em tons poéticos. O ritmo da fala e o gestual da criança se tornam objeto de contato e de comunicação na obra de Víctor Guerra, retomada e partilhada com os leitores por Anne Brun, Marcelo Viñar e Carla Braz.

No **Dossiê**, o infantil reaparece como o *início*, como busca e curiosidade na escrita de filósofos e literatos que nos aportam as *Primeiras Impressões*. Tingidas pelos muitos tons do pulsional, estas impressões primeiras propõem, acima de tudo, uma “reflexão sobre os destinos do infantil em todas as suas possibilidades, que nos posicionam como obra permanentemente em construção”, como sublinha Silvana Rea, editora dessa seção.

A psicanálise também está em permanente construção e, neste número, é a história de seu segundo nascimento na cidade de Quito que se descortina pelas palavras de Álvaro Carrión em **Cidades Invisíveis**.

Em **Textual**, a vida ou a morte, o destino ou o acaso, acabaram se fazendo presentes e temos duas entrevistas. Em uma delas, a arte do cinema fala pela voz do cineasta francês Arnaud Desplechin ao nos apontar que, no escuro do cinema, o infantil *acorda* e se deixa envolver pela magia do real ficcional.

A outra entrevista é de Christian Liberté Boltanski, na qual o inesperado é tema e se faz presença na concretude da morte.

A ucronia, um tempo sem tempo, vive no infantil em uma memória em que o real e a fantasia podem brincar de trocar de lugar.

De volta para o futuro

O infantil – estruturante que é – tem sempre muito a dizer, tanto por seus aspectos lúdicos, como pelos traços disruptivos. O próprio personagem shakespeariano que dá nome à revista pode nos inspirar como modelo do infantil na pele do selvagem que não se deixa escravizar pelo *establishment*, que balbucia e mantém uma linguagem própria. No caso da revista, uma linguagem em duas línguas *menores*, português e espanhol, e que manifesta sua peculiar antropofagia: bebe do colonizador e cria desta seiva um manjar singular que alimenta sua irreverência. Não seria isto um *infans*?

A proposta desta revista – manter-se disposta ao novo e escrever a psicanálise assentada na cultura mestiça da América Latina – era, no Manifesto *Calibán* à época do nascimento desta publicação, uma aposta, um desafio. Hoje, tornou-se fato.

Calibán descobre-se criativamente a cada nova edição com “o encanto – bem latino-americano, certamente – do inacabado, a promessa de um trabalho por vir”, como escreveu Mariano Horenstein (2012, p. 16), primeiro editor chefe da revista, no editorial do número inicial.

Esta edição envolve também uma despedida e, como sempre, as despedidas vão com alegrias e tristezas. Alegria pela renovação, pelos novos caminhos e novas escrituras que virão. Inevitável, no entanto, a tristeza pela distância que se fará com quem, por tanto tempo, estivemos tão próximos. Experimentamos tempos de construções e turbulências, tece-mos, destecemos e bordamos muitos pensamentos entre as tramas de fazer a revista. Junto a Carolina Garcia, Cecília Moia, Cecília Rodriguez e Eloá Bittencourt – editoras e queridas companheiras – pude coordenar uma equipe de colegas e colaboradores que habitam diferentes geografias da América Latina e que trazem a diversidade de tantos olhares graças aos quais *Calibán* pode manter sua riqueza e sua autonomia.

Divido com cada um que faz parte desta dedicada equipe que me acompanha o orgulho que sentimos a cada novo número da revista.

E a revista segue com nova coordenação, uma equipe de editores renovada representativa das sociedades de toda a América Latina, com novas perspectivas e criações. *Calibán* cresce e tem muito a dizer.

Antes de mais nada, somos psicanalistas. Durante o dia, escutamos pessoas que nos oferecem sua fala; à noite, nas horas nunca vagas, como editores, *escutamos* pessoas que nos oferecem sua escrita.

O trabalho do editor é a metáfora no sentido próprio da palavra, no sentido de transportar palavras do autor para o leitor. Há um certo encantamento neste espaço de curadoria e de trocas, é o lúdico que aí se apresenta, o infantil criativo que nos ensina a jogar.

Obrigada aos autores e leitores que permitiram o *brincar* neste período fecundo de tantas realizações e a todos os companheiros que tão entusiasmadamente mantiveram o jogo para chegarmos até aqui.

Que o jogo continue e que venha o novo com vitalidade e potência para dar a *Calibán*, esta ainda jovem revista, uma longa vida.

Raya Angel Zonana

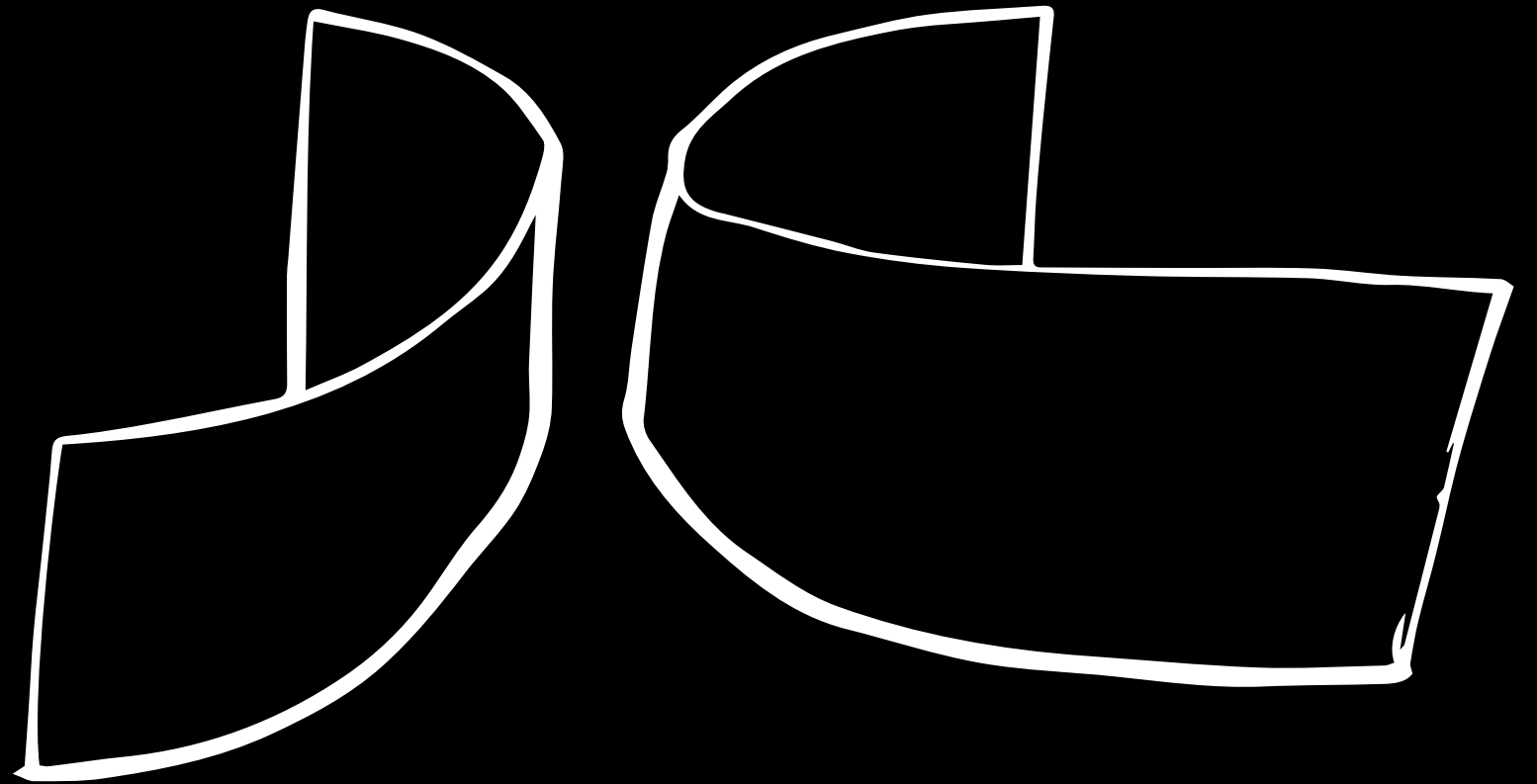
Editora chefe, *Calibán* - RLP

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1976). Lembranças encobridoras. Em M. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 3, pp. 329-354). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1899).
- Horenstein, M. M. (2012). Manifesto Calibán. *Calibán, Revista Latino Americana de Psicanálise*, 10(1), 12-16.
- Pontalis, J.-B. (1997). *Ce temps qui ne passe pas*. Paris: Gallimard.
- Pontalis, J.-B. (2013). Esquecida memória. Em L. R. Aratangy (trad.), *Antes* (pp. 19-33). São Paulo: Primavera. (Trabalho original publicado em 2012).

Argumentos

O infantil





O infantil: Suas múltiplas dimensões¹

What is originality? To see something that still has no name; that still cannot be named even though it is lying right before everyone's eyes. The way people usually are, it takes a name to make something visible at all. Those with originality have usually been the name-givers.
Friedrich Nietzsche, *The gay science*

O infantil, em toda a sua riqueza e complexidade, é uma dessas coisas a que Freud deu nome. É uma das principais descobertas freudianas e, como nos diz Virginia Ungar no convite para este congresso, afirmação com que concordo plenamente, “sem a noção do infantil, a psicanálise simplesmente não existiria”.

O infantil é marca identificatória do humano; todos os psicanalistas nos ocupamos dessa dimensão psíquica e com ela lidamos. O infantil não compete apenas aos analistas de crianças, pois não é assimilável à infância ou às fases de desenvolvimento. Diferente do infantilismo comportamental, o infantil – sempre sexual na perspectiva freudiana apresentada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1992) – pode ser apreendido na experiência psicanalítica como expressão *princeps* da realidade psíquica, da dimensão inconsciente da subjetividade humana. As importantes contribuições de gerações de analistas pós-freudianos enriqueceram nossa compreensão do infantil e a complexidade de formas e conteúdos por meio dos quais se faz presente em nossa clínica o impacto do infantil do paciente na contratransferência.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

1. Keynote do LII Congresso Internacional de Psicanálise, da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), Vancouver, Canadá (21 a 24 de julho de 2021), com registro disponível no site www.ipa.world/vancouver.

O infantil obedece a uma sobredeterminação causal, não linear, de composição aberta ao acaso, ao incerto. Longe de ser uma memória fotográfica do passado ou de condutas infantis no adulto, o infantil aponta para os modos de registro e de inscrição do que Freud chamou de *Erlebnis*, “vivência infantil”.

A tese nuclear é que, para o sujeito, na clínica psicanalítica e independentemente de preferências por um ou outro modelo teórico-clínico, estará sempre em jogo *a eficácia dessas inscrições, sua metabolização e simbolização possível ou não, e sua força pulsional viva no presente*. Nisso reside a vigência da matriz freudiana fundadora de nosso campo.

O infantil é atual, como tão bem formulou Scarfone (2014) em seu belo relatório apresentado no Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa (CPLF). O infantil se revela e se expressa como um manancial criativo ancorado na dimensão pulsional sublimatória e transicional, dando lugar à construção da experiência cultural e simbólica; também é fonte de sofrimento e mal-estar vinculados às feridas que dão testemunho do encontro com o outro, ao traumático e à pressão da compulsão à repetição. Herdeiro das vicissitudes de uma trama edípica singular, expressa-se também na neurose infantil presente no campo transferencial.

Como lhes apresentar, em um breve texto, uma noção que está entranhada na clínica e na teoria psicanalíticas, multifacetada, que marca a origem e o destino do sujeito? Presente desde as primeiras teorizações freudianas, desde as lembranças encobridoras, passando por sua presença nos sonhos bem como na sexualidade infantil, vinculada à teoria da neurose, é objeto de recalçamento que dá corpo e existência à neurose de transferência, mostrando sua presença viva no tempo presente. Essa noção foi enriquecida pelas contribuições pós-freudianas, por uma maior aproximação dos tempos do *infans*, pelas experiências anteriores à aquisição da linguagem (Ferenczi, Klein, Winnicott, Bion, Lacan), ganhando complexidade cada vez maior a partir do reconhecimento da dimensão traumático-pulsional das vivências dos primeiros tempos de nossa existência.

Para lhes transmitir melhor, principalmente para nossos leitores mais jovens, gostaria de ilustrar isso com uma feliz imagem que o escritor Italo Calvino põe como epígrafe em seu belo livro *As cidades invisíveis*. Quando ardidamente indagado pelo poderoso Kublai Khan sobre qual pedra sustenta uma ponte, Marco Polo responde que o importante não é esta ou aquela pedra, mas a curva do arco que formam. Diz então Khan: “Por que falar das pedras? Só o arco me interessa”. Ao que Marco Polo responde sabiamente: “Sem pedras, o arco não existe” (1972/2013, p. 96). *O infantil é arco e pedra*.

A noção de infantil pode ser compreendida em sua dimensão psicanalítica partindo das originais e complexas perspectivas da psicanálise sobre a memória e a temporalidade, bem como sobre a potência do sexual infantil em seu contexto vincular da constelação edípica e pré-edípica.

Nas últimas décadas, a justificada ênfase dada ao estudo do irrepresentável, da figurabilidade, do pictograma e do arcaico, assim como aos estudos da relação mãe-bebê e da observação de bebês, aproximou o infantil de uma perspectiva de desenvolvimento, de processos contínuos, e acerçou a noção de infantil da infância. Isso, como destaca Green, contribuiu para ofuscar a dimensão original do infantil freudiano, sua singularidade heterocrônica e sua diferença com uma psicologia do de-

envolvimento. Voltaremos mais adiante a esse importante tema com uma reflexão mais detalhada.

Se os analistas têm modelos metapsicológicos que operam como teorizações sobre o psíquico, estes estão em correspondência com o que entendem explícita ou implicitamente por infantil. Da mesma forma, a transferência mantém um vínculo de pertinência com o conjunto de emergentes que o infantil possibilita ou determina. Não me refiro aqui à transferência exclusivamente como clichê repetitivo de uma forma pre-determinada, leitura simplista muitas vezes feita para propor a modernidade de novas modalidades de compreender a situação analítica, mas como o elemento central de um magma pulsional inconsciente, mais ou menos estruturado, que impacta e modela o campo da relação analítica. O infantil aparece como encruzilhada inconsciente incontrolável de qualquer processo analítico, pela qual é indispensável transitar.

Dada sua vinculação com a história e as *Erlebnisse* individuais, o infantil foi objeto de leituras reducionistas, tratado como resquício positivista, representante de ideias que proporião a recuperação ou reconstrução de um passado histórico “tal como foi”, rotulando-se o modelo freudiano como se este fosse a arqueologia de uma matéria morta, e ignorando-se seu presente vivo na situação analítica, como tão belamente nos mostrou Florence Guignard (1994), destacando a vigência do infantil no adulto e na maior ou menor elaboração do infantil no analista.

Nos diferentes continentes, surgiram leituras intrigantes e provocadoras. Por exemplo, o desafiador livro *A construção do espaço analítico*, de Serge Videman, psicanalista francês que trabalha de modo extremamente interessante e não menos polêmico o lugar da história e da reconstrução em análise. Diz o autor:

Pode-se perguntar ... se será legítimo falar de uma história do sujeito, uma vez que ela só se revela dentro de uma situação e um enfoque tão específicos (situação analítica e campo transferencial) que é possível, com razão, questionar a objetividade das construções. ... Devemos admitir ... que, na realidade psíquica a que o espaço analítico nos faz ter acesso, a história dá lugar ao mito, e a realidade dos acontecimentos históricos à projeção pulsional. (1970/1990, p. 23)

Deixo essa provocação para a reflexão de vocês, mas esclareço que minha leitura do infantil acompanha, nesse ponto, Jean Laplanche, quando diz: “Ornamentar a fantasia com o belo nome de mito não muda em nada, a meu ver, o cerne do problema: a efetividade do originário infantil” (1987/1992, p. 167). Laplanche nos ajuda a abandonar aporias ou polêmicas para colocar o foco do debate clínico no que parece ser o potencial estruturante, e ao mesmo tempo traumático pulsional, do encontro com o outro.

Hoje, este importante congresso retoma, 40 anos depois, à luz dos avanços na clínica atual e das transformações na cultura, o convite que Jean-Bertrand Pontalis fez em 1979, em sua prestigiosa revista *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, a uma investigação do infantil. O que parecia óbvio merecia ser revisitado: uma interrogação radical sobre a infância e o infantil.

Motivado por minha experiência clínica e minhas indagações, escrevi, em 1993, uma tese dedicada a uma extensa investigação sobre o tema, intitulada *Memória e temporalidade: sobre o infantil em psicanálise*, publi-

cada posteriormente em livro (Tanis, 1995). Em 1994, a *Revue Française de Psychanalyse* lançava um número especial, *L'enfant dans l'adulte*, um convite à reflexão sobre o infantil no adulto, com interessantíssimos trabalhos, entre eles os de Brusset (1994) e de Guignard (1994).

Aprendemos muito com Melanie Klein (1975) e sua profunda penetração no universo inconsciente infantil, a riqueza da fantasia inconsciente e a dinâmica dos primeiros tempos da constelação edípica, bem como as angústias e defesas dos primeiros tempos da formação do eu. Também aprendemos com os analisandos não neuróticos; não conseguimos conceber o nascimento do eu sem ser em um vínculo com o outro, como os vários modelos pós-freudianos destacam: confusão de línguas (Ferenczi, 1933/1949), *holding* e transicionalidade (Winnicott, 1965, 1971/1975b), *revèrie* (Bion, 1967, 1962/1991), implantação de significantes enigmáticos (Laplanche, 1987/1992, 2007/2014b), trauma narcísico-identitário (Roussillon, 1999), intersubjetividades (Mitchel & Aron, 1999), teorias vinculares (Berenstein & Puget, 1997). Esses modelos manifestam e desenvolvem ideias particulares sobre o modo como compreendem o intersubjetivo: alguns enfocam a intersubjetividade desde uma perspectiva dual; outros destacam na intersubjetividade uma dimensão de terceiridade, como Green (1995, 2003), que contempla necessariamente a dimensão terceira edípica, assim como a estrutura triádica do signo, tal como formulada por Charles Peirce (1991).

O infantil emerge como essa memória ativa e atual multifacetada de uma *Erlebnis* infantil marcada pelo encontro pulsional com o próprio corpo (autoerotismo) e o do outro, e que, como nos diria Green, se apresenta para a psique assumindo desde as formas mais elaboradas de representação até aquelas de maior expressividade afetiva e menor representação simbólica. Ao longo de sua obra, Freud desenvolveu um gradiente de objetos psíquicos e de múltiplas formas de inscrição e memória, desde as lembranças encobridoras, a amnésia dos primeiros anos de vida, passando pelo *agieren* transferencial, até a compulsão à repetição do traumático não representado.

O infantil é uma trama complexa marcada pelo recalque do sexual infantil; outras vezes se infiltra pelas gretas do traumático, o desmentido, e retorna em forma de ato ou, segundo mais recentemente disse Roussillon (1999) ao estudar o trauma narcísico-identitário, como retorno do cindido através de ligações não simbólicas que estão na origem de adições, compulsões, somatizações e demais patologias não neuróticas.

Embora haja diferenças na maneira de compreender o lugar do outro (também do Outro) e a intersubjetividade nas distintas teorizações, com consequências para o exercício da clínica, é indiscutível que a situação analítica é concebida como um campo de forças intersubjetivas (Baranger & Baranger, 2008) indissociável da presença inconsciente infantil de ambos os integrantes da dupla, que conserva, no entanto, do meu ponto de vista, a assimetria dos lugares. O impacto do infantil com toda a sua carga pulsional ordena o campo e é gerador de efeitos contratransferenciais no analista.

O infantil se veicula na associação livre, na transferência sobre o analista, no enquadre e na transferência sobre a linguagem; pode adotar forma de ato e os fenômenos de *enactment* recíprocos.

Voltando à ponte, às pedras e ao arco, vou tomar, na segunda parte de minha exposição, alguns elementos, sempre parciais, que considero

matrizes para aprofundar o debate em torno do infantil:

- memória, temporalidade e história;
- o infantil, o sexual e as questões de gênero;
- o dispositivo analítico, a transferência e as condições de simbolização;
- o infantil e a criatividade.

Memória, temporalidade e história

As indagações sobre a temporalidade constituem um mosaico de recomposições múltiplas e sempre abertas. A noção de tempo tem um papel fundamental como elemento instituinte da subjetividade, já que alberga e acolhe o vivencial como possibilidade narrativa e criativa do eu e da cultura. Um dos principais eixos de nossa matriz subjetiva é atravessado pelo infantil, pelos tempos de inscrição, pela atemporalidade do inconsciente e sua vigência atual.

Nos últimos anos foram publicados vários trabalhos interessantes, apresentados em congressos e debates sobre o tema. Menciono apenas alguns autores, como Azevedo (2011), Birksted-Breen (2003), Dahl (2011), Faimberg (1985, 1996), Green (2000, 2008), Perelberg (2007) e Tanis (1995, 2011). Para André Green – que em seu texto “Tempo e memória” (1990/2002) já destacava a necessidade de se aprofundar na compreensão dos processos de memória e temporalidade, como demonstram outros trabalhos (Green, 2000, 2008) – a temporalidade sempre foi uma preocupação, até os últimos anos de sua vida.

Em sua dimensão instituinte, permite indagar sobre as formas que o infantil assume na subjetividade contemporânea, quando o tempo se acelera e comprime, se esvazia de sentido histórico na sociedade de consumo generalizado e nos impõe um presente perpétuo, raiz de um vazio que dá lugar a compulsões e adições.

Com a pandemia, vivemos, perplexos, um congelamento do tempo, uma hipertrofia do presente, que nos condenou a um passado nostálgico e tornou impossível sonhar um futuro. Reconhecemos em nossas clínicas o desamparo e a incerteza, e sua ressonância com aspectos infantis nas singulares configurações que a pandemia despertou.

O imaginário cultural da humanidade sempre esteve povoado de mitos, lendas e histórias sobre a origem: a origem do universo, da cultura, do homem, dos sexos. A fantasia sobre a origem, sobre os começos, expressa o gesto fundacional do humano e da cultura, tal como Freud tentou descrever em *Totem e tabu* (1913/1991b) e na ideia de *Urphantasiën*. O recurso mítico demonstra, desde os alvares da humanidade, a necessidade de construir uma narrativa individual e coletiva em torno do mistério que envolve a origem. No entanto, não esqueçamos que Freud escreve sobre a importância inicial do ato.

O famoso escritor israelense Amós Oz analisa, na introdução de um pequeno mas fascinante livro, *E a história começa*, 10 inícios de contos e romances de grandes autores da literatura universal: Kafka, Gógol, García Márquez, Tchekhov, Agnon, entre outros. Oz se pergunta: “Mas, o que é, em última análise, um começo? É possível que exista, em teoria, um começo conveniente a qualquer história que seja? Não existe sempre, sem exceção, um latente ‘começo antes do começo’?” (1999/2007, p. 17).

Existe, sem dúvida, uma tendência da psique a um ordenamento

temporal, um antes e um depois, que obedece a uma cronologia. Cronos: tempo circular grego, e também judaico-cristão linear, que fala de um começo (origem) mítico e um destino. De fato, seja na utopia nostálgica de uma origem perdida, seja na utopia messiânica de uma totalização ou completude prometida, a crença básica continua sendo a mesma: havia ou haverá um perfeito *agora* como residência privilegiada do ser. Por isso, as duas orientações podem confluir em uma experiência circular e cíclica do tempo, e contribuem para uma perspectiva imaginária sobre o tempo e as crianças.

A flecha do tempo é inexorável para nossa consciência, nosso corpo e nossa vida. Na medida em que a heterogeneidade dos objetos psíquicos se faz presente na transferência – que, teorizada desde Freud, corresponderá também a uma heterocronia (Green, 2000), ou seja, a uma complexa rede mnemônica irreduzível a uma única modalidade de funcionamento temporal –, as diferenças nos regimes temporais dos processos primários e secundários, o modelo regressivo do sonho, o *après-coup* e a dimensão pulsional que obedece ao desejo e à compulsão de repetir são modalidades que, a partir da psicanálise, questionam a ideia do tempo vivido como continuidade subjetiva.

Examinemos as principais perspectivas. Por um lado, temos aquelas que se centram no processo, na continuidade temporal, em um desenvolvimento progressivo que pode ter sido interrompido ou congelado. Dominantes no desenvolvimento da psicanálise inglesa, reconhecem um ordenamento evolutivo da psique, processos de estancamento que, por meio da intervenção analítica, poderiam recuperar o livre fluxo da circulação temporal. Embora existam diferenças entre os autores ingleses mais destacados (por exemplo, entre Klein, Bion e Winnicott), temos a impressão de que a ideia de desenvolvimento e continuidade temporal ocupa um espaço importante para todos.

Por outro lado, há enfoques que se centram no instante, na descontinuidade e na ruptura na constituição da temporalidade e em um reordenamento posterior (*après-coup*). O segundo modelo toma como premissa central a inovadora ideia freudiana de *nachträglich*, traduzida por Lacan, em 1945, por *après-coup*, e retomada com grande ênfase por Laplanche, que contribuiu para transformá-la em marca da psicanálise francesa. Esse mecanismo não deve ser confundido com uma fantasia retrospectiva. Caracterizando-o sinteticamente, é um reordenamento *a posteriori* do potencial inscrito em T1 a partir de um segundo momento T2; mantém um vínculo com as primeiras ideias sobre os dois tempos do trauma já esboçadas no “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1950 [1895]/1991a).

Ambos, *avant-coup* e *après-coup*, estão presentes tanto na clínica como no pensamento freudianos.

Gostaria de destacar um terceiro registro, relacionado com os dois anteriores, mas que tem sua especificidade: a introdução do evento (o acontecimento) e do atual como elemento temporal. Inspiro-me em Bleichmar (2006), Puget (2005) e Scarfone (2014) e em minha própria experiência clínica.

Esse é o tempo de Aion, tempo de abertura para o desconhecido (Puget, 2005). Está inscrito indelevelmente no impacto do encontro com outro, que abre as possibilidades de alteridade e criação, mas que também possui um potencial traumático vinculado ao sofrimento do contato com

o imprevisto, que pode ser fonte de alienação, de submissão masoquista a um narcisismo destrutivo. É abertura para o campo da transferência e suas vicissitudes.

Nesse momento em que se abrem novas perspectivas, perdem-se referências do passado, surge a incerteza, o medo do desconhecido.

Aqui, memória, temporalidade e o infantil manifestam sua potência transformadora na cena analítica.

A revolução copernicana na história consiste, em [Walter] Benjamin, em passar do ponto de vista do passado como fato objetivo ao do passado como fato de memória, ou seja, como fato em movimento, fato tanto psíquico quanto material. A novidade radical dessa concepção da história é que ela não parte dos fatos passados em si mesmos (uma ilusão teórica), mas do movimento que os recorda e os constrói no saber presente do historiador. (Didi-Huberman, 2006/2011, p. 155)

Estamos aqui claramente numa perspectiva psicanalítica da relação dos tempos e da forma como se articulam. Para a psicanálise de inspiração freudiana,

a memória, em toda a sua complexidade, conserva a capacidade de resgatar o tempo da história. Não como um tempo passado, mas como um tempo inscrito nas entranhas do presente. Alude à força sísmica de um infantil que se nega a ser esquecido, e se apresenta ante a consciência como a Esfinge ante Édipo. (Tanis, 1995, p. 63)

No entanto, para que o tempo de diferentes escalas inerentes à constituição do psíquico e as diferentes expressões do sofrimento humano possam encontrar seu lugar no contexto analítico, as alternâncias entre presença e ausência serão determinantes, assim como o tempo de espera, corolário da experiência de fenômenos de ilusão e transicionalidade no contexto da relação psicanalítica.

O processo de constituição do psiquismo e da personalidade é percebido, cada vez mais, como um processo heterogêneo de temporalização, representação e simbolização no qual se articulam o par pulsão-objeto, o intrapsíquico e o intersubjetivo. Mas também temos de reconhecer outro vértice suplementar aos anteriores, a atualidade do tempo histórico de um mundo em mutação, no momento do desenvolvimento econômico, social e cultural em que vivemos. Ao falar do contemporâneo, Agamben (2009) denuncia a ilusão de estar em uníssono com seu tempo, numa aproximação da sensação de opacidade constitutiva. Considero uma importante tarefa para a psicanálise atual investigar, desde a clínica psicanalítica, a incidência desse quarto eixo.

O infantil, o sexual e as questões de gênero

Foi Freud que, em seus três ensaios sobre a sexualidade infantil, escritos em 1905, apresentou a sexualidade infantil, um conceito inovador que alude ao polimorfismo do desejo sexual, questionando os pontos de vista de sua época, que viam na variedade do exercício da sexualidade o fruto de uma doença ou uma degeneração.

Nesse sentido, Freud estabelece a diferença entre a pulsão sexual e o instinto. Seu corolário é que, para os humanos, o objeto de satisfação da

pulsão sexual é contingente e não preestabelecido. Isso inclui a disposição bissexual de todos nós. Faz-se imperativo aqui destacar que, evidentemente, utilizando um vocabulário de sua época, *Freud reconhece o impacto da cultura modelando a natureza*. Dessa perspectiva, tanto o sexual infantil como a sexualidade adulta estarão intrinsecamente vinculados aos imaginários epocais, assim como à influência do outro, seja nos processos de libidinização do *infans*, seja nos processos identificatórios, na trama edípica e na formação das instâncias ideais – instâncias que, como bem descreve Freud em relação ao narcisismo e ao supereu, não estariam desvinculadas da dimensão pulsional infantil que as constitui.

Diz Laplanche: “O sexual é múltiplo, polimorfo. Descoberta fundamental de Freud, encontra seu fundamento no recalçamento, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da psicanálise” (2007/2014a, p. 153). O sexual é o recalçado, e é recalçado por ser sexual, matriz fundadora do desejo infantil.

Se, por um lado, a emergência de um funcionamento neurótico com seus recalçamentos, regressões e pontos de fixação mostra certa fluidez das figuras da sexualidade infantil, por outro, o desafio da clínica a partir da segunda tópica freudiana, a inclusão da pulsão de morte e, posteriormente, a clínica dos casos-limite nos mostram a importância de uma reorganização *après-coup*, no processo analítico, de uma sexualidade infantil, cujo prazer visa liberar-se de uma coexcitação libidinal mortífera.

A inclusão das questões de gênero no debate sobre a sexualidade no campo da cultura nas últimas décadas produziu um deslocamento e uma interrogação renovada em torno do campo da sexualidade, do sexo e do gênero na clínica psicanalítica, e levou a acaloradas discussões sobre nossas referências teóricas e intervenções clínicas. Esse deslocamento nos leva a dar uma atenção necessária às dimensões identificatórias e ao lugar da cultura na construção da sexualidade humana, já presente em Freud, como assinalamos anteriormente.

Em sua versão freudiana, o infantil estaria vinculado mais à fantasia que ao objeto e, portanto, seria autoerótico, regido pela fantasia, pelo inconsciente. Por outro lado, os estudos de gênero também desempenharam um papel na expansão da compreensão dos papéis e das características sociais atribuídos ao que chamamos de homem e mulher, em termos de certos contextos históricos, políticos e culturais.

Essa investigação inclui a dimensão político-histórica dos lugares negativos atribuídos à mulher e questiona a ideia de identidade feminina que teria como referente o masculino. Ademais, teve grande importância na despatologização do homoerotismo.

Desde a psicanálise, podemos argumentar que o caminho da psicosexualidade é um movimento complexo de montagens e ressignificações, de articulações originadas em diferentes setores da vida psíquica e corporal, com uma forte incidência cultural e ideológica que convida a investigar o que podemos chamar de constituição de identidade sexual e de gênero. Laplanche (2007/2014a) insiste na importância de incorporar o debate sobre gênero a nosso campo; afirma que o gênero seria atribuído através de uma *designação*. Designação indica a prioridade do outro no processo identificatório – processo que não é pontual, não se limita a um único ato.

Cabe mencionar que os debates sobre gênero (motivados pelas obras de Monique Wittig, Gayle Rubin, Judith Butler e recentemente Paul Pre-

ciado) impulsionaram em psicanálise uma necessidade de maior investigação a respeito de noções centrais, como é o caso das noções de diversidade e diferença. Podemos pensar que a primeira obedece à temática dos gêneros e suas cambiantes formas e características culturais e epocais, ao passo que na segunda a diferença opera simbolicamente no campo do real e exige uma complexa operação simbólica que implica o reconhecimento da alteridade, a diferença de gerações e a diferença dos sexos em jogo numa trama edípica e na formação das instâncias ideais. Esses são aspectos extremamente relevantes em relação ao infantil e ao que entendemos por acesso ao simbólico.

Leticia Glocer Fiorini (2015) argumenta que o reconhecimento da diferença e seu correlato – ter acesso ao mundo simbólico – não podem ser atribuídos apenas ao reconhecimento da diferença no contexto da sexualidade binária. É relevante para um debate em torno do infantil a ideia de anterioridade do gênero em relação ao sexo – que transtorna os hábitos de pensamento rotineiros, os quais põem o *biológico* antes do *social* –, anterioridade da designação em relação à simbolização. Isso coloca na ordem do dia o tema das primeiras identificações.

Por outro lado, Jacques André, num amplo e crítico estudo, argumenta:

A anatomia imaginária é o destino, o sexo psíquico sempre prevalecerá sobre o sexo anatômico. [...] Até aí, pode-se estar de acordo com o construtivismo das teorias de gênero de que o corpo, o sexo, não escapa da atividade simbólica e que ele não nos é acessível a quem da ordem de representação. O momento delicado é quando a teoria se converte em ideologia, quando o performativo acaba se convencendo da magia de seu próprio poder e a linguagem se acredita sozinha no mundo. (2019, pp. 26-27)

Como vemos, no campo da teoria, o assunto é complexo. Sabemos que a clínica é nossa bússola, mas para que ela não nos indique sempre a mesma direção, como um dado viciado, teremos de estar atentos aos debates da época. Não é necessária a fusão com o epocal, mas acho que ajuda a manter nossa escuta viva e atual, livre de preconceitos.

Não posso, neste momento, me estender sobre esse tema de extrema atualidade clínica e teórica. Assinalo apenas a necessidade de dar importância ao debate sobre os múltiplos campos em que as questões da diferença e do simbólico se organizam, questões relevantes para pensar o infantil na psicanálise contemporânea.

O dispositivo analítico, a transferência e as condições de simbolização

A cena analítica pode conter as condições espacotemporais que contemplam simbolicamente os espaços e tempos de nossa existência e de nossa psique. Em outras palavras, esperamos criar as melhores condições para acolher e escutar o infantil e o sofrimento subjetivo em nossos dias. O interrogante e o desafio estão alojados na fronteira entre clínica e teoria.

O potencial infantil pulsa na situação de transferência, um pulsar que se atualizará para nós, analistas, tanto na experiência transferencial em configurações neuróticas como em seu potencial traumático-pulsional da vivência inscrita não metabolizada que domina a compulsão à repetição e angústias impensáveis.

A clínica atual nos situa fora de territórios seguros. Se quisermos ser fiéis a uma ética psicanalítica que não se ajuste ao normativo, que se afaste do paradigma cognitivo-comportamental, teremos de enfrentar os desafios de trabalhar em áreas mais desconhecidas, nos confins e nas arestas da subjetividade, onde nem sempre chegam os mapas náuticos. Teremos de lidar com os efeitos de nossa presença e ausência: as distâncias se encurtam entre analista e analisando. O domínio do verbal encontra seus limites nas angústias indizíveis que operam em atos. Nesses casos, identifico um risco de situações de análise interminável devido à dimensão de captura numa trama dual, dominada pela indiscriminação do afeto-representação. Trata-se, talvez, de uma gestão das condições espacotemporais do enquadre, do uso das palavras e do silêncio, para que, uma vez que ambos habitem o espaço da ilusão, o trabalho do negativo (Green, 2006) possa se realizar. Winnicott (1971/1975a) já assinalou o caminho que implica manejar (*handling*) o enquadre e o lugar do brincar, da ação, quando nem tudo pode ser representado, e Bleger (1967) identificou o enquadre como o depositário dos aspectos psicóticos da personalidade.

Green propõe uma dupla perspectiva para o enquadre: uma matriz ativa, o núcleo da ação analítica, e uma configuração externa e variável (presencial, em divã, número de sessões, trabalho em instituições) como matriz protetora.

Contudo, de que se trata quando falamos do enquadre interno do analista? Alizade (2002), em uma interessante reflexão, nos convida a pensar que talvez a institucionalização da psicanálise e o medo da contaminação por fatores oriundos de outras disciplinas produziram um controle excessivo sobre o que se convencionou chamar de enquadre. Essa ênfase excessiva no aspecto externo do enquadre parece ter definido um enquadre *tipo*. Por isso, propõe a ideia de um marco interno implícito na regra da associação livre, a regulação dos processos psíquicos que emanam das configurações internas do analista, a capacidade de empatia e permeabilidade do analista, seu próprio inconsciente e o desenvolvimento de sua capacidade criativa na arte de tratar. Trabalhar com e em silêncio, com a condição não formalizável dos afetos. A esse marco interno, o autor dá um estatuto teórico-vivencial, em que o analista pode encontrar uma espécie de espontaneidade que flutua livremente.

Considero que possa ser útil trabalhar com a ideia de dispositivo analítico, que me parece mais elástica e rica do que a ideia de *setting* ou enquadre, em função de nossa clínica atual, na qual o infantil se estende para outras direções. Seria demasiado extenso desenvolver um pensamento a esse respeito neste trabalho, mas deixarei algumas ideias como sugestão para os leitores, estabelecendo um diálogo com reflexões de René Roussillon (2005) e a perspectiva que estou apresentando em torno do infantil.

Roussillon dedica alguns capítulos do *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia* (2012) para esclarecer sua perspectiva do dispositivo analisante: ao mesmo tempo que o dispositivo tem a função de produzir objetos simbólicos – assim como outros dispositivos da cultura –, sua singularidade está em permitir uma apropriação subjetiva das representações e figuras produzidas. Para que isso ocorra, três funções do dispositivo são imprescindíveis: o acolhimento ou continência, a identificação de signos indiciais no encontro e a capacidade de metaforização.



↑
Le cœur, 2005
Christian Boltanski
Exhibition at Institut Mathildenhöhe Darmstadt 2005
Courtesy: Christian Boltanski Studio and Marian Goodman Gallery
©Christian Boltanski, Licensed by ADAGP
Photo credit: All rights reserved

Contudo, ao levar em consideração o infantil em toda a sua complexidade e força atual por meio da psicanálise contemporânea, os analistas, com o risco de cercear ou desmentir aspectos da subjetividade, se sentirão muitas vezes levados a alterar as condições do dispositivo para assim atender à primeira dimensão dele: acolher o mal-estar e o sofrimento em um contexto em que estes possam se expressar.

Foi o que todos vivemos durante este ano de pandemia, apesar do fato de que muitos analistas já vinham trabalhando não só em atendimento remoto, mas também em diferentes variações do enquadre, principalmente quando – a partir de uma concepção ampliada pela investigação clínica nas últimas décadas e desde Green (1975) – o modelo clássico do sonho que mais se adaptava ao modelo do enquadre clássico foi cedendo lugar ao modelo do jogo/ato, no qual a ação não é concebida apenas como defesa (*acting*), mas também como modalidade de comunicação e expressão de uma dimensão traumática pulsional com precárias ligações não simbólicas.

Vale dizer que, se o enquadre clássico se adaptava bem ao modelo de simbolização do sonhar, a ideia do dispositivo pode conter de modo ampliado a dimensão do ato e do jogo, tão presentes em uma clínica com analisandos não neuróticos.

O infantil e a criatividade

Uma das conquistas da análise é a possibilidade de transformar um sentimento negativo de solidão, marcas de certas configurações do infantil, em uma experiência na qual a solidão se manifesta como fundamento da singularidade e como capacidade de se voltar para o outro. O infantil pode conter em si uma reserva potencial, resistência frente às forças de um narcisismo negativo que favorece a desconexão.

Quando falamos de transformação e criação, surge a ideia freudiana de sublimação, noção sobre a qual vários analistas já expressaram as dificuldades teóricas que representa.

A teoria da sublimação envolve, em suas diferentes versões – tanto na primeira, conservando sua energia, mas mudando a finalidade e o objeto da pulsão (Freud, 1908/1986b), quanto na segunda, centrada no domínio de Eros (Freud, 1930/1986a) –, um movimento para produzir objetos culturais que geralmente podem ser compartilhados. Vale dizer que a cultura ocupa um lugar central nos destinos da sublimação. Podemos assinalar que essas produções têm um valor simbólico que lhes permite ser compartilhadas e desfrutadas por outros.

Trabalhando com meus analisandos, me dei conta de que essa capacidade simbólica e criativa era, de início, extremamente deficiente. O interesse principal estava nos aspectos narcisistas ou fusionais da existência. O mundo, o espaço cultural, só tinha sido utilizado como um grande supermercado para o consumo ou a oferta de bens.

A perspectiva de Winnicott do espaço potencial e dos fenômenos transicionais nos ajuda a compreender o surgimento das primeiras mediações simbólicas com esses pacientes – houve uma emergência criativa no contexto da análise, uma transformação em relação ao infantil e um nascimento ou reapropriação de áreas da personalidade que, até então, não pareciam existir pela força de clivagens defensivas impostas.

Se Winnicott nos diz que a análise se desenrola na intersecção entre duas áreas de jogo, a do analista e a do analisando, podemos indicar outra metáfora que fala da solidão compartilhada. Destacamos a importância do outro na constituição do infantil. Há uma tensão entre o eu incipiente e o objeto, sobre a qual se aloja a noção de objeto-trauma de Green. Todo o nosso percurso mostrou a importância desse outro na perspectiva contemporânea sobre o infantil. No lugar desse outro, o analista pode às vezes abrir uma brecha, a qual, quando não é vivida como vazio ou intrusão, abre por sua vez uma nova relação com a alteridade.

Quando se trabalha com processos de simbolização e criação, o processo analítico não só torna consciente o inconsciente, mas produz experiências culturais sem precedentes. Jurandir Freire Costa, comentando a contribuição de Winnicott para as ideias de cultura e manejo do mal-estar, afirma:

Ao falar da “localização da experiência cultural no psiquismo”, ele realça o que parece ser, ao mesmo tempo, trivial e inusitado. A cultura não é algo exterior ao “substrato” do sujeito e tampouco é o outro da pulsão. Do mesmo modo, seu objetivo primordial não é vetar o acesso das pulsões à vida mental consciente ou à realidade. A cultura é o lugar onde o simbólico e o pulsional interagem. É parte integrante da subjetividade, seja a título de regras gerais de pensamento, desejos e julgamentos, seja a título de meio onde a pulsão encontra os obje-

tos de satisfação e se defronta com as manifestações pulsionais do outro. As pulsões, em particular as pulsões criativas, precisam do “jogo”, do “brincar” ou da área intermediária para não se tornarem um pântano de águas paradas, fadadas ao desaparecimento pela evaporação. (2000, p. 24)

Muitos analisandos tinham despojado a cultura, o social, de um espaço de criação, um espaço lúdico e potencial. Resulta que, em grande medida, como ilustram os itens anteriores, em certos aspectos as culturas das grandes cidades globalizadas também perderam essas características, favorecendo assim essa alienação do outro. O infantil, quando é acolhido pelo dispositivo analítico em presença viva de um analista com o qual o jogo transicional pode ocorrer, favorece a emergência do criativo da vida, onde o pulsional e o cultural se entrelaçam e expressam criativamente um potencial silenciado em outros contextos.

A modo de conclusão: o infantil “à flor da pele”

Nossa exposição destacou que o que interessa ao psicanalista hoje não é um infantil fático, de fatos, mas um infantil vivo, em movimento, que possa dar lugar a uma historicização simbolizante, que aponte para o novo, para a neogênese, recuperando duas noções centrais do pensamento clínico freudiano em relação ao tempo, o *après-coup* e o apoio (*Anhelung*), nas quais o par pulsão-objeto se entrelaça irrevogavelmente aos acontecimentos.

O que chamamos, então, de capacidade de historicização obedece ao corolário dos processos de simbolização que estará ligado a complexos mecanismos psíquicos nomeados por vários autores: a retranscrição do traço, o processamento psíquico dos “signos de percepção”, produto de experiências traumáticas não metabolizáveis (Laplanche, 1988), a figurabilidade (Botella & Botella, 2001), a transformação do vivido inscrito na experiência.

Mencionamos várias vezes a inscrição da “vivência” (*Erlebnis*) porque acreditamos que sua comparação com a ideia de “experiência” (*Erfahrung*) nos ajuda. Mantenho os termos em alemão, já que se referem ao uso freudiano e também à caracterização que deles faz Walter Benjamin, o que considero ser significativo para nosso campo. *Erfahrung* contém a raiz *farhen*, que alude ao movimento de cruzar, viajar. Estamos no território da sedimentação narrativa, a partir da acumulação temporal e geracional de tradições que se atualizam em mitos, lendas e provérbios, e que conectam gerações. Tem uma dimensão imaginária, mas isso serve como contexto e suporte para uma dimensão simbólica. *Erlebnis*, em contrapartida, se refere mais ao instante, à experiência individual singular, menos conectada com a comunidade de homens. Como situar o infantil nessa dialética da vivência e da experiência, desde a perspectiva psicanalítica atual e o tempo que nos toca viver? Muitos de nossos analisandos relataram *vivências, sensações, fantasias e pensamentos* intoleráveis em função da pandemia de covid-19.

A dimensão temporal se viu totalmente eclipsada pelo atual, presente absoluto. Incerteza com respeito ao amanhã, o passado que vai se tornando longínquo; o presente reina, absoluto, como acontecimento difícil de ser metabolizado.

Não deixa de evocar condições primordiais da constituição subjetiva, anteriores ao nascimento do pensamento e dominadas pela urgência da necessidade. Percebemos as ressonâncias com o infantil e sua atualização “à flor da pele”. Os sonhos se intensificaram. Muitas vezes nos pareciam uma espécie de trabalho de mineração, de recuperação de recursos de outros tempos para lidar com os desafios de uma atualidade devastadora. Sonhamos para poder metabolizar, representar, para fortalecer o que poderiam ser anticorpos psíquicos com os quais enfrentar o tóxico de uma experiência avassaladora e ameaçadora.

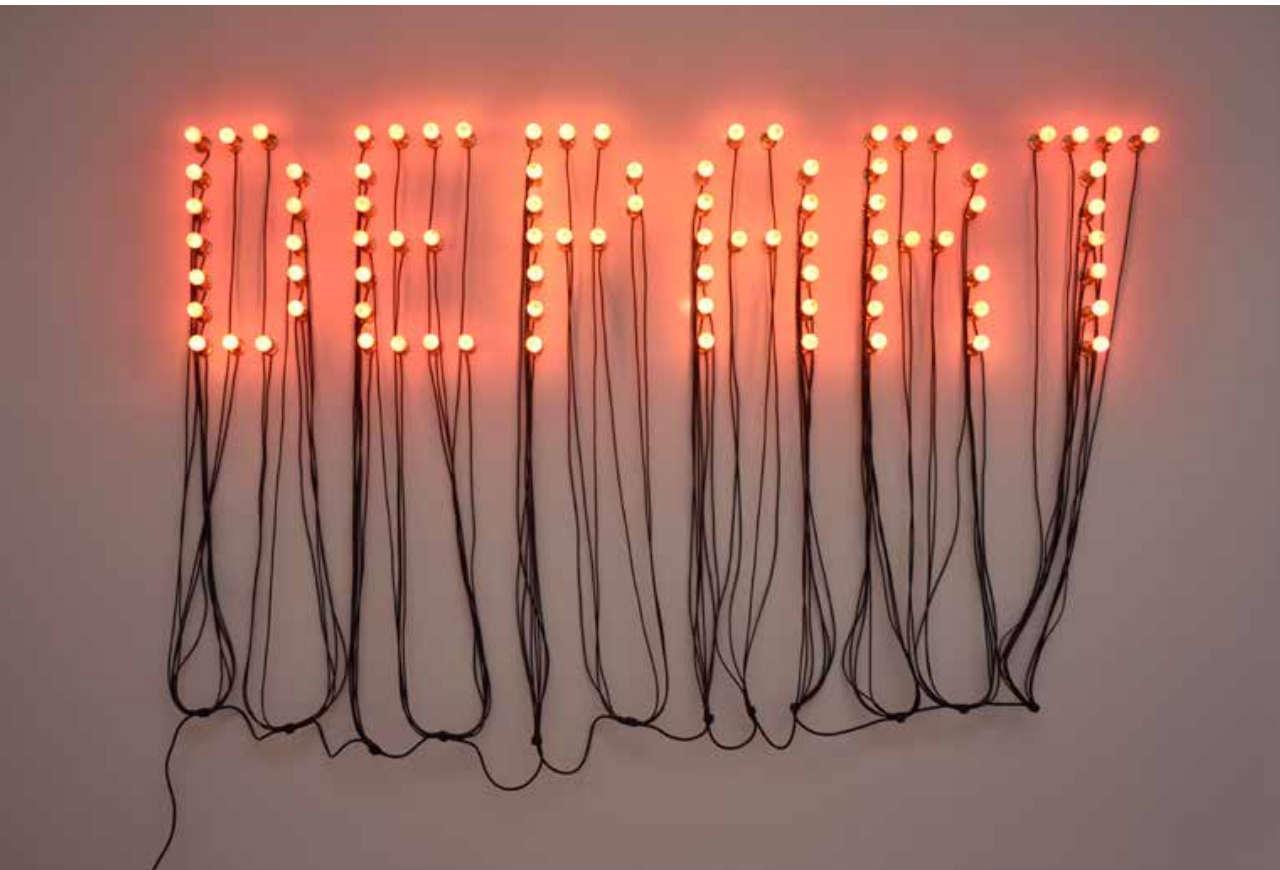
Os cenários do isolamento social colocaram em jogo o lugar que ocupamos como analistas diante de situações regressivas que envolviam intensas angústias ante momentos de solidão ou, por vezes, de presença invasiva e insuportável do outro. Estamos mais em contato com nós mesmos, com nosso corpo, nossas fantasias. Para alguns, essa situação de privação da presença de outros pode ter sido redutora de ansiedades fóbicas e funcionado como refúgio temporário, mas, para outros, pode ter intensificado angústias paranoides, claustrofóbicas.

O estado de emergência e incerteza se aloja como perplexidade, que em alguns analisandos pode gerar efeitos desestruturantes, até chegar a questionar os pilares que sustentam a representação de si. Na medida em que a confiança é um dos elementos que contribuem para aplacar o sentimento de desamparo constitutivo, quando ela se vê ameaçada por diferentes motivos e instâncias sociais – família, escola, trabalho, governo; negligência, incapacidade, desconsideração, autoritarismo –, são mobilizados aspectos traumáticos do infantil, o que produz sentimentos de impotência, revolta ou submissão ao agressor. São efeitos ante uma condição passiva que possui o potencial de reativar, por sua vez, efeitos residuais do encontro com o outro.

A análise tem o potencial de conectar o indivíduo com sua história e com a história das gerações que o precederam, com a cultura a que pertence, ampliando e ressignificando o campo de *Erlebnis*, restaurando ou instituindo um tempo coletivo, simbólico, no qual o novo e o velho obedecerão não a uma lógica de submissão ou subordinação, mas a um movimento crítico. Isso pode ser devido a uma terceira percepção do tempo no contexto da análise: Kairós, tempo justo, tempo que dá sentido, tempo de vertigem, mas de reordenamento da subjetividade, ganhando assim o estatuto de *Erfahrung* (experiência) compartilhada.

A partir dessa perspectiva o infantil não emerge apenas como repetição ou resistência, mas também como convite para a busca de uma experiência criativa e reparadora (neogênese) do que não pôde ser experimentado como continuidade de ser, como expressão potencial do *self*, como impulso criativo, e que, por incapacidade ou inadequação do objeto primário, teve de ser recalçado ou clivado.

Transformar a relação com o infantil não significa eliminá-lo, mas permitir um reordenamento, uma ressignificação para que o novo possa advir. Fonte de desilusão ou inspiração, nunca deixará de ser referência.



↑
Départ - Arrivée, 2015
Christian Boltanski
86 Red light bulbs, 99 blue light
bulbs, electric wire
185 x 283 cm and 190 x 305 cm
Courtesy: Christian Boltanski
Studio and Marian Goodman
Gallery
©Christian Boltanski, Licensed
by ADAGP
Photo credit: Rebecca Fanuele

Resumo:

O objetivo deste texto é apresentar a importância fundamental do infantil para a clínica e a teoria psicanalíticas. O infantil pode ser apreendido na experiência psicanalítica como expressão *princeps* da realidade psíquica, da dimensão inconsciente da subjetividade humana. O infantil não concerne apenas aos analistas de crianças, pois não é assimilável à infância ou às fases de desenvolvimento. Diferente do infantilismo comportamental, o infantil obedece a uma sobredeterminação causal, não linear, de composição aberta ao acaso, ao incerto. Longe de ser uma memória fotográfica do passado ou de condutas infantis no adulto, o infantil aponta para os modos de registro e inscrição do que Freud chamou de *Erlebnis*, “vivência infantil”. A tese nuclear é que, para o sujeito, na clínica psicanalítica e independentemente de preferências por um ou outro modelo teórico-clínico, estará sempre em jogo a eficácia dessas inscrições, sua metabolização e simbolização possível ou não, e sua força pulsional viva no presente. O infantil não emerge apenas como resistência ou testemunho do recalçamento da sexualidade infantil, mas como representante atual e vivo da busca por uma experiência criativa e reparadora (neogênese) do que não pôde ser experimentado como continuidade de ser, como expressão potencial, como impulso criativo, e que, por incapacidade ou inadequação do objeto primário, teve de ser recalçado ou cliva-

do. Transformar a relação com o infantil não significa eliminá-lo, mas permitir um reordenamento, uma ressignificação para que o novo possa advir. Fonte de desilusão ou inspiração, nunca deixará de ser referência.

Palavras-chave: *Infantil, Memória, Temporalidade, Sexualidade infantil, Enquadre*

Abstract

The purpose of this text is to present the fundamental importance of the infantile for psychoanalytic clinical practice and theory. The infantile can be apprehended in the psychoanalytic experience as a *princeps* manifestation of psychic reality, of the unconscious dimension of human subjectivity. The infantile is not something that concerns only child analysts, as it is not equivalent to childhood or to development stages. Unrelated to behavioural infantilism, the infantile is the result of a causal, non-linear overdetermination, open to chance, to uncertainty. Far from being a photographic memory of the past or a manifestation of childish behaviour in the adult, the infantile points to the modes of recording and inscribing what Freud called *Erlebnis*, “childhood experiences”. The core thesis is that in the psychoanalytic clinical practice, regardless of any preferences for this or any other theoretical-clinical model, the effectiveness of these inscriptions, their metabolization and possible symbolization, and their living manifestation in drives in the present will always be at stake for the subject.

The infantile emerges not only as resistance or testimony of the repression of infantile sexuality, but as a current and living representative of the search for a creative and restorative experience (neogenesis) of what could not be experienced as continuity of being, as a potential expression of the self, as a creative impulse that had to be repressed or cleaved due to the failure or the inadequacy of the primary object.

Transforming the relationship with the infantile does not mean eliminating it, but allowing a reordering, a resignification, so that the new can be born. As a source of disappointment or of inspiration, the infantile will never cease to be a reference.

Keywords: *Infantile, Memory, Temporality, Infantile sexuality, Analytical setting.*

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2009). O que é o contemporâneo? In G. Agamben, *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (V. N. Honesko, Trad., pp. 55-73). Argos.
- Alizade, M. (2002). El rigor y el encuadre interno. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 96, 13-16.
- André, J. (2019). L'inconscient est politiquement incorrect. *Filigrane*, 28(1), 15-32. <https://doi.org/fzb7>
- Azevedo, A. M. A. (2011). Algumas considerações sobre o tempo. *Jornal de Psicanálise*, 44(81), 67-84.
- Baranger, M. & Baranger, W. (2008). The analytic situation as a dynamic field. *The International Journal of Psychoanalysis*, 89, 795-826.
- Berenstein, I. & Puget, J. (1997). *Lo vincular: clínica y teoría*. Paidós.
- Bion, W. R. (1967). *Second thoughts*. Karnac.
- Bion, W. R. (1991). *Learning from experience*. Karnac. (Trabalho original publicado em 1962)
- Birksted-Breen, D. (2003). Time and the après-coup. *The International Journal of Psychoanalysis*, 84, 1501-1515.
- Bleger, J. (1967). Psychoanalysis of the psychoanalytical frame. *The International Journal of Psychoanalysis*, 48, 511-519.
- Bleichmar, S. (2006). La desconstrucción del acontecimiento. In L. Glócer Fiorini (Org.), *Tiempo, historia y estructura: su impacto en el psicoanálisis contemporáneo* (pp. 139-153). Lugar: APA.
- Botella, C. & Botella, S. (2001). *La figurabilité psychique*. Delachaux et Niestlé.
- Brusset, B. (1994). L'enfant, l'infantile et la causalité psychique. *Revue Française de Psychanalyse*, 58(3), 693-706.
- Calvino, I. (2013). *Las ciudades invisibles* (A. Bernárdez, Trad.). Siruela. (Trabalho original publicado em 1972) [Ed. bras.: Calvino, I. (1990). *As cidades invisíveis* (D. Mainardi, Trad.). Companhia das Letras.]
- Costa, J. F. (2000). Prefácio. In M. R. Kehl (Org.), *Função fraterna* (pp. 7-30). Relume-Dumará.
- Dahl, G. (2011). Os dois vetores temporais de *Nachträglichkeit* no desenvolvimento da organização do ego: a importância do conceito para a simbolização dos traumas e ansiedades sem nome. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 95-111.
- Didi-Huberman, G. (2011). *Ante el tiempo* (A. Oviedo, Trad.). Adriana Hidalgo. (Trabalho original publicado em 2006)
- Faimberg, H. (1985). El telescopaje de generaciones. *Revista de Psicoanálisis*, 42(5), 1043-1056.
- Faimberg, H. (1996). Listening to listening. *The International Journal of Psychoanalysis*, 77, 667-677.
- Ferenczi, S. (1949). Confusion of the tongues between the adults and the child: the language of tenderness and of passion. *The International Journal of Psychoanalysis*, 30, 225-230. (Trabalho original publicado em 1933) [Ed. bras.: Ferenczi, S. (1992). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., Vol. 4, pp. 97-106). Martins Fontes.]
- Freud, S. (1986a). El malestar en la cultura. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 21, pp. 57-140). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1986b). La moral sexual "cultural" y la nerviosidad moderna. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 9, pp. 149-158). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1991a). Proyecto de psicología. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 1, pp. 323-446). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950 [1895])
- Freud, S. (1991b). Tótem y tabú: algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 13, pp. 1-164). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1992). Tres ensayos de teoría sexual. In S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 7, pp. 109-224). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Glócer Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate: cuerpos, deseos y ficciones*. Lugar.
- Green, A. (1975). The analyst, symbolization and absence in the analytic setting (on changes in analytic practice and analytic experience). *The International Journal of Psychoanalysis*, 56, 1-22.
- Green, A. (1995). *El lenguaje en el psicoanálisis* (I. Agoff, Trad.). Amorrortu.
- Green, A. (2000). *El tiempo fragmentado* (I. Agoff, Trad.). Amorrortu.
- Green, A. (2002). Tiempo y memoria. In A. Green, *La diacronia en psicoanálisis* (H. Pons, Trad., pp. 224-260). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1990)
- Green, A. (2003). *Key ideas for a contemporary psychoanalysis: misrecognition and recognition of the unconscious* (A. Weller, Trad.). Routledge.
- Green, A. (2006). *Le travail du négatif*. Minuit. [Ed. bras.: Green, A. (2010). *O trabalho do negativo* (F. Murad, Trad.). Artmed.]
- Green, A. (2008). Freud's concept of temporality: differences with current ideas. *The International Journal of Psychoanalysis*, 89, 1029-1039.
- Guignard, F. (1994). L'enfant dans le psychanalyste. *Revue Française de Psychanalyse*, 58(3), 649-660.
- Klein, M. (1975). *The collected works of Melanie Klein*. Hogarth Press.
- Lacan, J. (1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada: um novo sofisma. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 197-213). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1945)
- Laplanche, J. (1988). Traumatismo, tradução, transferência e outros trans(es). In J. Laplanche, *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (D. Vasconcelos, Trad.). Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise* (C. Berliner, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987)
- Laplanche, J. (2014a). Le genre, le sexe, le sexual. In J. Laplanche, *Sexual: la sexualité élargie au sens freudien* (pp. 153-193). PUF. (Trabalho original publicado em 2007)
- Laplanche, J. (2014b). *Sexual: la sexualité élargie au sens freudien*. PUF. (Trabalho original publicado em 2007)
- Mitchel, S. A. & Aron, L. (1999). *Relational psychoanalysis: the emergence of a tradition*. The Analytic.
- Oz, A. (2007). *E a história começa* (A. Lisboa, Trad.). Ediouro. (Trabalho original publicado em 1999)
- Peirce, C. S. (1991). *Peirce on signs: writings on semiotic*. University of North Carolina Press.
- Perelberg, R. (2007). Space and time in psychoanalytic listening. *The International Journal of Psychoanalysis*, 88(6), 1473-1490.
- Pontalis, J.-B. (1979). La chambre des enfants. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 19, 5-6.
- Puget, J. (2005). El trauma, los traumas y las temporalidades. *Psicoanálisis*, 27(1-2), 293-310.
- Roussillon, R. (1999). *Agonie, clivage et symbolisation*. PUF.
- Roussillon, R. (2005). La "conversation" psychanalytique: un divan en latence. *Revue Française de Psychanalyse*, 69(2), 365-381.
- Roussillon, R. (2012). *Manuel de la pratique clinique en psychologie et psychopathologie*. Elsevier Masson. [Ed. bras.: Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia* (P. S. Souza Jr., Trad.). Blucher.]
- Scarfone, D. (2014). L'impassé, actualité de l'inconscient. *Revue Française de Psychanalyse*, 78(5), 1357-1428.
- Tanis, B. (1995). *Memória e temporalidade: sobre o infantil em psicanálise*. Casa do Psicólogo.
- Tanis, B. (2011). Apontamentos em torno das temporalidades na clínica psicanalítica. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 115-126.
- Viderman, S. (1990). *A construção do espaço analítico* (S. J. Almeida, Trad.). Escuta. (Trabalho original publicado em 1970)
- Winnicott, D. W. (1965). *The maturational processes and the facilitating environment: studies in the theory of emotional development*. Hogarth Press.
- Winnicott, D. W. (1975a). *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D. W. (1975b). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trad., pp. 13-44). Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Tradução Claudia Berliner

dará *púber*.

A infância que, como já foi mencionado, é apenas um conceito da Modernidade no sentido em que o pensamos na atualidade e há menos de dois séculos; surge tarde na história, junto com a elevação (palavra que tanto evoca a educação como a criação de uma criança) à posição de *His Majesty the baby* de que se trata. Nem sempre se considerou as crianças da mesma forma, é basta ler Philippe Ariès (1960/1987) para entender o que implicou essa mudança substancial sobre a infância na Modernidade:

Merian colocou as crianças em uma espécie de zona marginal, entre a terra de onde saem e a vida na qual ainda não penetraram e da qual as separa um pórtico com a seguinte inscrição: *Introitus ad vitam*. Não falamos hoje em dia de entrar na vida no sentido de sair da infância?² (p. 34)

No princípio era o Verbo

Em Freud todo o fundante, inclusive esse escuro objeto que se perde na origem, isso que chamamos correntemente de o originário, é *infantil*. A sexualidade é infantil, as fantasias, os desejos, a neurose é infantil e, curiosamente, não em Joãozinho – esse pequeno Hans que padece de uma fobia e que, conseqüentemente é uma criança –, mas em *O homem dos lobos*, o historial que dá conta do interesse por um sonho ocorrido na infância que funda a neurose infantil de um analisante adulto.

Toda marca na margem é colocada como *o infantil*, como isso que se produz em um tempo mítico e ao desaparecer, paradoxalmente, torna-se indestrutível.

Untergang do complexo de Édipo que “naufraga” ou fica “sepultado”; o termo apresenta uma polissemia que abrange também o final, a decadência, a queda, mas desse ir ao fundo emana então que se vá ao *fundamento*, como o navio viking que é descoberto séculos mais tarde intacto; no sujeito, o naufrágio de seu fantasma edípico fica fixado exatamente na base de sua estrutura.

Então, é assim linear a pedra fundamental? Trata-se de uma estrutura no sentido quase edilício do termo? Ou, alternativamente, é necessário repensar do que falamos quando falamos de estrutura (aquilo que se contrapõe de alguma forma à concepção histórica e evolutiva?). É o estruturalismo uma formalização em ciências humanas e também em linguística que provém do século XX e da qual Freud, em seu tempo, ainda não dispunha conceitualmente.

Poderia (de um modo aproximado demais) se dizer que Freud afirma a evolução e o tempo como cronologia, mas não seríamos muito leais ao espírito do texto freudiano se não lembrássemos como: no caso Emma – aquele no qual uma jovem tinha uma fobia de entrar em uma loja se não estivesse acompanhada por uma criança –, em que o fundador da psicanálise se anima a chamar de “tempo 2” o que, na sucessão temporal, ocorreu primeiramente, e “tempo 1” o que, talvez esquecido, como saber “não sabido”, retorna *nachträglich*, ou seja, *a posteriori*, como uma lembrança em uma análise. Então pode se dizer que há em Freud, pelo menos, por enquanto, sem necessidade de recorrer ao estruturalismo dos anos sessenta, uma torção do tempo que trai Cronos para se instalar como Kairós ou inclusive como Aión; essas são as divindades gregas que fazem presente as diferentes temporalidades que nos afetam. Cronos é o tempo devorador, Kairós o da oportunida-

2. N. do T.: Nesta e nas demais citações, a tradução é livre, salvo se indique o contrário.

de, e do momento exato. Aión, da tradição fenícia do que se repete e retorna, representado, algumas vezes, como uma criança e, outras vezes, como um idoso. O tempo aiônico do trauma é infinito, *não porque dure eternamente, mas porque é infinitamente divisível. Pelo menos, em Freud*, – e justamente para falar do infantil – é necessário recortar uma história que não funciona de nenhuma forma de modo “linear”. O paradoxo de Zenón trata a questão do infinito ao exemplifica-lo com uma suposta corrida entre uma tartaruga e Aquiles – o veloz guerreiro grego –, na qual esse não a alcança devido a uma série de distâncias infinitas na divisão do espaço percorrido.

É certo que a retroação generalizada introduzida por Lacan – não sem considerar Freud, como vimos – torna menos útil a oposição estrutura/desenvolvimento.

O fator infantil

O fator infantil da sexualidade – expressão que Freud utiliza em muitos lugares de sua teorização – resulta em fixação, trauma absolutamente singular de cada sujeito, reconhecendo assim, cada um em sua diferença com os outros. É o trauma não contingente, mas necessário, da entrada na linguagem, que mortifica o corpo; a linguagem que (des)orienta o sujeito e o desarraiga do instinto, divide necessariamente natureza e cultura ao trazer a boa-nova de um mal-estar incurável.

Aprender e bisbilhotar sobre a linguagem é definitivamente o modo em que um *infans* em trânsito passa de ser falado a construir um discurso que o descoloque da palavra do outro materno para fazer, a partir de outro ponto, um nome que, de pleno direito, possa chamar de próprio.

Assistimos hoje, como um retorno assombroso muito similar ao dos tempos vitorianos do descobrimento freudiano, à demonização do fator sexual infantil. É um escândalo que horroriza. Como é possível supor algo sexual na criança? Isso é dito inclusive por psicanalistas. Algo sexual na criança, afirma Freud em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2004), e algo infantil na sexualidade do adulto:

Creio, pois, que a amnésia infantil, que converte a infância de cada um numa espécie de época pré-histórica e oculta dele os primórdios de sua própria vida sexual, carrega a culpa por não se dar valor ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual. Um observador isolado não pode preencher as lacunas assim geradas em nosso conhecimento. Já em 1896 frisei a significação da infância para a origem de certos fenômenos importantes que dependem da vida sexual, e desde então nunca deixei de trazer para primeiro plano o fator infantil na sexualidade.³(p. 45)

São as palavras do sexo e também as palavras da morte – sem dúvida, os dois temas centrais da psicanálise – que chegam ao infantil sujeito quando ainda tudo isso não é processável. É como um excesso que não cessa, que se dá o trauma resultante do encontro do ser viviente com o golpe da linguagem. O analisante nos contará, já de início, o que ocorreu nos vínculos primários com os personagens de sua vida, que, quando ainda não falava, já lhe falaram e com isso mortificaram e dividiram, para sempre, quem é objeto da

3. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 108 de: Freud, S. (1996). *A sexualidade infantil*. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 106 - 127). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905 [1915]). Versão eletrônica recuperada em <https://cutt.ly/hbHSYUD>

língua, enquanto não tiver conseguido ser sujeito de seu discurso.

Freud reconstrói a história esquecida; esse é seu propósito em princípio, preencher as lacunas mnêmicas, mas, transcorrida uma análise, sempre uma lembrança se converterá em algo diferente ou talvez em um esquecimento genuíno.

O estatuto lógico (que não cronológico) do tempo estabelecido por Lacan; o que Freud chama infantil é o essencialmente etiológico.

Freud sustentará uma causa na neurose, que é, ao mesmo tempo, sexual e infantil, e com isso, uma etiologia na neurose da infância. Teoria da sedução que uma certa descrença processa para a causa fantasmática.

Será necessário acrescentar o ponto, talvez mais interessante, dos anos vinte, que é a inversão do princípio que rege o acontecer psíquico e que estabelece, já não o prazer como seu vetor fundamental, mas o desprazer que cede lugar à surpreendente entrada da pulsão de morte no campo teórico. A compulsão à repetição que a criança – um dos netos de Freud – desdobra no jogo que põe em cena e permite tramitar a ausência materna, o jogo do carretel, no qual a criança faz desaparecer, com a emissão fonemática do *fort*, e depois faz aparecer, com o gozoso *da*. Por que repetir o que não é mais do que mero desprazer? Por que os neuróticos resistem em abandonar o gozo que lhes causa a dor? As hipóteses metapsicológicas ficam esmagadas sob a bigorna do que as estabeleceu, se contorcem. É preciso fazer outras.

Em *Função e campo da fala...*, Lacan (1953/1998) insistirá no jogo da criança para tomar de sua alternância significativa o modo de ter acesso à linguagem e a seu próprio desejo, a passagem obrigatória por uma ausência que convoque para a palavra e para a demanda do Outro, que pode nos deixar no desamparo da *Hilflosigkeit*. Assim, a sua mercê, o carretel ocupa o lugar do símbolo que “faz a ausência”. Como dirá nossa Alejandra Pizarnik em seu poema “Nesta noite, neste mundo” (1971/1982): “não/as palavras/ não fazem o amor/ fazem a ausência/ se digo água beberei?/ se digo pão, comerei?” (p. 67).

Um acontecimento que não acontece

Para Lacan, a infância é a estrutura. O trauma não é um acontecimento, um predicado como excessivo ou como maligno, mas o orifício libidizado pela linguagem, o buraco na significação, mas também a borda que se constitui no orifício corporal. Constatamos que os acontecimentos – se a ideia fosse que é disso que trata o trauma – não são igualmente eficazes em todos os sujeitos, e inclusive em sua eficácia não marcam como trauma a todos por igual, mas cada um segundo sua matriz singular. O que “isso” causa na história do sujeito? Aquilo da ordem de um vazio na repressão primária, isso que não pôde ser transcrito na sucessão de inscrições nos sucessivos sistemas e que fica como um certo x (Freud, 1950 [1896]/1994, p. 219), como no esquema da carta 52⁴: um topos no grafo freudiano que indica o lugar de uma causa vazia, onde algo não pôde se inscrever porque não encontrou a tradução adequada. Isso que não consegue inscrição não é outra coisa que o relativo à sexualidade.

E é aqui que se faz presente a estrutura não como uma estrutura sólida e eficiente, mas como o resultado de uma repressão primária, incluída

4. Ainda que em *Cartas a Wilhelm Fliess: 1887-1904*, volume de correspondência editado por J. M. Masson e mencionado nas referências, se segue outra numeração e ali aparece como carta 112.

sua inscrição em falta, exatamente em sua dimensão de falha e de vazio significativa, ali onde o que não está, é substituído por um sintoma, uma construção, uma ficção que opera com o mesmo peso – ou ainda mais – que a realidade efetiva, a freudiana *Wirklichkeit*.

Going down the rabbit hole⁵

É o imprevisível, o orifício da operação lógica que é nossa estrutura em sua dimensão de falha (e não de mecanismo eficaz), o ponto que nutre a criação artística em geral e literária em particular.

Lacan não poupa homenagens a Carroll. Em seu escrito inédito sobre o escritor, fotógrafo *amateur*, lógico e matemático, dirá que ele coloca em jogo um mal-estar do qual emana uma alegria singular. Como sempre, a linguagem nos recompensa com o prazer do *witz*, do engenho e do jogo, com o riso que provém da mesma fonte de linguagem que nos divide e mortifica. Alice, a quem ele se dirige, por quem se quer fazer escutar, sua *child friend*, talvez não a única, mas sim a principal, será a protagonista, a inspiração e a musa.

Carroll, apenas alguns anos antes que Freud, respirou os tempos do florescimento da ciência encavalada entre o que viria e o que ainda não havia concluído.

Com um pé firme na religião, o diácono sem fiéis nem igreja que foi escritor, olha e vive da ciência que ensina no prestigiado Christ Church College de Oxford. Lacan ressalta em seu discurso o fato – não casual, segundo seu parecer – de que a “novela” de Alice (Carroll, 1865/1988a) apareça contemporaneamente com *A origem das espécies* de Darwin, livro do qual pareceria ser seu reverso.

O reverendo Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898) é a identidade verdadeira do escritor, a que conservou para a assinatura de suas obras sérias, e Lewis Carroll, o pseudônimo com o qual assinou sua obra de ficção, a saber: *As aventuras de Alice no país das maravilhas* (1865/1988a), *Alice através do espelho* (1872/1988b) e *Algumas aventuras de Sílvia* e Bruno, obras que lhe deram fama e dinheiro suficientes para morrer solteiro e rico aos 65 anos.

O poeta e o matemático, o amigo das meninas e o professor de lógica seriam duas vertentes, duas obras, dois nomes, duas posições sociais, caso se queira, ou inclusive, como apontam muitos críticos, duas chaves (ou melhor, infinitas chaves) de leitura possível de Alice. Divisão ou conjunção e mistura?

O poeta joga com os equívocos da linguagem, o lógico estica a lógica até que arrebe (ou vice-versa) em sua mesmíssima subversão.

Tudo em Alice será imbróglia das palavras na aventura do *hablanteser*, *nonsense*, jogos, caos e regras, e o caos “das regras”. Seu *nonsense* contraria a lógica vigente e aponta o que escapa à física do espaço e do tempo, à química das soluções, à fisiologia dos organismos. Não é puro jogo de equívocos, mas crítica do mundo de cima, questionamento delirante de seu funcionamento delirante.

Cada capítulo se ocupa dos temas do “mundo normal” e, como em Dante na *Divina Comédia* e Borges em “O Aleph”, o personagem “desce”

5. “Na toca do coelho” (Carroll, 1865/1988a) seria a tradução, mas em inglês essa frase carrolliana ficou acunhada como se transportasse para uma dimensão diferente, nem sempre feliz.

para elucidar a natureza do mundo de cima, seus horrores, seus gozos, seus pecados e – *last but not least* – seus ridículos. A rainha gritona (Carroll, 1865/1988a) imita um pouco a rainha Vitória; a monarquia será uma tolice monumental?

A falsa tartaruga, aquela com a qual se faz o requintado quitute da falsa sopa de tartaruga (e, de passagem, nós analistas, não fazemos esses malabarismos do significante, ao mudar de lugar, na frase do analisante, os sujeitos de seus predicativos?) é um melancólico personagem que chora e invoca sua educação em uma escola submarina. Ela, a *mock turtle* (falsa burla condensada em um termo pela enésima vez intraduzível) nos conta de seu professor *tortoise* (tortura) que lhes ensina *Antique and Modern Mystery* – termo traduzido como “escória” ou inclusive como “histeria!” –, aritmética, com seus correspondentes: ambição (por adição), distração (por subtração) enfeimento (o contrário de embelezamento) e discussão. A tartaruga chora pela educação que o mesmo professor Dodgson dá, chora e ri de tudo o que é impossível ensinar e da tortura que isso implica, não apenas para aquele que aprende.

Carroll escreve, para crianças ou para não crianças, um *não conto* de fadas, não há nele um mito, um argumento nem uma princesa e um príncipe, nem uma bruxa, nem ao menos uma maléfica mais ou menos séria. Os reis que aparecem na história são reis de cartas ou de peças de xadrez, puro símbolo em queda; os coelhos vestem-se com elegância, com relógios de bolso de ouro, as lagartas fumam – Deus sabe que vapores – , os chapeleiros estão loucos (todos estão loucos ali, também Alice: se não estivesse louca, não poderia estar lá). É nada menos que um sonho, um sonho engraçado – não era disso que se queixava Fliess (citado em Freud, 1985 [1899]/1994), de que os sonhadores de Freud eram muito chistosos (p. 407)? – e todos – animais, cartas, peças de xadrez – falamos, e como!

A literatura inglesa e os sonhos preservam uma antiga amizade; Stevenson declara que sonhou a transformação de Jekyll em Hyde, e a cena central de Olalla, dirá Borges.

A descida pelo poço da toca e o desejo de entrar no jardim sonhado dão lugar a uma série de encontros e diálogos praticamente intraduzíveis. A equívocidade reina, muito mais que a rainha de corações, cuja ira a faz gritar a arquiconhecida sentença “Que lhe cortem a cabeça”⁶. No entanto, por mortífera que soe, por algum motivo ou por outra ordem, jamais se cumpre. O gato de Cheshire é apenas cabeça, ou apenas sorriso, e, portanto, não é possível separar essa cabeça de nenhum corpo.

Então, se há um corpo, é o de Alice, que tenta passar pela porta pequena bebendo o que a diminui para perceber que, assim como ficou, não alcança a chave que abre essa porta porque esta ficou esquecida sobre a mesa. Assim, seu corpo vai se inadequando às circunstâncias sem que ela consiga a proporção exata.

Quando a lagarta azul, nesta magistral cena⁷, pergunta-lhe entre baforadas de fumaça de seu narguilé: “Quem é você?” – se há pergunta difícil de responder essa é uma. Pergunta sobre a identidade que, inevitavelmente, para Alice e para qualquer um, remente à não identidade do si mesmo, ela recorre aos versos de um poema para se sustentar nas palavras com as que acreditamos ser quem somos. Mas o poema sai er-

6. Alguns analistas apontaram a agressividade desta personagem (Greenacre, 1971), mas a ineficácia de suas ordens a torna mais ridícula que explicitamente malvada.

7. A versão de Walt Disney (1951) é bastante fiel ao texto original e recree, em especial este recorte, com uma estética de grande beleza. A lagarta fuma e suas baforadas de fumaça são letras que se esfumam em cores.

rado e, ainda o tenta, mas sai tão ruim que as palavras mal ditas já não autenticam seu nome. É o pesadelo do ser, isso em que acreditava e não posso nem dizer.

Não só a educação pode ser objeto de chiste, outra instituição fundamental como a justiça fica abolida pelas formalidades absurdas onde o juízo que se “celebra” deve começar pela sentença, seguir pelo veredito e depois se verá que delito foi cometido. O tempo se inverte, vai para trás, o tempo se detém em um eterno *teatime* na mesa do chapeleiro louco, o tempo corre nas patas do coelho que nunca chega pontual a seu encontro. É apenas literatura, ou seja, apenas um conto? Ou é a alucinante descrição de uma verdade que só pode ser dita quando todo o dito fica exposto a sua torção lógica? Depois de tudo, o infantil poderia ser o percurso de uma análise que, não podendo liquidá-lo totalmente – não há tal pretensão, sem dúvida –, o transforma em algo que perdura no sujeito, no melhor dos casos, como isso que chamamos o estilo (Salamone, 2019). As marcas indelévels, mas, agora, sublimadas.

Lacan diz que apenas a psicanálise pode dar conta desta escritura, mas podemos inverter a proposição: talvez somente Alice possa dar conta de uma análise.

Resumo

Ao redor de uma leitura de Lewis Carroll, a autora se propõe a desdobrar o conceito do infantil mais além das coordenadas daquilo que se refere à infância e às crianças.

Ao retomar conceitos fundamentais na obra de Freud, como neurose infantil, sexualidade infantil e desejos infantis, e a teoria do trauma, articula-se na obra freudiana e na leitura que faz de Lacan o que perdura como originário no sujeito. O originário que é um orifício na significação que fica libidinizado. Isso fundante que se atravessa em uma análise e que não pode ser liquidado, mas pode se reconverter em uma marca como estilo do sujeito.

Alice no país das maravilhas serve como um itinerário para percorrer os imbróglis da linguagem que todo sujeito deve atravessar, os paradoxos lógicos que toda estrutura envolve.

Palavras-chave: *Infância, Linguagem, Estilo, Estrutura, Lógica, Trauma, Verdade.* **Candidata a palavra-chave:** *Infantil.*

Abstract

Around a reading of Lewis Carroll, the author intends to unfold the concept of the infantile beyond the coordinates of what refers to infancy and children.

By retaking fundamental concepts in Freudian *corpus* such as infantile neurosis, infantile sexuality and infantile desires and the theory of trauma, it is articulated in Freudian work and in Lacan's reading about what endures as originating in the subject

The originary, which is a hole in significance that remains libidinized. That founding that is traversed in an analysis and that cannot be eliminated but reconverted into a brand as the subject's style.

Alice in Wonderland serves as an itinerary to go along the muddles of language that every subject must go through, the logical paradoxes that every structure entails.

Keywords: *Childhood, Language, Style, Structure, Logic, Trauma, Truth.* **Candidate to keyword:** *Infantile*

REFERÊNCIAS

- Ariès, P. (1987). *El niño y la vida familiar en el Antiguo Régimen*. Madri: Taurus. (Trabalho original publicado em 1960).
- Borges, J. L. (1976). Prólogo. Em L. Carroll, *Los libros de Alicia*. Buenos Aires: Corregidor.
- Carroll, L. (1988a). Alice's adventures in wonderland. Em L. Carroll, *The complete works of Lewis Carroll*. Londres: Penguin. (Trabalho original publicado em 1865).
- Carroll, L. (1988b). Through the looking glass. Em L. Carroll, *The complete works of Lewis Carroll*. Londres: Penguin. (Trabalho original publicado em 1872).
- Carroll, L. (2010). *Alicia anotada* (M. Gardner, ed.). Madri: Akai. (Trabalho original publicado em 1865).
- Deleuze, G. (1988). *Logiques du sens*. Paris: Minuit.
- Fliess, W. (1994). Carta 213. Em J. M. Masson (ed.), *Cartas a Wilhelm Fliess: 1887-1904* (pp. 406-407). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1985 [1899]).
- Freud, S. (1993). Más allá del principio de placer. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1994). Carta 112. Em J. M. Masson (ed.), *Cartas a Wilhelm Fliess: 1887-1904* (pp. 218-229). Buenos Aires: Amorrortu.
- (Trabalho original publicado em 1950 [1896]).
- Freud, S. (2004). Tres ensayos sobre una teoría sexual. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Greenacre, P. (1971). Reconstruction and interpretation of the development of Charles L. Dodgson and Lewis Carroll *Alice in wonderland - The swift and Carroll*. Nova York: Norton & company.
- Lacan, J. (1988). Función y campo de la palabra y del lenguaje en el psicoanálisis. Em J. Lacan, *Escritos I*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1853).
- Lacan, J. (2019). Hommage rendu à Lewis Carroll. *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, 26. (Trabalho original publicado em 1966).
- Pizarnik, A. (1982). En esta noche, en este mundo. Em A. Pizarnik, *Textos de sombra y últimos poemas*. Buenos Aires: Sudamericana. (Trabalho original publicado em 1971).
- Salamone, L. D. (2019). Lo que perdura, lo que se pierde y lo que se recupera de lo infantil. *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, 26.
- Woolf, V. (1942). *The moment and other essays*. Londres: Hogarth.

Magdalena Filgueira*

Calibán -
RLP, 19(1-2),
41-51
2021



O infantil: Terceira margem para a função <pai>

Discursos ao redor do infantil

O *infantil* faz alusão às crianças, mas o que é uma criança? Podemos pensar isso hoje a partir de diversos discursos, sabendo que a noção de menino, menina sofreu modificações em razão das mudanças de discursos sociais, políticos, biológicos, jurídicos, ideológicos, econômicos e do discurso psicanalítico que foi chave na transformação da concepção de infância, desde a sua invenção até a noção contemporânea. Cada um deles leva em consideração aspectos fundamentais para a aresta da sua análise, como são o da responsabilidade civil e penal frente a seus fatos, a inimizabilidade penal frente a seus atos, a capacidade reprodutiva, a possibilidade de compor a força de trabalho. Por exemplo, ao considerar este último, *criança é aquela pessoa que não trabalha*, aquela que *não deve trabalhar*. Em vários desses discursos disciplinares, as coordenadas de demarcação costumam ser claras: indivíduo maior ou menor de idade, sujeito de direitos, criança, adulto.

Ariès (1960/1987), historiador francês, pesquisou intensamente as origens da infância e indicou que a concepção que temos dela é relativamente recente, não remonta a um período muito além dos séculos XVII ou XVIII. Argumenta que o elevado índice de mortalidade infantil reinante antes desses séculos foi gravitante. A morte ocupa lugar especial. Se a criança morria, coisa que sucedia com frequência em seus primeiros anos, a família podia sentir isso, mas logo um novo filho viria para substituí-lo. Ao chegar a puberdade, a vida dos adultos era assimilada. Dentro dos estudos da *história das mentalidades* foram abordados os problemas da consideração da criança, o desenvolvimento das práticas de criação, a cotidianidade do vínculo entre pais e filhos, a história da família.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

A psicanálise, fundadora de discursividade, diferencia-se de outros, de todos eles, aos que certamente não invalida – pelo contrário, dialoga com eles e influencia –, mas dos quais se separa e adquire perfil próprio. A invenção-descoberta-conceitualização do inconsciente constitui um giro epistemológico sem par, que uma vez ocorrido vai incidir no decorrer da história das ideias. Mas o quão poroso, permeável, é para a interdiscursividade?

A *sexualidade* – sempre infantil – é um nó para a psicanálise, centro de confluência de conceitos fundamentais, *Grundbegriffe* freudianos, adubados pelos conceitos de pulsão e destinos da pulsão – os diádicos, transformação no contrário e retorno sobre si mesmo, e aqueles que requerem três termos e processos de substituição, repressão e sublimação (Freud, 1915/1976h).

Costumam ser férteis os momentos de interpelação, aflição e vacilação calculada ou não do psicanalista em sua práxis, nunca abarcados por teorias, mesmo que recorramos a elas como fecho de luz, como farol indicador, diante de pontos inquietantes, frente a interrogações próprias do que é enigmático, sempre presentes em nossa aproximação ao inconsciente. Do retorno aos textos freudianos, na volta à linguagem das formações do inconsciente, provavelmente surgirá uma onda de descobertas que deixará na costa novos restos, o que vai compor, portanto, uma margem diferente. Então, o ato de voltar a refletir sobre o infantil nos deixará na mesma margem? Ou, pelo contrário, há de nos levar a outra diferente?

A atualização implicada a cada retorno à leitura, bem como o circuito da própria escrita – que, guiando-se pelo que não se sabe, com fragmentos, *letras* do não sabido infantil, a partir da singularidade do caso a caso –, desperta no analista seu desejo de realizar um texto, alinhavo cortante que é o ato psicanalítico, o da transmissão. Quando essa onda se detiver em suas possibilidades, teremos, para acudir, a voz do poeta, apelaremos ao *Dichter*, a esses *materiais*, como nos indicou Freud (1908 [1907]/1976a), aos do *criador literário*: “E como logra nos tocar tão fortemente com ele, provocando em nós emoções de que talvez não nos julgássemos capazes” (p. 127)¹. O mesmo poeta não saberia explicar de onde vêm, razão pela qual Freud pergunta: “Não deveríamos buscar já na infância os primeiros traços da atividade criativa?” (p. 127)².

Ao tentar definir – ou, pelo menos, navegar – *o infantil*, a visão do evolutivo se faz sentir nos diferentes discursos e disciplinas, o que marca também a psicanálise com fortes correntes que situam esse pensamento na vértebra do infantil; o objeto parcial que se tornará total, a ideia de uma organização fixa e pré-determinada sequenciada em fases de desenvolvimento consecutivas, do que está disperso na unificação, do caos à integração. O infantil se aproxima, por essa via, do pequeno que vai virar adulto, da criança que irá em progressão, de menos para mais, noções que pareceriam mais diáfanas do que qualquer figura linguística complexa como o paradoxo ou o oxímoro.

Freud quebra, já de início, essa linearidade ilusória, desde os seus primeiros escritos, já em *Uma psicologia para neurologistas* (1950

1. N. do T.: Tradução de P.C. de Souza. A tradução corresponde à p. 326 de: Freud, S. (2015). O escritor e a fantasia. Em P.C. de Souza (trad.), *Sigmund Freud - Obras completas* (vol. 8). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908).

2. N. do T.: Ibid.

[1895]/1976g), com a noção de *próton pseudos*, primeira fantasia-mentira, e a ressignificação no tempo do *a posteriori*, montagem em dois tempos de formação da fantasia e do sintoma, emerge e reinará no *aparelho psíquico* uma própria *realidade psíquica*, desarticula-se a ideia de uma verdade, a histórica vivencial vai se contrapor à verdade material. É o primeiro psicanalista que, através da sua metapsicologia, desbarata a causalidade linear do cronológico, aumenta a ideia de uma verdade científica, abre e cede lugar assim ao paradoxo, ao tempo lógico, aos objetos subjetivos, fenômenos transicionais, topologias que apagam as dimensões de dentro, fora, antes-depois, profundo ou superficial, propostos e retomados por Winnicott e Lacan. O infantil é tudo isso, sempre e ao mesmo tempo, seja-se criança ou não.

Com a queda da *sua neurótica*, produz-se a queda também de um primeiro pai, o da sedução.

Lacan enfatizou que, para ser *uma*, a verdade na psicanálise tem mais de um rosto. Em consonância com Nietzsche, que propôs que as verdades são metáforas que se gastaram e já carecem de força.

O *infans* não fala, mas brinca

O infantil *infans* o que não fala. Encontra-se submerso na linguagem, *logos*, desde antes do nascimento, mas ainda não fala, senão até ter-se visto no espelho do Outro, que reconhece e nomeia, lhe dá seu Nome próprio, a partir do qual poderá emergir seu olhar e sua voz, *phoné*. Eu. Esse reconhecimento, alheio e próprio ao mesmo tempo, vai separá-lo do reino animal, ou da natureza, para sempre. A besta não se reconhecerá. “O homem, ao invés disso, na medida em que tem uma infância, em que não é já sempre falante, cinde esta língua una e apresenta-se como aquele que, para falar, deve constituir-se como sujeito da linguagem, deve dizer *eu* (Agamben, 2007, p. 72)³. Desse ponto de vista, “*a infância é precisamente a máquina contrária, que transforma a pura língua pré-babélica em discurso humano, a natureza em história*” (Agamben, 2007, p. 88; itálicas no original)⁴.

Freud (1908 [1907]/1976a) propôs que:

Os próprios escritores amam diminuir a distância entre sua categoria e os homens comuns; muito frequentemente nos garantem que em cada indivíduo se esconde um poeta, e que o último poeta desaparecerá com o último homem. Não deveríamos buscar já na infância os primeiros traços da atividade criativa? A ocupação mais querida e mais intensa da criança é a brincadeira. Talvez possamos dizer que toda criança, ao brincar se comporta como um criador literário, pois constrói para si um mundo próprio ou, mais exatamente, arranja as coisas do seu mundo em uma ordem nova, do seu agrado. Seria errado pensar que ela não toma a sério esse mundo; pelo contrário, ela toma sua brincadeira muito a sério, nela gasta grandes montantes de afeto. O oposto à brincadeira não é a seriedade, mas sim – a realidade. (p. 127)⁵

3. N. do T.: Tradução de H. Burigo. A tradução corresponde à p. 64 de: Agamben, G. (2014). Em H. Burigo (trad.), *Infância e história: Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG. (Trabalho original publicado em 1978).

4. N. do T.: Tradução de H. Burigo. A tradução corresponde à p. 76 de: Agamben, G. (2014). Em H. Burigo (trad.), *Infância e história: Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG. (Trabalho original publicado em 1978).

5. N. do T.: Tradução de P.C. de Souza. A tradução corresponde às pp. 326 e 327 de: Freud, S. (2015). O escritor e a fantasia. Em P.C. de Souza (trad.), *Sigmund Freud - Obras completas* (vol. 8). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908).

A posição <> função <pai> em psicanálise

Eu acho inquietante, além de imprescindível, trabalhar, a partir e para a psicanálise, a posição e função do pai no enlaçamento com o infantil, neste primeiro quarto de século do terceiro milênio. Nós, os psicanalistas, teríamos que sustentar *perguntas boas o suficiente*, mesmo que interpelem conceitos fundamentais da psicanálise e mesmo que dessa interpeção saia uma mudança, uma viragem de paradigma, o que por sua vez a psicanálise – a partir da sua instauração como discursividade – sempre realizou para continuar viva no horizonte da subjetividade ... até ontem? Até hoje? Talvez o advento de novos conceitos na psicanálise contemporânea – dentro dos quais, singularmente, aquele que se encontra na posição que trata da função <pai> – encontre-se em incubação, como no conto que segue (em flutuação?), buscando um litoral, uma terceira margem a partir de onde possa ser concebido.

Vamos recorrer então ao criador literário, à inquietante pena do poeta brasileiro João Guimarães Rosa, ao seu conto *A terceira margem do rio* (1994/1962, p. 409):

NOSSO PAI ERA homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxe, não fez alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!”. Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?”. Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia.

O crítico literário Rodríguez Monegal (1968/1983) conversou com o escritor em três oportunidades, em três cidades diferentes; em uma delas, Guimarães Rosa lhe revelou: “Tenho horror ao efêmero”; confessou:

“Sempre penso em livros”, razão pela qual o crítico literário concluiu que, para o escritor, os textos são um conjuro contra esse terror, horror, e intitulou assim um fragmento de sua crônica: “O horror ao efêmero” (p. 2).

O horror frente ao efêmero e a escrita como conjuro diante dele surgem desde a origem da sua escrita. O livro que depois se chamou *Primeiras histórias* surge do convite de um jornal do Rio de Janeiro, com quem Guimarães tinha então a *obrigação* diária, frequente, quase cotidiana, de escrever (p. 3).

Realmente é a partir da literatura, da fineza do escritor, que chega e toca fundo tal interpeção à função paterna. O que pode ser dito desse pai que, sem mediar palavra, se retira da vida familiar, social, para ir viver em uma canoa no meio do rio? O autor constrói a ficção do *nosso pai* que sai para flutuar por anos no meio do rio. Deixa-nos sem palavras. Uma vez que o leitor se recupera do efeito de desconcerto, o relato começa a trabalhar internamente e servir como metáfora da posição abolida do pai e da sua função suspendida. Quem mandava era “nossa mãe”, diz o narrador.

Quanto convida o fantasiar a ser utilizado para pensar a função do pai na psicanálise, a partir das grandes mudanças, das profundas transformações unidas às da posição da mulher na sociedade nas últimas quatro décadas na cultura ocidental.

É o pai; é enquanto que o Nome do Pai põe amarras, justamente, ao desejo da mãe, ao permitir que o filho, no lugar de ser o falo imaginário do grande Outro, emerga como sujeito de desejo. Pai que porta, traz a lei à terra e recorta um gozo, instaurando um gozo proibido. Aquilo consubstancial à psicanálise, o significante alojado na letra, litoral, borda, margem do gozo.

Uma psicanálise é experiência com o inconsciente, experiência amarrada ao imaginário, enlaçado ao real. É um dispositivo que incita um discurso escrito pelo analisante com letra que mostra, que se manifesta como imagem e é velada como sentido, rememorando um gozo perdido. Letra, litoral, margem entre o saber e o gozo.

O século passado desponta, nasce, com a publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900/1976d): isto é, o século XX e a psicanálise nascem juntos. Talvez tudo estivesse preparado para a sua aparição, o tema recorrente da sexualidade, a proposta fundamentada do infantil, a *edipização* do desejo, o parricídio, e a proibição do incesto. Desde o seu surgimento, a psicanálise reviu e ampliou sua teoria, bem como seu campo de trabalho, incluindo a análise com crianças por meio do jogo. Considero que a concepção de sexualidade do infantil no menino ou na menina foi uma das contribuições revolucionárias de maior incidência, até se situar como referência maior no Ocidente.

A partir de vários discursos disciplinares, vão sendo dados golpes ao patriarcado, questiona-se o lugar hegemônico do pai, o que desmonta a constituição da família como família nuclear tão própria da sociedade patriarcal. Distintos historiadores coincidem com o fato de que o movimento mais influente foi o feminista, que desencadeou transformações econômicas, sociais e políticas imensas; somam-se também os movimentos gay e lésbico.

A metapsicologia freudiana, que contempla o discurso da sociologia imperante, sua teorização, como não podia ser de outra forma, continua a situar o pai nesse lugar central, nessa posição proeminente, então era

lógico que a morte do pai fosse o acontecimento mais significativo – por que esperado, temido e desejado – na vida de um homem, e da vida em família em sua totalidade. Freud (1950 [1895]/1976g) manifestou isso claramente na interpretação dos seus próprios sonhos, do qual se destaca o que ele teve em relação ao enterro do seu pai; seja na noite seguinte, de acordo com a carta dirigida ao seu amigo e interlocutor Fliess, ou na noite anterior, como escreve em *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1976d). Por outro lado, ele acaba chegando tarde ao velório por se demorar em se arrumar na barbearia. Freud sonha com uma legenda que diz “pede-se fechar os olhos” ou melhor “pede-se fechar um olho” (p. 323). A partir desse sonho, entre outras formações inconscientes, colocará no centro das suas teorizações – a partir da sua *autoanálise* em transferência com Fliess – a tragédia grega de *Édipo rei* (na versão de Sófocles), o complexo de Édipo e o complexo de castração.

Surge o primeiro pai freudiano, o do mito edípico. Surgirá depois, em *Totem e tabu* (Freud, 1912-1913/1976i), o pai terrível, que forja o mito do pai da Horda primitiva; por último, em tempo de concluir sua escrita e sua vida, elevado em *Moisés e a religião monoteísta* (Freud, 1939 [1934-1938]/1976e), no qual é gestado o mito do pai Moisés, o egípcio, não judeu, que aparece balançando-se no berço, flutuando em uma cesta nas águas do rio.

Freud não parou de repetir que o sonho – assim como o sintoma e todas as formações inconscientes – era uma realização de desejo. Daí que, ao se considerar o mito da morte do pai como um sonho, seja possível dizer que contém a chave do desejo, ou que ao menos fornece certos sinais para identificá-lo.

O que não fica explícito no Édipo vem a ser exposto depois no pai enunciado em *Totem e tabu* (Freud, 1912-1913/1976i): o gozo do pai, que escapa a qualquer lei, a qualquer proibição. Trata-se de um pai dono e senhor do gozo. O pai primitivo com seu gozo exclusivo exhibe a particularidade da exceção, foi assassinado, mas nunca sofreu o processo simbólico da castração, foi isento dela. Quem o recebe são os filhos, a fratria. É o pai, uma vez morto, como pai real do gozo, que se transforma uma vez assassinado, incorporado; uma vez morto, torna-se pai simbólico, operador estrutural.

Continuando com a terminologia uniforme estabelecida por Freud (1927/1976b):

Vamos chamar de “frustração” ao fato de uma pulsão não poder ser satisfeita, “proibição” ao regulamento que a determina e “privação” ao estado produzido pela proibição. [...] Para nossa surpresa, descobrimos que ainda vigoram, que continuam a formar o núcleo da hostilidade à cultura. Os desejos pulsionais que dela se ressentem tornam a nascer com cada criança; há uma classe de pessoas, os neuróticos, que já reagem a essas frustrações com um comportamento associal. Esses desejos pulsionais são os do incesto, do canibalismo e do prazer em matar.⁶ (p. 10)

É possível ler a correlação que Freud vai estabelecendo ao longo dos seus textos, entre o Deus Pai Todo-Poderoso: – com a figura substituta do padre ou sacerdote, que recebe a confissão –, o Estado-pai – ratificador de garantia moderno de processos e dispositivos de subjetivação – e o

6. N. da T.: Tradução de P.C. de Souza. A tradução corresponde à p. 240 de: Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. Em P.C. de Souza (trad.), *Sigmund Freud - Obras completas* (vol. 17). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).

pai-real – da família nuclear monogâmica heterossexual da era patriarcal.

Devemos nos deter para perguntar: ao trabalhar na atualidade, o que produz esse operador estrutural, interditor simbólico, portador da lei da proibição e da lei dos intercâmbios?

A função do pai intervindo no desejo da mãe em psicanálise

“O pessoal é político”: sentença levantada pelo feminismo a partir da segunda metade do século XX. Surge uma nova problemática que já não contempla a sexualidade como recinto fechado de uma propriedade privada, senão como uma relação de poder entre os gêneros, um dispositivo de essência *política*, constitutivo da ordem patriarcal, reflete Lipovetsky em *A terceira mulher* (1999, p. 61).

“O poder está na ponta do falo”, dirão as feministas de Maio de 68. Coloca-se a questão do corpo feminino no ponto sensível das lutas vividas pela nova onda feminista. Questiona-se, inclusive, a *falocracia psicanalítica*, ainda quando a psicanálise, ao ser revista, pudesse reivindicar o direito das mulheres à plena autonomia sexual. Organizam-se movimentos coletivos contra a ilegalidade, a proibição do aborto; trata-se de conquistar o direito pleno ao controle da procriação com os métodos anticoncepcionais orais; enfim, a livre disposição do próprio corpo, bem como o rechaço à violência como fatalidade irreduzível da condição feminina (pp. 61-62).

O quanto o avanço do poder feminino acossa o imaginário masculino?

Revisitar os conceitos freudianos ao redor do feminino permite – além de poder ser feito com distância, por estar suficientemente afastado no tempo – analisar em que grau os aspectos culturais se inscrevem nos nossos psiquismos, nos nossos corpos, e impregnam a teoria psicanalítica como aparelho óptico, o que pode no final determinar nosso olhar e nossa escuta.

Refletir sobre os textos freudianos a respeito da mulher permite não só reconhecer certa via nos fundamentos teóricos iniciais da psicanálise, mas também analisá-los como documentos que apresentam um determinado sujeito sempre no horizonte da sua época.

Freud escreve sobre a feminilidade – dizem os historiadores que em resposta à sua analisante e discípula, Marie Bonaparte –, a respeito de certas inquietudes sobre o enigma feminino, atravessando a interrogação *o que quer uma mulher?* Eles também dizem que Freud, como seu analista, apesar de ter tentado, não pôde deter certa passagem ao ato de uma operação clitoridiana que teria sido praticada pela princesa em Viena⁷. Freud mergulhava em uma plataforma continental, que na sua cartografia chamou de *continente negro*, enquanto que no novo milênio podemos vê-lo nadar à margem de uma forte atitude ideológica, em que

7. Daniel Gil (1997) escreve, sobre isso: “Marie Bonaparte afirmava que, apesar da ablação, na zona da cicatriz da amputação do clitóris, restava algo de sensibilidade. Não sabemos de onde a Princesa retirou esse dado, ou se o tinha por experiência própria, já que, segundo conta Th. Laqueur, Marie Bonaparte se submeteu a uma clitoridectomia e fez um enxerto do clitóris em uma região mais próxima da entrada da vagina (para que agisse como um feixe de fibras resinosas?). A ideia à qual Freud não deve ter ficado alheio mostra não só a inutilidade – já que, uma vez extirpado o clitóris, por mais que fosse enxertado, perderia toda a sua inervação e, portanto, toda a sua capacidade orgásmica – mas que a intervenção seria, concretamente, uma ablação e também a submissão ao mestre” (p. 139, grifos próprios). Também em Roudinesco (2015): “Com o pseudônimo A. E. Narjani, acabava de publicar na Bélgica um artigo em que exaltava os méritos de uma intervenção cirúrgica, na moda à época, que consistia em aproximar o clitóris da vagina para transferir-lhe o orgasmo clitoriano. Marie acreditava, assim, remediar a frigidez feminina e experimentou a operação em si mesma, em Viena, sem nunca obter nenhum resultado (p. 339). N. da T.: Tradução livre.

já não seria possível tocar terra firme, para compreender e ocupar a posição de operador.

Quando retornamos a esses textos, eles nos trazem de volta, aos psicanalistas, uma terceira margem, a da sensibilidade de uma outra época, a nossa, que nos confronta com outras ferramentas para abordar o infantil, a sexualidade contemporânea. Um novo impulso é o que deveríamos dar, mais do que nos deixarmos levar, seguindo a corrente, à deriva, e que percamos o rumo, como “nosso pai”, o do conto de Guimarães Rosa – e que por esse motivo o citamos –, tendo como remo e prumo a história do movimento psicanalítico, o valor das revisões teóricas do próprio Freud e a observação de como determinados pressupostos de teor ideológico, por momentos, operam como crenças baseadas em uma autoridade. De um pai?

Freud, pai da psicanálise, que dizia navegar desde o princípio nas correntes de águas femininas, já que partiu do porto da histeria, e sem possuir a bússola do saber o que queria a mulher, não foi pouco o que disse sobre como era, e como devia ser⁸; o que mostra a profundidade da dimensão histórica de todo discurso – da psicanálise freudiana –, fundador da discursividade. Agora, os analistas pós-freudianos talvez tenhamos as condições históricas para responder a uma ontologia débil, bem como ser fortes na contribuição da posição ética, modesta nos alcances da veracidade em psicanálise⁹.

Terceira margem para o operador simbólico

O operador é aquele objeto que ao operar faz com que o menino ou a menina não se identifiquem com o valor fálico na mãe; o operador habilitará a não ficar situado nesse valor em relação ao desejo da mãe. Lacan chamou esse operador de Nome-do-Pai (Laurent, 1999, pp. 28-30). Muda ao ir definindo o pai em sua função, não tanto em termos de relação com o falo, mas sim em relação ao objeto *a* como causa de desejo, em sua queda, em sua perda, na *falta*, que o aproxima da castração e da angústia que produz a falta da *falta*. O significante (operará) como falta no Outro.

No campo conceitual da psicanálise, a noção pai intervém como *operador simbólico ahistórico* (Dor, 2004, p. 11). Possui a particularidade essencial de não ser atribuível a uma história, pelo menos como ordenamento cronológico. Acha-se fora da história e é ao mesmo tempo o ponto de origem de toda a história. O que pode lhe ser atribuído logicamente é

8. Freud, na seção “As transformações da puberdade” dos seus *Três ensaios de teoria sexual* (1905/1976), ao se referir à sexualidade da menina, diz: “Querendo-se entender a transformação da menina em mulher, será preciso acompanhar as vicissitudes seguintes dessa excitação clitoridiana [...] Quando o clitóris é ele próprio excitado, no ato sexual, enfim permitido, tem o papel de transmitir essa excitação adiante, às partes femininas vizinhas, mais ou menos como uma lasca de madeira resinosa é usada para por fogo numa lenha mais dura. Com frequência decorre algum tempo até que se realize essa transmissão, durante a qual, a jovem mulher fica anestésica [...] Elas são anestésicas na vagina, mas de maneira nenhuma são incapazes de excitação a partir do clitóris ou mesmo de outras zonas. [...] Se a transferência da excitabilidade erógena do clitóris para a vagina foi realizada com êxito, isso significa que a mulher mudou a zona diretora de sua atividade sexual futura, enquanto o homem manteve a sua desde a infância. Nessa mudança das zonas erógenas diretrizes e na onda de repressão da puberdade, que, por assim dizer, descarta a masculinidade infantil, acham-se as condições principais para a maior propensão das mulheres à neurose, em especial à histeria. Portanto, essas condições se ligam intimamente à natureza da feminilidade” (pp. 201-202). N. da T.: Tradução de PC. de Souza. A tradução corresponde às pp. 141-142 de: Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Em PC. de Souza (trad.), *Sigmund Freud - Obras completas* (vol. 6). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).

9. Em *A feminilidade*, a 33ª das *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, Freud (1933 [1932]/1976f) expressa: “Podemos insistir em que o clitóris é a principal zona erógena da fase fálica da menina. Mas naturalmente isto não continua assim; com a mudança rumo à feminilidade, o clitóris deve ceder à vagina sua sensibilidade e, com isso, sua importância no todo ou em parte. Esta seria uma das duas tarefas a serem cumpridas no desenvolvimento da mulher, enquanto o homem, tendo mais sorte...” (p. 110, grifos próprios). N. da T.: Tradução de PC. de Souza. A tradução corresponde à p. 271 de: Freud, S. (2010). *Novas conferências introdutórias à psicanálise: A feminilidade*. Em PC. de Souza (trad.), *Sigmund Freud - Obras completas* (vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).

a história mítica. Mito necessário como poucos. Isso vai se tratar menos da sua encarnadura do que de uma entidade essencialmente simbólica, ordenadora de uma *função*. O que é relevante no seu papel no infantil reside em sua existência simbólica, que lhe confere caráter operativo e estruturante para todo *infans*.

Pai simbólico que é universal; pela incidência da sua função, advirão sujeitos, seres falantes. Função aberta e vacante da qual o “agente diplomático”, o pai real que a exerça em seu nome, será vetor: quem enuncia o <não> do pai? A partir de uma terceira margem, de onde porta e pronuncia a Lei, por esse <não>, que pode operar como e com os buracos, como os poros da pele do próprio *infans*, e que costuma entrar no nome do pai através do titular real ou daquele que exerce a suplência simbólica.

Ou seja, a prescrição simbólica da lei dos intercâmbios, os proibidos e os habilitados, supõe a negociação imaginária prévia, fantasmática desenvolvida na triangulação edípica da família. Os três protagonistas guardam relação entre si por um quarto elemento: o falo.

Pois bem, são funções, razão pela qual não é necessário que haja um homem para que haja um pai operando em qualquer dos registros mencionados. A função pai pode se vetorizar a partir da lógica simbólica por meio da *metáfora paterna*, a do Nome do Pai, a operação de substituição, por parte do menino, do significante do desejo da mãe por significante Nome do Pai.

Em um primeiro tempo, de transitivismo – aquele em que se perfila como sujeito a partir de sua posição particular <filho> –, tratará de se identificar com o que ele supõe que é o objeto de desejo da sua mãe, identificação pela qual o desejo do menino se faz desejo do desejo da mãe, logo do Outro; dado que o introduz, encontra-se favorecida – induzida, inclusive – pelo vínculo que mantém com ela. O *infans* se situa em posição de fazer objeto do que supõe que lhe falta à mãe. Objeto capaz de surpreender, satisfazer a falta, ou seja, o falo.

Cabe a pergunta, em relação a Lacan e seu postulado do “retorno a Freud” – de onde este extrai a noção de significante fálico e restabelece a função do pai e do falo –, de se nessa formulação a valoração do falo como significante fundamental não implicaria também uma posição ideológica? Mannoni (1972/2020) responde que em Lacan a valoração do falo não é ideológica:

Não se pode esquecer que o falo não é o pênis e que não pertence a ninguém. Ninguém possui o falo, nem os homens nem as mulheres, senão que é enquanto significante simbólico, não é real, nem imaginário, e é enquanto simbólico que desempenha um papel na teoria. Por isso não cai sob a acusação de ideológico, mas pode se prestar facilmente a desenvolvimentos ideológicos que não estão na verdade incluídos na teoria¹⁰. (p. 114)

A mediação paterna, a intervenção, em um segundo tempo, da função <pai>, será determinante na configuração do vínculo mãe-filho, ao ser interditor a partir da privação, da frustração e da proibição *freudianas*, utilizando para isso as três formas em que o objeto pode fazer falta.

Intervenção paterna na relação mãe-filho, que exerce a proibição sobre o filho, que vai vivê-la como frustração, o que vai conduzi-lo a questionar a identificação com o falo, ou seja, fálica, renunciando a ser o objeto

10. N. da T.: Tradução livre.

de desejo da mãe. A partir desta última, a função pai a priva do falo, que ela possui em/com o filho como objeto do seu desejo.

Esse deslocamento do objeto fálico leva ao filho – menino ou menina – a encontrar e enfrentar a lei do pai, lei cuja enunciação a mãe subscreeve, e, ao portar os efeitos da sua palavra, concede à função do pai um lugar simbólico frente ao filho, que assume a função significante do Pai, que é o significante simbólico: Nome do Pai.

Finalmente, em um terceiro tempo, o trabalho do filho se dá ao redor da simbolização da lei, tempo de compreensão do seu significado; o valor dessa simbolização é grande enquanto estruturante, ao situar o desejo materno onde corresponde. Função <pai> que é, portanto, compatível com a ausência de um pai, mais ainda de um homem, na realidade.

Trabalhar com essas novas concepções da teoria e com seus efeitos na psicanálise com crianças pode levar a que a demanda seja a de “instalar” a função paterna, função falha como sintoma do infantil, razão pela qual se tornará necessário trabalhar com isso na prática com crianças e com os pais em transferência.

Maud Mannoni (1972/2020) expressa: “É praticamente uma regra que eu veja somente os pais durante duas ou três entrevistas, especialmente para poder manifestar em que consiste a sua demanda”¹¹ (p. 139). Considera que na psicanálise com crianças e adolescentes, os únicos casos que devem ser considerados em análise são os de crianças graves. No restante das situações, se trabalhará para colocar em jogo a demanda em relação com a criança, algo enlaçado aos próprios pais dos pais. Quando é possível desenovelar algo nesse nível, a criança está, a partir desse momento, em situação de poder se arranjar sozinha com a sua conflitiva edípica, como acontece normalmente com as dificuldades comuns a todos. Ou seja, se restabelece o curso da própria *neurose infantil*.

É interessante pensar o *infantil* como aqueles fantasmas *dos pais dos pais* com efeitos nos filhos, crianças; psicanalisar as marcas do infantil em demanda na transferência dos pais e suas funções.

A psicanálise com uma criança será, então, o transcurso desse operador de castração até estabelecê-lo e que funcione, ou seja, que cumpra sua função.

Resumo

Texto que explora o infantil a partir do ângulo da função do pai na psicanálise, como operador simbólico. Recorre-se ao criador literário, que tem parentesco com o fantasiar e com a brincadeira da criança, e evoca-se um conto de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”, dada a riqueza em imagens inacabadas que ele possui, o que permite pensar essa função do pai de forma fragmentada. Retomam-se os mitos freudianos do pai edípico, do pai da Horda primitiva e o de Moisés; realiza-se uma análise crítica de desvios ideológicos, resultado também de uma época moderna. A partir desse retorno a Freud, o artigo se abre a formulações fundamentalmente da psicanálise francesa pós-laciana. A proposta é pensar – quando se tratar de crianças ou não – quanto e como a psicanálise do *infantil* deverá considerar da demanda dessa função paterna,

Palavra-chave: *Função paterna.* **Candidatas a palavras-chave:** *Registro simbólico, Autor, Obra.*

11. N. da T.: Tradução livre.

Abstract

Text that explores the infantile from the angle of the father’s function in psychoanalysis, as a symbolic operator. The literary creator is resorted to, related to fantasy and play, and a tale by Guimarães Rosa, “The third bank of the river”, is evoked. The richness of unfinished its images allows us to think in a fragmentary way about this function of the father. The Freudian myths of the Oedipal father, of the primitive Horde and that of Moses are taken up again, and a critical analysis of ideological deviations, also as a product of a modern era, is carried out. From that return to Freud, the article opens to post-Lacanian and French psychoanalysis. The proposal is to think about how much and how psychoanalysis of *the infantile* should be considered in the demand for this paternal function, when dealing with children or not.

Keyword: *Paternal function.* **Candidates to Keywords:** *Symbolic register, Author, Literary work.*

REFERÊNCIAS

- Ariès, P. (1987). *El niño y la vida familiar en el Antiguo Régimen*. Madrid: Taurus. (Trabalho original publicado em 1960).
- Dor, J. (2004). *El padre y su función en psicoanálisis*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Freud, S. (1976a). El creador literario y el fantaseo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 9). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1908 [1907]).
- Freud, S. (1976b). El porvenir de una ilusión. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1976c). Fragmentos de la correspondencia con Fliess. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950).
- Freud, S. (1976d). La interpretación de los sueños. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1976e). Moisés y la religión monoteísta. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1939 [1934-1938]).
- Freud, S. (1976f). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).
- Freud, S. (1976g). Proyecto de una psicología para neurólogos. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950 [1895]).
- Freud, S. (1976h). Pulsiones y destinos de pulsión. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1976i). Tótem y tabú. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 13). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1912-1913).
- Freud, S. (1976j). Tres ensayos de teoría sexual. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Gil, D. (1997). *Sigmund Freud y el cinturón de castidad*. Montevideo: Trilce.
- Lipovetsky, G. (1999). *La tercera mujer*. Barcelona: Anagrama.
- Mannoni, M. e Mannoni, O. (2020). *Maud y Octave Mannoni: Seminarios en Montevideo, 1972*. Montevideo: Biblioteca Uruguaya de Psicoanálisis. (Trabalho original publicado em 1972).
- Rodríguez Monegal, E. (1983). *En busca de Guimarães Rosa*. Disponível em: <https://anaforas.fic.edu.uy/jspui/handle/123456789/25916> (Trabalho original publicado em 1968).
- Rosa, J. G. (1994). A terceira margem do rio. Em *Ficção completa* (vol. 2). Rio de Janeiro: Nova Aguilar. (Trabalho original publicado em 1962)
- Roudinesco, E. (2015). *Freud: En su tiempo y el nuestro*. Barcelona: Debate.



Freud, infância e o judaísmo: Ressonâncias entre o Talmud e a verdade



“Filho que me é caro, Schlomo”

↑
Les archives du cœur, 2010
Christian Boltanski
Interior view, Teshima Island, Japan
Courtesy: Christian Boltanski Studio;
Marian Goodman Gallery and
Fukutake Foundation
©Christian Boltanski, Licensed by
ADAGP
Photo credit: Kuge Yasuhide

Jacob Freud, pai de Sigmund, viveu em um período de mudanças. Seu pai, Rabi Schlomo avô de Sigmund, deu a Jacob estudos acadêmicos dentro de uma escola talmúdica; não à toa ele ter sido capaz, por exemplo, de estudar o Talmud em *aramaico* (Whitebook, 2010). Sigmund – que já não lia em aramaico – recebeu o nome Schlomo em homenagem ao avô, judeu ortodoxo e grande praticante dos cultos.

O Talmud é o mais reconhecido livro dos judeus, depois da Bíblia, e comporta escritos de diferentes épocas sobre inúmeros temas, por numerosos intérpretes da Bíblia e da Lei Oral. Possui uma enciclopédia de legislações, do folclore, das lendas e das disputas teológicas por mais de nove séculos. Para um judeu orientado talmudicamente, ele não é apenas o registro do passado, mas um regime para o presente e para o futuro.

* Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Muitas vezes, os textos não são mais do que esboços vagos, inacabados e os detalhes precisam ser traçados novamente à medida que surgem novos problemas em cada geração. Assim, nunca deixa de crescer em tamanho e escopo, já que cada geração encontra problemas não mencionados (nem mesmo imaginados) e que, portanto, precisariam ser esclarecidos e discutidos novamente com os rabinos.

Como nos conta Roudinesco (2016), a realocação da família Freud do *shtetl*¹ em Tysmenitz para a cidade de Freiberg foi um primeiro exemplo das repercussões da época em que viviam. Ainda que diretamente ligado aos movimentos ortodoxos do judaísmo, Jacob passou também a ser influenciado pelos movimentos do *hassidismo*² e da *haskala*³. Renato Mezan (1987) relata:

A geração que vem dos *shtetls* para as cidades grandes ainda permanece muito próxima dos padrões tradicionais judaicos; a geração seguinte, educada nas escolas públicas e cuja língua materna passa a ser o alemão (e não mais o ídiche), tem outras aspirações e passa por outros conflitos. (p. 10)

Na nova cidade, Jacob afrouxou ainda mais suas ligações com as tradições ortodoxas do *shtetl* culminando simbolicamente na compra de um exemplar da Bíblia de Ludwig Philippson. Para uso dos judeus reformistas, essa obra respeitava a Escritura Sagrada, no entanto, trazia iconografias egípcias, além de ter notas de rodapé e partes traduzidas para o alemão, inovações significativas para a época. Havia ainda comparações mitológicas, medicinais e botânicas para tornar a leitura do Velho Testamento mais interessante. Essa será a Bíblia transmitida a Sigmund em seu aniversário de 35 anos de idade, reencadernada em couro. Nela, Freud encontrará duas datas gravadas: a da morte de seu avô e sua data de circuncisão, além de uma carta de seu pai dedicada a ele. Peter Gay (1988/2012) relata ter Freud dito que seu pai lhe permitiu crescer na completa ignorância em relação ao judaísmo, ainda que Jacob falasse a língua sagrada tão bem – ou melhor – que o alemão, e seguisse grande parte dos ritos judaicos, como Sigmund pode acompanhar ao longo de sua vida. É interessante ressaltar que, caso Jacob fosse adepto do judaísmo tradicionalista e ortodoxo, jamais leria a Torá ao pequeno Sigmund antes deste fazer seu *Bar Mitzvá* aos treze anos de idade, por exemplo; fato este que sua biografia comprova e contribui para corroborar a visão mais reformista e inovadora de Jacob.

Roudinesco (2016) cita que o pai de Sigmund veria no filho novas possibilidades, principalmente a de não envolvê-lo nos negócios da família, seja pela própria insatisfação de Jacob com o mundo mercantil, seja pela intuição de que seu filho seria apto a se dedicar ao *saber*. Para ele, Sigmund deveria ser um observador comprometido com a transmissão de suas tradições e ao mesmo tempo aproveitar-se da modernidade da

1. *Shtetl* é uma palavra em ídiche. Refere-se a pequenas cidades com grandes populações judaicas, existentes, antes do Holocausto, principalmente na Europa Central e do Leste. Foram mais proeminentes ao longo do século XIX, por todo o Império Russo, Polônia, Galícia e Romênia.
2. *Hassidismo* é um movimento surgido no interior do judaísmo ortodoxo que promove a espiritualidade através da popularização e internalização do misticismo judaico, como um aspecto fundamental da fé judaica. Atribuído inicialmente a *Baal Shem Tov* (*rabino*) ao longo do século XVIII, formou-se em reação ao judaísmo legalista ou talmúdico, mais intelectualizado.
3. *Haskalá* também é conhecida como o iluminismo judaico. Foi um movimento intelectual entre os judeus da Europa Central e Oriental principalmente entre 1770 e 1880. Propôs-se a pensar o judaísmo de forma cultural, dando início a um movimento de renovação literária e de linguagem. Promoviam o racionalismo, liberalismo, liberdade de pensamento e o questionamento.

época, sua cultura, prosperidade cosmopolita, liberdade política e ciência em expansão.

Imerso entre um judaísmo mutante e os negócios da família, recebendo investimentos do saber pela leitura da Torá, Sigmund procurará uma mudança cultural sem jamais calar a identidade judaica dos ancestrais:

Traçando assim seu destino, Freud associava-se à história dos filhos da burguesia mercantil judaica no Império Austro-Húngaro, obrigados a se desjudaizarem para poderem ser intelectuais ou cientistas. Para existirem como judeus, foram obrigados a adotar as culturas grega, latina e alemã. (Roudinesco, 2016, p. 28)

O que era uma tensão interna para o pai de Sigmund, junto a sua exposição à visão mais revisionista das tradições judaicas, transformou-se no filho em um conflito aberto e pulsante (Whitebook, 2010). Em carta ao *B'nai B'rith* em 1926, como agradecimento às felicitações de seu septuagésimo aniversário, Freud (1926/1996) escreve:

A isto não demorou a se acrescentar a compreensão de que somente à minha natureza judaica devo as duas qualidades que chegaram a ser indispensáveis no difícil caminho da minha existência. Precisamente por ser judeu, encontrava-me livre de muitos preconceitos que dificultam a outros o exercício de seu intelecto; precisamente por ser judeu, estava preparado para colocar-me na oposição e para renunciar à concordância com a "maioria compacta". (pp. 271-272)

Vale ainda ressaltar que não só Freud, mas diversos judeus proeminentes da época, viviam conflitos entre suas origens judaicas tradicionalistas e os ideais da *Kultur* germânica. Alguns se converteram ao cristianismo (por exemplo, Gustav Mahler) como forma resolutiva. Sigmund, por outro lado, foi capaz de criar em si, talvez tanto quanto Kant e Marx, a arte de criticar idolatrias, fanatismos e tolerar suas ambivalências, além de lidar com elas intelectualmente. A *Kultur* germânica foi muito proeminente na Áustria entre o final do século XIX e início do século XX. Pode ser entendida hoje a partir de três grandes definições: processo geral de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético; características particulares no modo de viver de uma pessoa ou grupo e; criação rica de trabalhos e práticas artísticas e intelectuais de uma determinada época (musicais, literárias, teatrais, filosóficas etc.) (Eizirik, 1999).

Ao longo do seu crescimento, Sigmund sonhará com glória e conquista, cogitará entrar para a carreira política antes de decidir que seria filósofo, depois jurista e, por fim, naturalista. Sempre sonhando com novas identidades, preocupado em superar o pai alcançando uma cultura erudita, iniciou-se nos debates filosóficos da época, através do convívio com Franz Brentano. Desde muito cedo se viu imbuído em dar sentido e em ouvir o que o discurso puramente da razão procurava esconder. Ou seja, o lado escuro da humanidade, o que há de diabólico, o recalçado, o interdito e o irracional. Essa inquietude será sua companheira por muito tempo e se tornará um sofrimento produtivo, pois quando o bem-estar o invadia não era capaz nem de criar e nem de pensar. Foi capaz de transmitir um judaísmo sem Deus e ao mesmo tempo sua independência, quando, por exemplo, fornece suas interpretações em *Moisés e o monoteísmo* (Freud, 1939 [1934-1938]/2018). Não era contraditório para

ele possuir uma identidade judaica ainda que ateu. Além do mais, mesmo opondo-se às tradições religiosas ao longo de sua vida, reconheceu a influencia da religião a nível cultural e individual. (Johansson e Punzi, 2019). No livro *Becoming Freud: The making of a psychoanalyst*, Adam Phillips (2016) descreve a psicanálise como uma disciplina que luta com questões de exclusão e inclusão, de exílio e pertencimento e, portanto, coloca-a como fundamental para a nossa cultura atual. Aspectos esses vividos e sentidos por Sigmund.

Dois ladrões descem por uma chaminé...

Um jovem estudioso cheio de titulações bate à porta de um velho rabino leitor do Talmud:

- Rabino, gostaria de estudar o Talmud.
- Tu sabes ler aramaico?
- Não.
- Hebraico?
- Não.
- Tu já estudaste algo sobre a Torá?
- Não, rabino. Mas eu me graduei em Harvard *summa cum laude* em filosofia e já recebi o título de PhD. Eu gostaria de tentar completar minha educação com um pouco do Talmud.
- Eu duvido que tu estejas pronto para o Talmud. É o maior e mais completo dos livros. Se assim desejares, no entanto, posso examinar seus conhecimentos de lógica e, se passares, eu mesmo te ensino sobre o Talmud.
- Muito bem. Eu sou muito bem versado em lógica.
- Primeira pergunta: dois ladrões descem por uma chaminé. Um sai da chaminé com o rosto limpo, o outro com o rosto sujo. Qual lava o rosto?
- O ladrão do rosto sujo, claro.
- Errado. O que tem o rosto limpo se lava – diz o rabino com certeza.
- Examine minha lógica: o ladrão com o rosto sujo olha para o ladrão com o rosto limpo e pensa que seu rosto está limpo. O que tem o rosto limpo olha para o ladrão com o rosto sujo e pensa que seu rosto está sujo. Então, o que tem o rosto limpo se lava.
- Muito inteligente. Outra pergunta, por favor.
- Dois ladrões descem por uma chaminé. Um sai da chaminé com o rosto limpo, o outro com o rosto sujo. Qual lava o rosto?
- Nós já estabelecemos que é o ladrão com o rosto limpo quem lava o rosto.
- Errado. Os dois lavam o rosto – diz o rabino com certeza – O que tem o rosto sujo pensa que seu rosto está limpo. O que tem o rosto limpo pensa que seu rosto está sujo. Quando o que tem o rosto limpo lava o rosto, o outro compreende que é o seu rosto que deve estar sujo. Então, ele também lava o rosto.
- Eu não havia pensado nisso...
- Dois ladrões descem por uma chaminé. Um sai da chaminé com o rosto limpo, o outro com o rosto sujo. Qual lava o rosto?
- Bem. Nós sabemos que os dois lavam o rosto.
- Errado. Nenhum lava o rosto. Examine minha lógica: o que tem o rosto limpo pensa que o seu rosto está sujo. O que tem o rosto sujo pensa que seu rosto está limpo. Mas quando o ladrão de rosto limpo vê que o ladrão de rosto sujo não lava o próprio rosto, ele também não se importa em lavar o seu. Como vê, não estás pronto para o Talmud.
- Rabino, por favor, me faça mais um teste.
- Dois ladrões descem por uma chaminé...
- Nenhum, nenhum lava o rosto!
- Errado – disse o rabino sem esperanças – Diga, como podem duas pessoas descer a mesma chaminé e uma sair limpa e a outra suja?

– Rabino, o senhor me deu respostas contraditórias para a mesma pergunta. Isso é impossível!
–

A verdade talmúdica

Os estudos talmúdicos ocorrem há aproximadamente 1500 anos com as mais diversas tipologias e recebem os mais variados nomes: *pilpul*, *midrash*, *machaloketh*. Minha ideia não é revisarmos cada um deles, mas sim observamos correlações existentes entre a psicanálise, parte de seu método e as formas interpretativas propostas pelos rabinos intérpretes do Talmud. O *pilpul* talvez seja o mais difícil de explicar, pois de início não possui tradução precisa; ainda assim, refere-se a um método de estudo do Talmud através de uma intensa análise textual com a intenção de obter explicações contextuais diferentes. No livro *Do éden ao divã: Humor judaico* (Scliar, Finzi e Toker, 1990) há uma possível, mas não tão feliz explicação do *pilpul*, feita por Abraham Limchtemboim:

A peculiaridade do humor judaico está intimamente relacionada com o método de estudo analítico-dedutivo, *pilpul*. É difícil explicar, mas com um exemplo podemos entender. O *pilpul* se define como a arte de “introduzir um elefante no buraco de uma agulha”, quer dizer, chegar a demonstrar coisas inverossímeis. (p. 20)

Temos que ter bastante cuidado com essa leitura dada por ele, pois não queremos nos aproximar da ideia de pensarmos a psicanálise, a técnica interpretativa, ou mesmo o discurso psicanalítico, como o aceite por parte do paciente de toda e qualquer suposta verdade que pudesse vir do analista. Freud jamais trabalhou com um conceito sequer parecido com esse e se dispôs ao estudo e compreensão das resistências e das negativas no discurso do paciente. No entanto, podemos pensar no afastamento do pensamento unicamente lógico e linear dos processos secundários e que para isso, talvez, a sensação seja de precisarmos passar o tal elefante pelo buraco da agulha ao lidarmos com o processo primário. Por exemplo, sobre esse assunto, cito um trecho de Renato Mezan (1987), mais claro e mais feliz:

a analogia e a inferência, processos característicos da sutil dialética talmúdica, guardam certa semelhança com uma condensação e ou deslocamento que segundo Freud constituem os mecanismos básicos da construção do inconsciente. Recordemos que Freud sustenta que o humor, à semelhança dos sonhos e das neuroses, tem origem nesses mecanismos, considerando-o defesa do psiquismo contra tudo que lhe causa temor. (p. 9)

Para não deixarmos em branco, o termo *machaloketh* se refere aos produtos das limitações e imperfeições impostas pela mente humana para as interpretações das Leis da Torá. Ou seja, numa conversa argumentativa desse tipo, os discursos sobre as proposições chegarão às mais diversas contradições e até às conclusões contrárias possíveis. Já o *midrash* talvez possa ser a forma mais clara de tentarmos entender, no limite das palavras, a forma argumentativa de tal dialética. No *midrash*, não só o discurso argumentativo é levado em consideração, mas tam-

bém o valor numérico de cada letra do alfabeto, a raiz das palavras; tudo como forma de poder desvendar compreensões do texto, para além da leitura. Estamos de frente a muitos textos de Freud! Lembremo-nos do que faz com o termo *Unheimlich*!

Devemos ainda levar em consideração a importância do *bildung*, termo em alemão para uma tradição de auto-cultivo, criação, imagem e forma, na qual a filosofia e a educação estão conectadas e o processo é decorrente da maturação pessoal e cultural do indivíduo. Portanto, dentro da tradição judaica, o conhecimento e o *insight* são geralmente atribuídos ao exame exclusivo de uma determinada proposição, por exemplo, desconstruindo-a, observando caminhos alternativos a ela, criativos, e talvez infinitos.

Mesmo assim, incluir algumas outras discussões é importante para que possamos, devagar e sutilmente, aproximarmo-nos da psicanálise. Para Mezan (1987), não podemos ceder à ilusão de que bastaria ser um judeu crítico em relação ao considerado *conscientemente evidente* para inventar a psicanálise e as definições do inconsciente, ou pior ainda, de que isso seria pré-requisito para praticá-la. A psicanálise não é judaica. Não é por Freud ser judeu que ela existe. A genialidade do processo está, além disso, pois Sigmund Freud questiona o óbvio ao limite e constrói verdadeiras contra-teorias, à luz das quais o pretensamente óbvio surge como a consequência de nossas ilusões, de nossa ignorância ou de nossos preconceitos. Para Mezan, interessa saber como funcionam estas interpretações talmúdicas ou psicanalíticas, baseadas nos axiomas da inesgotabilidade do texto, do discurso infinito do paciente e da mente infinita do analista, e da inerência do comentário ao comentado. Ele cita que as interpretações talmúdicas, por exemplo, levam em conta o processo primário assim como a literatura de ficção, e que esse processo fundamenta a criatividade e a imaginação, bem como a psicanálise. Porém, Mezan critica essa visão reducionista na formação da psicanálise, pois descartaria o fato dela considerar aspectos próprios como o conflito e sofrimento psíquicos, a transferência, a contratransferência e a própria intersubjetividade, para citar alguns. Obviamente nenhum desses conceitos faz parte do Talmud. Muito claramente ele expõe:

A interpretação em psicanálise, não se limita à descoberta de sentidos ocultos, nem mesmo à criação de novos sentidos; a analogia entre o discurso do paciente e o texto bíblico é muito curta, ainda que concebamos o texto como inesgotável e o discurso como infinito, em virtude da sobredeterminação de todas as suas partes. E isto por um motivo muito simples; para ser analítica, a interpretação precisa visar não somente o sentido latente da fala do paciente, mas ainda visar uma transformação do espaço psíquico no qual emerge esta fala. (Mezan, 1987, p. 80)

Ainda assim, desde as compreensões simples e literais, até a exploração minuciosa de cada palavra em cada contexto, tendo ou não alguma razão, a interpretação psicanalítica deverá passar, em algum momento, por algum ponto ou elo que possa atribuir e fazer algum sentido para o paciente:

com bastante frequência a interpretação psicanalítica tem como método a aproximação de pontos distantes da fala do paciente, utilizando uns para esclarecer outros; ou traduz que à aparente incoerência

do discurso associativo subjaz uma certa ordem, a ordem do inconsciente. Todo discurso, por mais absurdo que pareça, tem um sentido, ou mesmo vários; e a aparência de absurdo se deve à supressão de partes importantes, em consequência dos conflitos inconscientes. (p. 63)

O que nos retrata aqui é novamente a possibilidade de associar livremente e de tentarmos estar o mais próximo da atenção flutuante para nos livrarmos (também o máximo possível) das censuras morais e ordens categóricas impostas, a fim de nos aproximarmos das aparentes ilogicidades do processo primário.

A sucessão de perguntas que o rabino coloca e responde em relação aos ladrões que descem por chaminés, vista sob a ótica da contradição com o pensamento explícito e linear do aluno respeita um princípio lógico da terceira possibilidade excluída. Ela afirma que para qualquer proposição, ou esta proposição é verdadeira ou sua negação é verdade. Sua origem remonta a Aristóteles com o princípio da não-contradição. Mas, afinal de contas, quais das proposições do rabino são verdadeiras?

Freud se deparava com o problema da verdade no mínimo em duas frentes: na teoria precisava ser epistemologicamente verdadeira e estar inserida na verdade científica da época, mas na prática o que se impunha era a primazia crescente da verdade psíquica. Já o método psicanalítico trazia (e traz) em si implícito uma postura ética, em que a verdade do paciente é o que importa para além de nossas opiniões e de nossas verdades, segundo Viviane Mondrzak (2019). Para essa mesma autora:

Procuramos ajudá-los [os pacientes] a aumentar/desenvolver a capacidade reflexiva para perceber o risco e o equívoco presentes sempre que alguma posição se apresenta rígida, cega, intransigente, sempre que há lados claramente identificados como o do mal e do bem, que produzem em outra dimensão (esta sim perigosa) o modo infantil de organização do pensamento em categorias fada/bruxa. E aceitar ouvir o outro, os vários outros internos e externos. (p. 103)

Para Henry Atlan (1994), o erro recorrente em relação à verdade consiste em ver nela uma realidade metafísica, ou pelo menos um ser epistemológico, e em colocar a seguinte questão: “O que é a verdade?” Segundo Atlan, podemos somente concluir o que ela não é: a mentira, o erro, a ilusão e o logro. Portanto, no caso dos ladrões, há um juízo paradoxal do que é ou não verdadeiro. Essas discussões podem ser entendidas em oposição uma à outra, mas não entre duas representações realistas das coisas e sim entre duas ou mais representações simbólicas das coisas.

Na justaposição de discursos e proposições podemos expandir nosso psiquismo e ressaltar as possíveis e infinitas definições teóricas sobre o que é a verdade. Ou seja, o que talvez nos ensine o Talmud é que sua leitura e a influência exercida sobre Freud possibilitou que ele focasse em fazer os sentidos se multiplicarem, e em algum grau, estivessem sempre fadados a uma incompletude. Freud é brilhante enquanto discorre sua teoria, sempre com novos exemplos, novas analogias e pensando na possibilidade de que aquilo que esteja achando que é, na verdade, não é, ou é diferente do *a priori* imaginado. É bastante comum na leitura dos seus textos estarmos felizes, passeando pelo jardim dos entendimentos quando nos propõe irmos por outro lado, ainda que estivéssemos bem por ali; depois, diz que nada disso adiantará para uma compreensão se

não fizermos mais alguma outra coisa ou acrescentarmos mais outro conceito não pensado; incluído esse novo conceito, de nada mais adiantariam os primeiros caminhos tomados e daí por diante. Talmudicamente preciso, literariamente genial e provocante. Portanto, não somente o conteúdo do que estuda é fundamental, mas também a forma como o constrói é de suma importância para o aprendizado do processo psicanalítico. Isso poderia equivaler ao mostrar para o paciente – junto a ele – como está sendo feito o pensamento sobre algo e como ele está sendo considerado/construído, mais do que somente a procura de se aquilo é ou não verdade, se faz ou não sentido e se aliviará, ou não, conflitos psíquicos. Também se assemelha a quando conseguimos incluir novas representações e simbolizamos, junto ao paciente, novos caminhos.

A fim de exemplificar de forma talmúdica, o quanto essa construção com o paciente pode ser mais importante que a verdade ou não do conteúdo – como no conto dos ladrões –, uso a interpretação da palavra verdade em hebraico: *emet* – אמת. Como demonstro na figura abaixo, a palavra *emet* é composta pela primeira e pela última letra do alfabeto, conectadas pela letra central (décima quarta):

28	27	26	25	24	23	22	21	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1							
														א	ב	ג	ד	ה	ו	ז	ח	ט	י	כ	ל	מ	נ	ס	ע	פ	ק	ר	ש	ת

Uma das formas de entender essa palavra é considerar que, para o judaísmo, a verdade está contemplada em toda a linguagem, representada na união de todas as letras e no discurso do início ao fim daquilo que o paciente diz. Portanto, a palavra *emet* abraçaria todas as letras do alfabeto. Além disso, a união pela letra central atribui estabilidade para aquilo que é verdade/dito, sem pender demasiadamente para nenhum dos lados. Esta noção judaica da verdade é um traço que a distingue da mentalidade aristotélica e positivista, para a qual a verdade existe para ser pesquisada e descoberta.

Considerações finais

Tentei nesse texto localizar um pouco das influências do judaísmo, do Talmud e da cultura judaica nos escritos e em algumas das formas de pensamento de Freud. Estaria sendo contraditório se dissesse que isso levou àquilo. Tomo tais características como pequenos fatores influenciadores da psicanálise, sem menosprezar infinitas outras para o seu surgimento. Novamente: a psicanálise não é judaica, ela não existe por Freud ser judeu nem por ter ele nascido na *Kultur* germânica. No entanto, seria correto dizer que sofreu influências da cultura judaica transmitida a ele por seu pai.

Quando estamos lendo Freud, somos inundados pela teoria e pela técnica psicanalíticas e também invadidos sutilmente pelas harmoniosas e saborosas contradições entre a lógica e não lógica, entre o judaísmo e o ateísmo dentre tantos outros paradoxos. Parte do aprendizado da técnica psicanalítica está implícito na forma pela qual Freud escreve e nos conduz a não acreditar sem antes questionar, pensar, repensar e duvidar, alicerçados pela autocrítica. Que falta nos faz nos tempos atuais! Treinar esse

tipo de escuta com nossos pacientes se torna primordial frente a outro tipo, onipotente e narcisicamente satisfatório à dupla analítica – perigosíssimo! Não que tenhamos que andar como gatos espiados e arredios, pois ainda podemos repousar nossa mente na certeza científica (a água ferve a cem graus Celsius e não há muito o que fazer sobre isso). Mas, por nossas mentes penderem para o lado do certo e do tranquilizador, somos obrigados a contrabalançar para o outro, caso queiramos evoluir.

Resumo

No recente livro *Sigmund Freud: Na sua época e em nosso tempo*, publicado por Elisabeth Roudinesco (2016), há uma extensa revisão a respeito do início da vida de Sigmund Freud e suas influências mais diretas. Para ela, a existência de um “Freud acompanhado” irá adubar a criatividade e a genialidade em seus escritos: Freud e o judaísmo, Freud e a religião, Freud e as mulheres, Freud clínico, Freud em família, Freud e os neurônios, etc. O presente trabalho, primeiramente, propõe discorrer um pouco sobre as consequências da cultura judaica inseridas na infância de Sigmund Freud, principalmente pelas tradições oriundas e transmitidas por seu pai, pela leitura da Torá e do Talmud. Em segundo lugar, questionar o aparecimento dessas influências na forma em que constrói seus textos, escreve e analisa situações, utilizando-se de discursos contraditórios e do diálogo direto com o leitor. Por fim, questionar o conceito de Verdade *talmúdica* e aproximá-la da capacidade de Freud em des-constituir e construir verdades constantemente.

Palavras-chave: *Freud, Sigmund; Judaísmo; Verdade; Psicanálise. Candidata a palavra-chave: Talmud.*

Abstract

In the recent book *Sigmund Freud: In his time and in our time* published by Elisabeth Roudinesco (2016), there is an extensive review of Sigmund Freud's early life and his more direct influences. For her, the existence of an “accompanied Freud” will fertilize creativity and genius in his writings: Freud and Judaism, Freud and religion, Freud and women, clinical Freud, Freud in family, Freud and neurons, etc. The present work, firstly proposes to talk about the consequences of the Jewish culture inserted in Sigmund Freud's childhood, mainly for the traditions originated and transmitted by his father, for the reading of the Torah and Talmud. Secondly, to question the appearance of these influences in the way he constructs his writings, analyzes situations, using contradictory speeches and direct dialogue with the reader. Finally, to question the concept of Talmudic Truth and bring it closer to Freud's ability to de-construct and construct truths constantly.

Keywords: *Freud, Sigmund; Judaism; Truth; Psychoanalysis. Candidate to keyword: Talmud.*

REFERÊNCIAS

- Atlan, H. (1994). *Com razão ou sem ela: Intercrítica da ciência e do mito*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Eizirik, C. L. (1997). Psychoanalysis and culture: Some contemporary challenges. *International Journal of Psychoanalysis*, 78(4), 789–800.
- Freud, S. (1996). Discurso perante a Sociedade dos B'nai B'rith. Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (2018). Moisés e o monoteísmo: Três ensaios. Em P. C. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 19). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939 [1934-1938]).
- Gay, P. (2012). *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. Brasil: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1988).
- Johansson, P. M. e Punzi, E. (2019). Jewishness and psychoanalysis: The relationship to identity, trauma and exile. An interview study. *Jewish Culture and History*, 20(2), 140–152. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1462169X.2019.1574429>
- Knoepfmacher, H. (1979). Sigmund Freud and the B'Nai B'Rith. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 27(2), 441–449. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/000306517902700209>
- Mezan, R. (1987). *Psicanálise judaísmo: Ressonâncias*. Campinas: Escuta.
- Mondrzak, V. Sprinz (2019). Verdade/mentira: Nós e as trutas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 26(1), 93–106.
- Montebéller, J., Warchavski, T., Guinsburg, J. e Berezin, R. (org.) (1967). *Histórias do povo da Bíblia: Relatos do Talmud e do Midrasch*. São Paulo: Perspectiva.
- Phillips, A. (2016). *Becoming Freud: The making of a psychoanalyst*. New Haven: Yale University Press. (Trabalho original publicado em 2014).
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud: Na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Scliar, M., Finzi, P. e Toker, E. (org.) (1990). *Do éden ao divã: Humor judaico*. São Paulo: Shalom.
- Whitebook, J. (2010). Jacob's ambivalent legacy. *American Imago*, 67(2), 139–155. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/aim.2010.0005>



O infantil como fundamento da subjetividade

O infantil não se restringe a um momento da vida. O *infans*, como indica o nome, não é falante e passa vários meses até o ser. Somente passados alguns anos, aos poucos, sedimenta a linguagem, sobre a base de outras organizações relacionais que existem desde o início da vida dos bebês, inclusive capacidades muito precoces de simbolização. A constituição subjetiva e a aquisição da linguagem são mais tardias, mas não muito, já que desde o começo, apoiada na relação parental, tem início a construção da subjetividade a partir da assunção de um lugar neste Outro.

Este caminho está descrito na obra de Freud e é retomado por Lacan ao afirmar que o ser passaria a existir a partir da assunção do significante. Um exemplo é o jogo do *fort-da* freudiano que Lacan transforma em par significante entre o qual se instala um sujeito. É assim que a pulsão impele para a repetição, buscando uma saída no universo de *lalengua* para adquirir uma linguagem, mecanismo fundante do inconsciente. A sexualidade está vigente a partir da origem do *infans* e vai se orientando progressivamente no desfiladeiro do significante. Assim vão sendo marcados os diferentes momentos de dominância oral, anal, o olhar e a voz, com todo o conjunto de acidentes que marca a trilha das fixações como fundamento da repressão. A primazia fálica emerge como *conquista* de enlaçamento ao que chamamos trânsito pelo Édipo. Édipo é um nome ficcional para nos referirmos a operações simbólico-imaginárias que dão conta da drama de alguma criação de parentesco. Mãe, pai e filho passam a ser um formato extremamente variável de acordo com a oferta cultural na qual se buscaria resolver uma ordem que contenha a pulsão, alguma interdição que possibilite a emergência do sujeito. Internalizar o limite é indispensável para sobreviver e também para não cair na dependência da proibição e sanção externas. É assim que a cultura, por via do parental, empresta elementos para construir a humanização

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

que não vem pré-formada. Progressivamente, internalizam-se as regras que permitem a aculturação. A psicanálise abriu todas as alternativas imagináveis antes que aparecessem as críticas ao patriarcado, que passaria a ser um formato arbitrário, ao qual se atribui de um modo perverso a qualidade de Nome do Pai. Do mesmo modo que a sexualização como consequência do destino da sexualidade não tem nenhuma categoria estabelecida. Família e aceitação de identidade sexual estiveram enclausuradas com um formato pré-estabelecido pela moral e pelas religiões, não pela psicanálise. Talvez sim por alguns psicanalistas que aderiram a morais vigentes. Lembremos que o orientador ético para Lacan, seguindo a Freud, é o desejo, ainda que este seja sexual, refere-se mais a encontrar os significantes disponíveis para apaziguar a exigência pulsional. Em função dessas considerações, a condição de *infantil* fica sujeita às convenções, sempre transitórias, dos critérios de época. Isso vale tanto para as culturas como para todas as definições “científicas”, sejam quais forem, já que, tratando-se de disciplinas que dizem respeito ao ser humano, estão sujeitas a convenções e paradigmas de época. Sirvam como exemplo as discussões de idade de imputabilidade jurídica ou a idade para o desmame na puericultura. Essa elasticidade relativa mostra que o infantil depende apenas parcialmente da evolução biológica, que evidentemente vai da falta de mielinização e precocidade altricial da criança humana até toda a coleção de desenvolvimentos maturativos, segundo Piaget, que são óbvios. No entanto, a ofensiva cultural pode tracionar os limites desses parâmetros, o que se efetiva por meio de práticas parentais disciplinares induzidas pelo regime imperante. Assim vemos desde imposição da alfabetização precocíssima até a prescindibilidade de toda a escolaridade, do mesmo modo que se rejeita todo tipo de vacinas ou assistências obstétricas apoiados em um naturalismo ortodoxo.

A proposta é hierarquizar o *infans*, não na linha de “*His majesty, the baby*”, mais ligada ao narcisismo e à atitude social ou à dos pais. Apesar da privação de uma linguagem instintual, o *infans* dispõe de uma quantidade de recursos pré-subjetivos que evitam que a inclusão na cultura seja o único que o subtraia do *Hilflosigkeit*. Isso nos leva a avaliar e tentar cuidar dos recursos originários para que não sejam arrasados pela aculturação. É comparável ao que observamos na antropologia quando se estudam os povos originários ou quando na história são abordadas épocas pré-históricas; descobrimos enormes quantidades de recursos mesmo antes da construção da linguagem e uma organização já histórica. No entanto, todos os momentos que emergem não são substituídos por momentos posteriores, mas sim consideremos uma contínua resignificação. Destaquemos uma inter-relação entre *Anlehnung* e *Nachträglichkeit*. O desenvolvimento é contínuo ao longo da vida, que inclui tendências reais alimentadas por qualidades biológicas e as fortes imposições culturais como condição de existência subjetiva. Em meio a isso está o narcisismo, que não deixa de exigir seu lugar nessa oposição entre o pulsional e o cultural. Nossa ideia é que a condição humana implica uma permanente disputa de tendências, em Freud fica claro “o mal-estar na cultura” e em Lacan “o que não cessa de não se inscrever” ou o “não há relação sexual”.

Lacan aponta três posições possíveis para a criança em relação à mãe – talvez tenhamos que dizer aos pais – : como objeto do fantasma, como falo e como sintoma. Cada uma dessas posições predispõe respectivamente à psicose, à perversão ou à neurose, ainda que talvez sejam posições universais nos progressivos momentos de interação com os pais ou inclusive lugares

que são outorgados à criança nos discursos sociais. Por exemplo, o fálico como “os únicos privilegiados são as crianças”, como objeto no filicídio ou como sintoma nas dificuldades escolares, como expressão da decadência cultural geral.

No avanço da constituição subjetiva, é inexorável a alienação do sujeito em uma determinada cultura. O gradualismo freudiano nos leva a pensar que a criança vai renunciando a seus gozos pré-genitais até alcançar a capacidade de encaminhá-los pela via da significação fálica. Esse último elo é o que a criança deverá superar para não ficar atada ao que Lacan denomina “gozo do idiota”. Somente a partir daí terá a possibilidade de agir no mundo como “adulto”. Para Freud, neste longo caminho que caracteriza o humano, haveria licenças para a condução da repressão; por exemplo, as mentiras infantis e as capacidades de fantasiar de forma lúdica. Também nessa linha se evidencia uma ativa pesquisa infantil baseada na experiência e um uso muito particular de todo saber estabelecido, sempre questionado. Mesmo sabendo, necessita verificar sua autenticidade. Um exemplo disso é a evolução do, assim denominado por Freud, complexo de castração; não basta a ameaça de deter o gozo fálico, é necessário verificar que alguns “não têm” para somente então, poder ceder. O real da excitação é sancionado pela proibição simbólica, mas só na verificação imaginária é que se estabelece o complexo.

Seguindo a Freud, a repressão induz uma espécie de latência medieval e tende a apagar – e, no melhor dos casos, encobrir – os antecedentes infantis. Talvez essas fases pré-repressivas tenham suas regras e potencialidades que conviria conservar. Ocorre, como na evolução antropológica ou nas sucessivas guerras de conquistas técnicas e religiosas, em que o posterior procura destruir, ou ao menos encobrir, o anterior. No melhor dos casos, incorpora o anterior deixando que influa no que vem. Inclusive vemos esse modelo na neurobiologia, na qual à medida que se desenvolvem funções evolutivas, apagam-se as anteriores; por exemplo, perdem-se amplas potencialidades perceptivas para se ajustar às experiências perceptivas que vão sendo oferecidas. Nessa linha mencionaria que os rastros mnêmicos não são apenas significantes, são também significados e incluem restos sensoriais. Evoco a carta na qual Freud descreve o destino do visto, do ouvido e do vivido expressos nos sonhos, nas fantasias e nos sintomas. Sempre essas experiências e vivências começam do início da vida e constituem o fundamento inicial da personalidade, do caráter e da subjetividade. São os pontos de ancoragem pulsional que, como fixações, configuravam os pilares da repressão, por conseguinte, o desenho das tendências pulsionais e desejantes.

Tomou um parágrafo da conferência 32 de Freud (1933 [1932]/1976a):

Nossa atitude para com as fases da organização da libido modificou-se um pouco, de um modo geral. Ao passo que, anteriormente, enfatizávamos principalmente a forma como cada fase transcorria antes da fase seguinte, nossa atenção, agora, dirige-se aos fatos que nos mostram quanto de cada fase anterior persiste junto a configurações subsequentes, e depois delas, e obtém uma representação permanente na economia libidinal e no caráter da pessoa.¹ (p. 75)

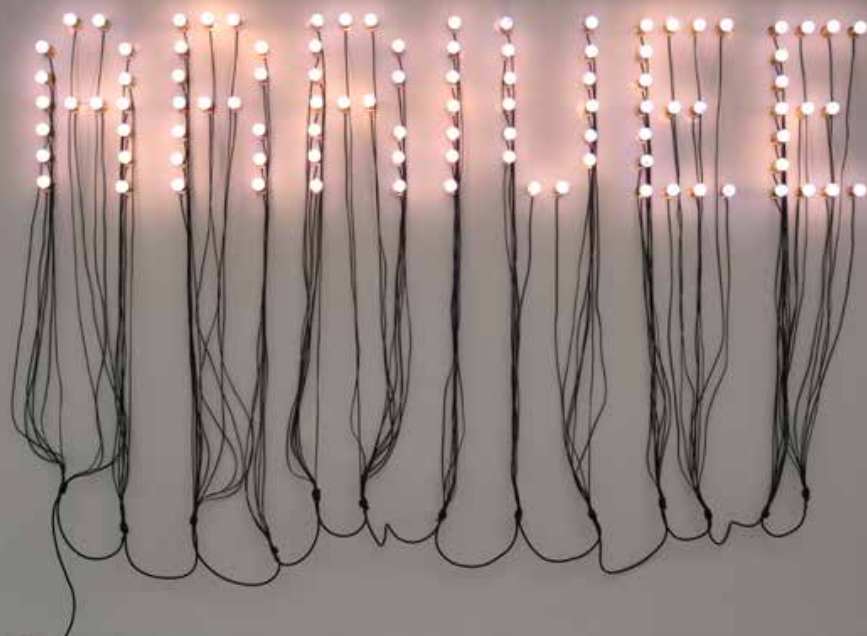
Esclareço que o conceito psicanalítico de repressão se refere aos me-

1. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 68 de: Freud, S. (1996). Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 55 - 75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/6nRse4E>

canismos que fundam o inconsciente e operam de um modo dinâmico, expresso nas produções subjetivas, sintomas, sonhos, transferência etc. As diferentes categorias de repressão abrangem desde a originária até as que derivam da resolução do Édipo e são parte de uma operação complexa que tem sua história na evolução do sujeito. Destaquemos que são categorias funcionais vigentes permanentemente, seguindo sequências lógicas e cronológicas em qualquer momento da vida. A isso somamos as propriedades moebianas da constituição do sujeito e, por conseguinte, do fantasma; assim comprovamos as permanentes interações entre a realidade e o real com o inconsciente como suporte do sujeito. Isso vai desde as qualidades do inconsciente que provém do Outro familiar e cultural, até as possíveis modificações segundo a vigência dos discursos onde se inscreve o sujeito. Isso faz com que os pilares do inconsciente, constituídos pelas fixações e o sistema de repressão, interajam com as incidências das mudanças discursivas culturais e históricas. Por tudo isso a repressão cultural suscitada por um determinado discurso estabelece valores que determinam o que se pode tolerar ou reprimir em cada sujeito. As qualidades do Superego, como instância de domínio estrangeiro interior, testemunham a direta conexão entre as leis de uma cultura e a repercussão subjetiva que produzem em cada habitante. Como ocorre com as leis, tudo depende de como sejam interpretadas e aplicadas. Muitos padecimentos derivam de serem demasiadamente baseados em uma interpretação parcial do que se pode ou não se pode, e isso advém do caráter sempre arbitrário da inscrição da Lei no Superego.

O pré e pós, repressivo e subjetivo, são o verso e o reverso do caráter pulsátil da operação psíquica inconsciente, que é regida pelos processos contínuos de resignificação. O prévio sempre opera como condição de possibilidade do posterior. Não obstante, podemos dizer que se é *infans* antes de ser *parlêtre*, e se continua sendo *infans* depois de adquirir a linguagem. No entanto, nos primeiros anos de vida as expressões pré-verbais são dominantes e muito evidentes.

Todos estes argumentos apenas esboçados nos levam à ideia de que o infantil perdura toda a vida, ainda que certas dimensões se encubram ou busquem ser apagadas pelo processo de repressão psíquica e cultural. Isso é evidente nos discursos e organizações sociais, quando se impõe a repressão por meio de ameaças e castigos. Em contrapartida, são produzidos fenômenos de massa, estados emocionais ou suspensão da repressão, como por exemplo, rebeliões, revoluções ou o que observamos como desregramento nas guerras. Assim se explicam certos fenômenos de regressão que levam a descargas diretas em qualquer movimento popular, ainda que também costumem nos maravilhar quando na arte ou na criatividade científica emerge uma ruptura que dá lugar a revoluções conceituais dirigidas pela operacionalidade desse criativo que consideramos infantil. Esses fenômenos de criatividade talvez só sejam possíveis quando se harmonizam as ferramentas histórico-culturais com uma disposição sublimatória que permite que a pulsão aproveite esses recursos simbólicos adquiridos. Assim vemos surgir um Michelangelo, um Bach, um Mozart, um Newton, um Einstein e uma contínua sucessão de gênios que dependem de sua época, sua história pessoal e uma capacidade sublimatória excepcional. No entanto, é importante considerar que isso não os torna necessariamente felizes, o que nos abre novos problemas sobre a dificuldade de que reparar algumas dimensões não resolve outras.



↑
Départ - Arrivée, 2015
Christian Boltanski
86 Red light bulbs, 99 blue light bulbs, electric wire
185 x 283 cm and 190 x 305 cm
Courtesy: Christian Boltanski Studio and Marian Goodman Gallery
©Christian Boltanski, Licensed by ADAGP
Photo credit: Rebecca Fanuele

Consideremos que as linhas esboçadas, que requereriam um desenvolvimento mais extenso, vão nos levando a ideias sobre o perdurar do infantil, que além de ser inevitável, enriquece e enche de potencialidade a condição humana. Provavelmente a hierarquização do conceito de experiência trabalhado por Walter Benjamin (1950/1982) e que agamben (1979/2001) continua, defenda essa dimensão abrindo um novo sentido à necessidade lúdica experimental e experiencial como caminho para a criação. E, justamente, se volte a propor a luta cultural para suprimir o infantil educado em extremo, com o óbvio risco, parafraseando a Freud, de “jogar fora a criança junto com a água do banho”. Mas, por outro lado, sem certas afirmações simbólicas de axiomas rígidos, não se constrói uma disciplina artística, científica ou social. Justamente, é o infantil que sempre denuncia que, não havendo um instinto que nos guie, por que não se inventar a cada momento fazendo, experimentando e divertindo-se com aparências carnavalescas. Consideremos todo o tipo de divertimentos aos quais a sociedade se dedica, parodiando o brincar infantil cotidiano, o que vemos em crianças que não estejam deprimidas ou subjugadas. Agamben aproveita o desenfrear do lúdico – que muitas vezes não se diferencia da algazarra dos jogos e festejos infantis –, das crianças não alienadas em um discurso que incrementa a repressão, para nos introduzir ao infantil como recuperação do conceito de experiência, seguindo ele, perdido culturalmente na Primeira Guerra Mundial.

Uma pergunta imprescindível que nos diz respeito como analistas é o que sustenta a cansativa tarefa de analisar, a não ser a pulsão pela via da curiosidade infantil. Logicamente que sustentar o desejo do analista requer mais alicerces do que dar satisfação a nossos ouvidos, a nossos olhos ou qualquer sensorialidade da experiência analítica. No entanto, para que essa perseverante tarefa tenha algo de prazeroso, necessita da sublimação dessa curiosidade na busca de sentido no relato do analisante. Sem essa curiosidade e, especialmente, a conservação dessa posição

não preconceituosa e o mais desavisada possível, como observamos na pesquisa infantil, é difícil descobrir coisas que não sabíamos, inclusive a possibilidade de sustentar um *quantum* de insatisfação para relançar muitíssimas vezes a escuta, como a criança lança muitas vezes uma bola sabendo que não fará um gol. E ainda que faça um gol, volta a lançá-la. Sabemos que a essência do jogo é perder ainda que esteja disfarçada do afã de ganhar. Assim, compreendemos a dominância da pulsão com sua qualidade de morte como traço principal. Um modo de compreender a qualidade de morte é a repetição. Uma essência da cena analítica como espaço experiencial é a repetição, talvez o menos ritualizada possível, de relançar o desejo do analista para localizar o desejo do analisante. E é na ausência da possibilidade desejante do analisante que se pode dar oportunidade a que se construa.

Sem fazer apologia do infantil, reconheçamos que os pilares ativos do que somos provêm dessa fonte. Assim, seguindo Freud, é também de onde provêm os sonhos e onde se apoia o núcleo de nosso narcisismo. É ainda daí que provêm os traumas que nos marcam, criando os ritmos e as modalidades de toda nossa vida. É essa a origem do Desejo com sua qualidade sexual e edípica. Da mesma forma, toda neurose adulta está antecedida pela infantil.

À medida que a psicanálise foi se construindo e aprofundando os fatores mais determinantes das qualidades e dos conflitos na vida, foi deslocando os saberes ao mais precoce. Assim aconteceu com a origem da subjetividade, do Édipo e das primeiras conformações egoicas, e também com a criação das bases da identidade sexual. Não quer dizer que o posterior não tenha incidência, ainda que a terá conforme altere o equilíbrio que se conquista nos primeiros momentos da vida. Compreender as séries complementares freudianas é admitir que a base da equação sobre o constitucional e a história aponta para a infância, e o fator desencadeante é o circunstancial atual. Provavelmente, o autêntico limite – parafraseando o leito de rocha – talvez seja essa base originária infantil que se refere à castração como empecilho de mudança ou obstáculo da análise.

Uma evidência da potencialidade infantil é a geração que vai sendo denominada de *millennials*, formada por indivíduos que são caracterizados como nativos digitais, diferentemente daqueles que tem que adquirir, aprender com maior dificuldade e limitações o uso de redes, dispositivos e programas de informática. É óbvio que o momento no qual se incorpora uma linguagem ou conhecimento precoce, aproveita-se a janela que o infantil oferece e isso sedimenta como base das capacidades posteriores. No entanto, naqueles que não pertencem aos *millennials* e existem capacidades criativas e de aprendizagem, talvez se conserve a liberdade lúdica que as crianças apresentam.

A capacidade de imaginar, criar e fantasiar, que é tão óbvia na infância, provavelmente é o que facilita a plasticidade para incorporar novas habilidades e conhecimentos. Talvez, submersos nesse tema, teríamos que considerar em que medida a capacidade de se analisar e analisar depende da expressão dessas dimensões pré-repressivas de um modo sublimado, levando em consideração que seja adequado a um sentido de transformação tão próprio da disposição infantil, nesse sentido, explorar, experimentar e se transformar com uma liberdade ainda não restrita pelos imperativos morais e culturais.

Por último, levemos em consideração que o novo emerge pelos jovens

e pelas crianças; devido à carência de inibições e seu contato com as variações do Outro, elas trazem as novidades. Não é somente por necessidade de se diferenciar dos adultos, mas por sua proximidade mais livre para ser atravessados pelas transformações do simbólico. O grande Outro não é criado apenas por fósseis decantados de gerações anteriores, também vai sendo criado e nutrido pela operacionalidade permanente da espécie que continua produzindo significantes. Talvez também transformando-se e recombinando-se, enquanto for apoiado por seres falantes; esse apoio como agentes de mudança é dado pelos sujeitos que se originam e crescem. Biologicamente, estamos sujeitos a um programa genético inexorável a ser percorrido por cada pessoa que se incorpora a uma sociedade. A evolução cultural não está sujeita tão rigidamente a um programa pré-estabelecido, temos que aspirar a alguma esperança de mudança na qual melhore a qualidade do discurso social para cuidar das potencialidades da espécie. No entanto, há uma típica tendência à repetição de certos fracassos, que, diferentemente do que ocorre com as crianças “saudáveis”, não parecem deixar uma aprendizagem. À típica afirmação bioniana de aprender com a experiência, talvez acrescentaria freudianamente *para não repetir*; isso requer defender a alegação de Benjamin de sustentar a possibilidade da experiência. E para não deixar Lacan de fora, digamos que em *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise* (1971/2009), discurso de lançamento de seus ensinamentos, menciona 51 vezes a palavra *experiência*. É um modo de evitar a imposição de um saber que apague a possibilidade de experimentar com liberdade para não estereotipar o infantil e anular a possibilidade de mudança.

Resumo

O trabalho propõe que o infantil está vigente ao longo de toda a existência, expressando-se de diferentes modos em cada idade. Relaciona o *infans* com o pré-repressivo e propõe os destinos posteriores à repressão. O pré-verbal subjaz e se articula com o verbal, outorgando possibilidades à criatividade. Tudo isso está condicionado pela cultura e pelos paradigmas vigentes. Citando ideias de Agamben e Benjamin, o infantil é apresentado como a fonte de toda experiência. O lúdico evidencia sua operatividade, tanto na infância como nas sucessivas etapas da vida. Situa a tarefa analítica, tanto do lado do analista, como do analisante, como expressividade desse motor infantil associado com a capacidade sublimatória. O infantil seriam os recursos essenciais para renovar e enriquecer a cultura. O Outro estaria em uma constante transformação, e as novas criações se evidenciam nos mais jovens e também são propiciadas por eles.

Palavras-chave: *Experiência, Repressão, Sublimação. Candidata a palavra-chave: Infantil.*

Abstract

The article suggests that the infantile is present throughout the entire existence of a person, expressing itself in different ways at each age. The author links the *infans* with the pre-repressive and proposes the destinations after the repression. The preverbal underlies and is articulated with the verbal, providing possibilities for creativity. All this is conditioned by the culture and current paradigms. Quoting ideas from Agamben and Benjamin, the infantile condition is presented as the source of all

experience. Playfulness shows its operation both in childhood and in the successive stages of life. The author places the analytic task, both on the side of the analyst and that of the analysand, as the expressiveness of this infantile motor associated with the sublimatory capacity. The infantile would be the essential resources to renew and enrich culture. The Other would be in constant transformation and new creations are evident in the youngest and are also contributed by them.

Keywords: *Experience, Repression, Sublimation. Candidate to keyword: Infantile.*

REFERÊNCIAS

- Agamben, G. (2001). *Infancia e historia*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo. (Trabalho original publicado em 1979).
- Benjamin, W. (1982). *Infancia en Berlín hacia 1900*. Madrid: Alfaguara. (Trabalho original publicado em 1950).
- Bion, W. (1987). *Aprendiendo de la experiencia*. México: Paidós.
- Freud, S. (1976a). 32ª conferencia: La angustia y la vida pulsional. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 22). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).
- Freud, S. (1976b). El interés por la psicología evolutiva. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 13). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (1976c). Introducción del narcisismo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1976d). Los orígenes del psicoanálisis (correspondencia con Fliess y "Proyecto de psicología"). Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950 [1887-1902]).
- Freud, S. (1976e). Más allá del principio del placer. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1976f). Tres ensayos sobre teoría sexual. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Lacan, J. (1987). *Nota sobre el niño*. El Analítico, Psicoanálisis con niños. Correo Paradiso. Barcelona.
- Lacan, J. (2006). *El seminario de Jacques Lacan, libro 20: Aun*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (2009). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. Em T. Segovia (trad.), *Escritos I* (pp. 231-309). México: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2012). *El seminario de Jacques Lacan, libro 19: o peor*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1971-1972).
- Peskin, L. (2003). *Los orígenes del sujeto y su lugar en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Peskin, L. (2008). Psicología evolutiva y psicoanálisis: Observación de bebés y el vínculo con sus madres. Em C. R. Schejtman (comp.), *Primera infancia: Psicoanálisis e investigación*. Buenos Aires: Akadia.
- Peskin, L. (2015). *La realidad el sujeto y el objeto*. Buenos Aires: Paidós.



A propósito da branquitude em nossa clínica com crianças e adolescentes



↑
Ni vencedores ni vencidos
Hugo Aveta

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.

As caravanas

É um dia de real grandeza, tudo azul
Um mar turquesa à la Istambul
enchendo os olhos
Um sol de tomar os miolos
Quando pinta em Copacabana
A caravana do Arará, do Caxangá, da
Chatuba
A caravana do Irajá, o comboio da Penha
Não há barreira que retenha esses
estranhos
Suburbanos tipo muçulmanos do
Jacarezinho
A caminho do Jardim de Alá
É o bicho, é o buchicho, é a charanga
Diz que malocam seus facões e adagas
Em sungas estufadas e calções disformes
É, diz que eles têm picas enormes
E seus sacos são granadas
Lá das quebradas da Maré
Com negros torsos nus deixam em
polvorosa
A gente ordeira e virtuosa que apela
Pra polícia despachar de volta
O populacho pra favela
Ou pra Benguela, ou pra Guiné
Sol, a culpa deve ser do sol,
Que bate na moleira, o suor
Que estoura as veias, o suor

Que embaça os olhos e a razão.
E essa zoeira dentro da prisão
Crioulos empilhados no porão
De caravelas no alto mar
Tem que bater, tem que matar, engrossa
a gritaria.
Filha do medo, a raiva é mãe da covardia
Ou doido sou eu que escuto vozes
Não há gente tão insana
Nem caravana do Arará
Não há, não há
Sol, a culpa deve ser do sol,
Que bate na moleira, o sol...
Que estoura as veias, o suor
Que embaça os olhos e a razão
E essa zoeira dentro da prisão
Crioulos empilhados no porão
De caravelas no alto mar
Ah, tem que bater, tem que matar,
engrossa a gritaria.
Filha do medo, a raiva é mãe da covardia,
Ou doido sou eu que escuto vozes
Não há gente tão insana
Nem caravana
Nem caravana
Nem caravana do Arará.
Chico Buarque, 2017¹

Vinheta clínica 1

Estou em sessão com uma garota de dez anos. Estamos brincando sobre a mesa, ela displicentemente derruba vários objetos no chão. Diz-me autoritariamente:

Ela: Vai, pega!

Eu: Ué, quando eu derrubo, eu pego. É importante a gente cuidar da própria bagunça.

Ela: Eu não preciso cuidar não. Eu pago pra alguém pegar!

Experimento um enorme desconforto, a mãe dela me paga e ela me colocou no rol das pessoas que estão em seu entorno para servi-la? Demoro um tempo para me recuperar, conter reações de raiva ou de subserviência. Digo que estamos ali justamente para pensar em tudo isso: nas bagunças, no cuidado, na responsabilidade de cada um.

Acrescento que sua mãe me paga para ajudá-la a pensar, inclusive no medo que dá ficar por baixo, medo de ser aquele que suja as mãos, mas que não me paga para eu obedecê-la. Ela fica bem contrariada, empina o nariz e diz que não vai pagar nada.

Vinheta 2

Minha pacientezinha de onze anos passou um mês na Europa, na sua volta, conversamos animadamente sobre as férias e sua viagem.

Ela: Mas Paris não foi legal não, tá suja... Minha mãe falou que era muito mais limpa, não tinha tanta gente. Nossa! Tá tão cheia, tão cheia daquela gente... Você acredita que eu vi um africano de verdade?
Eu: É mesmo?
Ela: É, africano! De verdade!
(Me parece que estou ouvindo falar de um animal exótico)
Eu: Africano, mas era gente né?
(Assusto-me com minha pergunta, que saiu como um reflexo)
Ela titubeia e diz: É... era.

Vinheta 3

Passo agora a relatar três experiências que pareceram réplicas uma da outra. Foi na quarentena, trata-se dos atendimentos *on-line* de duas adolescentes, uma de quatorze e a outra de quinze anos, e de uma criança de nove anos. As três possuem uma organização que permite que façam as suas sessões em seus quartos, com as portas fechadas. São situações em que há noção de privacidade. Foi assim em três sessões distintas: em determinado momento da sessão, ouço um barulho e vejo um vulto passar atrás de cada uma delas. Nenhuma das três fez qualquer movimento ou emitiu qualquer som ou palavra que expressasse incômodo (o que já havia acontecido quando alguém da família entrou no quarto). Eu, do outro lado da tela, fico incomodada e pergunto: “Entrou alguém aí? Que barulho é esse?” As respostas foram muito semelhantes: “Ah, é a fulana...” e continua a conversa. Mas eu interrompo: “Quem é a fulana?” e recebo como resposta: “É a moça que trabalha aqui em casa”. Eu tento registrar o incômodo: “Eu me assustei, entrou alguém em nossa sessão!”. O que vejo na tela é uma expressão de indiferença, tipo: “Não foi nada, toca o bonde”. Fico com um desconforto para digerir e, de repente, à noite, após a terceira vez em que aconteceu, eu consigo pensar: essas pessoas são invisíveis! As respostas das três garotas denunciam algo assim: “Não é ninguém!” “Vamos continuar nosso assunto.” Por isso, elas podem entrar e sair do quarto, guardar uma roupa ou pegar algo para ser limpo, sem que causem incômodo ou necessidade de parar a sessão. E mais, elas também parecem se sentir invisíveis, entram silenciosamente e saem, como se não existissem. Na sessão com a criança, eu faço questão de dizer: “Ah, a X está aí, ela cuida da sua casa, cuida de você e de seu irmão?”. Nesse momento, a X passava perto do computador e deixa de ser invisível; olha para a tela e sorri para mim. Vale ressaltar que essas três meninas são capazes de consideração pelo outro e, imagino, gostam das funcionárias que cuidam das suas casas. Não se trata aqui da expressão de falta de consideração ou de afeto, mas de um olhar lançado de um lugar de suposta superioridade a um outro cujo lugar é aquele de quem precisa deixar tudo em ordem, *sem chamar a atenção*.

Quem é esse outro?

Há três planos em que essas situações podem ser abordadas: o intrapsíquico, como uma expressão de relações internas de objetos, onde com-

parecem a subjugação de um pelo outro, elementos sadomasoquistas, a manipulação do outro ou a violenta anulação de uma existência. Há um plano intersubjetivo em que ocorre uma experiência a dois, e na transferência-contratransferência acontecem fenômenos importantes para a análise: na primeira vinheta um convite a uma experiência de submissão e para a analista se deixar controlar e dominar; no segundo, o desconforto e susto da analista podendo expressar uma certa identificação com o estranho, com “aquela gente” que suja a praça... O estranho (Freud, 1919/2010) surge nas sessões *on-line* também: um vulto silencioso, de que se trata? Haveria algo de estranho entre mim e cada uma delas nessas sessões?.

Muitas questões podem ser levantadas e analisadas a partir desses planos intra e intersubjetivo. Mas há um terceiro plano, em que entram as representações veiculadas pela cultura e inscritas precocemente no inconsciente de cada um: as várias situações denunciam que nós somos divididos entre aqueles que pagam e aqueles que servem e se curvam a esses primeiros. Há humanos e subumanos, inclusive há humanos ou *quase-humanos* invisíveis. Os planos intra e intersubjetivos configuram terrenos familiares, onde exercemos nossa capacidade analítica à exaustão. Mas esse terceiro, onde os sentidos se constroem na família e na coletividade e atravessam gerações, terá algo a ver com psicanálise?

Em 2019, participei de uma mesa redonda no congresso da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), cujo tema era *Psicanálise e comunidade: O psicanalista fora de casa*. Alice Lewkowicz, da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), trouxe o tema da branquitude como a questão que nos desalojaria e nos tiraria de casa (Lewkowicz, Goldstein, Brandão e Secco, 2019). Essa apresentação realmente me desacomodou e inquietou. Ela pergunta:

Será que somos capazes de sair da casa que nos acomoda na posição tão familiar (*Heimlich*) (Freud, 1919/2020) de “indignados contra o racismo” para nos vermos no meio da rua onde o encontro com os corpos negros nos provoca o estranho desconforto (*Unheimlich*) que nos faz atravessar a rua com medo de ser assaltados?

Branquitude

Enfrentemos então a provocação de Lewkowicz e passemos a buscar compreender o conceito de branquitude (Lewkowicz, Goldstein, Brandão e Secco, 2019). Este é um conceito que recentemente tem se tornado mais conhecido em nosso país e que diz respeito à identidade dos sujeitos identificados como brancos, identidade esta sustentada pela ideia – compartilhada e transmitida de geração a geração – de um *eu ideal superior*. É um conceito que surge entre os campos das ciências sociais, da psicologia social e da psicanálise. A psicanálise tem importante papel nesses estudos, pois auxilia na compreensão de fenômenos que possuem uma dimensão inconsciente e transgeracional. Quando falamos sobre racismo, a tendência é falar dos negros e da negritude, o que expressa a ideia de que o problema do racismo diz respeito aos negros e depende então deles para ser pensado e resolvido.

Mas não, este é um problema nosso, de todos, de como nos enxergamos e de como construímos, ao longo da história, uma ideia de que o

branco seria o modelo de homem universal. Iray Carone, importante pesquisadora da psicologia social da Universidade de São Paulo (USP), traz à luz o papel desempenhado pelos brancos na ideologia da branquitude, seus pactos, seus medos, seus silêncios e, principalmente, os privilégios conquistados com o recalque e exclusão produzidos na população negra por essa ideologia (Carone e Bento, 2012).

O branco seria o modelo de homem ideal a ser almejado e alcançado por todos, o que foi explicitado no quadro que ilustra este trabalho. A *Redenção de Cam*, obra do pintor Modesto Brocos (1895), seria a exaltação à política de branqueamento implementada no Brasil em meados do século XIX. Da senhora mais velha, talvez a avó da criança, até o bebê (para quem o homem parece olhar com orgulho) há um branqueamento gradual, passando pela mãe mestiça. E o nome do quadro destaca que há uma redenção no processo de branqueamento. Redenção com relação a quê? Qual seria o crime ou a culpa carregada pelos negros? De que eles precisariam se redimir? Seria, por meio do branqueamento progressivo através das gerações, a absolvição de uma *raça amaldiçoada*: a descendência de Cam, filho de Noé, que, no livro do Gênesis, é amaldiçoado pelo pai. A história de Cam, a despeito de seu simbolismo bíblico, foi interpretada à revelia pelo racismo do século XIX, no qual o pintor estava envolto. O *escurecimento* dos descendentes de Cam teria desembocado na *raça* negra africana, que poderia ser redimida por meio da mistura com a *raça* branca europeia (Domingues, 2002).

Tratava-se aí de ver na mistura dos imigrantes brancos com os mestiços brasileiros, a operação por meio da qual se daria a regeneração da *raça*, produzindo-se um povo homogêneo. A entrada de sangue branco e a consequente depuração do sangue negro pela mestiçagem garantiriam, assim, a correção dos componentes étnicos que fundaram o Brasil, produzindo um “tipo” racial brasileiro mais eugênico, porque possuidor de maior quantidade de sangue branco. Esse futuro tipo brasileiro teria como principal virtude fornecer um patamar mais elevado sobre o qual o povo brasileiro construiria sua unidade racial e cultural, e também garantir uma evolução futura do país pela melhoria dos tipos raciais que o compunham. (Ramos, 1996, p. 61)

Lélia Gonzalez (31 de outubro de 1980) descreve que aos negros são associadas características como: irresponsabilidade, incapacidade intelectual e ciancice. “Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha” (p. 226). Ditos populares como: “Negro parado é suspeito, correndo é ladrão” denunciam ostensivamente essa mentalidade. Em contrapartida, os brancos seriam responsáveis, inteligentes e trabalhadores e essas representações estariam enraizadas em nossa mentalidade enquanto grupo social.

Schucman (2012/2017) define a branquitude da seguinte forma:

A branquitude é entendida aqui como uma construção sócio-histórica produzida pela ideia falaciosa de superioridade racial branca, e que resulta, nas sociedades estruturadas pelo racismo, em uma posição em que os sujeitos identificados como brancos adquirem privilégios simbólicos e materiais em relação aos não brancos. (p. 7)

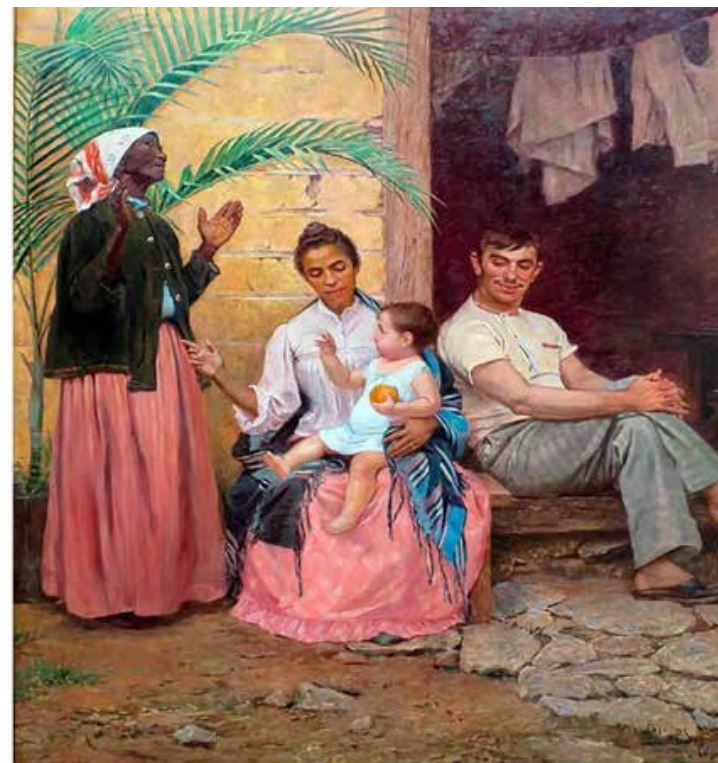
Esses privilégios precisam se sustentar ao longo do tempo e das

gerações, e parecerem naturais é a forma mais eficaz disso acontecer. A psicóloga Maria Aparecida Bento (2002) discorre a respeito do pacto narcísico entre brancos, que necessariamente se estrutura na negação do racismo e desresponsabilização pela sua manutenção. Por isso não é nada fácil nos abriremos para essas ideias. Se, há várias gerações, compartilhamos um pacto narcísico estruturado em negação e desresponsabilização, como haveremos de ser receptivos a tais proposições? Decerto, nossa tendência inicial é rechaçar tais ideias.

Schucman (2012/2017) acrescenta ainda:

Dessa forma, o contexto multirracial brasileiro propicia mediações bastante diferenciadas para a constituição de sujeitos e, portanto, para a subjetividade de brancos e não brancos. A marca dessa diferença e dessa desigualdade perpassa toda a socialização de tais indivíduos, na casa, na escola, na rua, e todos os espaços públicos são marcados pela supervalorização da branquitude e pela preferência do branco em relação ao não branco. [...] Isso porque a crença na democracia racial isenta a sociedade brasileira do preconceito e permite que o ideal liberal de igualdade de oportunidades seja apreçoado como realidade. (p. 14)

Segundo Kilomba (2008/2019), no racismo a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial. O sujeito negro se torna aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado: o inimigo intrusivo. A parte cindida, rejeitada e malévola do Eu é projetada sobre esse outro, depositária da violência, da indolência e da malícia. Cisão e projeção estariam então na base das relações raciais brasileiras, mas encobertas por negação e silenciamento.



←
A redenção de Cam
Modesto Brocos
1895

A invisibilidade

Em seu livro *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*, Miriam Debieux Rosa (2016/2018) discute que clínica psicanalítica e política são termos inicialmente concernentes a campos diferentes, mas argumenta que somente a psicanálise pode explicitar a “articulação do sujeito com o gozo, o desejo, o saber e a verdade nos laços sociais” (p. 23). Segundo ela, nos cabe investigar a dimensão inconsciente presente nas práticas sociais e esclarece que determinada época produz discursos que indicam os modos de pertencimento possíveis para cada sujeito, atribuindo – a cada um – valores, lugares e posições no laço social. A questão é que tais discursos procuram naturalizar essas atribuições e dar invisibilidade a conflitos e embates nos campos sociais e políticos. Isso pode fazer com que o fracasso recaia sobre os indivíduos, patologizando ou criminalizando suas saídas e, por outro lado, pode inflar o seu narcisismo, “de modo que lhe pareça natural a distribuição perversa dos bens e do gozo, e a submissão do outro à posição escravizada” (p. 24).

Tentando integrar essas colocações com a questão da branquitude, tendemos a achar natural que as coisas sejam como são, afinal é comum pensarmos que cada um tem seu lugar na sociedade. Pois é, e como nos mostram trabalhos como o de Fernando Braga da Costa (2008), o lugar de muitos é o não-lugar. Costa fez uma pesquisa que desvelou a invisibilidade de determinadas profissões em nossa sociedade. Ele assim define invisibilidade social: “espécie de desaparecimento psicossocial no meio de outros homens” (p. 10). O pesquisador realizou um trabalho etnográfico, trabalhando ele mesmo como gari no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Ipusp), e constatou que, com o uniforme e a vassoura, os colegas que antes interagiam com ele, não o reconheciam, nem notavam sua presença.

O trabalho tão frequente, entre nós, de empregada doméstica, também apresenta essa característica de invisibilidade (Gonzalez, 31 de outubro de 1980) e remonta fortemente ao trabalho dos escravizados que faziam os serviços domésticos na casa grande. Esse trabalho doméstico, de cozinhar, limpar a casa e cuidar dos filhos da patroa (a “sinhá” da casa grande de então) era considerado um privilégio, pois era um serviço menos pesado que o da lavoura e dava o direito ao escravizado de dormir em uma senzala menor e em condições um pouco menos precárias que as da senzala maior. Essa condição de trabalhador doméstico foi se constituindo com grandes complexidades e ambiguidades: escravizados eram trazidos para a intimidade da convivência em família, as crianças viravam companhia para brincar com os filhos dos donos da terra; as meninas, ao se tornarem mulheres, eram cobiçadas pelos patrões e muitas eram asediadas e estupradas; as negras eram obrigadas a serem amas de leite dos bebês recém-nascidos da *sinhá* – tendo muitas vezes que deixar seus próprios filhos sem alimento, sendo que algumas eram obrigadas a abortar quando engravidavam (da Silva Telles, 2018). Uma trama complexa de afetos e fantasias na formação cultural do brasileiro. Gonzalez (31 de outubro de 1980), a partir da psicanálise, afirma que o racismo constitui a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Ela apresenta a figura da mucama como aquela que sintetiza essa neurose: prestava serviços domésticos e, ao mesmo tempo, servia sexualmente ao patrão. As cisões operando no coração da família brasileira: a branca era para ca-

sar e a negra era com quem o desejo e as fantasias sexuais do *sinhô* poderiam ser realizados. Com relação aos cuidados das crianças, o afeto e os cuidados mais íntimos também eram relegados às babás negras.

Gonzalez afirma com ironia que a mucama era “a mulher” e a “Bá” (como eram chamadas as babás) era a mãe, sendo que a dona da casa ficava apartada então das trocas afetivas. Seria a invisibilidade uma formação reativa, uma tentativa de apagamento de uma figura – cuja importância inflava no seio da família – carregada de ambiguidades?

Podemos acrescentar à invisibilidade, o silenciamento. Grada Kilomba (2008/2019) dá um grande destaque a isso em sua obra. Ela traz o exemplo emblemático da escrava Anastácia e sua máscara como expressão de um processo de silenciamento do povo negro. Podemos pensar que nossa sociedade foi fundada na escravidão e que o não-lugar de invisibilidade e silenciamento vai sendo relegado, ao longo da história, aos sujeitos em situações de desfavorecimento, havendo um entrelaçamento de questões referentes à raça, situação socioeconômica e ainda de gênero.

A configuração edípica

Uma questão muito cara para nós, psicanalistas, é pensar como a pessoa consegue configurar dentro de si a situação edípica e, conseqüentemente, se consegue lidar com a alteridade e com as diferenças. Pensando nesta questão da branquitude, como ficaria a percepção do outro, se este outro pode estar entre os que considero *iguais* ou fazer parte *daquela gente*, que *naturalmente* deve ser excluída dos laços sociais? A elaboração da situação edípica implica em se poder lidar com o interdito, com os limites da vida e assim, poder renunciar (pelo menos em parte) a uma posição predominantemente narcisista. No texto de 1914, sobre o narcisismo, Freud traz a importância do narcisismo dos pais para a constituição do psiquismo da criança. “Sua majestade o bebê” (Freud, 1914/2004, p. 110) irá carregar todas as idealizações, expectativas e desejos do casal parental: “o Eu infantil se encontra agora de posse de toda valiosa perfeição e completude” (p. 110), o que formará então o “eu-ideal” – narcisismo primário, formado a partir das projeções parentais. O narcisismo dos pais constituiria assim as identificações primárias, recebidas passivamente pelo bebê, em um momento no qual o Eu (ego) ainda não teria condições de se apropriar ativamente das identificações recebidas. Segundo Paim Filho (2014), essas identificações fazem parte de inscrições poderosas em nossos psiquismos, que acionam o desenvolvimento (o narcisismo parental como que irá *acordar* as pulsões, no início passivas) e irão demandar grande trabalho psíquico de apropriação pelo eu da criança, encaminhando-se para se transformar em ideal do eu.

Mas esse eu-ideal, mesmo sofrendo transformações, manteria um núcleo onde persiste a fantasia de completude e plenitude. Como ficaria a questão do narcisismo, se trabalharmos com a ideia de termos, no mais profundo de nosso ser, a fantasia compartilhada de que fazemos parte de uma raça ideal? O pensamento de que somos melhores? Se pensarmos nas questões transgeracionais, essas ideias fariam parte de uma herança arcaica e profunda e podem configurar identificações alienantes e aprisionantes. A questão da branquitude parece acrescentar dificuldade à já difícil tarefa de passar de Narciso a Édipo.

E a nossa clínica?

Debieux (2016/2018) traz relatos de trabalhos muito relevantes com imigrantes, migrantes e refugiados e também experiências de grupos com adolescentes infratores. Ela chama a atenção para o papel subversivo de nossa clínica ao não desenraizar o sujeito de seu tempo, resgatando a memória na e pela experiência compartilhada. Desta forma, ela diz, o psicanalista incide sobre o enredamento nos processos de constituição e destituição do sujeito nos laços sociais. O seu trabalho se baseia, pois, na escuta dos sujeitos situados precariamente no campo social. Pergunto: e nós, com nossa clínica privada, temos algo a pensar nesse sentido? É claro que nossa responsabilidade social nos leva a pensar como propor e realizar projetos de cuidado psicossocial para populações vulneráveis, e isso é assunto para outro trabalho. No entanto, e a população que atendemos em nossos consultórios? Discorri sobre um modo de funcionamento que pode inflacionar o narcisismo dos sujeitos situados em situações de privilégio social, o que pode reforçar suas defesas contra as próprias precariedades psíquicas, que ficariam então projetadas nos grupos sociais vulneráveis.

O conceito de branquitude revela pactos narcísicos enraizados na constituição de nossa mentalidade e assim, nós, de nosso lugar de analistas, nos implicamos na questão.

Debieux nos fala da importância de não desenraizarmos o sujeito de sua realidade. Então, na função de psicanalistas, também não podemos ficar suspensos, desenraizados de nossos contextos socioculturais! Como transitar entre mundo interno e mundo externo sem perder profundidade? Como articular as questões individuais com as questões da dupla mais aquelas coletivas? Como fazer isso com pessoas que, ao contrário de estarem sem lugar, se encontram em lugares de privilégios nos laços sociais? Em nossas observações clínicas, e em nossas análises pessoais, estamos sempre muito atentos ao próprio narcisismo e às expressões do narcisismo de nossos pacientes e à qualidade dos vínculos: ao identificarmos que o sujeito se sente no direito de escravizar o outro (ou até vários outros) nos empenhamos em mostrar isso a ele. Sim, estamos sempre procurando narrar ao sujeito suas formas de estar no mundo, mas não é tão simples assim: estou tentando trazer ao nosso debate situações em que podemos ser capturados pelo pacto narcísico, gozar junto com nossos pacientes dessa condição de privilégios. De sermos, por exemplo, aqueles que não precisam se ocupar, nem se preocupar com a área de serviços da casa, lá para onde as sujeiras vão. A ideia de que nós somos os limpos e que aqueles *outros* (que ironicamente acabam limpando invisível e silenciosamente lugares públicos e privados) seriam os sujos e indesejáveis. Os depositários do que não gostamos e/ou não aceitamos em nós mesmos, os estranhos – aqueles que devem se abaixar para pegar o que caiu, aqueles que sujam as praças públicas, aqueles que são invisíveis e que simplesmente não existem, mas – que por outro lado – precisam estar ali para corroborar nossa suposta superioridade.

Vale a pena voltarmos às vinhetas iniciais: quando identifico que há pessoas invisíveis nas casas e que não incomodam a situação de privacidade das sessões, penso que meu papel é o de denúncia: denunciar a presença, denunciar a existência dessas mulheres, rerepresentá-las como integrantes da cena. Se a ideia da branquitude se sustenta em cisão e

projeção dos aspectos indesejados para dentro de outros em situações desfavorecidas, podemos pensar em uma clínica que busque a desconstrução de tais enredos. Nas duas primeiras vinhetas, identificamos a presença de uma mentalidade “Nós/Eles”, “os limpos/os sujos”. Como interrogar esses lugares instituídos e, sabemos, compartilhados pelos grupos culturais aos quais pertencem as pacientes e aos quais também pertencemos? Será possível, em um trabalho tão íntimo e singular como a clínica psicanalítica, promover uma desacomodação desses lugares instituídos e uma reinserção do sujeito na história das fantasias inconscientes compartilhadas pela dupla e pela cultura?

Poder refletir e falar sobre isso, colocar em circulação essas observações estranhas e ao mesmo tempo familiares a todos nós, pode ser um início de questionamento de como nossos mundos foram construídos, e o início de um processo de responsabilização por nossa história. Passamos da hora de nos interrogarmos a respeito desses lugares que ocupamos: fazemos parte de instituições psicanalíticas formadas quase que integralmente por brancos. Como podemos achar isso natural, em um país como o Brasil, com mais da metade da população constituída por negros? Será possível ainda acreditarmos que isso é fruto de mérito e não de privilégios simbólicos e materiais herdados por cada um de nós? Se for possível, como afirma Debieux, incidirmos sobre os processos de enredamento dos laços sociais, poder nos interrogar sobre tais questões pode ser um começo.

Resumo

A autora traz para o campo da psicanálise a discussão a respeito do conceito de branquitude. Faz deste conceito um objeto psicanalítico que pode ser apreendido na clínica psicanalítica, em especial, na clínica com crianças e adolescentes que apresentam manifestações espontâneas de atitudes mentais ligadas à ideia de uma superioridade do branco em relação a outras etnias. Relaciona essa atitude com questões narcísicas profundas, transgeracionais, recebidas por meio das identificações primárias. Propõe que nossa clínica possa tratar essas questões e trabalhar com as cisões decorrentes dessas identificações arcaicas ligadas às nossas raízes escravocratas.

Palavras-chave: *Clínica, Identificação Primária, Narcisismo, Narcisismo Primário.*

Abstract

The author brings to the field of psychoanalysis the discussion about the concept of whiteness, making it a psychoanalytic object, which can be apprehended in the psychoanalytic clinic, especially in the clinic with children and adolescents, who present spontaneous manifestations of mental attitudes linked to the idea of superiority of white people in relation to other ethnicities. She relates this attitude to deep transgenerational narcissistic issues, received through primary identifications and proposes that our clinic can deal with these issues and work with the splits arising from these archaic identifications related to our slave roots.

Keywords: *Clinic, Primary Identifications, Narcissism, Primary Narcissism.*

REFERÊNCIAS

- Bento, M. A. S. (2002). *Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/publico/bento_do_2002.pdf
- Brocos, M. (1895). *Redenção de Cã* [óleo sobre tela]. Museu Nacional de Belas Artes. <https://mnba.gov.br/portal/component/k2/item/192-reden%C3%A7%C3%A3o-de-c%C3%A3.html>
- Buarque de Holanda, C. (2017). As caravanas. Em *Caravanas* [CD]. Rio de Janeiro: Biscoito Fino. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6TtjniGQqAc&ab_channel=BiscoitoFino
- Carone, I. e Bento, M. A. S. (org.). (2012). *Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Costa, F. Braga da (2008). *Moisés e Nilce: Retratos biográficos de dois garis. Um estudo psicológico social a partir de observação participante e entrevistas*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-09012009-154159/publico/costafernando_do.pdf
- Debieux Rosa, M. (2018). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: FAPESP/Escuta. (Trabalho original publicado em 2016).
- Domingues, P. J. (2002). Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-930. *Estudos Afro-Asiáticos*, 24, 3, 563-599.
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. Em S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010). O inquietante. Em P. C. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Gonzalez, L. (31 de outubro de 1980). *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Trabalho apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho: Temas e problemas da população negra no Brasil, 6º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano* (J. Oliveira, trad.). Rio de Janeiro: Cobogó. (Trabalho original publicado em 2008).
- Lewkowicz, A. B., Goldstein, J., Brandão, L. A. e Secco, L. A. (2019). *A branquitude do analista dentro e fora de casa*. Mesa redonda: Psicanálise e comunidade. O analista fora de casa. 27º Congresso Brasileiro de Psicanálise. Belo Horizonte, Minas Gerais.
- Paim Filho, I. A. (2014). Totem e tabu: Um prêmio ao narcisismo (Sobre a sexualidade ampliada do complexo de Édipo). Em Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (org.), *Para uma introdução ao narcisismo: Reflexo e reflexões* (pp. 237-252). Porto Alegre: Instituto Pobres Servos da Divina Providência.
- Ramos, J. de Souza (1996). Dos males que vêm com o sangue: As representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. Em M. C. Maio e R. V. Santos (org.), *Raça, ciência e sociedade* (pp. 59-82). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Schucman, L. V. (2017). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. São Paulo: Fapesp/Annablume. (Trabalho original publicado em 2012).
- Telles, L. F. da Silva. (2018). Amas de leite. Em L. M. Schwarcz e F. dos Santos Gomes (org.), *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Rubén Zukerfeld* e Raquel Zonis Zukerfeld**

Calibán -
RLP, 19(1-2),
81-94
2021

Pandemia, potenciais inconscientes e desenvolvimento resiliente: O infantil e o humor

«

Introdução: A adversidade perfeita

*Eros move a mão que se estende na direção do outro —
mas mãos que acariciam também podem prender e esmagar.*¹
Zygmunt Bauman, 2005

Freud (1930/1973b) descreve as três grandes fontes da adversidade e do sofrimento humano dessa forma:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução [...] do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; [...] de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro.² (p. 3025)

Um livro de Junger (1997) que deu origem ao filme *A tormenta perfeita* serviu para introduzir na linguagem esta noção para aludir à conjunção simultânea de todos os fatores que a produzem e seus efeitos catastróficos. Nesse sentido, a pandemia de Covid-19 cumpre – em nosso entender – o lugar da adversidade perfeita porque, em primeiro lugar, existe uma ameaça desconhecida do mundo externo, em segundo lugar, um efeito sobre os corpos direto e fantasiado, e em terceiro lugar, o isolamento, a distância e a desconfiança nos vínculos. Essa conjunção tripartite se

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

** Cofundadora e docente do Instituto Psicossomático de Buenos Aires.

1. N. do T.: Tradução de Medeiros, C. A tradução desta citação corresponde à página 12 de: Bauman, Z. (2004) *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 2003).

2. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 50 de: Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 42-92). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/GbXieaB>

condensa no dia de hoje na noção de incerteza, gerando diferentes tipos de regressões e, especialmente, mecanismos paranoides. No entanto, também é observável avaliar como se ativam traços solidários e, especialmente, potenciais criativos. Essas últimas características fazem pensar que o traumático não teria apenas um efeito devastador, mas que poderia colocar em evidência estes potenciais que se expressariam de diferentes formas. Por isso, é bom revisar os núcleos duros de nossos fundamentos psicanalíticos (Paz, setembro de 2020), particularmente aqueles viciados de determinismos lineares, de preconceitos teóricos e de vieses clínicos, e, ao mesmo tempo, incluir nessa perspectiva a originalidade das descobertas freudianas. Nesse sentido, os objetivos deste trabalho são apresentar – a propósito da citada pandemia – a importância da noção de potencial inconsciente, processo terciário e desenvolvimento resiliente em sua relação com o infantil e com o humor. Trata-se, por fim, de revisar os vínculos significativos – especialmente, os dos pais com seus filhos em uma situação de confinamento –, naqueles em que Eros possa enfrentar a Tanatos com um sorriso para que no fim a aproximação das palavras – se não pode ser o das mãos – seja principalmente de carícias, as carícias próprias das relações transformadoras.

Potenciais inconscientes e processos terciários: Um modelo de transformação

*Não é tanto uma questão de os processos secundários dominarem os processos primários, mas antes, de o analisando poder fazer uso mais criativo da coexistência e assim fazer atividades mais elaboradas da mente, como faz na vida cotidiana. Talvez seja pedir muito.*³

André Green, 1979

Uma vez que consideramos a psicanálise e a psicoterapia psicanalítica como uma clínica e uma teoria da transformação, encontramos em sua história pelo menos com dois núcleos duros – clínico e teórico – dignos, por sua relevância, de serem problematizados.

Um deles – clínico e psicopatológico – é a noção de séries complementares, genial concepção freudiana que teve diversas revisões, mas que acreditamos que deixou flutuando no imaginário clínico o conceito de predisposição associado ao de fixação, termos com certo viés de determinismo linear. Um exemplo disso é a suposição – não necessariamente consciente – de que o vínculo primário determina o futuro do sujeito. Por outro lado, o pensamento complexo, que tanto colaborou para a teoria e clínica psicanalíticas, nos estimulou a pensar que seria melhor substituir a noção disposicional pela de *potencial inconsciente*, construído pelo fator constitucional em sua articulação com as experiências infantis.

O termo *potencial* (2020) faz alusão ao que tem ou encerra em si potência, e ao mesmo tempo ao que pode ocorrer ou existir, em contraposição do que existe, ou seja, o que tem a *possibilidade* de chegar a ser. Na verdade, diferentes autores pós-freudianos com maior ou menor explicitação utilizaram o termo.

3. N. do T.: A tradução desta citação corresponde à página 26 de: Green, A. (1986) *A psicanálise e modos comuns de pensamento*. Rio de Imago: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1979). Recuperado em: <https://cutt.ly/YbZ71LS>

Carl Jung em sua teoria sobre os arquétipos os define como *potenciais herdados* que são atualizados quando entram como imagens na consciência ou se manifestam no comportamento na interação com o mundo exterior. Os potenciais inconscientes são explorados e reintegrados ao si mesmo total em um processo que Jung chamou individualização (Mente & Comportamiento: Enciclopedia Digital de Psicología, 2020).

É importante destacar aqui que, na década de sessenta, Winnicott utiliza – de acordo com a pesquisa de Abello Blanco e Liberman (2011) – o termo *potencial herdado* e destaca que o verdadeiro *self* é “a transformação do potencial herdado e do gesto espontâneo a partir do encontro com outro em um ambiente de sustentação”⁴ (p. 181). Além disso, destacam que Winnicott aponta que “o potencial herdado em um ambiente que sustenta se converte em uma continuidade do ser” (p. 70), concepção que culmina quando afirma que “o potencial herdado pelo infante não pode se converter em um infante a menos que esteja vinculado com o cuidado materno” (p. 84).

Christopher Bollas (1989) – em relação ao *self* verdadeiro de Winnicott – sustenta que no que ele prefere denominar *idioma de nossa personalidade*, existe um conjunto de disposições orientadas geneticamente que constituem um potencial que depende do cuidado materno para sua evolução.

Em ambos autores se pode apreciar como subjaz a definição de *potencial* enquanto “potência” e “possibilidade de chegar a ser”, a partir do vínculo materno filial e sua capacidade de sustentação para o desenvolvimento do *self* ou do “idioma de nossa personalidade”. Por outro lado, ambos se ocuparam da possibilidade da criação, tema retomado por Piera Aulagnier (1983) em relação ao potencial, o possível e o impossível. Essa autora escreve que:

o termo “potencialidade” abrange, ao mesmo tempo, respostas que dão conta do poder de *invenção, de criação* do Eu, aquelas que lhe permitem evitar recorrer a “defesas sintomáticas”, e aquelas que sim apelam a defesas sintomáticas. (p. 66; as itálicas são nossas)

É evidente que Aulagnier põe em questão o que entendemos como *duas* possibilidades potenciais: aquelas nas quais se pode inventar e aquelas nas quais se apela a soluções transacionais. Em relação a esse aspecto, destacamos que Rafael Paz (2000), ao se ocupar de sua posição frente à concepção do inconsciente, escreve que:

O inconsciente se define não apenas pela negatividade de ser o que resiste à consciência, mas por constituir o regime de realização de sistemas psíquicos *dissociados e reprimidos* [...] a *questão do inconsciente se amplia como topos do potencial* tanto do realizado e coibido quanto do não realizado (potencial em sentido estrito). (p. 27; as itálicas são nossas e do autor)

Aqui já se marca a diferença entre o reprimido, “realizado e coibido” – o das “defesas sintomáticas” –, que entendemos como sistema representacional, com o dissociado, não realizado, que não apela a ditas defesas, no que se produz a invenção. Essa questão – acrescida à proposta por Winnicott e de Bollas – nos fez pensar que existem – como desenvolve-

4. N. do T.: Esta e as demais citações são tradução livre a não ser quando especificado algo em contrário.

remos mais adiante – dois potenciais inconscientes que necessitam de um adequado vínculo primário para se expressar, mas que constituem uma forma de pensar o inconsciente e, portanto, sua universalidade, sua permanência e suas vicissitudes singulares na clínica.

b) Outro dos núcleos duros de nosso pensamento psicanalítico é a caracterização de um modelo do psiquismo no qual convivem processos primários e secundários, que Laplanche e Pontalis (1967/1971) descrevem como “uma referência imutável do pensamento freudiano”⁵ (p. 313). No entanto, em 1972, André Green propõe a necessidade de criar um terceiro tipo de processos, que considera justamente terciários e que define como “o processo que *coloca em relação* os processos primários e os processos secundários de tal modo que os processos primários *limitam a saturação* dos processos secundários e os processos secundários *aqueles dos processos primários*”⁶ (p. 186, as itálicas são nossas). Essa colocação em relação se constitui em um equilíbrio instável, associado à constituição de um campo de ilusão descrito por Winnicott, que é então fundamental para compreender a criatividade e a criação no diálogo analítico. Nele, como destaca Green, “o trabalho do pensamento [...], consagrado ao exercício dos processos secundários, continua aberto a alguns processos primários que asseguram a irrupção da *intuição criadora* no momento mesmo de se exercer a *mais rigorosa racionalidade*” (p. 187, as itálicas são nossas). “Vários autores latino-americanos – citando ou não a Green – ocuparam-se do valor da “intuição criadora” instalada em relação com a “rigorosa racionalidade”. Entre eles, Luis Chiozza (1980) propõe a ideia de um processo terciário se referindo ao ingresso na consciência da amálgama de um processo secundário junto com um primário, e Augusto Escribens (1998) aponta – a partir do texto de Green – que a atividade psicanalítica não consiste apenas em substituir representações de coisa por representações de palavra. Por outro lado, Luis Hornstein (1993), tomando como protótipo as ideias freudianas sobre o chiste, alude a um princípio *mais além do princípio da realidade*, que entende como *princípio de criação*, e, a partir dali, propõe uma metapsicologia dos processos criadores. Esse conceito é solidamente desenvolvido por Héctor Fiorini (1995) que define a tópica criadora como aquele sistema capaz de organizar seu eixo a partir do trabalho de desorganizar o dado, de decodificar o codificado; desenvolve assim a noção de sistema criador vinculado com os processos terciários, aos quais outorga uma hierarquia fundamental.

Pode se dizer que Green – com certa raiz winnicottiana – está reformulando o campo analítico, tanto do ponto de vista do analista como do analisando. Tratar-se-ia de reflexões metapsicológicas muito próximas à clínica psicanalítica, nas que a ideia central seria que a dupla analítica funcionasse em processo terciário, ou seja, sempre incluindo e sempre equidistante dos processos primários e secundários freudianos. Desse modo, será jogado um jogo que implicará não apenas apontar repetições, mas desenvolver uma criatividade, produto do envolvimento intersubjetivo de

5. N. do T.: Tradução de Tamem, P. A tradução desta citação corresponde à página 372 de: Laplanche, J. e Pontalis, J. (1991) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967).

6. N. do T.: Tradução de Coelho, N. A tradução desta citação corresponde à página 190 de: Coelho, N. (2015). *Figuras da terceiridade na psicanálise contemporânea: suas origens e seus destinos*. Em: *Cadernos de Psicanálise*. (Vol. 37, pp. 175-195). Rio de Janeiro: Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://cutt.ly/mbCmvKn>

cada um dos integrantes da dupla analítica, com seus próprios processos primários e secundários. Aqui se abriria uma perspectiva transformadora, pois desse modo se ativariam os potenciais inconscientes em sua potência criativa e criadora. O vínculo materno-filial é o primeiro grande ativador, como escrevem Winnicott, Bollas e Piera Aulagnier – essa última, em termos de imposição da demanda materna.

Pensamos que neste vínculo o objeto materno invoca a pulsão em sua dimensão erótica-agressiva, mas também como apoio dos excessos pulsionais separados que não formam parte das vicissitudes de tramitação representacional. Quando nos referimos a *ativação de potenciais*, entendemos tanto os potenciais do inconsciente representacional em seus diferentes deslocamentos, inibições, e expressões como ativação de marcas psicossomáticas, modelos vinculares, sensações, formas da intimidade, que correspondem ao inconsciente não representacional, associado a memórias implícitas⁷. Isso significa que o outro do vínculo é tanto objeto da pulsão erótica e agressiva como apoio da pulsão. Desse modo – e esta é nossa proposta central – é que diferenciamos um potencial que denominamos *hermenêutico* de outro potencial que caracterizamos como *heurístico*. O primeiro é aquele que se *reativa* com o outro como objeto da pulsão (satisfatório ou demandante). O termo *hermenêutico* se refere à capacidade inconsciente de mascarar e decifrar as próprias produções psíquicas – as chamadas formações do inconsciente (v.g., sintoma, ato falho) –, colocando em evidência a *criatividade* intrínseca da mente humana. Trata-se do valor decisivo da fantasia, cujo modelo é o *sonho*, o produto intrapsíquico que outorgou universalidade às noções fundacionais de inconsciente e repressão.

Por outra parte, caracterizamos como potencial *heurístico* aquele potencial que se ativa no vínculo com outro como apoio daquilo não significado, que entendemos cindido do comércio associativo representacional. Alude à capacidade de invenção, ou seja, à de *criação* do novo a partir da citada criatividade e de um vínculo significativo.

O modelo subjacente aqui é o do *jogo*, exemplo paradigmático em Winnicott de uma criação intersubjetiva que constitui algo em ausência de um preexistente e que define inclusive o valor lúdico do trabalho psicanalítico em diversas circunstâncias. É possível pensar que a proposta de Green sobre os processos terciários e sua relação com o espaço transicional winnicottiano seja a condição para que o vínculo primário – a infância – *confluam o modelo fantasmático do sonho e sua criatividade e o modelo vincular do jogo e sua criação, ou seja, a ativação dos dois potenciais descritos*. Mas é importante enfatizar que ambos potenciais permanecem no núcleo do inconsciente toda a vida. Desse modo, e de acordo com o proposto neste trabalho, entendemos o *infantil como a permanência e possibilidade de expressão de ambos potenciais caso se encontrem com vínculos que funcionem em processo terciário, em qualquer circunstância vital*. No entanto, é necessário esclarecer que são diferentes as vicissitudes que ocorrem nas resoluções neuróticas – nas quais o potencial hermenêutico que mascarou o desejo inconsciente é o mesmo que facilita no vínculo transferencial, seu deciframento e sua elaboração – das

7. Nosso trabalho está referenciado na concepção teórica que sustenta a heterogeneidade do inconsciente e a coexistência entre os modos de produção do inconsciente reprimido-repressor representacional com os do que entendemos como inconsciente cindido não representacional, que corresponde à noção de inconsciente originário de Hugo Bleichmar (2001).

→
Personnes, 2010
Christian Boltanski
Monumenta 2010,
Grand Palais, Paris
Courtesy: Christian Boltanski
Studio and Marian Goodman
Gallery
©Christian Boltanski, Licensed
by ADAGP
Photo credit: Didier Plowy



circunstâncias próprias do trauma social e seus efeitos desorganizantes. Mas é aqui justamente onde o infantil – ou seja, os potenciais citados à espera de um vínculo de apoio – pode converter a adversidade no ponto de partida de uma transformação subjetiva, questionando determinismos lineares, ou seja, um desenvolvimento resiliente.

Talvez seja pedir demais, como escreve o Green da epígrafe, mas este desenvolvimento existe e acreditamos que a psicanálise tem muito que dizer a respeito.

Desenvolvimento resiliente: O contraintuitivo possível

Para metamorfosear o horror é preciso criar lugares onde se expresse a emoção [...] a transformação ocorre apenas caso se possa esboçá-la, colocar em cena, converter em relato ou em reivindicação militante.

Boris Cyrulnik, 2001

O termo *resiliência* é usado pela primeira vez no âmbito psicossocial por Werner e Smith (1982) em uma pesquisa longitudinal em uma ilha próxima do Havaí, sobre a evolução de crianças carentes e maltratadas, em relação às quais foram feitos prognósticos muito negativos, e onde pôde ser observado que uma porcentagem significativa tinha conseguido surpreendentes desenvolvimentos. Essas evoluções contraintuitivas, foram atribuídas, a princípio, à condições genéticas, mas depois foi possível avaliar que eram devidas ao encontro com vínculos significativos que ofereceram um amor incondicional.

A noção tradicional de *resiliência* é definida “como a capacidade hu-

mana de enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade” (Grotberg, 1995/2001, p. 20). É um erro supor que resiliência é apenas enfrentamento bem-sucedido e, como aponta Boris Cyrulnik (2001), é confundir o conceito acreditando que o sujeito resiliente é um “superman”, quando na verdade para este autor o sujeito resiliente é um poeta. Por quê? Porque o desenvolvimento resiliente inclui a criação de uma *condição nova*, que varia de acordo com a história subjetiva e o contexto objetivo onde se produziu determinada adversidade circunstancial ou persistente, e que implica sempre algum tipo de *transformação*. O termo *resiliência* figura no *Tesouro de psicanálise* da Associação Psicanalítica Argentina (s. f.), ainda que seu valor teórico e clínico para a psicanálise não tenha sido suficientemente desenvolvido. Isso ocorreu em coincidência com uma intensa mobilização cultural e midiática, contaminado por certa *vulgata*, que “traduziu” o constructo a um slogan do tipo “tudo o que não mata fortalece”. Por outro lado, seu uso em âmbitos anglo-saxões como sinônimo de “adaptação bem-sucedida” gerou uma severa distorção de seu valor transformador que – a nosso ver – é o sentido autêntico do termo. Já na década de noventa, Peter Fonagy e outros publicaram um estudo sobre a resiliência em relação com a teoria do apego e o desenvolvimento da função reflexiva (Fonagy, Steele, Steele, Higgitt e Target, 1992/1994). Posteriormente, este autor participa da investigação ideográfica realizada – da infância até sua adolescência – sobre um menino maltratado, com abusos físicos, diversas e severas patologias e pais alcoolistas (caso Billy), cuja adoção por outra família gerou uma transformação inesperada e não prevista pelos pesquisadores (Stein, Fonagy, Ferguson e Wisman, 2000).

Em nosso meio, psicanalistas como Aldo Melillo (2004), Daniel Ro-

dríguez (2001), Mariam Alizade (2002), Ana Rozenfeld (2012) e Emiliano Galende (2004) se ocuparam, a partir de diferentes pontos de vista psicanalíticos, do que se entende por *resiliente*. Este último autor propôs que:

a capacidade resiliente como fenômeno subjetivo não consiste em um sujeito que possui previamente essa capacidade para atravessar as adversidades da vida [...] *são essas mesmas circunstâncias adversas* as que produzem nele *condições subjetivas criadoras*, que enriquecem suas possibilidades práticas de atuar sobre a realidade em que vive, e transformá-la ou transformar-se. (p. 38; as itálicas são nossas)

Na verdade, não é a circunstância adversa em si, mas o encontro com o vínculo significativo o que facilita o desenvolvimento de condições subjetivas criadoras frente a certa adversidade. Cyrulnik (2001) propõe – entre outros – dois conceitos centrais para a compreensão do desenvolvimento resiliente: o de tutor e o de relato. O primeiro definido como uma pessoa, um lugar, uma obra de arte que provoca um renascer do desenvolvimento psicológico depois do trauma, no qual um encontro significativo pode ser suficiente. É a partir deste encontro que é possível começar a se constituir uma narrativa na qual o sujeito passa de vítima passiva a maltratado ativo, ou seja, quando se estabelece ou se recupera o laço social.

Uma vez que consideramos a resiliência um processo que pode ou não ocorrer frente à adversidade, nosso propósito neste texto é propor esta problemática em termos de *desenvolvimentos* resilientes e associá-los a condições psíquicas universais próprias de *potenciais inconscientes criativos que provêm já da infância*.

Por outra parte, o conceito decisivo para avaliar o que entendemos como desenvolvimento resiliente é a existência de algum nível de transformação da interioridade e às vezes da realidade exterior. Transformação significa uma nova forma de pensar, uma atitude diferente frente à própria vida ou a dos outros, e a aparição de novos interesses ou atividades não pensadas com anterioridade. Sua relação com a mudança psíquica – objetivo clássico de qualquer processo analítico – é óbvia. Desse modo, a partir de uma perspectiva psicanalítica definimos o *desenvolvimento resiliente como a ativação de potenciais inconscientes a partir de funcionar em processo terciário com um vínculo significativo, construindo assim o estado necessário para a criação de condições psíquicas novas que transformem⁸ em consequência do traumático*.

A pandemia e suas consequências, como o isolamento social e a quarentena, alteraram o contato corporal com os vínculos significativos. E não cabe dúvida de que isso constitui um sério problema. No entanto, como aponta Žižek (2020) pouco tempo depois de começar a pandemia: “há uma esperança de que agora, quando tenho que evitar muitos dos que estão próximos de mim, eu experimentarei *plenamente sua presença, sua importância* para mim” (p. 8, as itálicas são nossas). Essa importância talvez – em nosso entender – aumenta a significação do laço social, tanto em seu valor afetivo-corporal como em seu aspecto racional-intelectual. Isso ocorre justamente porque este laço permite – conforme a expressão de Cyrulnik da epígrafe – esboçar, colocar em cena, converter em relato ou em reivindicação militante⁹.

É assim então que insistiremos em que a criatividade e a possibilida-

8. Metamorfoseiam, conforme Cyrulnik na epígrafe.

9. Na Argentina, um exemplo paradigmático desse aspecto foram as Mães da Praça de Maio.

de de criação do novo são produto de potenciais inconscientes ativados em vínculos significativos, nos quais os processos primários não saturam os secundários, e esses não o fazem com os primários. *Trata-se do infantil aqui considerado como posta em cena da irrupção da intuição criativa no momento mesmo de ser exercida a mais rigorosa racionalidade*. Ativado implica o que todo adulto e especialmente toda criança querida e cuidada pode desenvolver em circunstâncias adversas: a linguagem e a imaginação, as palavras comunicativas e as palavras inventadas, a fantasia, o jogo e o humor.

O infantil e o humor: Guido e Ana

*Você nunca subiu em um trem, verdade? São maravilhosos!
Todo mundo vai em pé, colado um no outro e não tem assentos.*
Roberto Benigni, *A vida é bela*, 1997

O infantil – em nosso critério – constitui uma articulação de expressão dos dois potenciais citados, que podem se desenvolver ou não, dependendo das características do vínculo estabelecido com o outro significativo. Nesse sentido, “o infantil” não está aqui proposto como etapa evolutiva nem como traço de personalidade, mas como amálgama ou colocado em relação com potenciais inconscientes que existem toda a vida, e cuja expressão depende sempre do contexto familiar e sociocultural¹⁰.

A experiência clínica em meio à pandemia colocou em ação estes potenciais, uma de cujas manifestações é o humor, que – por outro lado – de todos os mecanismos psicológicos do desenvolvimento resiliente é um dos mais efetivos.

Nota-se isto na relação entre adultos, nas redes sociais e especialmente com as crianças e seus potenciais criativos, quando os vínculos parentais o permitem ou fomentam. Um exemplo disso é o de Juan, um menino de quatro anos que, frente à informação que recebia sobre a Covid-19, diz ao pai, colocando-se uma capa de super-herói: “Papai, vamos tirar a coroa deste bicho, assim não pode fazer mais nada ruim”. O sorriso do pai melhorou, no confinamento, seu próprio estado de ânimo e o de seu filho.

Stefan Vanistendael (2004), sociólogo pioneiro do valor da resiliência, define o humor como “a capacidade de conservar o sorriso frente à adversidade” (p.123) e ajuda “a transformar a dor oculta em dor dirigida, integrada no tecido da vida” (p.123). O humor é criativo, como também o aponta Rodríguez (2001), e facilita encontrar sentido; implica uma “afirmação da liberdade interior quando se carece de liberdade exterior” (p.134) e também gera uma “ternura com a imperfeição e assim torna suportável a tensão entre o ideal e a realidade preservando aquela” (p. 131).

É útil lembrar que Freud (1927/1973a) propõe o humor como:

o triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego. O ego se recusa a ser afligido pelas provocações da realidade, a permitir que seja compelido a sofrer. Insiste em que não pode ser afetado pelos traumas do mundo externo.¹¹ (p. 2997)

10. É claro que depende do quão facilitadores sejam os contextos.

11. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 100 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 99-103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/GbXieaB>

Afirma ainda que o humor não é uma resignação frente à adversidade, mas que é rebelde, e mais adiante acrescenta que isso implica um triunfo do princípio do prazer e que na atitude humorística,

o indivíduo se comporta para com eles como um adulto o faz com uma criança, quando identifica e sorri da trivialidade dos interesses e sofrimentos que parecem tão grandes [...] identifica-se até certo ponto com o pai.¹² (p. 2998)

E daqui propõe sua hipótese principal sobre a dinâmica do humor, introduzindo a noção de um superego – representante parental – “hipercatexizado” e bondoso, que “consola carinhosamente ao intimidado eu” (p. 3000) e que parece lhe dizer: “Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma pilhéria!”¹³ (p. 3000).

Winnicott (1971/2007), que se ocupa em toda sua obra da capacidade criativa, o propõe como indicador da capacidade de brincar e da espontaneidade frente à rigidez das defesas. E isso fica muito claro quando afirma que a *playing* é uma experiência criativa, uma forma de viver que, como apontam Abello Blanco e Liberman (2011), “não fala da criatividade do artista ou do ‘gênio’, mas da criatividade da vida de todos os dias.” (p. 286). Por outro lado, é conhecido como Kohut (1968) inclui o humor e a criatividade dentro das transformações do narcisismo, e Melillo, Estamatti e Cuestas (2001) o destacam como “pilar” do desenvolvimento resiliente junto à criatividade que o inclui. E essa possibilidade criativa – com todos seus matizes – é proposta por Cyrulnik para afirmar que a arte faz da tragédia algo suportável.

A pandemia e seus efeitos de encerramento e incerteza não são fáceis de encarar com humor. A experiência clínica em tempos de Covid-19 mostra ansiedade, depressão, conflitos de convivência em vínculos conjugais ou entre os pais e seus filhos, tanto pela distância como pelo confinamento. As crianças o expressam de diferentes modos. No entanto, existem exemplos de confinamentos em circunstâncias muito mais graves durante o nazismo que colocam em evidência o valor do humor para tentar metamorfosear o horror. O primeiro deles parte de uma famosa história real escrita por uma menina; o segundo, de outra história real, neste caso relatada por seu protagonista, pioneiro da concepção de desenvolvimento resiliente; e o terceiro se aprecia em uma ficção cinematográfica que gerou diversas polêmicas.

Em seu diário, Anne Frank (1947/2019) relata em 27 de setembro de 1942:

Acaso eu não posso construir meus próprios castelos no ar? Com isso não faço mal a ninguém, não é necessário que o levem tão a sério. Papai ao menos me defende; se não fosse por ele, certamente eu não aguentaria continuar aqui, ou quase. (p. 44, as itálicas são nossas)

12. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 101 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 99-103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/GbXieaB>

13. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 102 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 99-103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/GbXieaB>

E em 20 de novembro de 1942 escreve:

Nenhum de nós sabe, muito bem que atitude adotar. Até agora nunca nos haviam chegado tantas notícias sobre a sorte dos judeus e nos pareceu melhor conservar o quanto possível o *bom humor*. De nada serve *continuarmos tão abatidos* como agora. Aos que estão fora, de todo modo, não podemos ajudar. Em tudo o que faço me lembro dos que estão ausentes. Mas, será que *tenho que passar o dia chorando*? Não, não posso fazer isso. Além do mais, com o tempo, a tristeza vai se dissipando. (p. 73, as itálicas são nossas)

Aqui trata-se de um confinamento de defesa frente ao horror que não está isento de vivências aterrorizantes. No entanto, há uma menina que menciona o valor e a necessidade da imaginação, o humor e o apoio paterno, todos eles indicadores do que chamamos desenvolvimento resiliente.

Boris Cyrulnik, judeu francês, é um sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz. Seus pais e ele, quando tinha seis anos, foram levados para lá pelo regime francês colaboracionista¹⁴. Seus pais foram assassinados, e quando a Gestapo veio buscá-lo, uma mulher, enfermeira da Cruz Vermelha, que tinha sido ferida, chamou-o e o escondeu debaixo de seu corpo. Acreditamos que talvez tenha feito isso quase como uma brincadeira que o menino Boris aceitou, e assim se salvou da morte. Já na década de noventa, a televisão francesa o convida para dar uma palestra em Burdeos, e a mulher que o salvou o reconhece e entra em contato com ele. Cyrulnik (24 de abril de 2019) descreve que, quando ambos relatam a história, os que a escutam riem, acreditam que foi inventada, e eles mesmos a contam sorrindo. Trata-se – a nosso modo de ver – de um menino que recebeu a proteção que lhe permitiu desenvolver potenciais subjetivos que facilitaram a metamorfose que ele mesmo desenvolveu – em sua vida adulta – como definição do desenvolvimento resiliente.

No controvertido filme *A vida é bela*, de Benigni (1997), apresenta-se outro confinamento, que nesse caso representa o horror em um contexto de negação e mania que é importante diferenciar do humor. Mas, de qualquer forma, parece claro que o personagem paterno de Guido Orefici coloca em ato permanentemente a reflexão freudiana sobre “o jogo de crianças”¹⁵ como uma forma de proteção de seu filho, transformando o trem para morte – apresentado na epígrafe – em um “maravilhoso”¹⁶ transporte sem assentos.

Reflexões finais

No presente nos debatemos entre o enigma das causas e o mistério das consequências.
Georges Didi-Huberman, 2017

A pandemia de Covid-19 – até o momento da redação deste texto – não tem tratamento, seus efeitos não são totalmente conhecidos e o

14. É claro que, se quem devia proteger faz o contrário, torna-se o agente da pior vivência traumática, da mesma forma que no abuso sexual e no terrorismo de Estado.

15. Jogo que Zizek (2020) também recomenda para suportar o dia a dia da quarentena.

16. Um livro sobre o desenvolvimento resiliente é o de Boris Cyrulnik, *La maravilla del dolor* (2001). O oxímoro ali é a chave e seu valor retórico é parte do humor e da poesia.

único modo de tentar preveni-la e controlá-la é o isolamento social, que no mundo variou de quarentenas estritas a situações mais flexíveis com diferentes níveis de incerteza e em muitos lugares com resultados trágicos. Recentemente começaram as campanhas de vacinação com uma mistura de temores, esperanças e polêmicas. Teve efeitos políticos, sociais e econômicos, cujo resultado – até o momento – sugere um futuro de “nova normalidade” por enquanto misteriosa. É claro que o Holocausto é diferente de uma pandemia por várias razões. A principal é a ação direta de genocídio, ou seja, um vitimário que intencionalmente e com propósitos definidos tem como objetivo destruir a outro humano. Não é um vírus. Também não é o efeito de diversas ditaduras latino-americanas e sua imposição de terrorismo de Estado e a figura do desaparecido. Aqui só tentamos mostrar o efeito do encerramento, o temor ao contágio, seu efeito de adversidade e os processos criativos que se desenvolvem a partir de um ponto de vista psicanalítico.

Neste trabalho tentamos expressar, então, que é possível transformar os efeitos estressantes e traumatogênicos que um evento disruptivo destas características possui. Escreveu-se muito sobre os processos elaborativos das vivências traumáticas, mas a psicanálise talvez não valorizou suficientemente o valor do que propomos brevemente como desenvolvimento resiliente, que não é um simples enfrentamento, mas implica –entre outras coisas¹⁷– uma ativação da imaginação e do humor como expressões da possibilidade de criar condições subjetivas novas.

Acreditamos que a noção de desenvolvimento resiliente é importante para a psicanálise pelo menos por duas razões. Em primeiro lugar, questiona o determinismo linear e enfatiza a transformação subjetiva. Em segundo lugar, valoriza os vínculos e o laço social como eixo decisivo de construção do novo, ou seja, a importância de saber que a história não está escrita, mas se reescreve permanentemente.

Giorgio Melchiori (2011) em seu livro sobre Joyce descreve uma foto em que se vê Marilyn Monroe – mulher com história sofrida – lendo abstrata o complexo *Ulisses*, e escreve:

No rosto de Marilyn há uma concentração, uma *perplexidade infantil* [...] não está se apropriando do texto; ela o está traduzindo a sua experiência pessoal [...] *está criando, reescreve*, em cada leitura o livro de Joyce. (p. 27; as itálicas são nossas)

E a escritora Rosa Montero (2003) propõe que:

a razão possui natureza pulcra e diligente e sempre se esforça por encher de causas e efeitos *todos os mistérios* com os que se depara, ao contrário da *imaginação (a louca da casa)*, como a chamava Santa Teresa de Jesus, que é puro descomedimento e deslumbrante caos. (p. 25; as itálicas são nossas)

Finalmente, é útil lembrar que a “perplexidade infantil” *cria e reescreve*, e que, junto com a imaginação, essa “louca da casa”, é na psicanálise a expressão de potenciais inconscientes que algumas vezes se expressam por meio do humor. E, como aponta Freud, o rebelde humor “recusa a se

17. Introspeção, pensamento crítico, solidariedade.

deixar ofender e precipitar ao sofrimento pelos influxos da realidade”, e lidera a luta contra a adversidade, mas para isso necessita do “consolo carinhoso” de um vínculo significativo que lhe permita *transformar* em algum sentido a realidade adversa.

Resumo

Apresenta-se a pandemia de Covid-19 como uma adversidade perfeita frente à qual é possível realizar um desenvolvimento resiliente que depende da ativação de potenciais inconscientes universais que provêm do infantil. O infantil se entende como articulação destes potenciais. O primeiro é chamado *hermenêutico*, definido como a capacidade de mascarar e decifrar as próprias produções psíquicas, colocando em evidência a *criatividade* intrínseca da mente humana. O segundo é chamado *potencial heurístico* porque alude à capacidade de invenção, ou seja, à *criação* do novo a partir da citada criatividade e de um *vínculo significativo*. O primeiro tem como modelo o sonho, e o segundo o jogo (*playing*), e nesse último o humor desempenha um papel central. Apresentam-se dois exemplos de histórias reais e um ficcional que colocam em evidência os vínculos como ativadores dos potenciais do infantil.

Palavras-chave: *Jogo, Humor, Criação, Vínculo, Resiliência.*

Abstract

The Covid-19 pandemic is presented as a perfect adversity in the face of which it is possible to realize a resilient development that depends on the activation of universal unconscious potentials that come from the infantile. Infantile is understood as the articulation of these potentials. The first is called *hermeneutic*, defined as the capacity to mask and decipher one's own psychic productions, putting into evidence the intrinsic creativity of the human mind. The second is called *heuristic potential* because it refers to the capacity of invention, that is, the capacity to create the new from the mentioned creativity and a significant bond. The first is modelled on dream and the second on playing, and in the latter humour plays a central role. Two examples of real stories and a fictional story are presented to highlight the links as activators of the infantile's potentials

Keywords: *Play, Humour, Creation, Bond, Resilience.*

REFERÊNCIAS

- Abello Blanco, A. y Liberman, A. (2011). *Una introducción a la obra de D. W. Winnicott: Contribuciones al pensamiento relacional*. Madrid: Agora Relacional.
- Alizade, M. (2002). *Lo positivo en psicoanálisis. Implicancias teórico clínicas*. Buenos Aires: Lumen.
- Asociación Psicoanalítica Argentina (s. f.). *Tesouro de psicoanálisis*. Disponível em: <https://www.apa.org.ar/Media/Files/alfabeticosimple>
- Aulagnier, P. (1983). Lo potencial, lo posible, lo imposible: Categorías y coordenadas del campo clínico. *Psicoanálisis*, 22(1), 65-87.
- Bauman, Z. (2005). *Amor líquido: Acerca de la fragilidad de los vínculos humanos*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Bleichmar, H. (2001). El cambio terapéutico a la luz de los conocimientos actuales sobre la memoria y los múltiples procesamientos inconscientes. *Aperturas Psicoanalíticas*, 9. Disponível em: <http://www.aperturas.org/articulo.php?articulo=178>
- Bleichmar, S. (2000). *Clínica psicoanalítica y neogénesis*. Buenos Aires: Amorrortu.

Bollas, C. (1989). *Fuerzas del destino: Psicoanálisis e idioma humano*. Buenos Aires: Amorrortu.

Chiozza, L. (1980). *Trama y figura del enfermar y el psicoanalizar*. Buenos Aires: Paidós.

Cyrulnik, B. (2001). *La maravilla del dolor: El sentido de la resiliencia*. Barcelona: Granica.

Cyrulnik, B. [Aprendemos Juntos] (24 de abril de 2019). *Cómo enseñar empatía a los niños*. Boris Cyrulnik, *neuropsiquiatra* [archivo de vídeo]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bclHr_pVkk8

Didi-Huberman, G. (2017). *Pasados citados por Jean Luc Godard*. Santander: Shangrila.

Escribens, A. (1998). Cosas privadas, palabras públicas: Apuntes para una reformulación de las representaciones y el campo psíquico. *Revista de Psicoanálisis*, 6, 93-120.

Ferri, E., Braschi, G. (produtores) e Benigni, R. (director) (1997). *La vida es bella*. Italia: Melampo Cinematografica, Cecchi Gori Group, Miramax.

Fiorini, H. (1995). *El psiquismo creador*. Buenos Aires: Paidós.

Fonagy, P., Steele, M., Steele, H., Higgitt, A. e Target, M. (1994). The Emanuel Miller Memorial Lecture 1992: The theory and practice of resilience. *Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines*, 35(2), 231-257. (Trabalho original publicado em 1992).

Frank, A. (2019). *Diario*. Madrid: Verbum. (Trabalho original publicado em 1947).

Freud, S. (1973a). El humor. Em L. López-Ballesteros (trad.), *Obras completas* (vol. 3). Madri: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1927).

Freud, S. (1973b). El malestar en la cultura. Em L. López-Ballesteros (trad.), *Obras completas* (vol. 3). Madri: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1930).

Galende, E. (2004). Subjetividad y resiliencia: Del azar y la complejidad. Em A. Melillo, E. N. Suárez Ojeda e D. Rodríguez (comp.), *Resiliencia y subjetividad: Los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós.

Green, A. (1990). El psicoanálisis y los modos del pensar ordinario. Em A. Green, *Locuras privadas*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1979).

Green, A. (1996). Notas sobre procesos terciarios. Em A. Green, *La metapsicología revisitada*. Buenos Aires: Eudeba. (Trabalho original publicado em 1972).

Grotberg, E. H. (2001). Nuevas tendencias en resiliencia. Em A. Melillo, A. e E. N. Suárez Ojeda (comp.) *Resiliencia: Descubriendo las propias fuerzas*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1995).

Hornstein, L. (1993). *Práctica psicoanalítica e historia*. Buenos Aires: Paidós.

Junger, S. (1997). *The perfect storm*. Nova York: W. W. Norton & Company.

Kohut, H. (1968). Formas y transformaciones del narcisismo. *Revista de Psicoanálisis*, 25, 67-95.

Laplanche, J. y Pontalis, J.-B. (1971). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Labor. (Trabalho original publicado em 1967).

Melchiori, G. (2011). *Joyce: El oficio de escribir*. Madri: Machado.

Melillo, A. (2004). Realidad social, psicoanálisis y resiliencia. Em A. Melillo, E. N. Suárez Ojeda e D. Rodríguez (comp.), *Resiliencia y subjetividad: Los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós.

Melillo, A., Estamatti, M. e Cuestas, A. (2001). Algunos fundamentos psicológicos del concepto de resiliencia. Em A. Melillo y E. N. Suárez Ojeda (comp.), *Resiliencia: Descubriendo las propias fuerzas*. Buenos Aires: Paidós.

Mente & Comportamiento: Enciclopedia digital de psicología (2020). *Jung: Proceso de individuación*. Disponível em: <https://menteycomportamiento.wordpress.com/jung-proceso-de-individuacion/>

Montero, R. (2003). *La loca de la casa*. Madri: Santillana.

Paz, R. (2000). Acerca del inconsciente psicoanalítico. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 3, 5-34.

Paz, R. (setembro de 2020). Comunicación personal en la Sociedad Argentina de Psicoanálisis, Buenos Aires.

Potencial (2020). Em *Diccionario de la Real Academia Española*. Disponível em: <https://dle.rae.es/potencial>

Rodríguez, D. (2001). El humor como indicador de resiliencia. Em A. Melillo y E. N. Suárez Ojeda (comp.), *Resiliencia: Descubriendo las propias fuerzas*. Buenos Aires: Paidós.

Rozenfeld, A. (2012). *Resiliencia: Esaposición subjetiva frente a la adversidad*. Buenos Aires: Letra Viva.

Stein, H., Fonagy, P., Ferguson, K. S. e Wisman, M. (2000). Lives through time: An ideographic approach to the study of resilience. *Bulleting Menninger Clinic*, 64(2), 281-305.

Vanistendael, S. (2004). Humor y resiliencia: La sonrisa que da vida. Em B. Cyrulnik, S. Tomkiewicz, T. Genárd, S. Vanistendael e M. Manciaux, M. et al., *El realismo de la esperanza*. Barcelona: Gedisa.

Werner, E. y Smith, R. (1982). *Vulnerable but invincible: A longitudinal study of resilient children and youth*. Nova York: McGraw Hill.

Winnicott, D. W. (2007). *Realidad y juego*. Barcelona: Gedisa. (Trabalho original publicado em 1971).

Žižek, S. (2020). *Pandemic!: COVID-19 shakes the world*. Polity.

Alejandro Beltrán*

Calibán -
RLP, 19(1-2),
95-112
2021

“É que eu não estou aí...”: A construção de sentido no tratamento de uma criança autista

«

Introdução

“Uma roda, correndo, muito rápido...”. Escutei durante meses que somaram mais de um ano essa espécie de canto, mais que ladainha, recitação gozosa, entoada por Guille enquanto desenhávamos um carro na lousa. Cada sessão, três vezes por semana, começava basicamente da mesma forma.

Em 2020... Guillermo foi encaminhado para mim com um transtorno não específico de desenvolvimento. É o primogênito, tem uma irmã três anos mais nova. Nasceu de parto natural; a anamnese das etapas de desenvolvimento foi confusa e contraditória, pois os pais fantasiavam com uma evolução típica da vida de seu filho. Os pais de Guillermo – nesse momento, com cinco anos – aludiam a um mal-entendido institucional – médico e escolar – no qual seu filho era catalogado em uma condição – autismo – que, eles insistiam, o menino não teria.

Esta negação dos pais seria o ponto de partida do que foi sendo construído ao longo da análise de Guillermo. O paradoxo de trabalhar analiticamente com esse menino autista foi de que os pais não lhe davam um lugar de onde falar dele e com ele. Se tradicionalmente a criança diagnosticada como autista fica catalogada institucionalmente – no campo médico, terapêutico, escolar e familiar –, a Guille não o consideravam nem doente, nem louco, nem “normal”... Carecia de um lugar. Não é casualidade que essa condição coincidissem parcialmente com a definição de autista: a negação da possibilidade de representar. Mas a Guille seus pais lhe negavam inclusive o lugar que significava o reconhecimento de ser autista. O seu existir era um transitar sem sinais de identificação que lhe dessem sentido.

* Sociedad Psicoanalítica de México.

A partir desta perspectiva, a primeira parte deste escrito descreverá a construção de um lugar de onde foi possível que Guillermo fosse falado e começasse a falar. Essa conquista produziu mudanças dramáticas na forma em que Guille se relacionava com os outros. Mas esta nova experiência vincular implicou também um desafio: como se relacionava Guille consigo mesmo? Dito de outra forma, as emissões desse menino autista eram automatismos de ordem fisiológica, mimetismo e condicionamento, ou, talvez, eram parte de identificações e, portanto, de relações de objeto de algum tipo? Ao supor que existem relações de objeto, haveria que supor que existe então um espaço interior em Guille. É assim que na segunda parte deste texto se falará da forma como o espaço interior de Guillermo não era um fato, foi resultado de um processo no qual foi se construindo a partir da paulatina introjeção da figura de seu analista.

Primeira parte: Construindo o lugar

Como disse, ao falar de seu filho, os pais aludiam a um mal-entendido no qual se classificava a Guillermo com uma doença que, eles insistiam, o menino não tinha. Supostamente, eram pais ideais para a consulta psicanalítica, pois buscavam uma alternativa diferente à resposta organicista.

Desta maneira os pais de Guillermo o salvavam de um diagnóstico médico, pois não queriam catalogá-lo, queriam que seu filho fosse livre, para usar suas palavras. Em entrevista, sugeriam que Guille, como todos o chamam, era um gênio em potencial, e a isso se deviam suas peculiaridades. Mas suas peculiaridades alarmavam os médicos e as instituições desde que o menino tinha um ano e meio. Cada vez que um pediatra ou uma escola sugeriam que Guille fosse avaliado, os pais reagiam em espelho, ao contrário do que lhe era pedido, e mudavam de médico ou o tiravam da instituição, aparentemente para que não colocassem o menino no lugar do doente. Esses lugares encontrados geraram um paradoxo: ao negar que o menino fosse considerado como um doente, ele era mantido em um lugar de doença, não era paciente de um procedimento terapêutico específico, mas sim era um permanente paciente em busca de diagnóstico.

Esta fuga era mais e mais difícil de sustentar, pois as diferenças de Guillermo com seus pares eram cada vez mais evidentes: ignorava os outros, tinha evidentes transtornos de comunicação, na atenção e nos impulsos. Com poucas alternativas escolares, os pais se viram impelidos a aceitar as condições da escola que finalmente aceitou Guille: o menino tinha que ser avaliado por um neuropsicólogo. Tal avaliação foi realizada, e Guille foi diagnosticado como autista.

No entanto, os pais continuaram atuando como se não houvesse diagnóstico – de fato, é o que me dizem quando me consultam: “Os especialistas não sabem o que Guille tem”, e empreendem um peregrinar por psiquiatras e psicólogos no qual, supostamente, não há um diagnóstico conclusivo – cabe dizer que todos os estudos que pude revisar coincidiam em diagnosticar, sem evasivas, Guille dentro do espectro autista.

Como disse, os pais comparecem a meu consultório esperando que fosse eu, a partir da instituição psicanalítica, quem dissesse a palavra que finalmente os satisfizesse. A psicóloga da escola me diz, sucinta, quando me encaminha o caso, que Guille passa todo o tempo no colo da cuidadora da sala, olhando sem ver, às vezes chupando o polegar.

No entanto, em entrevista, os pais descrevem Guille como um me-

nino comum, ainda que distraído. Frente a minha pergunta insistente sobre quais seriam então os motivos de consulta, reconhecem que *algo* ocorre com ele, um algo que não conseguem definir; me dizem que foi lento em cumprir as etapas esperadas no desenvolvimento, mas, salvo uma encoprese, ainda presente, era um menino normal. Durante grande parte da entrevista, esforçam-se em me convencer, de uma forma inteligente e culta, e usando a história vital de Guille, de que as instituições exageram certas dificuldades em crianças sensíveis para manejá-las mais facilmente na sala de aula. Guille era um menino normal com dificuldades talvez mais acentuadas em seu desenvolvimento, mas isso se devia a sua peculiar sensibilidade.

Contagiado por seu entusiasmo, impressionou-me ver Guillermo chegar pela mão do pai para a primeira entrevista. A forma mais fácil e rápida de descrevê-lo é que parecia um zumbi: o olhar perdido, os olhos olhando levemente para cima, a boca ligeiramente aberta e um caminhar errático, entre robótico e sonâmbulo. Era como um robô que perdeu um parafuso.

Durante esse primeiro encontro foram mais evidentes seus traços autistas: amimia, indiferença, olhar perdido, ausência de palavras, expressão congelada; o único que lhe interessou foi um ventilador que ligou e desligou em frente a seu rosto, e parafusar e desparafusar uns parafusos de plástico. Nunca deixei de falar, descrevendo o que Guille fazia, e a razão pela que estava ali, mas não obtinha reação alguma.

Durante a hora da entrevista, me senti crescentemente desolado, com uma opressão na mente, cada vez com menos vontade de falar, não por tédio, mas por uma sensação de fuga irrefreável. Já próximo ao final da sessão, quase sem pensar, coloquei em ato esta sensação: peguei um pequeno carro vermelho e movi de um lado para o outro dizendo: “Vou embora, vou embora, para onde vou?”, com uma voz que, depois lembrei, imitava o coelho do filme animado *Alice no país das maravilhas*. Guille deixou de usar o ventilador, que olhava por incontáveis minutos, observou meu movimento com o carro e me sorriu. Os dois nos olhamos..., e nisso soou a tosse do pai na sala: o tempo tinha terminado. Como se fosse um feitiço, o olhar de Guillermo se perdeu de novo; com expressão congelada e andar errático, o menino foi recebido pelo pai.

Voltei a ver os pais. Estavam mudados, inquietos. Sem que houvesse comentário algum de minha parte, a mãe dizia que ela suspeitava que Guillermo era autista “há tempos”. Era óbvio que se sentia descoberta, atuava como se eu a tivesse flagrado em uma mentira. Ao contrário, o pai estava furioso e me exigia um diagnóstico de seu filho, imediatamente, nesse momento, ao mesmo tempo que negava, para usar suas palavras, “a utilidade das categorias psicológicas para entender o ser humano”. O primeiro me dizia cada vez mais zangado, e o segundo o discutia com sua esposa.

Eu os escutava, olhava essa dolorosa colocação em cena. Intervinha para tranquilizar os arroubos do pai, para exortar a mãe sobre a importância de que eu tivesse outra entrevista com Guillermo, mas os espaços que me deixavam a ansiedade de uma e o furor de outro eram cada vez menores; depois entenderia em retrospectiva que algo assim devia ocorrer com Guillermo, sentia-me congelado frente a este casal que se comportava de maneira tão diferente em relação à forma como tinha se apresentado há apenas alguns dias.

O pai, já raivoso ao não poder parar as palavras da mãe, que cada vez pareciam mais um *mea culpa*, virou-se fulminante para mim e exigiu um diagnóstico. Disse-lhe que o importante era descartar agora qualquer condição orgânica para ver os parâmetros nos quais uma psicoterapia podia se desenvolver, já que os exames que tinham me trazido eram avaliações sem que se tivesse realizado exames de laboratório – como disse, cada vez que se chegava à esta etapa com um médico ou psicólogo, na qual esse lhes pedia exames de imagem e genéticos, os pais descartavam o especialista. O pai, já fora de si, perguntava como me atrevia a encaminhar seu filho para outro especialista. Disse-lhe que eu não renunciava a trabalhar com seu filho, mas que, por responsabilidade, deveríamos descartar uma condição médica, pois Guillermo estava por cumprir seis anos e nunca tinha tido um exame neurológico... *nem genético*. Ia concluir, quando o pai, interrompendo-me, ameaçou levantar-se da cadeira e se dirigir para mim; o gesto era claramente ameaçador.

A esposa o segurou pelo braço, enquanto eu, na cadeira, aparentando a maior tranquilidade, perguntei-lhe para que tinha percorrido um trecho tão longo em buscar um diagnóstico, se todas as avaliações que ele mesmo tinha me entregado coincidiam nesse aspecto, que mesmo sua esposa, a seu lado, repetia uma e outra vez. “Mas o que dizem?”, me perguntou, quase gritando.

Eu o olhei nos olhos e respondi: “Autismo, isso é o que dizem todas as avaliações que vocês me trouxeram, e por alguma razão você não quis lê-las”. “E o que vamos fazer?”, perguntou-me, com um fio de voz. “Realizar os exames médicos correspondentes – respondi-lhe – para avaliar qualquer condição orgânica; eu não posso aceitar Guillermo se não contamos com os exames médicos”. Foram embora do consultório com a certeza de que não voltariam.

Para minha surpresa, algumas semanas depois a mãe me ligou para dizer que já tinham feito os exames neurológicos de Guillermo e nesse dia lhe fariam um exame para descartar o X frágil. Basta dizer que o exame genético resultou negativo, quanto à interpretação do neurologista, considerava que Guille tinha falhas nas áreas associadas à aprendizagem, pensamento, planejamento e coordenação. A interpretação do neurologista o situava dentro da faixa autista.

Era possível supor que quando se decretasse um correlato orgânico à presunção de autismo, os temores dos pais se fariam realidade: Guillermo se congelaria em um lugar se coisificando em uma categoria médica. Mas ocorreu o contrário. De fato, as coisas mudaram vertiginosamente.

Quando Guillermo chegou para sua primeira sessão, fez isso com esse aspecto de máquina enguiçada que já descrevi. Mas, dessa vez, foi levado por sua mãe e não quis entrar ao consultório. Ele fazia força enquanto sua mãe insistia tentando fazê-lo passar pelo umbral. Eu fiquei no quarto e peguei esse pequeno carro vermelho e o rodei de um lado para o outro. Guillermo se aproximou e lhe perguntei se deixávamos a porta aberta; moveu a cabeça para dizer que sim. Sua mãe ia se retirar, mas Guillermo voltou a forçar. Ela ficou enquanto Guille me via brincar com o carro.

Ele, sem aparente intenção, muito devagar e com gestos intercalados nos quais tocava e pegava outros objetos para voltar a soltá-los, começou a formar um túnel com umas peças de plástico. Depois pegou um caminhão guincho, retirou-me o carrinho vermelho e o enganchou para passeá-lo. Aproveitei para dizer: “Esse é você com mamãe lhe rebocan-

do”. Ele me olhou com seus olhos desfocados e se virou para ver a porta e descobrir que mamãe já tinha ido para a sala de espera e eu tinha fechado a porta. Afastou o caminhão e empurrou o carrinho para o outro lado do quarto. Eu disse, quase gritando: “Mamãe está do outro lado, esse é o lugar de Guille”. Para minha surpresa, Guillermo riu às gargalhadas e voltou a empurrar o carro, e eu repeti a mesma frase.

Em algum momento, os dois estávamos gritando: “Mamãe na sala de espera, esse é o lugar de Guille”. Via que ele armava e desarmava um túnel, e em um determinado momento decidi passar o carrinho através dele e disse: “Assim Guille entrou no quarto e mamãe ficou do outro lado!”. Pareceu que ele adorou a brincadeira. Cada vez que conseguia que o carro passasse pelo túnel, aplaudia, e quando batia, dizíamos: “Oooh!”, representando uma grande decepção. Assim terminou a primeira sessão.

Esse foi o começo de mudanças muito rápidas em Guillermo. Segundo relatavam os pais e as professoras, com quem tinha permanente contato, falava cada vez mais em casa e na escola. Agora brincava com seus colegas e não se retraía para observar o movimento de coisas circulares, que antes era seu passatempo na escola.

Quando começamos a trabalhar, fazia manchas coloridas (Imagem 1). Posteriormente escreveu na pequena lousa algumas letras; quando estava satisfeito com o resultado, desenhava uma carinha feliz, e quando eu o fazia mal, colocava-me uma carinha triste (Imagem 2). Passamos longas sessões fazendo caras. Ele me dizia “Escreve o *H*”, eu escrevia “*H*”, e me dizia “Não, não, escreve o *H*”, e colocava-me uma carinha triste.

Vários meses depois, entendi esta confusão. Durante uma sessão, disse: “Escreve o *H*”, e eu coloquei “*H*”. Ele me tirou o marcador e disse: “Não, escreve o *H*, de Não, o *H*, de Não”, e colocou um *N*. Se o *N* de *não* é mudo, a palavra que funda os limites fica como simples exclamação¹. Assim, sem esse *não* que o situava, Guillermo se deslizava interminável no discurso dos pais.

A colocação em circulação de Guille por seus pais para salvá-lo de um diagnóstico evitava que o menino tivesse um lugar no discurso. Supostamente, salvavam Guille de ser visto como o doente, como o louco no discurso dos outros, mas o menino, na dinâmica familiar, ocupava uma espécie de não lugar; para usar o vocabulário coloquial, não era normal nem louco, não era nem gênio nem retardado, não estava. Ao evitar o lugar da loucura, evitavam a cura.

Estas rápidas mudanças em Guillermo explico, em parte, pela possibilidade de um lugar em um espaço com regras simples, mas fixas. O fato de que eu, como psicanalista, tenha contribuído para proporcionar um diagnóstico médico, para começar a falar sobre o menino, contribuiu para lhe dar um lugar de onde pensá-lo e falá-lo. E de onde ele pôde começar a falar e olhar. Guillermo se sentiu olhado, e devolveu o olhar.

Paradoxalmente, dar lugar para a palavra *autismo* no discurso familiar e escolar, palavra que costuma ser considerada alienante em uma categoria médica, permitiu que Guillermo se movesse da descrição clínica que corresponde ao termo. O importante nesse caso não era diagnosticar, o principal era encontrar um lugar de onde falar de Guillermo e de onde ele pudesse falar.

1. N. do T.: No original em espanhol: “No, escribe la *H*, de No, la *H* de No”. Conforme o pedido de Guille, *no*, ficaria com a grafia *Ho*. Como o *H* é mudo, o *no* (não) ficaria somente “o”, uma exclamação.

Proponho que as mudanças rápidas de algumas crianças, como os relatados por Dolto (1993), por exemplo, explicam-se em parte por esta criação de um lugar que antes estas crianças não tinham. Pode ser que esse seja um lugar de equívocos e pode parecer pouco, mas há crianças que não possuem nem ao menos isso. Não é que elas estejam ausentes, o que falta é o espaço que as contenha.

O antropólogo Marc Augé (1993) usa o termo *não-lugar* para designar esses espaços de circulação que a modernidade criou; são lugares sem história nem vocação comunitária; são, como os centros comerciais que infestam nossas cidades, lugares sem memória, cujo único objetivo é colocar em movimento as mercadorias e as pessoas. Esse termo me é útil para designar essa posição na estrutura familiar de certas crianças, crianças de pais pós-modernos que negam a validade de qualquer discurso institucional para simular uma permanente adolescência ou, no pior dos casos, para perverter qualquer autoridade e criar sua própria versão da Lei.

Um significativo grupo de pais está chegando aos consultórios para nos propor uma mudança em nosso discurso crítico e busca que colaborem na dissolução de todas as estruturas. Nesse mundo onde *tudo que é sólido se desmancha no ar*, as crianças transitam como zumbis sem um lugar claro. Se descrevi com detalhe as dolorosas reações do pai de Guillermo, foi para ilustrar a enorme dificuldade que é para alguns progenitores dar à luz seus filhos, permitir-lhes que atravessem o túnel e lhes oferecer um mundo, um mundo com leis. *Por isso Guillermo parecia um fantasma. Vivía em um não lugar.*

Segunda parte: A construção do espaço interior

Quando Guille chegou a meu consultório, cumpria com os descritores da parte baixa dos seis subgrupos estabelecidos por Baron-Cohen (2008) para classificar o espectro autista. Logo, no entanto, apresentaram-se rápidas mudanças tanto em sua capacidade para se comunicar (Imagem 3) como em certa diversificação na área de interesse que permitiu que o menino continuasse em uma escola normal.

Um ano depois, como disse na Introdução, o desenrolar das sessões se repetia com uma regularidade contundente. Tocava a campainha pontualmente e quando eu perguntava pelo interfone quem era, escutava um invariável: “Sou eu, Alejandro”. Assim se estabeleciam os primeiros parâmetros do espelho: “Quem é?”; “Sou eu, Alejandro”. Um tipo de afirmação de minha identidade: “Sou eu, Alejandro”, que dava lugar ao outro “Sou eu, Guille”.

Eu demorava mais para chegar à porta do que demorava a ouvir o novo som da campainha, mais rápido, dois toques, bem próximos um do outro, sempre me assombrando ao imaginar a velocidade que Guille devia ter alcançado para cobrir o longo corredor e depois subir as escadas até chegar à entrada do conjunto onde eu tinha o consultório. Quando eu abria a porta, aí estava ele parado, sorrindo, sozinho, pois mamãe, ou raras vezes papai, ficavam embaixo, esperando que lhes fizesse um sinal da janela de que era eu quem abria para Guille, um gesto com a mão que dissesse: “Sim, sou eu, não foi um desconhecido quem abriu a porta, não se preocupem”, um signo com o qual me reconhecessem.

E ao me ver, ao me reconhecer, Guille me dizia um invariável: “Olá, Alejandro”, e saía correndo pelo corredor do consultório até entrar em

minha sala; quando eu o alcançava, ele já estava sentado, colocando a lousa no chão, dizendo-me: “Sabe o que vamos fazer hoje, Alejandro?”. E sem esperar a resposta, respondia a si mesmo, ao mesmo tempo que me anunciava: “Vamos desenhar nossos carros”. Então me apontava o lugar que tinha em frente a ele para que eu me sentasse.

Assim transcorria a primeira parte de cada sessão, um em frente ao outro, a lousa entre os dois, um espaço em branco nos separava. Esse espaço ia se preenchendo paulatinamente de linhas, de círculos que formavam um carro (Imagem 4). Guille vigiava, atento para que meu desenho fosse o mais parecido possível ao seu; em caso de que eu fizesse um traço notoriamente diferente ao seu, me dizia: “Atenção, Alejandro, não é assim!”. E eu, obediente, apagava e fazia o traço o mais próximo possível ao seu, o que contentava a Guille e permitia que se concentrasse em seu próprio desenho sem deixar de vigiar meu desempenho.

O resultado era muito similar a cada sessão, dois carros que pareciam uma mesma imagem mostrada no espelho (Imagem 5). Só minha proverbial inaptidão para desenhar, uma falta de perícia que me acompanha desde a infância, provocava que nossos desenhos não fossem idênticos, pelo menos essa era a explicação que dava a mim mesmo nesses tempos.

Foi nesta construção da identidade através da similitude de nossos gestos, nesta básica identidade especular, onde se demorou mais de um ano o trabalho com Guille (Pérez de Plá, 2000; Nissen, 2017). E se eu me detive em descrever este ritual ao que nos dedicávamos Guille e eu com obstinação obsessiva, foi com a esperança de transmitir, mesmo que vagamente, o estado emocional que imperava no dispositivo. Tinha uma busca de pertencimento, uma enorme vocação de identificar semelhanças e negar as diferenças. Como lindamente descreve Maleval (2010): “Notamos que duas solidões se refletem e se consolam nesta criação que participa de reflexos especulares”² (par. 7). A forma na qual Meleval o propõe me é útil porque anuncia a eminente aparição no trabalho com Guille de dois fenômenos inter-relacionados: a criação de um mundo compartilhado e a possibilidade de eventos intersubjetivos (Imagem 6).

Sem dúvida, o fato de manter este estado no dispositivo supunha por parte de Guille o emprego sistemático da identificação adesiva (Nardi, 2017; Bick, 1968/2005), em um contato de superfícies onde, aparentemente, não havia um espaço para colocar as diferenças. Foi nessa superfície de contato onde se gerou um primeiro campo analítico (M. Baranger e W. Baranger, 2008) no qual, por sua vez, pude mais adiante dar conta de minha contratransferência. O fato de que eu pudesse dar conta de minha contratransferência supunha a posterior aparição de outros mecanismos que a literatura clássica refere à posição esquizoparanóide, como a identificação projetiva, a negação onipotente e a cisão (Klein, 1932/1987, 1935/1990a, 1945/990b). Explico-me.

Em lugar de lançar mão de alguma categoria contemporânea para explicar este processo, empregarei, de início, a posição glischro-cárica, acunhada por Bleger (1967/1984), pois me parece que o núcleo aglutinado ao que se refere o mestre argentino, onde estão confundidas as qualidades dos objetos, assim como a impossibilidade de hierarquizar uma lógica de zonas e modos, para empregar termos meltzerianos (Meltzer, 1967/1996), ajuda-me a descrever mais claramente esse momento. Tenhamos em mente, no entanto, que a posição glischro-cárica é uma

2. N. do T.: Nesta e nas demais citações, a tradução é livre, salvo se especificar o contrário.

categoria que, em termos técnicos, é similar à que, décadas depois, desenvolverá Ogden (1989) como a posição autista-contígua; usarei ambas de forma equivalente, já que se o núcleo aglutinado de Bleger é mais rico em matizes descritivos, a posição autista-contígua é uma categoria que articula melhor o movimento dialético do dispositivo para pensar, movimentos que desde a tradição pós-kleiniana está metaforizado pela cena primária (Aron, 1995).

Como aludi no começo deste trabalho, houve um primeiro momento em que se construiu a possibilidade de uma díade de trabalho, que conformou um parâmetro no qual ocorreu um ordenamento inicial, um marco de similaridades elementares – como as equivalências gestuais ou os mesmos traços no desenho –: isso é assim porque estamos aludindo a um momento no qual as equivalências, e não as identificações, são usadas como eixos relacionais (Molinari, 2020; Lombardi, 2008). No autista, essas equivalências “entre seu corpo e mente” (Molinari, 2020, p. 496) mantêm sob controle as diferenças, são parte da necessária casca protetora (Tustin, 1986) que lhe permite transitar entre a zona de perigos que estão semeados na possibilidade de se perder no contínuo e descontínuo da experiência sensorial (Tustin, 1990). Mas, a partir da clínica com Guille, parece-me absolutamente pertinente o esclarecimento que faz Benvenuto (2019): a casca como barreira é secundária ao sentimento de se sentir perdido no mundo social, já que o autista carece da capacidade de ler os aspectos subjetivos e os processos de significação do mundo.

E é aqui onde encontro a enorme utilidade da noção posição glischo-cárica, justamente reavaliada há alguns anos por Brown (2010, 2015), que a recupera como categoria pertinente para a psicanálise contemporânea. Interessa-me seu emprego aqui porque coloca como primeiro passo para o trabalho clínico da díade a busca por conhecer as qualidades dos objetos, um trabalho preparatório indispensável para que seja possível uma posterior cisão e diferenciação dos objetos primigênicos. Este processo descrito por Bleger também é referido, a partir de seus próprios marcos teóricos, por numerosos clínicos contemporâneos que trabalham com autistas ou estados autísticos³.

Para dar um exemplo recente, Roitman (2020) sustenta que “como terapeutas, poderíamos sobrestimar o estado do desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista se menosprezamos o desejo do paciente de união com o ventre” (p. 3). Não importa neste momento aceitar a imagem “união com o ventre” que o autor nos oferece, mas sua intenção de ilustrar algo que vai mais além do que uma fantasia fusional e que faz alusão ao campo da experiência: a aparição no consultório de uma vontade de comunhão cimentada por rituais e gestos obsessivos que poderiam se confundir com aqueles aparentes automatismos que inundavam o início do tratamento, mas que agora possuem um potencial vincular.

Não me detive e considere que o leitor conhece de sobra o minucioso trabalho de Tustin (1986, 1990) e aqueles que continuaram seu ponto de vista (Power e Levine, 2017) sobre a casca protetora e as condições primárias do autista descritas ao longo de seu trabalho. Esse horizonte fenomenológico está implícito na descrição da primeira parte do tratamento. O que quis enfatizar neste trabalho é a forma na qual essa fase pode também ser entendida como o lento processo de conhecimento das

3. Ver, por exemplo, o trajeto feito por Álvarez e Reid (1999), o pequeno resumo realizado por Emanuel (2015) ou a apresentação de Power (2017).

qualidades dos objetos enquanto unidades sensoriais e sua paulatina ascensão como signos de um possível vocabulário emocional. Parece que a esse segundo momento se refere Roitman (2020):

Tendemos a considerar estes aspectos como possuidores de uma capacidade de se relacionar com os outros de uma forma que desejamos que fosse verdadeira. Motivo pelo qual os terapeutas devem ser muito pacientes e esperar que eles possam ver mais além do que seus sentidos lhes estão dizendo. (p. 3)

Teríamos que entender a afirmação anterior de Roitman à luz da operação que Ogden realiza (1994) sobre a máxima de Winnicott (1960/1965) – existe o bebê sem uma mãe, e uma mãe sem bebê (p. 39) – ao ampliá-la como fenômeno pleno do campo analítico: “não existe analista sem analisante, nem analisante sem analista” (p. 4), ou seja, descreve de forma clara com esse enunciado as bases fundantes do encontro intersubjetivo. Seguindo o exemplo de Roitman e levando-o a um terreno que possivelmente o autor não pretendia, o desejo do analista para que a criança tenha uma capacidade relacional é, graças à repetição do encontro, fundante dessa mesma capacidade para que “veja mais além de seus sentidos”. Então, enquanto não exista um semelhante, ou seja, não se dê o “armado imaginário do corpo através da imagem especular” (Pérez de Plá, 2000, p. 43), o mundo simbólico será o campo do alheio.

Com este pequeno rodeio teórico quero indicar uma surpresa contra-transferencial.

Como disse, durante um bom tempo tive certeza de que se os desenhos que fazíamos não eram idênticos, devia-se a minha incapacidade como desenhista. Ao mesmo tempo, a sustentada repetição do ato foi criando em mim um incômodo que, com o tempo, provocava estados de franca sonolência. Neles, enquanto era obrigado por Guille a seguir seus traços, fui lembrando da enorme frustração que tive durante minha infância pela certeza de ser um inútil em qualquer atividade manual. Os professores de meus primeiros anos me fizeram sentir que minha falta de habilidade era uma verdadeira trava, inclusive às vezes senti que tinha uma incapacidade.

Quando pude colocar essa palavra, *incapacidade*, em minha agoniante falta de perícia para desenhar, comecei a olhar estas sessões com Guille de forma diferente. Aquilo que compartilhávamos agora era claro, era uma ilusão, em parte alimentada por meu desejo antigo de ser capaz, desejo que criou em Guille a ilusão de ser um criador onipotente e com a que dirigia meus desajeitados traços, e conseguia, com sua vontade, a semelhança de nossos desenhos, uma semelhança comandada por ele. Meu eu como desenhista, nesses momentos, era uma criação à imagem e semelhança de Guille. Foi minha própria urgência inconsciente de me identificar com uma capacidade que eu não possuía, o que possibilitou o vínculo com Guille, um vínculo que promoveu mudanças enormemente significativas em sua relação com o entorno.

É evidente para o leitor especializado, que minha lembrança infantil compartilhada está censurada pela discrição própria de que o protagonista do encontro sempre deve ser o analisante – como bem nos lembra Civitarese (2005) – e por um elementar pudor, mas é suficiente para exemplificar que a diferenciação que supõe passar pela posição autista-

contígua (Ogden, 1989) implica para o analista roçar seu próprio núcleo aglutinado (Bleger, 1967/1984), que o coloca em contato com lembranças que aludem, como no mito das origens, a medos e desejos vinculados com o mundo do sensorial, ao risco de fragmentação e às identificações especulares, e é esse acerto, delimitado pela repetição do encontro, o que torna possível o vínculo com o autista.

Dito de outro modo, é esse espaço gerado pelo encontro da onipotência de Guille, por um lado, e o reconhecimento que eu faço desse gesto onipotente promovido por minha lembrança contrarreferencial, por outro lado cria a possibilidade do terceiro analítico, no sentido que Ogden (1994) entende: uma cocriação do analista e do analisante, onde minha subjetividade, minhas lembranças infantis se encontram com a subjetividade descoberta de Guille, seu desejo onipotente de que eu seja seu semelhante.

Para mostrar que esta criação do terceiro analítico foi parte de um longo processo, basta esclarecer que durante este período Guille conseguiu cursar a pré-escola e passar para o primeiro ano do ensino fundamental em uma escola que, mesmo que possua uma excepcional tradição de pluralidade, não é um centro de educação especial. Se a escola que Guille frequenta não fez diferenças entre as capacidades diferentes das crianças, cabe apontar que Guille também não se dava conta das diferenças entre ele e seus colegas; era algo como uma reprodução ampliada do que ocorria no consultório.

O clímax deste período foi a descoberta do evidente: que as diferenças entre nossos desenhos não se deviam a minha incapacidade, mas a que éramos pessoas diferentes, o que produziu dois efeitos. O primeiro foi que pôs em evidência a condição de devaneio na qual me mantive durante essa parte do tratamento, devaneio (Bion, 1962) que, da perspectiva de um observador alheio à díade, poderia se considerar como uma falha de juízo, mas que colocava em cena esse momento maternal em que se gesta a ilusão de uma comunicação transcendental com o bebê que não vê defeitos nem falhas. O segundo foi que esse devaneio tinha sido necessário para que se criasse e desenvolvesse um campo onde Guille se identificasse comigo (Ferro, 1999; Ferro e Basile, 2009). Fui como essa mãe hipnotizada pela psicanálise, essa mãe que sonha o desejo de seu filho com base em suas próprias faltas. Talvez essa mãe foi uma hipótese necessária, mais que para explicar um fato sociológico, para esclarecer a função que cumprimos durante parte do processo analítico. Dito em palavras de Brown (2010): “é importante apontar que a função alfa, é a internalização de uma complexa relação intersubjetiva entre a mãe e o infante, e não apenas a internalização de uma função maternal” (p.667).

Outro aspecto que me parece significativo deste momento analítico é que desdobra como eixos potenciais a construção positiva de um sujeito, precisamente os pontos negativos da descrição do transtorno do espectro autista, definidos por Baron-Cohen e que agora retornou ao *DSM-5* (American Psychiatric Association, 2014): refiro-me às “dificuldades na comunicação social” e aos “interesses obsessivos e ações repetitivas”. É por meio dessa singular maternagem construída no consultório, que os supostos interesses obsessivos são decantados como tentativas repetidas para construir uma comunicação social. Como brilhantemente explica Segal (1957/2005) no *post scriptum* de 1979 a seu clássico texto sobre simbolização: para que seja possível uma identificação projetiva, deve-se instaurar uma relação continente-conteúdo. É o continente aqui-

lo que sustenta o conteúdo e evita que se dilua como um Alka-seltzer na piscina, como me disse uma vez uma analisante esquizoide. A fundação do social, do espaço que permite transitar entre o íntimo e o privado, e que está regulado pelas regras da linguagem, requereu a criação de um espaço virtual em Guille, no qual pudesse depositar os objetos nos quais realizar a identificação projetiva. Com Guille se passou da identificação adesiva para a identificação projetiva.

Como se pode ver, esta é outra forma de explicar a aparição do fenômeno do terceiro analítico: primeiro o expliquei como o espaço coconstruído pela díade analítica no encontro de subjetividades que torna possível o jogo de intersubjetivo e agora – é o mesmo fenômeno descrito a partir de outro ângulo – como o evento que em sua sistematização cria um jogo que constrói o dispositivo para pensar o espaço virtual do mundo interior. Essas duas perspectivas coincidem com o ponto de vista de Ogden (1994). Mais adiante apresentarei como este fenômeno é, na verdade, uma fase que deve ser ampliada com a forma na que Aron (2006) e Benjamin (2004) entendem o terceiro analítico. Sei que os autores – Ogden por seu lado, Aron e Benjamin pelo seu – o consideram como duas categorias diferentes que empregam a mesma denominação – um dos grandes problemas da comunicação psicanalítica –, mas aqui quero ensaiar uma unificação aproveitando que os autores compartilham critérios epistemológicos. Adiantando o tema, sugiro que o ponto de união entre ambas concepções é, significativamente, uma *terceira* perspectiva, postulada por Britton (1988/1997, 1998).

Regressando ao caso, uma vez estabelecido um primitivo sistema de comunicação, de identificação projetiva, eu me permiti enunciar meu direito à diferença: fiz notar a Guille, paulatinamente, que meus traços diferentes se deviam a nossa diferença, e que eu gostava de desenhar diferente (Imagem 7) e que, além disso, ele era muito melhor desenhista que eu, que nossas capacidades eram diferentes.

Assim como nossos desenhos foram variando (Imagem 8), ainda que a disposição espacial na qual os realizávamos seguia aludindo a um espelho, Guille foi mudando sua relação com os colegas de escola. Em primeiro lugar, eles foram se convertendo em personagens que povoaram nossos jogos durante as sessões; também os pais me anunciaram que Guille começou a ter amigos e a se dar conta da desesperança que lhe fazia supor ser tão difícil se comunicar com seus colegas. A escola, por sua vez, me informou que Guille tinha se tornado competitivo, estava cada vez mais atento aos erros que os demais cometiam, os apontava ao professor e procurava ganhar de seus pares nas matérias que dominava melhor, como matemática e, precisamente, desenho.

Terão que ser motivo de outro trabalho os diversos êxitos que esta etapa do tratamento de Guille trouxe. Quis enunciar-la brevemente para contextualizar os acontecimentos que marcariam um novo momento no processo psicanalítico.

As férias de verão de 2020... foram a separação mais longa que até esse momento tínhamos tido. Coincidiu com que Guillermo presenciasse como seu pai se cortou de forma acidental – “Não foi algo grave”, me disse naquele momento a mãe –, mas, a partir desse instante, praticamente cada sessão começava com uma reativação de nosso velho ritual: os dois desenhamos em espelho, mas agora a figura era, em lugar do carro, uma ambulância que levava o pai para o hospital.

Em uma estrita reação especular, Guillermo me obrigava de novo a reproduzir fielmente seu desenho. Cada tentativa de minha parte de fazer uma variação incomodava Guille. Enquanto o menino desenhava com vermelho o sangue de seu pai, sorria (Imagem 9). Depois de desenhar, Guille em geral queria que brincássemos que eu era o papai mau que o jogava no lixo depois de lhe bater ou um doutor sádico que lhe fazia operações dolorosas. Ainda que fossem evidentes as valências sadomasoquistas da cena, eu não conseguia apontar algo que fizesse sentido a Guille, geralmente o único que me dizia sobre o jogo era um “Eu gosto”. Além disso, pela primeira vez chega a sessões com um pano ou uma faixa, não sempre o mesmo, que o acompanhava durante toda a hora. Assim passaram vários meses, nos quais a escola informou que Guille se distraía e alguns dias era violento com algum de seus colegas, coisa que nunca antes tinha ocorrido.

Depois, durante o período de férias de Natal, o pai, por discrepâncias com a mãe, não foi, pela primeira vez na vida de Guille, a uma viagem familiar. Na volta das férias, além disso, o pai, que há anos trabalhava em casa, começou a trabalhar em um escritório, por isso se ausentava de casa durante o dia.

Antes de continuar, cabe esclarecer que mesmo que Guille sempre tivesse manifestado condutas compreendidas dentro da tríade de Wing (Wing e Gould, 1978) que caracterizam as crianças autistas, dentro da categoria de *comportamentos repetitivos* raras vezes tinha apresentado maneirismos motores, como os movimentos de braços e movimentos sem um sentido específico para o observador. Mas em janeiro de 2020... apareceu uma estereotipia. A mãe, estranhando, mandou-me uma gravação em vídeo desse comportamento que ele fazia diariamente em casa. Guillermo corria primeiro para porta do jardim, que estava nos fundos, depois ia para a cozinha, pegava um pano, o agitava e corria para a porta de saída, que estava no lado oposto, todo o tempo emitindo um estanho ulular. Quando o vi, senti que esse rápido perambular queria dizer algo, pareceu-me conhecido, mas também não acertei em lhe dar um significado ainda que me recusei a descartá-lo como algo sem sentido.

Com esta ideia, revisei anotações e lembranças de meu tempo de supervisão com a Dra. Esperanza Pérez de Plá, com quem supervisei durante meus anos de formação os casos mais difíceis de crianças com graves problemas de desenvolvimento. Em vívida introspecção, um tipo de devaneio, evoquei-a como uma figura interna de tal forma que, em sua companhia virtual, examinamos as imagens e discutimos diversas hipóteses. Pouco a pouco foi surgindo a ideia, nessa dupla analítica recriada (Brown, 2011), de que a estereotipia parecia a colocação em cena de uma expulsão e a relacionei com a saída do pai, mas não tinha mais elementos para desenvolver esta hipótese. Desse momento quero ressaltar duas ocorrências: o primeiro é a recriação por parte do analista de uma dupla que sustentasse Guille, e segundo, a vontade dessa dupla de buscar um sentido. É, nesse sentido, a dupla parental como organizadora do espaço mental, em um vínculo de criação de significados emocionais (Aron, 1995). Essa dupla que busca sentido funciona então como um *potencial* terceiro compartilhado (*shared third*) proposto por Benjamin (2004, 2009). Acentuo o aspecto potencial porque é uma realidade que ainda não é compartilhada com o analisante, existe no campo relacional privado do analista. A passagem do potencial para o atual da sessão ocorre

pelo trânsito da cena primária como organizadora da terceiredade como explica Britton (1988/1997, 1998). Os seguintes acontecimentos no tratamento servirão para explicar essa afirmação.

Com a hipótese de que a estereotipia era uma cena de expulsão, entrevistei a mãe, que me contou dois eventos que serão definitivos para resolver o enigma.

O primeiro é que o acidente do pai durante o verão esteve longe de ser insignificante: em meio a uma discussão com sua esposa e sem perceber que a porta de vidro do jardim estava fechada, bateu contra ela, provocando-se uma ferida severa no braço, a ponto de ser preciso chamar uma ambulância. Enquanto essa não chegava, a mãe foi até a cozinha, pegou um pano e colocou no braço do pai para deter a hemorragia. Tudo isso foi visto por Guille, que “se comportou muito bem”, diz a mãe, pois ficou em pé na entrada da sala, sem se mover, vendo a cena.

O segundo é que o pai não foi nas férias de inverno porque foi discutida na frente das crianças a possibilidade de que ele abandonasse definitivamente a casa. Quando a família voltou das férias para casa, o pai anunciou que tinha conseguido trabalho em um escritório para solucionar os problemas econômicos; o escritório onde ele trabalhava em casa, que estava ao lado da porta do jardim, foi desocupado.

Já com esta informação, recriando de novo as lembranças de minha supervisão com a Dra. Plá, pensei em uma estratégia simples para apresentar a Guille e relacioná-la com seus desenhos, que era a parte do comportamento repetitivo que mostrava no consultório. Foi assim que uma ideia criada em uma dupla constituída no *rêverie* foi oferecida como elemento a Guille para que pudesse ser introjetada (Brown, 2011). Quando fui relacionando a Guille essa nova informação com os detalhes do desenho que fazíamos, pouco a pouco o ato mecânico de traçar a forma da ambulância foi se convertendo em uma colocação em cena, em um jogo dentro do consultório: eu era o pai ferido e Guille corria rápido para buscar o pano para estancar a ferida, depois me levava para o hospital onde eu era curado, ainda que não sem antes sofrer um tratamento bastante sádico da parte do Dr. Guille. Aqui se parte do terceiro simbólico para estabelecer o terceiro compartilhado (Benjamin, 2004), que é possível construir a partir de um espaço potencial, que é o encontro intersubjetivo (Ogden, 1994). Mas esse espaço potencial pode ser usado como um fenômeno compartilhado uma vez que se tolera a representação de uma cena primária sádica (Britton, 1998), na qual o pai é torturado de forma repetida.

Assim, a estereotipia evolui em uma colocação em cena complexa, na qual se representava a saída do pai e, ao mesmo tempo, repetia-se a cena traumática do acidente. O fecundo dessa ideia é que permite converter os maneirismos motores, que fora do processo analítico são considerados como simples automatismos, em uma gestualidade potencialmente comunicativa, e não meras ações fisiológicas sem sentido. Assim, a construção de um terceiro simbólico e a cocriação de um terceiro compartilhado tornaram possível que os maneirismos representassem uma cena primária, foram germes de intenções comunicativas. A primeira vez que falei sobre o acidente com Guille, me disse não saber nada: “É que eu não estou aí”, me disse vagamente. Graças à cena e ao desenho da ambulância, pude relacionar sua representação como motorista da ambulância e o fato de que testemunhou o acidente, e conseguir que fossem simbolizadas como eixos de uma cena primária.

No entanto, é indispensável destacar que esta mudança de perspectiva, na qual o sem sentido pôde ser visto como um ato comunicativo, foi possível graças a, primeiro, que se estabeleceu um campo (Ferro, 1999) no qual, ao se consolidar uma identificação adesiva, pôde se desenvolver um sentido de fronteira, de limite, de pele entre analista e analisando (Bick, 1968/2005), de tal forma que, como o exemplifica a regressão que tive, se gerou um espaço interno no qual Guille pôde conter os objetos projetados, ou seja, tornou possível a identificação projetiva (Meltzer, 1978/1998).

Segundo, graças a este espaço interno que passava dialeticamente de uma bidimensionalidade a uma tridimensionalidade (Meltzer, 1975), foi possível a Guille introjetar a dupla criativa que buscava sentido nas estereotipias motoras e serviu de eixo interno para que o menino desse sentido a um ato que até então carecia de uma narrativa possível (Ferro, 2008, 2009) para ele e para os outros. Assim como na primeira parte se formou uma pele psíquica que permitiu conter objetos e elaborar mecanismos e fantasias, a bidimensionalidade, na segunda parte se introjetou a dupla parental sub-rogada pela dupla dos sonhos do analista, em uma tridimensionalidade (Meltzer, 1975; Bisagni, 2012), na qual é possível metabolizar os impulsos que se manifestavam diretamente no aparelho motor, de elementos beta a elementos alfa, de tal forma que Guille teve recursos internos suficientes para lhe dar um sentido individual, com estruturas narrativas, à crise familiar que estava vivendo (Ferro, 1993).

Terceiro, quando a dupla analista e suas lembranças com sua antiga supervisora, se converte em objetos internos que dialogam e pensam com atenção sobre suas repetições, fica possível que a dupla parental de Guille visse reforçada sua valência libidinal, criativa, em um contexto familiar de caos e brigas, o que baixou a ansiedade e o ajudou a metabolizar as explicações que seu analista lhe dava. É preciso lembrar que a dupla parental introjetada metaboliza, dá sentido aos conteúdos, mas, por sua vez, serve de continente aos estados emocionais. (Aron, 1995; Meltzer, 1978/1998).

Que estes três pontos se desdobrassem como processo foi possível pelo reconhecimento do terceiro simbólico (Benjamin, 2004) em um encontro intersubjetivo que criou um terceiro analítico (Ogden, 1994), nesse terceiro analítico se constituiu um campo (Ferro, 1999) onde o terceiro compartilhado (Aron, 2006; Benjamin, 2004) entre o analista e o analisante pôde recriar a cena primária como organizadora do espaço interno e propor a terceiredade como fenômeno edípico (Britton, 1988/1997, 1998).

Cumprindo um clássico postulado freudiano, a aparição do pensamento teve como função o restringir a ação; ou seja, ao construir um sentido narrativo à estereotipia motora, essa desapareceu, segundo informam os pais. Ainda que tenham aparecido outros maneirismos motores, esses foram menos perturbadores para a família e apresentaram uma qualidade que não aparecia na “corrida pela ambulância”: podiam ser narrados e, portanto, podia-se dialogar; refiro-me a que os pais podiam pedir a Guille que deixasse de fazê-lo, e ele se detinha ou dizia a seus pais que precisava sair ao jardim para “Fazer jogos”, o que a família concedia e tolerava como um ato privado de expulsão de suas tensões. O que foi uma estereotipia era agora parte, caso se queira, elementar, de uma ação comunicativa, no sentido que é dado por Habermas (1981/1999) ao termo, que o inclui dentro da dinâmica familiar e o mundo de vida.

Antes de terminar, quero explicitar um motivo que subjaz nestas páginas: não tentei buscar um sentido aos atos de Guillermo e, através dele, interpretar as estereotipias autistas. Buscar um sentido é pressupor que existe, de início, um “dentro” que possui conteúdos. Como espero ter esclarecido, tentou-se construir um sentido onde antes não existia. Construir supõe um trabalho; em um primeiro tempo, o de criar e designar um lugar; e posteriormente, o de possibilitar um espaço interior.

Não se pode obviar que existe uma aspiração em todo grupo social: a de dar um sentido comum, literalmente um lugar comum, aos atos individuais. Essa aspiração enfrenta a um curto-circuito quando indivíduos como os assim chamados autistas não podem, por diversas razões, dar conta do sentido de seus atos, seja porque são automatismos fisiológicos sem um significado cognitivo – o que Meltzer (1975) refere a um universo unidimensional – ou porque sua estrutura mental gera atos com significados autorreferenciais, que impedem qualquer ação comunicativa. Um dos trabalhos do psicanalista é construir, com o autista, significados socialmente comunicáveis para suas ações ou, em nosso vocabulário, tornar possível que opere a identificação projetiva. Nesse sentido, não se cumpre uma mera função educativa, como na estratégia comportamental; compre-se uma função materna, na qual, durante o *rêverie* da sessão, oferecem-se significados aptos para que o aparelho para pensar comece a funcionar. Com esse procedimento se promove, ao mesmo tempo, um aparelho para pensar e uma inserção social não autoritária do autista.

Resumo

Com Guille, um menino autista, explica-se os dois tempos que considero indispensáveis para o possível tratamento dessa condição. Guille carecia de um lugar dentro do esquema de relações simbólicas da família, encontrava-se em um *não lugar*. A primeira parte do processo consistiu em construir um lugar possível para Guille dentro da família: foi um paradoxo que esse lugar fosse dado através de um diagnóstico que, longe de congelá-lo em uma categoria, permitiu à família começar a vê-lo. Uma vez estabelecido esse lugar, a segunda parte do trabalho consistiu em dar conta dos processos de identificação que Guille desenvolvia durante as sessões. Paulatinamente, e marcando as diferenças, possibilitou o funcionamento da identificação projetiva, a criação de um espaço interior onde se metabolizasse os objetos internos. Os primeiros objetos que Guille introjetou foram o analista e os objetos internos que representavam o dispositivo, como pré-figuração da dupla parental, o que permitiu que se criasse a possibilidade de interpretar, dar significado às estereotipias motoras que Guille estava realizando e que eram consideradas meros automatismos fisiológicos. A introjeção da dupla analítica tornou possível dar um sentido humano ao que era mera descarga.

Palavras-chave: *Autismo, Processo psicanalítico, Identificação projetiva, Construção. Candidatas a palavra-chave: Campo analítico.*

Abstract

In the story of Guille, an autistic child, the two necessary steps to consider the possible treatment of this condition are explained. He lacked a place in the frame of his family's symbolic relationships, His was in a non-place. The first part of the process was to point out a possible place for Guille within the family: it was a paradox that this place was given



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3

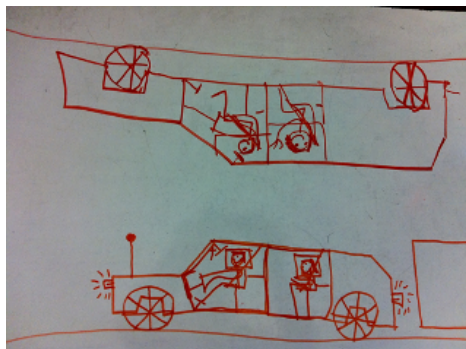


Imagem 4

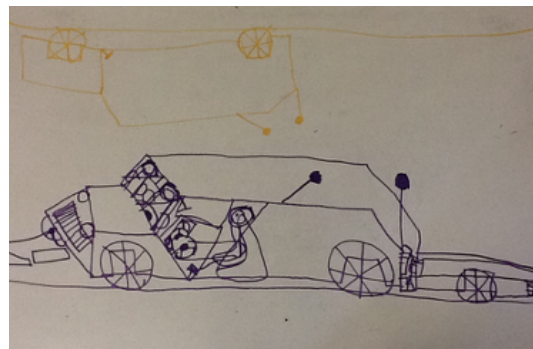


Imagem 5

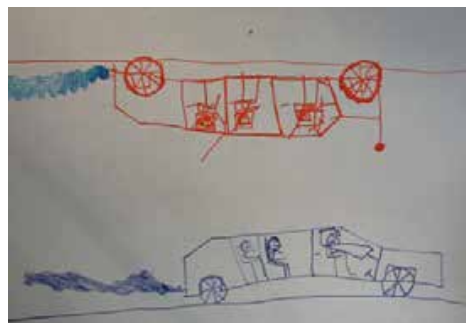


Imagem 6

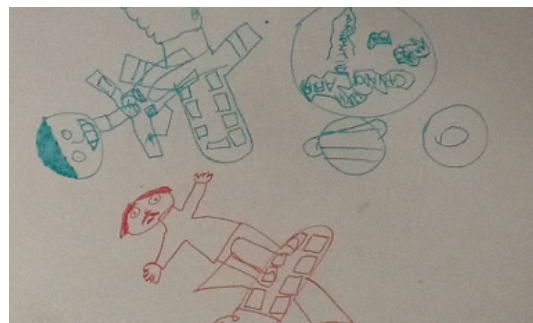


Imagem 7

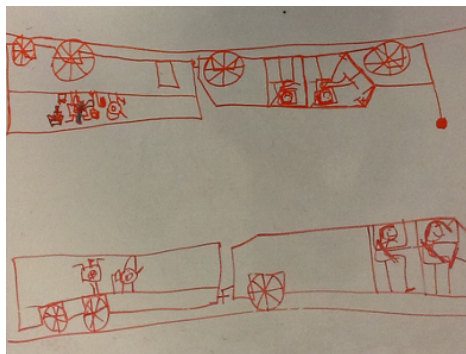


Imagem 8

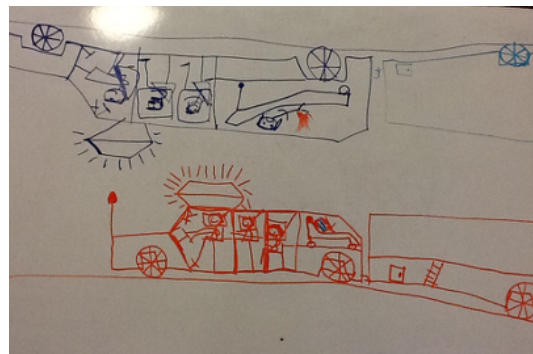


Imagem 9

through a diagnosis that, far from freezing him in a category, allowed the family to begin seeing him as a member. Having established this, the second part of the work consisted of giving account of the identification processes Guille developed during the sessions. Gradually, and pointing differences, the process allowed the operation of projective identification, creating an inner space where inner objects were metabolized. The first objects introjected were the analyst and his internal objects that represented the analytic setting, foreshadowing the parental couple; this introjections opened the possibility of interpreting, giving meaning to motor stereotypes which had been considered mere physiological automatism. The introjections of the analytic couple made possible to give human meaning to what were mere automatic responses.

Keywords: Autism, Psychoanalytic process, Projective identification, Construction. **Candidate to keyword:** Analytic field.

REFERÊNCIAS

- Álvarez A. e Reid S. (1999). *Autism and personality: Findings from Tavistock Autism Workshop*. Londres: Routledge.
- American Psychiatric Association (2014). *DSM-5*. Madri: Panamericana.
- Aron, L. (1995). The internalized primal scene. *Psychoanalytic Dialogues*, 5(2), 195-237.
- Aron, L. (2006). Analytic impasse and the third: Clinical implications of intersubjectivity theory. *International Journal of Psychoanalysis*, 87(2), 349-368.
- Augé, M. (1993). *Los no lugares: Espacios del anonimato. Antropología sobre modernidad*. Barcelona: Gedisa.
- Baranger, M. e Baranger, W. (2008). The analytic situation as a dynamic field. *International Journal of Psychoanalysis*, 89(4), 795-826.
- Baron-Cohen, S. (2008). *Autismo y síndrome de Asperger*. Madri: Alianza.
- Benjamin, J. (2004). Beyond doer and done to: An intersubjective view of thirdness. *The psychoanalytic Quarterly*, 73(1), 5-46.
- Benjamin, J. (2009). A relational psychoanalysis perspective on the necessity of acknowledging failure in order to restore the facilitating and containing features of the intersubjective relationship (the shared third). *International Journal of Psychoanalysis*, 90, 441-450.
- Benvenuto, S. (2019). Autism: A battle lost by psychoanalysis. *Division/Review*, 19, 26-32.
- Bick, E. (2005). The experience of the skin in early object-relations. Em E. Bott Spillius (ed.), *Melanie Klein today* (vol. 1). Londres: Routledge. (Trabalho original publicado em 1968).
- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience*. Londres: Heinemann.
- Bion, W. R. (1996). *Volviendo a pensar*. Buenos Aires: Lumen.
- Bisagni, F. (2012). Delusional development in child autism at the onset of puberty: Vicissitudes of psychic dimensionality between disintegration and development. *International Journal of Psychoanalysis*, 93(3), 667-692.
- Bleger, J. (1984). *Simbiosis y ambigüedad*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1967).
- Britton, R. (1997). The missing link: Parental sexuality in the Oedipus complex. Em R. Schafer (ed.), *The contemporary Kleinians of London* (pp. 242-258). Madison: International University Press. (Trabalho original publicado em 1988).
- Britton, R. (1998). *Belief and imagination*. Londres: Routledge.
- Brown, L. (2010). Klein, Bion, and intersubjectivity: Becoming, transforming, and dreaming. *Psychoanalytic Dialogues*, 20(6), 669-682.
- Brown, L. (2011). *Intersubjective process and the unconscious*. Londres: Routledge.
- Brown, L. (2015). Ruptures in the analytic setting and disturbances in the transrormational field of dreams. *The Psychoanalytic Quarterly*, 84(4), 841-865.
- Civitaresse, G. (2005). Fire at the theatre. *International Journal of Psychoanalysis*, 86, 1299-1316.
- Dolto, F. (1993). *Psicoanálisis y pediatría*. México: Siglo XXI.
- Emanuel, C. (2015). An accidental Pokemon expert: Contemporary psychoanalysis on the

autism spectrum. *International Journal of Psychoanalytic Self Psychology*, 10(1), 53-68.

Ferro, A. (1993). From hallucination to dream: From evacuation to the tolerability of pain in the analysis of a preadolescent. *Psychoanalytic Review*, 80(3), 389-404.

Ferro, A. (1999). *The bi-personal field*. Londres: Routledge.

Ferro, A. (2008). The patient as the analyst's best colleague: Transformation into a dream and narrative transformations. *Italian Psychoanalytic Annual*, 2, 199-205.

Ferro, A. (2009). Transformations in dreaming and characters in the psychoanalytic field. *International Journal of Psychoanalysis*, 90, 209-230.

Ferro, A. e Basile, R. (2009). *The analytic field*. Londres: Karnac.

Habermas, J. (1999). *Teoría de la acción comunicativa*. Madri: Taurus. (Trabalho original publicado em 1981).

Klein, M. (1987). *El psicoanálisis de niños*. Em M. Klein, *Obras completas* (vol. 2). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1932).

Klein, M. (1990a). Contribución a la psicogénesis de los estados maniaco-depresivos. Em M. Klein, *Obras completas* (vol. 1). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1935).

Klein, M. (1990b). El complejo de Edipo a la luz de las ansiedades tempranas. Em M. Klein, *Obras completas* (vol. 1). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1945).

Klein, M. (1990c). Estadios tempranos del conflicto edípico. Em M. Klein, *Obras completas* (vol. 1). Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1928).

Lombardi, R. (2008). The body in the analytic session: Focusing on the body-mind link. *International Journal of Psychoanalysis*, 89, 89-109.

Maleval, J. C. (2010). Autismo, enunciación y alucinaciones. *Interrogant*, 10, 49-59. Disponível em: <https://revistainterrogant.org/autismo-enunciacion-y-alucinaciones/>

Meltzer, D. (1975). Dimensionality in mental functioning. Em D. Meltzer, J. Bremner, S. Hoxter, D. Weddell, I. Wittenberg, *Explorations in autism* (pp. 223-238). Londres: Karnac.

Meltzer, D. (1996). *El proceso psicoanalítico*. Buenos Aires: Lumen. (Trabalho original publicado em 1967).

Meltzer, D. (1998). *The kleinian development*. Exeter: Karnac. (Trabalho original publicado em 1978).

Molinari, E. (2020). Intimacy and autism: An apparent paradox. *The Psychoanalytic Quarterly*, 89(3), 483-502.

Nardi, M. (2017). Trying to breathe when there is no more oxygen: Psychoanalysis and autism. *Italian Psychoanalytic Annual*, 11, 137-147.

Nissen, B. (2017). "Emotional" storms in autistoid dynamics. Em D. Power y H. Levine (ed.), *Engaging primitive anxieties of the emerging self: The legacy of Frances Tustin*. Londres: Karnac.

Ogden, T. H. (1989). *The primitive edge of experience*. Nova Jersey: Jason Aronson.

Ogden, T. H. (1994). The analytic third: Working with intersubjective clinical facts. *International Journal of Psycho-Analysis*, 75, 3-19.

Ogden, T. H. (2005). On psychoanalytic supervisión. *International Journal of Psychoanalysis*, 86, 1265-1280.

Pérez de Plá, E. (2000). El sujeto, el cuerpo y el otro. Em E. Pérez de Plá e S. Carrizosa (comp.), *Sujeto, inclusión y diferencia*. México: Universidad Autónoma Metropolitana.

Power, D. (2017). Introduction. Em D. Power y H. Levine (ed.), *Engaging primitive anxieties of the emerging self: The legacy of Frances Tustin*. Londres: Karnac.

Power, D. e Levine, H. (ed.) (2017). *Engaging primitive anxieties of the emerging self: The legacy of Frances Tustin*. Londres: Karnac.

Roitman, Y. (2020). On intersubjective aspects of autism: The 'lightduress' of human contact. *Journal of Child Psychotherapy*, 46(2), 241-254.

Segal, H. (2005). Notes on symbol formation. Em E. Bott Spillius (ed.), *Melanie Klein today* (vol. 1). Londres: Routledge. (Trabalho original publicado em 1957).

Tustin, F. (1986). *Autistic barriers in neurotic patients*. Londres: Karnac.

Tustin, F. (1990). *El cascarón protector en niños y adultos*. Buenos Aires: Amorrortu.

Wing, L. e Gould, J. (1978). Systematic recording of behaviors and skills of retarded and psychotic children. *Journal of Autism and Childhood Schizophrenia*, 8, 79-97.

Winnicott, D. W. (1965). The theory of the parent-infant relationship in the maturational processes and the facilitating environment New York: Int. Univ. Press, pp. 37-55. (Trabalho original publicado em 1960).

Winnicott, D. W. (1996). *Realidad y juego*. Buenos Aires: Gedisa. (Trabalho original publicado em 1971).

Analia Wald*

A infância da época: O que nos ensina a psicanálise em tempos de *avant-coup***

Vamos batizá-la de infância, o que não se fala. Uma infância que não é uma idade da vida e que não passa. Ela povoa o discurso. Ela não para de afastá-la, é sua separação. Mas se obstina, com ele mesmo, em constituí-la, como perda. Sem saber, a acolhe. Ela é seu resto. Se a infância permanece nela, é porque habita no adulto, e não apesar disso.¹
J.-F. Lyotard, *Lecturas de infancia*

For in every adult there dwells the child that was, and in every child there lies the adult that will be.²
John Connolly, *The book of lost things*

A referência explícita ou implícita ao infantil constitui o núcleo ao redor do qual se desdobra, de modo rizomático, o conjunto da teoria psicanalítica. Trata-se da infância como aquilo que transcende os tempos da meninice, para a qual Lyotard (1997) propôs o termo *infantia* (*das infantile*): "Uma infância que não é uma idade da vida e que não passa" (p.15). Se a voz da *infantia* é aquilo que durante toda a vida coloca em jogo "outra cena", a noção de *criança* afeta a metapsicologia, a clínica e o conjunto de práticas que se fundamentam no pensamento clínico psicanalítico.

Os critérios de definição de *criança* são múltiplos e diversos, mesmo na obra do próprio Freud. Esses critérios não se opõem, mas conformam

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

** Algumas ideias que são desenvolvidas neste trabalho foram expostas em duas apresentações e três publicações no Congresso Virtual Fepal 2020. Ampliando os enquadres para alojar os novos desafios em psicanálise de crianças, Transformações na prática clínica com meninos, meninas e adolescentes. Intervenções em zonas de fronteiras: Reorganização epistêmica? e Psicanálise extra-muros: Uma caixa de ferramentas teórico-clínica para atravessar as fronteiras do consultório.

1. N. do T.: Esta e as demais citações são de tradução livre, exceto quando se especifica o contrário.
2. N. do T.: *Pois em cada adulto vive a criança que ele foi um dia/ e em cada criança espera o adulto que ela será.* Tradução de C. Prada. A tradução corresponde a Connolly, J. (2010) *O livro das coisas perdidas*. Cecília Prada (trad.) Bertrand Editora, Lisboa. (primeira publicação 2006)



um mosaico que permite cercar os modos de constituição do “infantil” ao longo dos tempos da infância. O perverso polimorfo da sexualidade infantil; a criança maravilhosa do narcisismo; a criança que goza do fantasma da surra; a criança do desamparo originário frente às palavras, as seduções e os traumas dos adultos; a criança que teoriza sobre essas seduções e traumas dos adultos vai se encaixando de modo recursivo e rizomático na trama multidimensional dos tempos prévios ao *après-coup*.

Os psicanalistas que trabalhamos com crianças e adolescentes estamos em contato com esta dimensão da infância que habitará para sempre no adulto e que incide nos modos e na qualidade dos laços com os que essa criança no adulto contribuirá para a construção da comunidade e para a transmissão às novas gerações.

Analítica das práticas: A psicanálise de crianças

A psicanálise surgiu como conhecimento do espaço intrapsíquico, tratando sofrimentos de origem psíquica. Seu método inaugural foi o tratamento individual dos adultos neuróticos. As primeiras extensões da psicanálise se referem a tratamentos de crianças e adolescentes, de pacientes psicóticos e *borderlines*. Segundo Kaës (13 de outubro de 2015), cada vez que se produziram extensões, a psicanálise se agitou. A psicanálise de crianças envolveu desenvolvimentos importantes em relação ao lugar do jogo e do desenho, que envolvem teorizações sobre a atividade representativa e a constituição psíquica. Desde cedo a questão do lugar dos pais – no tratamento de Joãozinho, na polêmica Anna Freud-Melanie Klein, assim como na proposta de Winnicott de que não existia um bebê sem alguém mais – alterava a teoria. Como incorporar as riquíssimas contribuições de Winnicott em relação com o ambiente e com a orientação francesa a respeito do lugar da criança no desejo e no discurso dos pais sem perder a especificidade do trabalho com a criança? Conceitos como processo de metabolização, em Piera Aulagnier (1976); de metábola, em Laplanche (1987/1989); de estrutura enquadrante, em Green (2002/2010), dão conta do trabalho psíquico necessário que vincula o eixo intersubjetivo com o eixo intrapsíquico.

A partir das teorias de diferentes autores que se aprofundaram no psiquismo precoce, a prática foi se estendendo ao trabalho clínico com bebês: transtornos da primeiríssima infância (sonho, alimentação, depressões precoces, autismo). Começaram a surgir outros meios de tratamento do sofrimento psíquico diferentes do tratamento individual: os psicanalistas de crianças ingressamos em hospitais, escolas, para trabalhar com professores e psicólogos escolares, incorporamos enquadres clínicos grupais, orientação a pais e outras práticas.

Por outra parte, atualmente algumas consultas demandam um trabalho de alojamento das crianças nas instituições escolares. A aplicação da lei de identidade de gênero requer às vezes um trabalho coordenado com a escola, que em ocasiões deve enfrentar a outros pais. Ocorre algo parecido com as crianças com transtornos graves na subjetivação, com as quais a inclusão ou a criação de enquadres adaptados requer a participação ativa do psicanalista.

Os desafios que são apresentados aos psicanalistas de crianças e adolescentes no mundo atual requerem uma abertura do enquadre que supõe abrir a experiência a outros fenômenos que os enquadres atuais

nos impedem de perceber. Entendemos por enquadres os modos particulares com os quais outorgamos sentido à complexidade das situações. Não me refiro exclusivamente aos enquadres teóricos, mas também às estruturas de crenças, percepções, valores, preconceitos e apreciações com as que abordamos as situações clínicas e nos propomos a transformá-las (Schön, 1983)³.

Minha proposta é que as transformações na clínica com crianças e adolescentes implicam a incorporação *de fato* de múltiplas dimensões que mudaram a própria textura das práticas. A hipótese deste trabalho é que a ampliação do enquadre na psicanálise de crianças possibilita contribuições teórico-clínicas, metapsicológicas, epistemológicas e metodológicas à psicanálise em geral. Talvez seja tempo de pensar que a psicanálise, enquanto prática cultural e simbolizante, é uma só e é plural.

Contribuições teórico-clínicas: Uma cartografia dinâmica dos processos psíquicos

Uma primeira ampliação do enquadre está relacionada com dar lugar à diversidade sexual e de gênero e às novas parentalidades. As normas legais de muitos países foram modificadas para incluir a diversidade no mesmo nível das identidades e das configurações familiares. A ideia de família como estrutura de alojamento e transmissão segue vigente, mas suas modalidades de configuração se enriqueceram e se tornaram mais complexas. O estabelecimento das funções da parentalidade com autonomia de gêneros e posições sexuadas envolve uma transformação em todo o sistema de parentesco. Já não se trata apenas dos efeitos das famílias montadas que caracterizaram a passagem para a modernidade líquida ou das paternidades e maternidades homoeróticas, mas de que as técnicas de reprodução possibilitam, por exemplo, um homem trans gestante.

Os novos “existires” demandam novas cartografias e novos modos de cartografar. Durante anos acreditamos que o sexo biológico era uno, e agora resulta que também a biologia está feita de discurso e descobrimos que sua evolução foi permeada pela ordem sexual moderna. A ideia de uma coincidência harmônica e feliz entre o sexo gonadal, o sexo cromossômico, e sexo anatômico e o neurodesenvolvimento levou a patologizar e tentar “normalizar” as pessoas intersexuais. Os novos existires questionam a ideia de uma identidade consistente e imutável, sem hibridações, sem instabilidades nem matizes. Identificações que acreditávamos imodificáveis e garantidoras de estabilidade estrutural podem mutar sem um colapso subjetivo. O ordenamento segundo o complexo de Édipo e o de castração não é o único possível: o sexual pulsional (sempre em excesso) pode se ligar, organizar e objetivar de formas diversas; a diferença sexual perde centralidade na constituição subjetiva e na construção da alteridade.

3. A noção de enquadre apresenta notáveis coincidências com o conceito de Esquema Conceitual Referencial Operativo (ECRO), de Enrique Pichón Rivière. Em 1976, Pichón Rivière definiu o ECRO como um conjunto organizado de conceitos gerais, teóricos, referidos a um setor do real, a um determinado universo de discurso que permite uma aproximação instrumental ao objeto particular (concreto). O ECRO é a teoria e o repertório metodológico com os quais se aborda o sujeito em suas condições concretas de existência para compreender assim sua conduta nos diferentes âmbitos nos quais se encontra imerso. Esse esquema referencial, esse “dispositivo para pensar”, permite perceber, distinguir, sentir, organizar e operar na realidade (Zito Lema, 1976).

O trabalho no campo da diversidade sexual e de gênero me mostrou que o que pode adquirir consequências dramáticas é a precariedade no alojamento desejante na trama familiar e social. Os psicanalistas sabemos o que pode implicar para uma criança um alojamento lábil no desejo do Outro. Mas esse Outro esteve, em nossos enquadres, mais ligado à trama edípica em sua versão familiar. Por outro lado, quero chamar a atenção sobre o papel que desempenha na constituição subjetiva a qualidade do lugar de uma criança no discurso social. E nesse ponto, o campo se amplia a pessoas excluídas ou marginalizadas por pertinência de gênero, etnia ou orientação sexual, ou por pertencer a setores de pobreza. Mais ainda em nossos países marcados pela desigualdade e por modos estruturais de discriminação e racismo. Por isso é imprescindível que os psicanalistas ampliem nossos enquadres para evitar reproduzir esses modos de exclusão.

Quais são os instrumentos que nos oferece a psicanálise para ampliar o enquadre para alojar as identidades precárias no mundo de hoje, para pensar a subjetividade em sua evolução transformadora e em sua multidimensionalidade?

Em primeiro lugar, torna-se necessário sustentar um grande X para nos referirmos a tudo o que ainda não sabemos, o que desconhecemos e que às vezes nos assusta porque *ainda* não entrou em nossos enquadres. Logicamente que há dinamismos desejantes nos adultos encarregados das crianças, mas há dinamismos biológicos, hormonais, neurológicos, e também está, como diria Lacan, *a insondável decisão do ser*. A extensão dos domínios da psicanálise implica a aceitação de que sua base teórica atual (seja para o autismo, para as problemáticas de gênero, para as desarmonias evolutivas e para outras formas de padecimento) é necessária, mas não suficiente, e se enriquece com contribuições de outros territórios e disciplinas como a antropologia, os estudos de gênero, a neurobiologia, entre outros. Cabe apontar que os processos de lateralização, a visão binocular, a articulação fonológica e diversos processos que envolvem o eixo psicossomático ocorrem no interior de culturas particulares que lhes conferem sua impressão: a psicanálise de crianças é hoje, mais que nunca, uma prática de fronteiras.

Em segundo lugar, em relação às práticas⁴ de criação, os processos de libidinização, transvasamento narcisista, antecipação e transmissão da linguagem fundamental por parte dos adultos para as novas gerações se produzem em uma dinâmica de presença e ausência com efeitos estruturantes no psiquismo da criança. As contribuições erógenas e libidinais se organizam em ritmos, sequências e cadências que geram enigmas, cortes, separação e diferença. Essas funções podem estar exercidas por uma pessoa ou muitas, mas são exercidas de modo fragmentário, não binário e não necessariamente relacionado com o gênero. Ou seja, nos tempos *avant-coup* a possibilidade de que uma criança construa adiamentos e capacidades sublimatórias depende de uma operatória complexa não designável a pessoas específicas.

Em terceiro lugar, a perspectiva psicopatológica se revelou insuficiente para abordar as diversas formas de padecimento de crianças e jovens. Como contraponto à criação de categorias diagnósticas dos últimos anos, que está relacionada com a crescente medicalização da

4. As práticas são eventos ou acontecimentos históricos singulares que constituem *modos de dizer, modos de fazer, modos de produzir e modos de pensar* (Rodríguez Zoya, 2018).

vida e mercantilização da atividade científica, podemos propor, por outro lado, uma *cartografia dinâmica dos processos psíquicos*. Quais são os processos psíquicos que necessitamos cartografar? A organização do campo desejante e discursivo familiar, o alojamento no campo social, a organização do campo pulsional sexual sempre em excesso que entra em diálogo recursivo com o corpo e com o gênero designado ao nascer. A matriz de subjetivação edípica continua sendo a mais habitual em nossa cultura, mas não é a única. O eixo da questão está nos apoios veiculados nos vínculos com os adultos cuidadores que possibilitam a constituição das diferentes operações simbólicas que serão o núcleo do infantil e sua reelaboração adolescente: constituição dos autoerotismos integradores da sensorialidade, saída da sexualidade autoerótica e do encerramento narcisista, constituição do pensamento autônomo, reconhecimento da alteridade, queda da onipotência, regulação dos gozos sexuais, investimento do campo social e constituição de um projeto identificatório, desdobramento de processos imaginativos e de pensamento crítico.

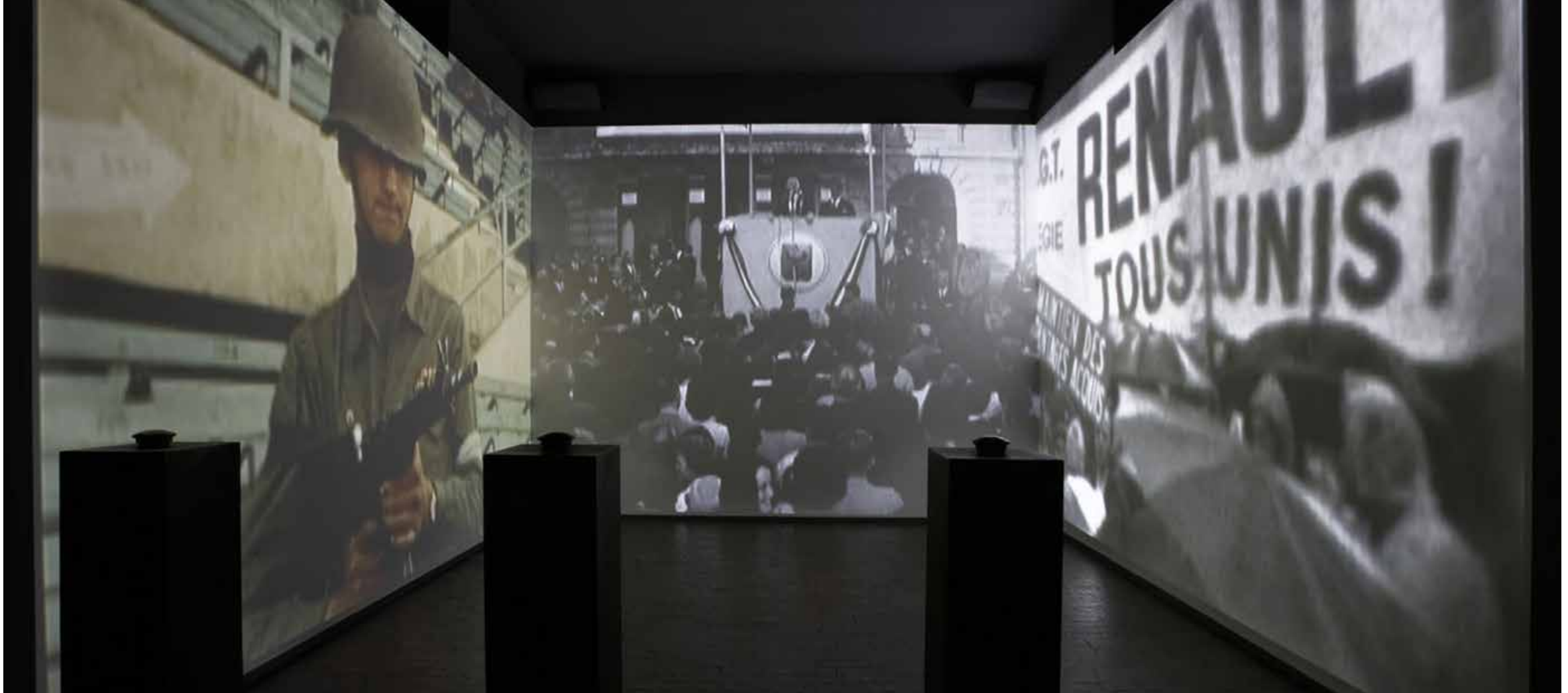
Contribuições para a metapsicologia: O campo social

O trabalho com subjetividades pertencentes a setores que não foram alcançados pela psicanálise nos confronta com a ideia de que as crianças e seus pais fazem parte de um contexto social com alojamentos diversos. O lugar que o Outro dá ao sujeito é fundamental na construção da alteridade e do laço social: constitui o umbral a partir do qual construímos, de forma recursiva, nossos próprios fantasmas das relações com o mundo social. Um nome, uma filiação, uma vaga na escola são pontos na carta de cidadania para um sujeito que, em contrapartida, assume lugares, objetos, pessoas, vozes, cantos, rituais, modos de falar da cultura que o reconhece e que reconhece como própria. Esses se tornam referências que sustentam a criança na elaboração de um projeto identificatório. Em síntese, nosso enquadre deve contemplar o legado cultural e identificatório de cada criança e ponderar os modos nos quais seu grupo de pertinência acompanha ou obstaculiza os processos de constituição subjetiva e simbólica.

Desta forma, as problemáticas na infância nos mostram o circuito de codeterminação de efeitos entre os vínculos, a intersubjetividade e o espaço intrapsíquico. No entanto, isso não ocorre de uma vez e para sempre: o conceito de “plasticidade” na construção de sua identidade, por parte do sujeito – a partir de uma perspectiva complexa e crítica – tem implicações tanto pedagógicas como éticas, estéticas e políticas (Malabou, 2004).

É necessário ampliar a metapsicologia para dar conta da pluralidade de lugares, dinâmicas e economias da realidade psíquica. Diversos autores estenderam a tópica psíquica para articular os níveis de integração psique-soma-meio. Como uma fita de Moebius, não há fronteiras nítidas que separem o interno do externo, o próprio do alheio.

Trata-se de espaços contínuos, diferentes, mas fundidos entre si. Os níveis de permeabilidade ao exterior no mundo psíquico são variáveis e se situam ao longo de um contínuo. O conceito de contrato narcisista de Piera Aulagnier (1976) outorga ao discurso sociocultural uma função estruturante no psiquismo da criança. A necessidade de relações intersubjetivas para a dinamização do psiquismo na infância propõe o lugar das instituições na constituição subjetiva: sabemos que o psiquismo se



↑
6 septembres, 2005
 Christian Boltanski
Installation, 3 DVD, 3 remote controls, 3 min. looped
 Courtesy: Christian Boltanski Studio and Marian Goodman Gallery
 ©Christian Boltanski, Licensed by ADAGP
 Photo credit: John Berens

enriquece quando se estabelecem relações significativas com os objetos culturais. A escola é a oportunidade e o direito que têm as crianças para o desdobramento do psiquismo: é nos atravessamentos institucionais que se constitui o lugar do semelhante, potencializa-se o intercâmbio simbólico pela constituição do “comum”, coloca-se em jogo a diferença no encontro com o outro. É responsabilidade dos Estados que essas relações se estabeleçam, e é por isso que os psicanalistas não podemos ser alheios ao conceito de educação inclusiva, não estigmatizante (Schlemenson, 2014), que é aquela que abriga as oportunidades da diferença, possibilitando a retificação da precariedade simbólica transmitida, os fantasmas de exclusão ou o alojar lável no desejo do Outro familiar. É responsabilidade dos Estados que essas relações continuem, ainda que em tempos de confinamento por pandemia (Wald *et al.*, 2020).

Devemos dar lugar na teoria e no método psicanalíticos para o fato de que a potencialidade de inclusão da diferença e a estabilização da relação com o semelhante não ocorre exclusivamente no consultório, mas sim no campo social, em uma dinâmica complexa, dialógica e recursiva.

É na construção do comum a todos que se desdobram os processos imaginativos como potência de resposta subjetiva: a imaginação como

recurso indispensável para a construção de um projeto identificatório e uma expectativa desejante de transformação social. O sujeito da plasticidade é um sujeito da temporalidade, da não-linearidade, do devir, sempre aberto à oportunidade de neogênese.

Contribuições epistemológicas: Abordagem de fronteiras e epistemologia da prática

As concepções anteriores se concretizam em um programa clínico assistencial no âmbito da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires⁵, no qual trabalhamos com meninos, meninas e jovens, e suas famílias, que apresentam diferentes situações de vulnerabilidade: exclusão socioeconômica, simbólica, diglossia conflitiva de línguas, população imigrante ou algum diagnóstico neurológico. Ou seja, condi-

5. Programa de Assistência Psicopedagógica. Secretaria de Extensão Universitária. Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires. O programa está vinculado à pesquisa UBACyT 20-21 “Problemas de aprendizagem: tratamento de meninas e meninos com problemáticas complexas” com sede no Hospital das Clínicas. Diretora: Analia Wald. O programa assistencial recebe consultas das Equipes de Orientação Escolar da Cidade de Buenos Aires e da Seção de Neuropediatria do Hospital das Clínicas.

cionantes neurobiológicos, sociais e histórico-afetivos incidem na disponibilidade psíquica das crianças e na organização de seus processos de simbolização. Não se trata de multideterminação ou pluricausalidade, mas de complexidade na qual os diferentes aspectos se coisificam e co-determinam de forma dialógica e recursiva⁶.

A abordagem clínica de crianças que apresentam estas dificuldades promove a pergunta sobre as oportunidades para o surgimento do potencial de cada sujeito. A oferta simbólica social encarnada na escola restringe ou potencializa o desejo de abertura. O enquadre clínico possibilita ressignificar as conflitivas e as capturas narcísicas, mas é necessária uma conjunção de intervenções na criança com problemáticas clínicas complexas, abandonando as casualidades simplificadoras e incorporando uma abordagem de fronteiras. No programa, todas as crianças e os adultos encarregados participam do dispositivo clínico grupal, mas, ao mesmo tempo, cada criança requer a criação de dispositivos *ad-hoc*, a partir de hipóteses clínicas elaboradas pela equipe interdisciplinar na qual os psicanalistas necessitam traduzir dimensões psíquicas para participar na construção de uma linguagem comum.

A pergunta que é proposta aos praticantes é como incorporar os saberes e o capital simbólico envolvido nas novas práticas, ao corpus teórico da psicanálise. Schön (1983) propõe a busca de uma nova epistemologia da prática implícita nos processos intuitivos e artísticos que alguns profissionais realizam nas situações de incerteza, instabilidade e singularidade. Quando um praticante reconhece uma situação como única, não pode tratá-la somente mediante a aplicação de teorias e técnicas derivadas de seu conhecimento profissional. Nesse conhecimento estabelecido na ação Schön diferencia basicamente dois componentes: por um lado, o saber de caráter teórico que corresponde ao adquirido por meio do estudo científico, o que pode se chamar coloquialmente o *saber de livro* e, por outro, o *saber-na-ação*, procedente da prática profissional, e que é algo tácito, espontâneo e dinâmico. Haveria uma “inteligência” própria na atuação, a epistemologia da ação seria a elucidação do saber por trás das ações. Essa é a ideia do pensamento clínico (Green, 2002/2010). Ainda que o trabalho com um caso resista a generalizações, o que este caso nos ensina se recorta no horizonte de uma pluralidade. O problema que é proposto aos praticantes da psicanálise é a validação dos novos conhecimentos que cada situação gera e sua incorporação às teorias existentes. A contribuição teórica geralmente remete a estabelecer categorias que permitam compreender as particularidades das relações que vão sendo configuradas e se tornando mais complexas em cada situação. Temos assim a possibilidade de construir modelos que permitam outorgar sentido a muitos dos fenômenos observados. Obviamente, esse sentido está dado irredutivelmente pela teoria de referência. E a viabilidade do novo modelo é ponderada de acordo com a correspondência e as discrepâncias com a teoria base, e sua capacidade, segundo outros colegas, de dar conta dos processos observados.

6. A definição proposta por Rolando García (2006) argumenta que os sistemas complexos são sistemas não decomponíveis cujos elementos estão interdefinidos. Os problemas clínicos que as crianças que assistimos apresentam não podem ser abordados nem compreendidos de forma isolada por nenhuma das disciplinas, pelo fato de que neles se articulam e ressignificam reciprocamente diferentes fatores.

Um conceito “fronteira”: A produção simbólica

Em nossa equipe cunhamos o conceito de produção simbólica⁷, que se refere às produções com as que as crianças e jovens interpretam o mundo e constroem um sentido a partir de sua experiência. É um conceito da complexidade, ponte entre a atividade psíquica e o mundo social: enquanto objeto teórico, é uma trama conceitual de hipóteses metapsicológicas (dimensões desejantes, formas de atividade representativa, oferta simbólica parental e cultural, conflitivas predominantes) e, por outra parte, implica referentes empíricos concretos, como desenhos, jogos, redações, narrativas, vídeos, canções, leituras e conhecimentos escolares (Wald *et al.*, 2019). As produções que as crianças e jovens realizam em seus tratamentos clínicos articulam dimensões corporais, simbólicas, psíquicas e culturais que dão conta dos processos psíquicos e dos eixos de sentido que intervêm em sua produção. A hipótese é de que a dinamização e a ampliação da produtividade simbólica tracam uma margem para a compulsão repetitiva por meio de uma derivação transformadora.

Uma escuta/leitura psicanalítica das produções proporciona novas aberturas tendentes a “neutralizar” as operações defensivas. Daniel Lagache (1968) retomou de Bibring (1943) o conceito de “mecanismo de desprendimento” para diferenciá-lo das operações defensivas do eu. A operação defensiva é substituída por uma operação de desprendimento: “não se destrói, mas sim se substitui” (Lagache, 1968, p. 22). Desse modo, a defesa modifica sua relação com a compulsão de repetição.

Silvia Bleichmar (23 de agosto de 2007) retomou estas ideias sustentando que o colocar para fora em Bibring ou o mecanismo de desprendimento de Lagache seriam formas da criação, formas da produção simbólica que, a partir do mal-estar psíquico, permitem um enriquecimento. As crianças sem dificuldades realizam essa transformação do mal-estar psíquico de forma espontânea mediante o jogo e podem dinamizar sua atividade psíquica a partir das ofertas sociais existentes.

Intervir de, em e a partir das produções simbólicas é uma aposta para gerar transferências em espaços impensados, para relançar trajetórias produtivas, para imaginar o impossível como possível. As produções simbólicas imaginativas são um recurso essencial para o pensamento autônomo e para a elaboração de qualquer projeto de transformação no campo social de crianças (Wald, 2018). Essa é nossa aposta no trabalho com crianças de hoje para a criança no adulto do futuro.

Cada vez se torna mais evidente que o modo no qual enquadrámos as problemáticas está influenciado por nossas disposições teóricas, éticas e políticas. O conceito de *praxis* promove a interrogação como atitude permanente para estar em diálogo com as mudanças que vivemos. O mundo da pós-pandemia, em sua mais cruel desigualdade, estará nos esperando.

Resumo

Propõe-se que as transformações na clínica com crianças e adolescentes implicam a incorporação *de fato* de múltiplas dimensões que mudaram a textura das práticas. A hipótese deste trabalho é que a ampliação do

7. A cátedra de Psicopedagogia Clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires, o Programa de Assistência Psicopedagógica e o Programa de Pesquisa foram criados em 1986 pela Dra. Silvia Schlemenson.

enquadre na psicanálise de crianças possibilita contribuições teórico-clínicas, metapsicológicas, epistemológicas e metodológicas para a psicanálise em geral. A partir da análise das práticas atuais de educação, propõe-se uma cartografia dinâmica dos processos psíquicos que se distancia das perspectivas psicopatológicas. São desenvolvidos os modos nos quais as problemáticas na infância mostram o circuito de code-terminação de efeitos entre os vínculos, a intersubjetividade e o espaço intrapsíquico, associado à ideia de um psiquismo aberto ao campo social e aos processos de neogênese. Desdobra-se o conceito de produção simbólica como ponte entre processos psíquicos e os objetos culturais. Propõe-se a epistemologia da ação como a elucidação do saber a partir das ações, afinada com a ideia do pensamento clínico.

Palavras-chave: *Imaginação, Socialização, Subjetivação, Transformações.*

Abstract

It is postulated that the transformations in the clinic of children and adolescents imply the incorporation of multiple dimensions that have changed the texture of practices. The hypothesis of this work is that the broadening of the framework in the psychoanalysis of children makes possible theoretical-clinical, metapsychological, epistemological and methodological contributions to psychoanalysis in general. Starting from the analysis of current parenting practices, a dynamic cartography of psychic processes is proposed that distances itself from psychopathological perspectives. The ways in which problems in childhood show the circuit of co-determination of effects between the links, the intersubjectivity and the intra-psychic space are developed, associated with the idea of a psyche open the social field and to the processes of neogenesis. The concept of “symbolic production” is developed as a bridge between psychic processes and cultural objects. The epistemology of action is proposed as the elucidation of the knowledge behind the actions related to the idea of clinical thought.

Keywords: *Imagination, Socialization, Subjectivation, Transformations.*

REFERÊNCIAS

- Aulagnier, P. (1976). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bibring, E. (1943). The conception of the repetition compulsion. *The Psychoanalytic Quarterly*, 12(4), 486-519.
- Bleichmar, S. (23 de agosto de 2007). Juego infantil, producción de sentido y “Gatita”. *Página12*. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/psicologia/subnotas/90109-28789-2007-08-23.html>
- García, R. (2006). *Sistemas complejos: Conceptos, método y fundamentación epistemológica de la investigación interdisciplinaria*. Barcelona: Gedisa.
- Green, A. (1996). *La metapsicología revisitada*. Buenos Aires: Eudeba. (Trabalho original publicado em 1995).
- Green, A. (2010). *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 2002).
- Kaës, R. (13 de outubro de 2015). *Problemas planteados por la extensión del psicoanálisis: Obstáculos y aperturas clínicas y teóricas*. Videoconferência para a Asociación Psicoanalítica Argentina, Buenos Aires. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B4QV-hsNS-EZYmhtdEtOZHfSbEk/view>
- Lacan, J. (1999). *El seminario de Jacques Lacan, libro 11: Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lagache, D. (1968). El psicoanálisis y la estructura de la personalidad. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*. Disponível em: <http://www.apuruguay.org/apurevista/1960/16887247196810010203.pdf>
- Laplanche, J. (1989). *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis: La seducción originaria*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (2003). *Castración. Simbolizaciones: Problemáticas 2*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1980).
- Lyotard, J.-F. (1997). *Lecturas de infancia*. Buenos Aires: Eudeba.
- Malabou, C. (2010). *La plasticidad en espera*. Santiago do Chile: Palinodia.
- Rodríguez Zoya, L. (coord.) (2018). *La emergencia de los enfoques de la complejidad en América Latina: Desafíos, contribuciones y compromisos para abordar los problemas complejos del siglo XXI* (vol. 2). Buenos Aires: Comunidad Editora Latinoamericana.
- Schlemenson, S. (2014). *Modalidades de aprendizaje: El afecto en la clínica psicopedagógica y el espacio escolar*. Buenos Aires: Mandioca.
- Schön, D. (1983). *The reflective practitioner: How professional think in action*. Nova York: Basic Books.
- Wald, A. (2018). Los procesos imaginativos en los dibujos de los niños. Em R. Lerner (org.), *Atualidades na investigação em psicologia e psicanálise* (vol. 1, pp. 93-108). São Paulo: Blucher.
- Wald, A., Grunberg, D., Benavidez, M. e Hamuy, E. (2019) Abordaje interdisciplinario para ampliar el potencial simbólico de niños, niñas y adolescentes con problemas clínicos complejos. *Intervenciones en zonas de frontera. Anuario de Psicología*, 26, 355-362.
- Wald, A., Rodríguez, R. e Di Scala, M. (2020). *El Programa de Asistencia Psicopedagógica en tiempos de ASPO por COVID 19*. Trabalho apresentado no 12º Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología, 27ª Jornadas de Investigación, 17º Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR, 2º Encuentro de Investigación de Terapia Ocupacional, 2º Encuentro de Musicoterapia, Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. Disponível em: <https://www.aacademica.org/000-007/283.pdf>
- Winnicott, D. W. (1999). Desarrollo emocional primitivo. Em D. W. Winnicott, *Escritos de pediatría y psicoanálisis*. Barcelona: Gedisa. (Trabalho original publicado em 1945).
- Zito Lema, V. (1976). *Conversaciones con Enrique Pichón Rivière. Sobre el arte y la Locura*. Buenos Aires: Cinco.



Luiz Carlos Tarelho*

Novas contribuições para a discussão sobre a atividade tradutiva da criança e seu protagonismo na constituição da tópica psíquica

Em dois trabalhos recentes, um dedicado à questão do enigma nas origens, em 2020, e outro à questão do modelo tradutivo, em 2019, Carvalho fez um minucioso balanço sobre os impasses envolvendo a questão da tradução e sua relação com a constituição do ego na teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche, balanço que nos servirá aqui de ponto de partida e de apoio para nossa reflexão. Além de identificar os principais pontos em questão nessa discussão, a autora faz um recenseamento dos principais textos envolvidos, o que torna a leitura de seus trabalhos indispensável.

Carvalho (2020) refere-se a esses impasses utilizando a expressão “aporia do bebê-tradutor” (p. 65), que destaca o problema de se supor uma capacidade tradutiva desde o início da vida. Essa aporia está ligada à ideia de que a instância responsável pelo trabalho tradutivo, no caso do ego, é, ela própria, resultado desse trabalho. Nas palavras da autora:

Como pode haver tradução antes da constituição da instância egóica, cuja gênese é correlativa do recalçamento? Em outros termos, se não há um Eu nas origens do sujeito, “quem” seria interpelado pelo enigma e “quem” proporia uma tradução para a mensagem enigmática? (p. 65)

Esse questionamento, como bem o assinala a autora, já estava presente no horizonte laplancheano desde o início no texto sobre a questão da fantasia, que ele assina em coautoria com Pontalis, no qual se destaca a “paradoxal tarefa que consiste em apreender ‘um sujeito anterior ao sujeito e recebendo seu ser, seu ser sexual, de um exterior anterior à distinção inte-

* Psicanalista, pesquisador da Fondation Jean Laplanche - Institut de France.

rior-exterior” (Laplanche e Pontalis, citados em Carvalho, 2019, p. 71)¹. Mas vale lembrar que, nesse momento, Laplanche (Laplanche e Pontalis, 1964/1985) ainda não havia desenvolvido o eixo central de sua teoria, que coloca a noção de tradução no cerne da constituição do aparelho psíquico, onde inclusive o recalçamento – responsável pela diferenciação das instâncias – é concebido como falha parcial do processo tradutivo, que é desencadeado pelas mensagens enigmáticas provenientes do mundo adulto (Laplanche, 1987/1992b, p. 139).

Entre os autores que se dedicaram a pensar esse impasse, Bleichmar e Ribeiro se destacam por terem enfrentado o desafio com contribuições importantes a respeito. Em nossa discussão vamos tomar como principais interlocutores, além desses dois autores, também Calich, pois, no conjunto, eles permitem balizar a reflexão que pretendemos realizar. Nosso objetivo será tentar encontrar, a partir da própria teoria laplancheana, uma maneira de abordar essa questão que possa contribuir para resolver o impasse sobre o qual ela se baseia. Mas, antes, convém analisar como estes autores equacionaram essa questão.

Pelo alcance que teve, seria quase inevitável não começar por Bleichmar. Como se sabe, ela chegou inclusive a questionar a pertinência do modelo tradutivo do recalçamento no plano originário. De fato, ela parte da ideia – que é um pressuposto em sua teorização – de que a capacidade de manejar os códigos simbólicos só aparece com o advento do Eu como instância, logo após o recalçamento originário, do qual ele deriva. Essa divergência do modelo proposto por Laplanche foi apresentada por ela em diversas ocasiões. No seu clássico, *La fundación de lo inconciente: Destinos de pulsión, destinos del sujeto*, de 1993, essa divergência aparece claramente na forma como ela propõe entender o signo de percepção (Wz) do esquema freudiano da *Carta 52* (Freud, 1896/1986a).

Enquanto Laplanche diz ser preciso interpretar Freud neste ponto, para fazê-lo avançar de um modelo centrado na percepção-consciência em direção a um modelo centrado na comunicação, Bleichmar (1993) advoga em favor de se manter a ideia original de signo de percepção, pois, justamente, para a autora, o que se inscreve no início da vida ainda não é da ordem comunicativa, isto é, não caracteriza uma mensagem. Para ela, esses signos têm o caráter de representação e só alcançam o caráter de significante num segundo tempo, após a instalação do Eu-instância. Em suas próprias palavras:

Significantes inscritos na origem, Wz [...] cujo caráter de representações destinadas à repressão no *après-coup*, tornam-se “significantes enigmáticos” depois que existe um sujeito capaz de ser “impulsionado”, “mobilizado” pelo enigma da alteridade, tanto do seu próprio inconsciente quanto do semelhante. Neste momento é que a representação se torna significante-enigmático para alguém que já se tornou um eu acossado pelo que se tornou “um isso”, uma “segunda natureza”. (p. 84)

Além disso, outra diferença marcante se encontra no fato de que Bleichmar sustenta que tais representações, no estado em que são inscritas, isto é, antes do recalçamento (repressão no seu léxico), já funcionam como pulsão e já representam um objeto-fonte, como diz

1. O texto do qual a autora extrai essa passagem é: *Fantasme originaire, fantasmes des origines, origines du fantasme* (Laplanche e Pontalis, 1964/1985).

Laplanche. A passagem dessas representações ao estado inconsciente indica sua fixação num *topos* diferente e marca a evolução do regime do além do princípio do prazer para o do princípio do prazer. “A inscrição da pulsão, isto é, a *instalação* do objeto-fonte e sua *fixação* no inconsciente, produzida pela repressão dele, são tempos diferentes que propiciam a passagem do além do princípio do prazer ao princípio do prazer” (p. 85). Para ela, portanto, o que constitui o núcleo do inconsciente são estes signos de percepção, com caráter de representação, que se tornam representação-coisa, isto é, perdem toda referência ao serem fixadas nesse lugar pelo recalçamento.

Essa compreensão tem uma ligação com o fato de que, para a autora, a energia da pulsão não pode ter origem, como sustenta Laplanche, no próprio significante, que perdeu sua referência, embora não perca sua capacidade de endereçamento, sendo este último, para ele, o verdadeiro motor. Bleichmar lança mão da ideia de um comutador que, por intermédio da sedução, transforma a energia biológica em energia psíquica, isto é, em pulsão. Em suas palavras:

Afirmamos que o fato de que exista uma energia somática que se torna energia psíquica – em princípio sexual – é efeito da intervenção de um comutador não existente no próprio organismo, mas sim no encontro com o objeto sexual oferecido pelo outro. (p. 53)

Na verdade, trata-se de um duplo comutador, pois a mãe, em função de sua divisão tópica, transforma essa energia somática do bebê em energia desligada, pela influência de seu inconsciente, mas também em energia ligada, pela influência de seu narcisismo. Nesses termos, a autora chega a afirmar que a fundação da tópica é exógena, quer dizer, operada pela mãe.

Outro momento importante desse seu posicionamento crítico se encontra num texto pouco conhecido, pois se trata de sua comunicação no 4º Colóquio Internacional Jean Laplanche, ocorrido em Gramado em 1998, intitulada *Mi recorrido junto a Jean Laplanche*. Depois de enumerar os pontos de apoio e de convergência com o pensamento de Laplanche, ela diz abertamente que não concorda com a ideia de que o núcleo do inconsciente seja constituído pelos significantes-designificados, pois estes – na medida em que envolvem uma capacidade de manejar códigos, indisponível no início da vida – só podem fazer parte do recalçado secundário, quando essa capacidade já se encontra presente na criança. Como diz a autora: “A categoria de ‘mensagem’ se constitui, em sentido estrito, quando existe alguém que pode receber e interpretar” (Bleichmar, 1998/inédito, p. 5). Por isso, acrescenta:

considero que o conceito de mensagem enigmática, tão útil para a clínica porque abre uma nova via para o processamento da fantasia, não é passível de ser aplicado à implantação das primeiras representações no inconsciente, mas sim aos modos mediante os quais, por *après-coup*, o sujeito intenta outorgar significação, teoriza, sobre si mesmo e o outro significativo. (p. 13)

O que não fica muito claro em seu modelo é a forma como se dá o recalçamento originário. De um lado, ela recorre à noção freudiana da alucinação primitiva, ligada à experiência de satisfação, para explicar

o surgimento do objeto-fonte da pulsão. Ao alucinar não o leite (objeto da autoconservação), mas sim o seio (objeto sexual), a criança estaria, por assim dizer, criando o objeto-fonte da pulsão, constituído por traços mnêmicos. Um objeto que produz desligamento uma vez que se desgarrou do objeto externo e é incapaz de prover tanto alimento quanto prazer. Esse tempo corresponde ao auto-erotismo. Mas esse objeto precisa ser, depois, fixado num espaço próprio, isto é, no inconsciente, para que o psiquismo possa se estruturar a partir dessa divisão primeira. Essa fixação depende do recalque originário que, para Bleichmar, não pode ser visto como um processo tradutivo, como propõe Laplanche, já que ainda não existe um Eu para traduzir. Para ela, o recalque originário ocorre por intermédio de um contra-investimento. E é aqui que aparece uma dificuldade, pois esse contra-investimento também envolve uma tópica. Nas palavras da própria autora:

Não vejo claramente como sustentar uma hipótese da repressão sem redefinir a teoria do conflito. A teoria do conflito se sustenta em termos metapsicológicos, isto é, econômicos, dinâmicos e sistêmicos. Como sustentar a repressão originária sem o conceito de contra-investimento, que envolve não apenas dois modos de funcionamento da representação, mas também dois tipos de conteúdos? (p. 13)

Se o contra-investimento também exige uma tópica, a qual não está presente antes do recalçamento originário, parece que a única saída, então, seria recorrer a uma tópica já constituída, no caso, à do adulto. É o que fica subentendido quando Bleichmar afirma que a fundação da tópica é exógena: “Caráter exógeno desta fundação a partir do outro humano – tanto na implantação da pulsão, quanto na geração de condições para sua fixação no inconsciente” (p. 13). A geração dessas condições está diretamente ligada ao narcisismo materno, um narcisismo transvazante. Como diz Carvalho (2020), com isso, Bleichmar coloca o outro adulto, e a mãe, em primeiro lugar como “tradutor originário” (p. 66)² e, logo, como agente do recalçamento originário. E vale lembrar, como o faz Carvalho (2020, p. 65), que o próprio Laplanche reconhece explicitamente a importância que Bleichmar confere a esse aspecto ligante do adulto. Mas, por outro lado, ele não retrocede, como veremos, em relação à sua própria hipótese de que se desenvolve um potencial tradutor na criança antes da constituição do Eu como instância.

De nossa parte, retomaremos desses questionamentos e dessas contribuições deixados por Bleichmar (1993; 1998/inédito) dois pontos que, a nosso ver, não podem ser ignorados, e também uma dúvida. O primeiro ponto diz respeito à existência de um fator pulsional antes do recalçamento originário. Se o autoerotismo corresponde, de fato, a um primeiro tempo da pulsão, não há como negar que isso precisa ser pensado do lado da teoria. O segundo ponto envolve a função continente, ligante, tradutiva e também repressiva do adulto. Sobre isso também parece não restar dúvidas: sem essa ajuda fica muito difícil a constituição do narcisismo e do Eu infantil, assim como o recalçamento do autoerotismo. A dúvida paira mais em relação a saber se essas funções, mesmo que indispensáveis, podem prescindir totalmente do papel da criança,

2. No seu livro *La fundación de lo inconsciente: Destinos de pulsión, destinos del sujeto*, Bleichmar (1993) recorre inclusive à expressão “eu auxiliar materno” para se referir a esse papel (p. 49).

também como agente tradutor, na constituição da tópica. Podemos nos perguntar se, ao resolver desse modo a aporia ligada à falta de habilidade da criança em manejar códigos antes do aparecimento do Eu, não estaríamos criando outra, que consiste em supor que o Eu-instância, como “si mesmo”, pode se formar sem a contribuição de uma força interna, que também impulsiona a criança nessa direção?

Com essa dúvida em mente, podemos passar para as contribuições de Ribeiro, que, como diz Carvalho (2019, p. 70), concorda com estas hipóteses de Bleichmar sobre o papel do adulto como tradutor originário e como agente do recalçamento. Vale a pena retomar o que diz o próprio autor, pois ele traz outra contribuição que nos interessa também:

A teoria tradutiva do recalçamento, um dos pilares metapsicológicos do pensamento laplancheano, dificilmente se manteria estável se recaísse sobre o bebê o trabalho de tradução responsável pelo surgimento da tópica psíquica. Com efeito, ao afirmar que o recalçamento originário é indissociável do movimento que culmina na criação do Eu, Laplanche (1987/1992b, p. 132) nos obriga a concluir que esse movimento de tradução não pode pressupor o que ele está criando, a saber, a instância de autorrepresentação. Isso significa que algum agente tradutor/recalcante participou da aquisição, pelo bebê, dessa capacidade de traduzir as mensagens do outro. É por isso que o narcisismo dos adultos projetado no bebê se torna tão decisivo, como argumentava Sílvia Bleichmar ao criticar a concepção laplancheana de um bebê tradutor (Ribeiro, 2017, p. 113).

A concordância com Bleichmar está ligada, sobretudo, à questão da aporia de se pressupor, com a capacidade tradutiva do bebê, a instância responsável por essa capacidade, assim como ao papel do adulto como agente dessa tradução e dos aportes narcísicos essenciais para a constituição do Eu. Mas o que nos interessa mais é o outro lado da questão, isto é, a forma como Ribeiro pensa a posição de passividade da criança nesse originário e o papel que ele atribui à designação de gênero no processo de recalçamento e de constituição do Eu. Sua hipótese é que essa designação “confunde-se com outros aportes narcísicos responsáveis pela unificação do corpo fragmentado do bebê e pelo surgimento concomitante do Eu e do recalçado originário” (Ribeiro, 2017, p. 113).

Ribeiro (2017) parte da hipótese de Jacques André, segundo a qual a primeira tradução que a criança encontra para a posição de passividade – na qual ela é colocada pelas mensagens enigmáticas do adulto, que funcionam como uma efração em relação ao corpo – gira em torno de uma imagem orifical que guarda uma estreita relação com uma posição feminina originária, comum tanto à menina quanto ao menino (p. 115). E, segundo Ribeiro, essa primeira tradução é construída em sintonia com a designação de gênero pelo adulto. Uma designação que, ao mesmo tempo em que ajuda a desenvolver uma percepção mais unificada do corpo, permite também, criar uma primeira tradução, no plano identificatório, chamada por ele de “identificação passiva” (p. 113), que tem um papel central na constituição do narcisismo e do Eu, ao mesmo tempo em que funciona como contra-investimento no recalçamento originário.

E é interessante que ele chega inclusive a levantar a hipótese de que, com essa ideia de uma identificação operada pelo adulto sobre a criança, chamada de *identificação por*, Laplanche poderia estar propondo uma resposta para a aporia do bebê tradutor (p. 110). Como veremos, essa aporia parece não fazer sentido para Laplanche, mas o importante a des-

taçar para a discussão que queremos fazer é o papel que Ribeiro atribui à designação de gênero pelo adulto, ao mesmo tempo como aporte narcísico fundamental para a unificação do corpo fragmentado e como código tradutivo para a efração produzida no plano do apego, e para um primeiro esboço de identidade sexuada³. De nossa parte, acreditamos ser necessário pensar a questão da identificação narcísica em torno de três eixos, envolvendo não apenas o gênero-sexo, mas também o corpo e, por último, mas não menos importante, o lugar de sujeito tradutor.

Para dar continuidade ao fio de nossa discussão, relativa à suposta aporia de uma capacidade tradutiva antes do surgimento do Eu, convém trazer à tona outro autor, que se situa numa outra perspectiva e que nos permitirá introduzir a forma como imaginamos ser a resposta de Laplanche a essa dificuldade, para, depois, podermos avançar em direção às nossas próprias hipóteses. Trata-se de Calich, autor de um trabalho que se intitula justamente *A ação da atividade tradutiva da teoria da sedução generalizada* (2020). Seguindo de perto o caminho traçado por Laplanche, ele busca mostrar o papel dessa atividade no conjunto da teoria e também a forma como o autor a concebia. Dentro da perspectiva da discussão aqui proposta, a primeira coisa que chama a atenção é que não há menção a essa aporia. Isso, como veremos, talvez deva ser entendido como um reflexo da forma como o próprio Laplanche encarava a questão.

Calich (2020) inicia a discussão destacando que, em sua teoria, Laplanche leva em conta a relação entre o evolutivo, o biológico, o psíquico e o sociocultural, e que o psiquismo é entendido como sendo fruto de uma emergência, onde a atividade tradutiva da criança, assim como a comunicação entre ela e o mundo adulto, funcionam como principais agentes. Lembra que Laplanche ressalta o fato de que, apesar do estado de desadaptação, o bebê nasce com montagens, isto é, com “diversas funções instintivas e mentais, capacidades intrínsecas ao humano, que vão tendo sua ativação, expressão e maturação a partir do nascimento e ao longo do desenvolvimento” (p. 86, itálicas próprias). Funções que permitem uma interação com o outro humano desde muito cedo, no nível do apego, que Laplanche correlaciona com o autoconservativo, onde existe uma reciprocidade comunicativa, mesmo que ainda rudimentar por parte do bebê⁴.

De fato, para Laplanche (1987/1992b), a suposição de um bebê fechado sobre si mesmo, como uma mônada, é uma hipótese idealista, que ele critica com todas as forças: “Um estado de que logo é preciso sair, por não se sabe que contorção, que é a contorção própria a todo idealismo: como um idealismo pode se abrir para o mundo se é fechado?” (p. 79). Além do mais, uma suposição que, para ele, é desmentida pela observação experimental e mesmo cotidiana: “Qualquer observação de um recém-nascido mostra comportamentos que têm um sentido e, além disso, comportamentos comunicativos” (p. 99). Por isso, justificando sua hipótese de um protagonismo inicial na infância, acrescenta: “A única questão, para podermos falar de indivíduos biopsíquicos ou somatopsíquicos é fazer a seguinte pergunta: a partir de que momento há comunicação?” (p. 99).

3. Sem tempo aqui para comentar as outras contribuições de Ribeiro, resta-nos remeter o leitor a, pelo menos, outros dois trabalhos: *O problema da identificação em Freud: Recalçamento da identificação feminina primária* (2000), e outro escrito com Lattanzio intitulado *Recalque originário, gênero e sofrimento psíquico* (2012).

4. Ver os dois primeiros capítulos do livro *Sexual: A sexualidade ampliada no sentido freudiano* (Laplanche, 2015), que se intitulam, respectivamente: *Pulsão e instinto* (pp. 27-43) e *Sexualidade e apego na metapsicologia* (pp. 44-64).



↑
La fascinación de la falla
Hugo Aveta

Portanto, em sua opinião:

para o pequeno humano o problema de *abrir-se ao mundo é um falso problema*; a única problemática será, isto sim, a de se fechar, de fechar um si mesmo, ou um ego, qualquer que seja, aliás, a periferia, a circunferência desse ego. (p. 100)

Como insiste Laplanche em toda sua obra, essa questão gira em torno da confusão, não apenas teórica, pois é antes prática, entre o autoconservativo/instintivo e o sexual/psíquico. O fato prático, na constituição do

próprio psiquismo, de a sexualidade ir, progressivamente dominando e subsumindo o autoconservativo, que no ser humano é deficiente no início, levou a se desconsiderar, também progressivamente no plano teórico, o papel desse autoconservativo nessa constituição. Ora, no começo da vida psíquica, onde a sexualidade ainda não ocupou todo o terreno, esse autoconservativo, mediado pelo apego, responde inicialmente por essas funções cognitivas, que possibilitam o protagonismo da criança descrito por Laplanche. Dito de outro modo, embora a capacidade de representação e de comunicação, portanto de manejar códigos, dependa de um processo de maturação progressivo, ela aparece antes da constituição do Eu como

instância. Essa capacidade e esses códigos, nesse início, dizem respeito ao plano do apego e da autoconservação, que são de natureza instintiva, geneticamente determinados e onde existe uma reciprocidade. A constituição do narcisismo e do Eu-instância vai potencializar esse processo, por conta da dita vicariância, mas não representa o início da capacidade de simbolizar. Basta lembrar que o autoerotismo, primeira forma que assume a pulsão sexual, já depende dessa capacidade rudimentar de representar, pois é inseparável da fantasia. Logo, o narcisismo e o correlativo surgimento do Eu-instância, como tanto insiste Laplanche, precisa ser visto, antes, como modo de organização pulsional e não como o primeiro passo na direção da relação com o mundo e da capacidade de representação.

Nesse sentido, vale também ressaltar o apelo que Laplanche faz para que se leve em conta a observação⁵ e para que se recorra à psicologia para responder a essa dúvida sobre as capacidades iniciais da criança⁶. Por isso mesmo, ele se interessou pelos estudos ligados ao apego, que mostram essa capacidade interativa da criança. Nessa direção, situa-se o trabalho de Monique Bydlowski, por exemplo. Ela percorre as pesquisas de autores que analisaram as interações entre o bebê e a mãe no período neonatal, como ela própria, as quais mostram que certas habilidades sensoriais do recém-nascido o habilitam a uma interação comunicativa com o meio e fazem com que “os processos de subjetivação na interação precoce se apresentem, pois, como uma coprodução entre a mãe e o bebê” (Bydlowski, 2016, p. 415). Outro trabalho que traz também fortes argumentos em favor dessa hipótese é o de Calich (2017). Ele recorre às pesquisas de António Damásio, no campo da neurobiologia, que mostram não apenas essa capacidade inicial de interação com o objeto, como também a existência de uma atividade representacional, anterior à aquisição da linguagem, que desemboca numa atividade interpretativa e tradutiva.

Calich vai além em sua reflexão sobre a atividade tradutiva, propondo a hipótese de que ela constitui uma capacidade inata. Segundo o autor, essa é uma conclusão quase inevitável dentro do modelo proposto por Laplanche, além de ter recebido sua aprovação pessoal. Laplanche chegou a pressupor uma “pulsão de traduzir”, mas acabou não definindo sua origem, limitando-se a dizer que ela deriva da “mensagem a ser traduzida” (Laplanche, 2015, p. 61).

Em sua argumentação em favor dessa hipótese, Calich (2017) enfatiza que a atividade tradutiva funciona como um dispositivo que visa a promover uma equalização quantitativa, para recuperar a homeostase própria do vital que foi perturbada pela implantação da mensagem enigmática do adulto e que trouxe desequilíbrio para o sistema. Esse raciocínio destaca o aspecto econômico sobre o qual se baseia a necessidade de traduzir. Ele se apoia aqui numa passagem na qual Laplanche, comentando a *Carta 98* de Freud (1896/1986b), diz que: “Há passagens que mostram que, inclusive, uma interpretação econômica da *necessidade de traduzir é possível. Ou seja, que a própria necessidade de traduzir deva encontrar sua explicação em termos fisicalistas*” (Laplanche, 2006, p. 61).

Esse aspecto é importante, pois a tendência, inclusive no próprio Laplanche, é a de acentuar a inadequação da criança para compreender

5. Ele chega a se expressar assim a esse respeito: “Dá um pouco de vergonha ter de dizer que não cabe recusar de antemão qualquer resultado da observação!” (Laplanche, 1987/1992b, p. 99).

6. Um dos tópicos do livro *Novos fundamentos para a psicanálise* (Laplanche, 1987/1992b) se intitula precisamente “dar lugar à psicologia da criança” (p. 86). Ver também o que ele diz a respeito disso em *Três destinos da mensagem enigmática e outros ensaios* (Laplanche, 2020, p. 27).

e traduzir a mensagem, ressaltando assim o aspecto semiótico. Como veremos, esse aspecto econômico, muito pouco considerado, ajuda também a repensar a questão pulsional no autoerotismo, assim como a crítica de uma *semiotização* do pulsional em sua obra.

Percorrendo a obra laplancheana é possível verificar que tanto o aspecto econômico quanto o corporal são contemplados por ele. Uma referência explícita a essas questões está no texto abaixo, no qual ele sublinha que tanto o sexual quanto o autoconservativo *são* biopsíquicos:

devemos declarar firmemente: a sedução não é uma teoria da encarnação do espírito no corpo. Por um lado, há um organismo que é montagem biológica, mas também sentido (o pequeno organismo infantil, voltado inicialmente para uma finalidade mais ou menos obscura de autoconservação); por outro lado, do lado do adulto, o que se implanta são mensagens antes de tudo somáticas, inseparáveis dos significantes gestuais, mímicos ou sonoros, que as transportam. (Laplanche, 1992/1997, pp. 14-15)

Nessa mesma direção, há também passagens que mostram que “para que a mensagem do outro possa ser *implantada*, é preciso admitir uma receptividade somática inicial” (Laplanche, 2015, p. 63)⁷. Uma receptividade que pode ser concebida em termos de uma excitabilidade orgânica geral, mas que não é ainda, no início, sexual. Por sua vez, do lado da mensagem, o que caracteriza o enigmático, em última instância, não é sua ligação com um sentido qualquer, mas exatamente a ausência de sentido. O significante dessignificado que ela carrega mantém apenas a dimensão de endereçamento, que se reduz a uma energia desligada, isto é, a uma pura excitação (Laplanche, 1981/1992a, p. 101). Outro ponto também importante, nesse sentido, é sua compreensão de que a tradução não se limita ao plano representacional. Falando da atividade tradutiva do sujeito, ele escreve: “é desde a primeira infância que ele traduz, mas essa palavra seria mal-entendida vendo-se aí um processo simplesmente ideativo” (Laplanche, 1992c, p. 410).

Antes de passar para nossa contribuição pessoal, vale a pena mencionar também um trabalho recente de Kenia Ballvé Behr (2020) que, tomando partido nessa polêmica, considera as primeiras identificações – antes do narcisismo – baseadas numa potencialidade representacional básica, como um primeiro modo de metabolização e de tratamento das mensagens enigmáticas. Essas identificações se dariam via imitação e mimese, e podem ser pensadas a partir da conjunção entre, de um lado, a potencialidade dos neurônios espelho para a duplicação e, de outro, os investimentos libidinais da mãe.

Embora incompleto, o panorama traçado acima já nos permite avançar para as hipóteses com as quais gostaríamos de contribuir nessa discussão. Elas envolvem uma reconsideração da noção de apoio, no sentido de ampliar seu papel no processo de constituição da sexualidade, para se pensar também a constituição do narcisismo. Quando se fala do apoio, o que vem à tona automaticamente é o surgimento da sexualidade na sua dimensão de desligamento. Mas, se ele vale para essa dimensão, deve também valer para a dimensão de ligamento, isto é, narcísica. Além

7. A mesma ideia é retomada em outro texto desse mesmo livro: *Os três ensaios e a teoria da sedução* (Laplanche, 2015, pp. 232-246).

disso, como sublinha Jean-Marc Dupeu (2020), com a ideia de que a sedução é a verdade do apoio e também com a de que há uma vicariância do autoconservativo pelo sexual, Laplanche acabou contribuindo para se esvaziar o papel do autoconservativo no funcionamento psíquico do ser humano, enquanto seu projeto inicial se propunha considerar a articulação desses dois domínios dentro do Eu. Segundo Dupeu, se o Eu se restringisse a uma dimensão narcísica-sexual, como propõem os lacanianos, não haveria qualquer possibilidade de subjetivação.

Nossa hipótese é que o próprio narcisismo precisa ser repensado, justamente levando-se em conta, não apenas essas duas dimensões, dentro de uma articulação a partir do apoio, mas também o fato de que ele não pode ser reduzido a uma questão de forma, gestáltica, pois ela não pode explicar, sozinha, o surgimento de um “si mesmo”, que comporta uma capacidade de se diferenciar do outro e de se atribuir uma identidade, seja ela qual for. Mas, antes de entrar na forma como acreditamos ser possível equacionar essa seara, é preciso pensar primeiro a forma do autoerotismo.

Se concordamos em tomar o autoerotismo como primeira forma de organização da sexualidade e se, por outro lado, o recalçamento originário é correlativo da constituição do narcisismo e do Eu, será que seria preciso, então, repensar também a relação que Laplanche estabelece entre o surgimento da pulsão e o recalçamento? Isso, como vimos, levou Bleichmar (1993; 1998/inédito) a sustentar que o objeto-fonte já se cria com a implantação, e que o recalçamento apenas fixa esse objeto no inconsciente. Mas Laplanche nunca aquiesceu a essa solução, provavelmente, porque ela torna a constituição da pulsão totalmente dependente do adulto, além de limitar o alcance do modelo tradutivo. Ribeiro (2000) propõe que a ideia freudiana de um sexual-pré-sexual, retomada por Laplanche, ajuda a resolver o problema, na medida em que permite pensar numa excitação proveniente do outro, mas que ainda não se constitui como ataque pulsional (p. 221). Seja como for, o fato é que não faz sentido negar ao autoerotismo uma dimensão pulsional uma vez que ele é visto como a essência do sexual infantil. E, para se pensar isso, talvez seja preciso reconhecer que o autoerotismo já se inscreve num processo tradutivo que, inclusive, já deixa para trás algo da mensagem do outro. Sabemos que se trata de uma questão, no mínimo, polêmica, mas temos pelo menos três razões para formular essa hipótese.

A primeira é a ideia de que como vimos, para Laplanche, o processo de tradução começa antes da formação do Eu-instância. O que está em jogo entre Eu-corpo e Eu-instância, assim como entre autoerotismo e narcisismo, é muito mais a forma de organização da libido do que o início da capacidade de simbolizar. Claro que esse processo também implica numa mudança da capacidade de simbolizar, mas a capacidade de manejar códigos aparece antes do narcisismo e o do Eu-instância (Laplanche, 1987/1992b, p. 99). A segunda é a de que o recalçamento originário, assim como o autoerotismo e o narcisismo, não pode ser concebido como um momento único e isolado (p. 141). A terceira está na relação que ele estabelece entre o tempo “auto” do autoerotismo, a pulsão de morte e o processo de metabolização e de recalçamento. Em suas palavras: “a pulsão de morte *reafirma a prioridade* do tempo refletido, *do tempo ‘auto’*, na gênese da pulsão, tempo refletido que deve ser relacionado diretamente (esse é o ponto que acrescento hoje) com o processo de metabolização e de recalçamento” (Laplanche, 1992/1997, p. 90).

Além disso, é preciso considerar também que o autoerotismo envolve uma mudança radical em relação ao objeto, que deixa de ser o objeto externo, o adulto, para ser partes isoladas do próprio corpo, acompanhadas de uma fantasia, que caracteriza, em última instância, o grande marco de inauguração do pulsional. Logo, não dá para se negar que já ocorre aí uma primeira transformação reductiva, em termos mais metonímicos, que põe de lado, pelo menos em parte, a fonte primordial da pulsão, isto é, a excitação promovida pela mensagem enigmática do adulto. Nesse sentido, acreditamos que é possível conceber o autoerotismo como um dos tempos múltiplos do recalçamento originário, que já produz um primeiro distanciamento em relação ao ataque que vem de fora, mas expõe, assim, os rudimentos de Eu em formação a um ataque interno.

Uma visão, assim, mais fluida desse processo, encontra total apoio na visão de Laplanche. Criticando a noção de estádio, ele escreve:

afirmo que nada obriga a ver no narcisismo um “estádio” eu o veria, antes, afirmando-se em uma multidão de *momentos* narcísicos, com uma repetição, todavia, de microseqüências: auto-erotismo – narcisismo. Mas não existe, no ser humano, estádio narcísico, assim como não existe “estádio” auto-erótico. (Laplanche, 1992/1997, p. 74)

Isso nos permite passar para a questão da relação entre o narcisismo e o apoio. Além desse aspecto mais dinâmico, estamos convencidos, de nossa parte, de que é preciso também considerar mais dois fatores no tocante ao narcisismo: de um lado, o papel do autoconservativo em sua constituição e, de outro, a existência de três eixos que lhe dão sustentação (Tarelho, 2020). No que diz respeito ao papel do autoconservativo, o próprio Laplanche nos indica o caminho. No trecho abaixo, por exemplo, ele destaca a questão da percepção:

Efetivamente, é através da percepção, tanto a autopercepção do corpo (principalmente da superfície corporal) quanto a percepção do outro como total, é, pois graças a alguma coisa que ocorre no nível da autoconservação e de suas funções corporais perceptivas, que “se forma” pouco a pouco o eu, por precipitações sucessivas. (Laplanche, 1992/1997, p. 81)

Aqui o que está em foco é a formação de uma *Gestalt*, isto é, uma imagem unificada do corpo, que vai dar sustentação ao Eu como objeto total. Em nosso entendimento, isso corresponde a um dos três eixos do narcisismo, no caso, centrado no corpo. Um corpo dotado tanto de excitabilidade, quanto de funções do plano autoconservativo, e que vai ser marcado pela sedução através dos cuidados. E, como tanto insistiu Bleichmar (1993; 1998/inédito), considerando-se a dupla vertente da sedução, isto é, tanto o lado inconsciente enigmático e desligado, quanto o lado narcísico e ligado do adulto. Pois é esse lado narcísico e ligante que irá desempenhar um papel central na constituição do narcisismo e do Eu da criança. Se, por um lado, a função perceptiva fornece a base material para essa construção, por outro, sabemos o quanto é importante o material simbólico que o adulto coloca para que a construção possa ser erguida e sustentada.

É preciso acrescentar que esse eixo do corpo envolve além da questão gestáltica, outros componentes importantes. O autoerotismo é uma

experiência baseada em excitação e é ela, antes de mais nada, que precisa encontrar contenção. Além disso, uma experiência múltipla: visual, cenestésica, gustativa, olfativa, tátil e pulsional. Logo, isso vai estar presente também no narcisismo, principalmente na forma de afeto. Por isso, o narcisismo não é apenas imagem; ele é também emoção, em suma, ele é *vivência* corporal. E aqui também o papel do adulto é essencial, não apenas como fonte de afetos, mas também como auxiliar de tradução desses afetos e dessas experiências corporais. Além disso, tem também uma dimensão ética: esse corpo, que é uma extensão metonímica da mãe e que é colonizado por ela, precisa ser reconquistado pela criança, para ser vivido e amado como próprio e para poder se tornar a sede do Eu. Sabemos que essa reconquista, paulatina, depende muito da *permissão* e da ajuda do adulto, principalmente da mãe. Todas essas experiências têm o corpo como eixo.

Mas esse corpo é ainda indissociável do gênero. E esse fato não tem como não se refletir também no narcisismo. Pela importância que tem no plano identificatório, o gênero ocupa, em nossa opinião, um lugar central, que pode ser visto como um outro eixo, ao lado do corpo, mas que não se reduz a ele. Acreditamos que o reconhecimento dessa importância está também em Laplanche, quem chegou inclusive a supor a existência de uma segunda via de implantação do sexual, ao lado dos cuidados autoconservativos, com o que ele denomina de “designação de gênero” (Laplanche, 2015, pp. 154-189). Para ele, essa designação, operada pelos adultos, se dá por intermédio de outra linguagem, diferente da corporal ligada aos cuidados autoconservativos, e veicula a mensagem do *socius* referente ao gênero. Essa designação funciona como uma prescrição, que vem identificar de fora para dentro a criança, designando-lhe um lugar no universo dos gêneros. Essa designação, ao mesmo tempo em que delimita, do ponto de vista narcísico, também introduz um ruído, enigmático, pois traz em seu bojo os reflexos do inconsciente desses adultos.

Lattanzio e Ribeiro (2012) tomam essa designação de gênero, operada pelo adulto, como o principal aporte narcísico, que vem ajudar a traduzir e, ao mesmo tempo, recalcar as vivências originárias de um gozo passivo, intrusivo e fragmentário (p. 512). Embora desenvolvida em outro registro, essa hipótese parece contribuir também para se pensar esse processo envolvendo o gênero como um eixo central do narcisismo. Em nosso entendimento, esse eixo deve ser pensado a partir do apoio, como equacionado acima, que toma algo do corpo como base para a implantação dessas mensagens. No entanto, o que no Eu-corpo da criança pode funcionar como sendo essa base? Para o adulto, os órgãos sexuais da criança exercem um papel central na constituição de sua fantasia, tanto consciente quanto inconsciente. Além disso, não dá para negar que esses órgãos sexuais também são objeto de cuidado e possuem uma excitabilidade orgânica desde o início. Seja como for, a designação de gênero terá que ser traduzida pela criança, principalmente a partir do momento em que a diferença de sexo ganhe forma, levando-se em conta também esse dado biológico, assim como as experiências corporais e subjetivas ligadas a ele.

Mas, para que sejam traduzidas essas mensagens enigmáticas contidas na designação de gênero, assim como as contidas nos cuidados autoconservativos, faz-se necessário a ação da atividade tradutiva da criança. Por isso mesmo, essa atividade precisa ser entendida como constituindo um dos eixos centrais do narcisismo. Inclusive, não poderia

ser diferente uma vez que o que está em jogo aqui, em última instância, é a construção de uma versão sobre si mesmo. E, dentro do modelo do apoio que supõe uma receptividade no plano da autoconservação, essa atividade tradutiva envolve – em nosso entendimento – um potencial básico para manejar códigos, que vai ser não apenas acionado pelas mensagens a serem traduzidas, como supõe Laplanche, mas também estimulado pelo narcisismo do adulto.

Laplanche (2015) mostrou que as mensagens de designação de gênero envolvem um segundo nível de comunicação ao lado da comunicação autoconservativa do apego, que ele chamou de linguagem social, a qual pode conter também outros tipos de comunicação (p. 169). Nossa hipótese é a de que existe aí um tipo específico de comunicação ligada à dimensão ético-existencial, que concerne o reconhecimento do outro como sujeito. É essa dimensão que está em jogo nesse eixo do narcisismo e que se baseia, em última instância, na atividade tradutiva, pois é dela que depende a possibilidade, para a criança, de se autoteorizar e, assim, construir uma versão privada de si. Essa dimensão vem do social-cultural e, portanto, do quanto os adultos cuidadores estão atravessados por ela em sua clivagem psíquica. Assim, a potencialidade tradutiva da criança precisa encontrar esse duplo vetor que vem de fora: a mensagem enigmática que a aciona, e o desejo desse adulto de que a criança se torne um sujeito capaz de construir para si um sentido existencial singular.

Para fechar esse quadro, relativo aos pilares do narcisismo, resta dizer que dentro da visão dinâmica que nos guia, esse processo desemboca num trabalho, também plural, de articulação entre esses três eixos apontados. Uma articulação complexa, cheia de peripécias, que se estende até a vida adulta comportando fracassos e também a necessidade de complementação, ou mesmo de vicariância entre esses eixos, pois eles funcionam como um tripé de sustentação. A força e a consistência do Eu dependem diretamente dessa articulação, que envolve também a articulação entre o autoconservativo e o sexual ligado.

Não poderíamos encerrar essa discussão sem retomar a questão do recalçamento originário para dizer que, nesse caso também, nossa posição é a de que, embora seja necessário considerar o papel do adulto, não dá para negar o protagonismo da criança.

Nossa hipótese é a de que o autoerotismo da criança traz à tona o recalçado do adulto e mobiliza sua censura, que tem uma dupla função. De um lado, ela está diretamente envolvida na reativação do trauma no *après-coup*, pois revela a dimensão sexual desse funcionamento autoerótico. Nesse sentido, ela tem um papel central na determinação do enigma, imprimindo sua dimensão mais representacional. Do outro, ela funciona como uma alavanca para o recalçamento em função tanto desse desvelamento, que gera mais angústia, quanto da interdição que ela representa e que exige uma resposta por parte da criança. Assim, se na constituição do autoerotismo já houve uma primeira tradução, de cunho essencialmente metonímico com a criação de um resto, que ainda não encontrou um lugar na tópica, pois essa tradução foi de natureza mais corporal; agora, na constituição do narcisismo, mediada por uma tradução envolvendo recursos mais simbólicos, onde a metáfora já se faz também presente, esse resto já pode ser circunscrito dentro de um espaço e mantido pelo contrainvestimento narcísico. Com isso, operou-se um segundo passo na constituição do objeto-fonte da pulsão: com o autoerotismo se

perdeu a referência ao outro e, com o narcisismo, perdeu-se também a referência a um lugar específico no corpo. Desse modo, a dessignificação do significativo se completa não remetendo a nada, além dele próprio.

Resumo

Esse trabalho retoma a discussão sobre o papel da atividade tradutiva da criança no processo de constituição da tópica psíquica, dentro do modelo da teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche. Essa discussão está atravessada por uma polêmica que gira em torno de uma suposta aporia, segundo a qual essa teoria coloca a atividade tradutiva na origem da instância egóica, que deveria ser a sede dessa atividade. O presente trabalho apresenta uma reflexão que busca, de um lado, mostrar que na concepção laplancheana essa é uma falsa aporia e, de outro, apresentar uma hipótese baseada no conceito de apoio, que permite repensar essa discussão dentro de um contexto, no qual a constituição da tópica psíquica é concebida levando em conta o protagonismo tanto do adulto quanto da criança.

Palavras-chave: *Autoerotismo, Narcisismo. Candidatas a palavras-chave:* *Teoria da sedução generalizada, Atividade tradutiva, Recalcamento originário.*

Abstract

This paper takes up the discussion about the role of the child's translating activity, in the process of the psychic topic constitution, within the model of Jean Laplanche's Theory of Generalized Seduction. This discussion is crossed by a controversy that revolves around a supposed aporia, according to which this theory places the translating activity at the origin of the egoic instance, which should be the seat of this activity. This work presents a reflection that seeks to show that this is a false aporia in the Laplanchean conception. On the other hand, presents a hypothesis, based on the concept of anaclisis, which allows to rethink this discussion within a context, in which the constitution of the psychic topic is conceived taking into account the protagonism of both the adult and the child.

Keywords: *Autoerotism, Narcissism. Candidates to keywords:* *Theory of generalized seduction, Translating activity, Primal repression.*

REFERÊNCIAS

- Ballvé Behr, K. (2020). O enigmático nas identificações primárias e o processo de tradução. Em J. Laplanche, K. Ballvé Behr, M. T. M. Carvalho, L. C. Tarelho, J.-C. Calich, F. Belo e F. Lattanzio. *Três destinos da mensagem enigmática e outros ensaios* (pp. 33-51). São Paulo: Zagodoni.
- Bleichmar, S. (1993). *La fundación de lo inconciente: Destinos de pulsión, destinos del sujeto*. Buenos Aires: Amorrotu.
- Bleichmar, S. (1998). Mi recorrido junto a Jean Laplanche. *Anais do 4º Colóquio Internacional Jean Laplanche* (pp. 1-13). (Inédito).
- Bydlowski, M. (2016). La situation anthropologique fondamentale de Jean Laplanche et le concept d'intersubjectivité dans le développement néonatal: Des points de contact. Em C. Dejours e F. Votadoro (org.), *La séduction à l'origine: L'œuvre de Jean Laplanche* (pp. 407-419). Paris: PUF.
- Calich, J.-C. (2017). A atividade tradutiva da teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche. *Percurso*, 58, 15-26.
- Calich, J.-C. (2020). A ação da atividade tradutiva da teoria da sedução generalizada. Em J. Laplanche, K. Ballvé Behr, M. T. M. Carvalho, L. C. Tarelho, J.-C. Calich, F. Belo e F. Lattanzio. *Três destinos da mensagem enigmática e outros ensaios* (pp. 85-97). São Paulo: Zagodoni.
- Carvalho, M. T. M. (2019). Gênese e evolução do modelo tradutivo do recalamento em Jean Laplanche: Dos primeiros impasses aos desafios atuais. *Percurso*, 63, 61-72.
- Carvalho, M. T. M. (2020). A teoria da sedução generalizada e o problema do enigma nas origens. Em J. Laplanche, K. Ballvé Behr, M. T. M. Carvalho, L. C. Tarelho, J.-C. Calich, F. Belo e F. Lattanzio. *Três destinos da mensagem enigmática e outros ensaios* (pp. 53-72). São Paulo: Zagodoni.
- Dupeu, J.-M. (2020). Du narcissisme à la subjectivation: Une genèse de la topique psychique. Em H. Tessier e C. Dejours (org.), *Narcissisme et "sexual" dans l'œuvre de Jean Laplanche* (pp. 127-186). Paris: PUF.
- Freud, S. (1986a). Carta 52 de 6/12/1896. Em J. M. Masson (org.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904* (pp. 208-216). Rio Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1986b). Carta 98 de 30/05/1896. Em J. M. Masson (org.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904* (pp. 188-191). Rio Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Laplanche, J. (1992a). *Problemáticas 4: O inconsciente e o id*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1981).
- Laplanche, J. (1992b). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (1992c). *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1965-1992*. Paris: Aubier.
- Laplanche, J. (1997). *Freud e a sexualidade: O desvio biologizante*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho originalmente publicado em 1992).
- Laplanche, J. (2006). *Problématiques 6: L'après coup*. Paris: PUF.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: A sexualidade ampliada no sentido freudiano. 2000-2006*. Porto Alegre: Dublinense.
- Laplanche, J. (2020). Três destinos da mensagem enigmática. Em J. Laplanche, K. Ballvé Behr, M. T. M. Carvalho, L. C. Tarelho, J.-C. Calich, F. Belo e F. Lattanzio. *Três destinos da mensagem enigmática e outros ensaios* (pp. 21-31). São Paulo: Zagodoni.
- Laplanche, J. e Pontalis, J.-B. (1985). *Fantasma originário, fantasmas das origens, origens do fantasma*. Paris: Hachette. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lattanzio, F. F. e Ribeiro, P. de C. (2012). Recalque originário, gênero e sofrimento psíquico. *Psicologia em estudo*, 17(3), 507-517.
- Ribeiro, P. de C. (2000). *O problema da identificação em Freud: Recalamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.
- Ribeiro, P. de C. (2017). Gênero, sexo e enigma no sexual de Jean Laplanche. Em P. de C. Ribeiro, M. T. de Melo Carvalho, M. Rezende Cardoso e L. C. Tarelho, *Por que Laplanche?* (pp. 105-124). São Paulo: Zagodoni.
- Tarelho, L. C. (2020). Narcissisme, les forces de liaison et leurs sources. Em H. Tessier e C. Dejours (org.), *Narcissisme et "sexual" dans l'œuvre de Jean Laplanche* (pp. 101-125). Paris: PUF.



O aprisionamento da mentira, a liberdade conquistada mediante as verdades possíveis**

*Só se vê bem com o coração.
O essencial é invisível para os olhos.*
Antoine de Saint-Exupéry, 1946

1. Introdução

Nesse trabalho abordo os efeitos deletérios das mentiras e segredos que impedem que a adoção seja um portal para o crescimento psíquico de todos os protagonistas envolvidos, mesmo que seja impossível evitar a vivência de Unheimlich; a estranheza.

Mas esta palavra alemã, *Unheimlich*, pode também significar o horrendo e diabólico. Quando há uma apropriação violenta de um bebê – o roubo surdido, o embuste, a farsa – o trauma é potencializado, o ser é escravizado. Além da privação do reencontro com a mãe biológica, o estranhamento ante o horrendo e diabólico não permite construir a verdade histórica numa genealogia que impeça o assassinato da memória. Os mundos cindidos: o da origem da vida – a vida pré-natal (Mattos, 2018), a cesura do nascimento, a vida nas instituições – com o mundo após a adoção não podem se integrar numa ordenação semântica. Édipo Rei ao abandonar os pais adotantes, matar a Laio, realizar o incesto com a mãe e cegar-se, revela as consequências sinistras do silenciado (Bollas, 1987/2015a) na origem de sua vida. O herói mítico não tinha consciência que albergava na profundidade de sua alma o *infans* abandonado, condenado à morte, rejeitado pelos pais. Ou, acaso ele não buscava em Jocasta a mãe perdida?

A psicanálise – com sua força revolucionária – é libertadora. Ela pode ressignificar a história e alcançar as transformações em “O” no ser

(Bion, 1965)¹. Os registros inconscientes emudecidos encontram voz. Um exemplo clínico ilustra esse trabalho.

2. A adoção que surge entre mentiras e segredos

A repetição compulsiva da infertilidade psíquica dos pais que apelam aos segredos e mentiras remonta à transmissão psíquica transgeracional da família biológica e da adotante (Trachtenberg, Cezar Kopittke, Zimpek T. Pereira, Mainieri Chem e Homrich Pereira de Mello, 2005). Os pais adotantes negam e ocultam a origem da vida do filho com mensagens enigmáticas (Laplanche, 2001) e a história da adoção na qual estão implicados. Ao invés de uma mudança catastrófica (Bion, 1966) para todos os protagonistas acontece uma catástrofe. Um tabu impõe o silêncio, impede a elaboração possível dos traumas e perpetua a tragédia. A culpa, o trabalho do negativo (Green, 1993/1995), a alucinação negativa ante o realizado e a transgressão da lei impedem o pensar histórico como uma função psíquica (Bollas, 1995).

A função narrativa parental (Pereira da Silva, 2013) dá sentido e alinhava-se às experiências emocionais da família numa relação intersubjetiva. No filho, os buracos no tecido mental podem vir a ser cerzidos. Os registros visuais e auditivos (D. Anzieu, Houzel, Missenard, Enriquez, A. Anzieu, Guillaumin, Doron et al., 1990) dos álbuns de família, vídeos e filmes à escuta do relato das histórias e anedotas contadas uma e mil vezes permitem que marcas mnemônicas e sensoriais possam alcançar sentido e voz num roteiro transformacional. A função parental suficientemente boa constrói o valor da vida. Há um resgate de certas inscrições inconscientes ao lhes dar significado (Levine, Reed e Scarfone, 2015). Nasce a polissemia da verdade histórica, sempre incognoscível.

Há uma diferença crucial entre a história como uma crônica de fatos não digeridos – eventos quase despojados de sentido (Failla, 7 de outubro de 2006) – e a história como uma apropriação mental tetradimensional (Meltzer, Bremner, Hoxter, Weddel e Wittenberg, 1975). Graças à memória é possível a recordação ao invés das compulsões repetitivas como estigma do destino (Marucco, 2005; 2007).

As privações dos cuidados psíquicos são vividas como um esfacelamento do ser quando o bebê ao invés de ser *sua majestade* se torna *um mendigo de amor*. Trata-se do período da dependência absoluta (Winnicott, 1957/1965) e do narcisismo primário (Freud, 1914/1992b).

Em Claudel (C.), paciente que ilustra este trabalho, encontramos numa configuração narcisista com fortes cisões, denegação da realidade sinistra, trabalho do negativo, graves somatizações, tendência à atuação. Os traços mnemônicos no esgarçado tecido mental não podiam alcançar a palavra simbólica para ser alinhavados em tramas de sentido.

O sinistro em C. (Gampel, 2002) conjugava o sofrimento em todos os tempos com angústias catastróficas (Meltzer, Bremner, Hoxter, Weddel e Wittenberg, 1975), de liquefação (Athanassiou, 1982), de precipitação (Houzel, 1991/1999), *fear of breakdown* (Winnicott, 1974), talâmicas e subtalâmicas (Bion, 1979).

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas e Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
** Prêmio Psicanálise e Liberdade do 33º Congresso Fepal, 2020, Primeiro Congresso Virtual.

1. Para Bion (1965), “O” é a realidade última, incognoscível na sua essência. Não basta conhecer acerca de algo. É preciso que esse conhecimento transforme o ser.

3. A paciente Claudel (C.)

Um câncer no seio – berro silencioso do psicossoma – , é o passaporte psíquico que permite a C. adentrar em regiões escuras, perigosas, conhecidas e desconhecidas de sua mente. A partir da procura dos reais antecedentes de sua herança genética, C., jovem com traços mestiços, mãe apaixonada de uma moça e dois garotos, inicia um processo analítico de quatro vezes por semana. Nele pode desvelar (*aletheia*) e ressignificar sua história. Na análise, certas marcas e traços mnemônicos, registros tóxicos, caóticos, traumáticos e não simbolizados se transformaram e são reinscritos (Freud, 1896/1950) e graças ao vínculo intersubjetivo com a analista, experiências emocionais ganharam significado (C. Botella e S. Botella, 1997).

C. conseguiu, durante a análise, pôr em palavras sua história mítica. Aos seis meses de idade, ela foi entregue aos donos da fazenda de gado onde os pais trabalhavam. C. era a quarta filha desse casal de colonos. O trauma des-estruturante (Tesone, 2009/2011) da separação sinistra dos pais biológicos foi vivenciado como trágico abandono e rejeição familiar. C. sentia vergonha e ressentimento ante uma identidade humilhante marcada no seu corpo pela raça. Na sua arrogância, ergue – sobre esta vivência de catástrofe primitiva – fantasias de partenogêneses e auto engendramento para driblar a dependência dolorosa do outro. A culpa moral primitiva, anterior à cesura do nascimento (de Mattos e Braga, 2009), martiriza-a. No seu ser cindido atuava sua fascinação pela quase morte (Green, 2014), mas os filhos sustentavam fortemente sua vida. Uma culpa cruel a torturava. Sua fantasia era de que quando estendesse os braços aos visitantes para sair de seu caixão-presépio-berço, estaria rejeitando sua origem.

C. procurava colocar sua vida em risco por meio de sérias atuações. Sofria de asma, alergias, bronquites e gastrites. Formou-se em medicina, fez pediatria e naquele momento cursava um doutorado em genética.

4. A história analítica

C. havia interrompido a análise de quatro vezes por semana abruptamente após dois anos de trabalho. Sinto o trabalho abortado, um estranho e doloroso corte, uma fratura quase incompreensível; fico muito preocupada e intrigada. A culpa insidiosa toma conta de mim por não ter podido evitar a interrupção do tratamento. Sinto-me surpresa pela violência do corte, impotente para tê-la segurado na análise. Com minha vocação reparadora abortada, construo hipóteses, mas meus sonhos não exorcizam minha culpa.

Uma outra paciente que eu atendia nessa época, a quem chamarei de Maria (M.), compartilhava a academia de ginástica com C. Ambas já tinham se encontrado no meu consultório. M. assume o papel de mensageira de C. e traz-me notícias, indagações e perguntas que me alegram e inquietam. Percebo que C. nutre uma relação à distância e ocupa meu espaço mental: Fico curiosa com as notícias. Preciso estar alerta para ser analista de M.

Quando C. volta à análise, percebo que na interrupção do vínculo analítico ela repetia, mediante atuação, mais uma vez, cenas arcaicas² de sua história (Golse, 28 de janeiro 2005). Mediante identificações projetivas, C. me fez sentir a desolação da separação e o abandono abrupto. Construí a conjectura imaginativa de que ela teria se sentido dessa maneira ao perder o contato com a voz, o olhar, as carícias dos pais, o perfume (Suskind, 1985/2014) desse modesto ambiente. Esse trauma desestruturante aconteceu antes da aquisição da palavra (Alvarez, 1994). Ela me comunicava, via atuação, um sofrimento em carne viva sem palavras para expressá-lo (Roussillon, 2009).

A visita dos donos da propriedade rural à sua mãe, cozinheira, devido ao nascimento de outro bebê, marca a fratura na vida de C. Uma trama diabólica.

C., doente, num caixão-presépio, com anemia e dermatites, estende os braços aos visitantes, sorridente. O casal estéril decide ajudar a família numerosa e toma C. para dela cuidar até sua recuperação. Em uma rede sinistra de mentiras tecidas com dogmas religiosos, numa consciência moral primitiva sobre caridade e delírios de bondade (Ahumada, 1999), a adoção é legalizada. Os colonos ganham casa própria na cidade para sair da fazenda. Sua mãe biológica – como eu na transferência – inconformada, sempre recebeu notícias, fotos, cadernos de C. que uma amiga, empregada na sede, “roubava” dos patrões.

O *establishment* médico lhe autorizava a pesquisar a história do câncer na família biológica. A cada visita aos colonos, C. entrava em contato com os adorados, temidos e odiados pais adotantes, e se desvelavam facetas da tragédia em torno da novela familiar invertida (Freud, 1909 [1908]/1992c).

Sua curiosidade ascende e C., numa empreitada semântica e existencial, investiga sua origem, o entrelaçamento psíquico das famílias e personagens em torno da adoção. Vivências primitivas (Grotstein, 1997) congeladas no tempo (Green, 2010), não significadas, não representadas, não simbolizadas, aprisionam seu ser aos traumas primordiais da origem e da adoção que, de novo, repetiam o percurso abismal até a quase morte mental, anterior à morte real de C.

Numa das visitas, a mãe biológica confessa ter sido criada pela bisavó de C. a quem reconhecia como mãe. Minha paciente admira a foto dessa velhinha, reconhece-se nela. “Encontrei meu sangue, minha raça! Eu era e não era desta família postiça. Esta peruca não é de meu corpo!”. C. a retira da cabeça e chora muito sobre essa concavidade: “Eu sou uma estrangeira, uma estranha em qualquer lugar”. Interpreto lhe: “Aqui sempre quis saber se teria um lugar de verdade dentro de mim, para te libertar”.

Quando sua mãe biológica foi chamada a voltar para a família de origem, ressentida não conseguiu perdoá-la. Essa mulher, agora, implora para que C. não deixe de visitá-la. Ela quer conhecer os netos. Minha paciente promete manter o vínculo. Um jogo cruzado de culpas e acusações entre os protagonistas desta adoção configura uma densa sombra melancólica que recai em C. com lutos outrora congelados.

No nível manifesto, esta investigação sobre os antecedentes *genéticos* não era uma traição, uma sinistra provocação, uma deslealdade, uma inconfidência ante os pais adotantes. Mas essas informações,

2. O arcaico é o passado ainda presente, do grego *arké*: Princípios. Eles não se reduzem ao início cronológico de uma origem.

quando não digeridas, eram evacuadas na esteira da vingança e do ressentimento.

C., ao ampliar a consciência, é crítica de sua vida, não se deixa mais cegar pelo brilho ofuscante que a aprisionava ao berço de ouro. A distância e o recuo permitiam-lhe pensar (Bion, 1962) ao criar um espaço tri-dimensional, libertada das amarras de outrora. No presente berravam todos os tempos. Um passado vivo que não tinha passado.

C. vivia primariamente cindida entre dois mundos: a *pobre* menina mulata; a *rica* falsa rainha. Cindida entre duas novelas familiares: o mundo dos colonos e o aristocrático mundo do casal proprietário das fazendas. Nesse esgarçado tecido mental, nos buracos, C., às vezes, vivenciava a quase não existência.

A interrupção abrupta da análise condensa múltiplos sentidos: Repetiria C., mais uma vez, a fratura vivenciada ao perder a mãe biológica, a família? Estaria ela atuando na repetição, registros inacessíveis de sua frágil mente da vida pré-natal, anteriores ao nascimento (Wilhelm, 1992/2002) ante sua vida ameaçada, não desejada? C. estava abandonando – ativamente desta vez – o processo analítico numa tentativa de lidar com o trauma sofrido passivamente quando se sentiu *rejeitada*? Estaria a “irmã de análise” assumindo o lugar de informante – transgressora –, como outrora a amiga da mãe? Estaria C. “auscultando” se, de verdade, a analista teria um espaço mental acolhedor para ela? Novamente ela estaria rompendo e continuando – desta vez – o vínculo analítico que vivia como asfixiante, como quando lhe faltava o ar? Ela não mais estava em análise, mas alucinadamente e ficcionalmente o vínculo era mantido à distância. “Ela quer saber se você tem os mesmos horários de outrora disponíveis”, indaga M. e confirma C. em seu retorno. A paciente, além da experiência inédita de profunda aceitação – sendo como ela era –, parecia buscar uma continuidade na nossa relação para vir a se conhecer e se libertar. Nós estávamos ligadas afetivamente, sem fraturas, cortes (Saboia, 2006), tal como lhe foi interpretado num trabalho de reconstrução (Malcolm, 1986/1990).

C. retoma a análise após a interrupção de oito meses, já com câncer primário no seio. O impensável, a procura de sentido, aparece na desorganização somática. Esquema corporal fragmentado, clivado (Rosenfeld, 2011; 2012), esburacado, como seu mundo interno. Sentada no divã, mostra-me seu corpo mutilado. Não tem palavras para dizer do horror. “Olha o buraco. Pela infecção é preciso aguardar para fazer a plástica”. Ela chora muito. Traumas cumulativos não simbolizados ampliam o buraco psíquico, agora com forma concreta no corpo. Traços primitivos sobre a castração radical e a perda da existência são reativados (Pereda, 2001). Todos eles vibram em uníssono. Uma relação primária com a submissa mãe biológica, permeada pelo abandono e pela cumplicidade com a “adoção”, é vivenciada como rejeição ante uma prole numerosa de irmãos pequenos e com idades seguidas. Uma relação posterior na família abastada, marcada pela *rêverie hostil*. Na transferência, nestas oportunidades sentia-se adotada por mim numa relação que seguia etiquetas protocolares – as normas do *setting* –, e não numa verdadeira relação íntima.

A culpa e a inveja pelos irmãos que ficaram com a mãe, a torturavam. Na transferência, os supostos privilégios dos outros “irmãos de análise” a martirizam. Queixava-se de que eu os atendia mais minutos do que a ela. Controlava, aliás, o tempo milimetricamente. Os outros pacientes

tinham preferência, segundo ela, por terem melhores horários, aqueles que ela alegava precisar. Como se ela me dissesse: “Não me quer de verdade como uma filha, sendo eu assim. Quer a outros...”

Nas atuações, nas faltas, enredava-se com mentiras. C. vivia fascinada pelo perigo que cultuava colocando sua vida em risco. No início de sua vida sexual, na adolescência, ela se sentia ora a mulher vulgar, ora a rainha num trono montado de segredos e mentiras, sendo a provedora de seus parceiros. Ela repetia compulsivamente o estranho familiar (Freud, 1920/1992e) trauma entre dois *amores*.

Importa destacar, como o faz Cândido (1970), os princípios estruturais da sociedade brasileira enraizada na escravidão. Ordem e desordem, o moral e imoral, o sagrado e o profano, o certo e o errado convivem numa relação dialética, sem limites precisos, sem articulação e permeados pela hipocrisia. Os colonos, escravos do destino, como podiam se opor aos patrões? Como denunciar o roubo da filha mascarado com “o gesto solidário” dos salvadores? Como podiam reivindicar a paternidade, quando não tinham direito à palavra subversiva? Mas a tolerância dos pais biológicos é corrosiva e transgressora, eles são os mandantes dos roubos das fotos, cadernos e desenhos de C. Todos os personagens desta adoção sofrem dores que estão sobredeterminadas.

Bollas (2015b) enfatiza que a opressão busca a distorção, a supressão do pensamento, acaba com as capacidades mentais, leva a uma distorção da percepção. Os rastros da tentativa falida de expressão, de criação, se encontram no inconsciente e se unem a outros rastros também falidos. A reiteração secular da desqualificação humana na transmissão transgeracional nutre a vivência de incapacidade. A história desta triste evolução deixa o *self* atravessado pelo luto ante a perda da dignidade. Em compulsiva repetição o trauma se repete interminavelmente. O método analítico autoriza o aparecimento do que outrora era impensável e indizível para cerzir os buracos no tecido psíquico com os fios da experiência emocional, onde os sentidos e a verdade possível aparecem.

5. A vivacidade da clínica: pesadelos e sonhos

Em uma sessão, C., após um fim de semana prolongado e sua falta na última sessão, entra correndo e falando ao celular. Pede desculpas pelo atraso na entrega dos *papers* sobre *os downs* (*sic*). Ela se queixa das exigências no hospital, de cólicas, de dor de cabeça. Dormiu mal. Tivera pesadelos, mas não acordou. Também um sonho!

Eu penso na contratransferência sobre o terror ante a morte psíquica de C. Ante as interrupções abruptas.

C. se recrimina pelo abuso do *whisky*. Como tinha estado sem tempo, não tinha comido quase nada durante todo o dia. Na festa de um colega – que tinha defendido uma tese com louvor – bebeu uísque e logo misturou caipirinha. Precisou ser retirada da casa do amigo com náuseas e vômitos. Ela se recrimina – “um vexame!”. E, na sua casa, o marido lhe deu Coca-Cola com todos os remédios que ela solicitou. Queria apagar, dormir.

Eu me sinto contente e curiosa com seus pesadelos e sonhos. Um esboço de representação! Sonho mutilado pela angústia? (Freud, 1926 [1925]/1992a). Também preocupada com o uso e abuso de álcool.

C: Não sei por que eu faço isso comigo. Eu não queria vir hoje aqui para contar minha recaída. Mas pensei que viria a sentir-me pior sem vir.

A: Pode vir, compartilhar e me contar sobre as terríveis dores porque sabe que te escuto e tento te compreender. Você tem a esperança de não precisar anestesiá-lo com álcool teu sofrimento. Quais os pesadelos?
C: Em um pesadelo cortavam as flores do brinco de princesa que estavam enfeitando a varanda. Eu ficava furiosa. Berrava para o jardineiro.

Sinto dor com o corte das flores dessa trepadeira, o corte do seio pelo câncer. Associo esse corte com o corte da beleza do encontro, com as separações abruptas na sua infância aos seis meses de idade (Stern, 1992).

A analista lembra, no seu sonho alfa (Bion, 1992), que seu pai biológico era jardineiro: “Num outro pesadelo ele insistia e cortava a flor branca do narciso. Por que tanta maldade?! Tinha demorado tanto para vingar...”.

A analista pensa novamente nos cruéis cortes no seu narcisismo. A separação abrupta da família, as cirurgias, a interrupção da análise. Quando ela começa a florescer, sua vida está ameaçada.

C: O outro não lembro bem. Um sonho desta noite. Tinha numa cozinha uma cesta de frutas, legumes, verduras frescas. Acho que frutas da fazenda, muito coloridas. A cozinheira estava lavando tudo com água sanitária para tirar o veneno. Eu pensava: não vou comer o que está envenenado.

Ela se queixa da mãe cozinheira e da mãe terra-fazenda que oferece frutos envenenados. “Que alimento eu posso lhe oferecer?”

A: Nossa, você trabalhou muito! Você sofre com os cortes que estão em carne viva, com as separações neste feriado prolongado. Mas você mesma corta quando falta às sessões, à continuidade do trabalho, o ritmo. Você talvez repita o que viveu ao pôr tua vida em risco. Mas hoje, você se lembra do sonho para compartilhar, porque sabes que te escuto. Aqui podemos enraizar plantas na tua vida que não sejam cortadas.

Com a cesta envenenada, lembrei-me da madrastra de *Branca de Neve* (1822 [1817]/1996). A maçã envenenada. O câncer.

A: Você pode apreciar a beleza da cesta colorida da fazenda, recuperar tua mãe cozinheira dos primeiros meses. Talvez você viva os segredos e mentiras como um veneno. Essa cozinheira-mãe biológica ajuda a limpar o veneno, a culpa. Eu te recebo de braços abertos, mesmo quando tenhas faltado.

A analista pensa que C. acreditava não ser querida se deixasse de cumprir as normas sociais, protocolares da nova família – o *setting* na transferência. O corte do seio transcreve no inconsciente o que ela sentia como o sinistro corte existencial. Os traços de sua mestiçagem, rejeitados pela família adotante, denunciavam a adoção. As cirurgias plásticas de nariz e ombros, que tinham sido planejadas pela mãe e rejeitadas por C. tentavam mudar o corpo, pilar de sustentação de sua identidade. Estaria a mãe adotante, buscando na filha um duplo, espelho narcisista de si própria? C. não era uma escrava dos ideais parentais que sepultaram seu verdadeiro *self*. C. revivia os traumas cumulativos em torno da adoção. A cada separação recrudesciam fantasias de envenenamento e rejeição.



A paciente seguiu em análise durante dois anos e seis meses, até o momento de sua morte real.

6. O paradoxo: Na proximidade da morte real, um renascimento psíquico

Ante a consciência da proximidade da morte real, C. pensava, durante as sessões, em como realizar seus sonhos, programar seus últimos dias, apropriar-se de sua vida. Ela agora se projeta num tempo não mais fixo e congelado como era o tempo do trauma. C. realiza o desejo de ajudar a família biológica economicamente e expressa em uma comovente carta, a sua gratidão. Também envia as fotos dos filhos colocadas em lindos porta-retratos que me mostra na sessão. Na transferência era muito grata ao nosso percurso e redigimos um inventário afetivo, com o destino de suas preciosidades. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que o câncer tomava conta de seu corpo, ela se libertava psicologicamente de certas amarras enlouquecedoras, confusas e mentirosas de outrora. Ela tinha desfigurado a interpretação dos registros sensoriais inconscientes numa novela familiar invertida (Freud, 1909 [1908]/1992c), incrível e irreal (Freud, 1936/1991a). Sempre teve dúvidas e sensações de alienação sobre sua verdade histórica (Grotstein, 2007).

C. se dá conta de sua forte identificação com ambas as mães e das raízes da culpa inconsciente que a imobilizaram, ora com receio de atacar mortalmente a uma mãe, ora a outra. Também percebe sua destrutividade na análise e na vida e se desculpa. Muito emocionada lhe interpreto que não se tratava de culpa, mas da impossibilidade de fazer diferente.

C., acamada ao lado de sua cachorra, estende a mão e encontra a minha. Reitero que eu continuarei indo a sua casa até o momento que nossos encontros façam sentido para ela. Responde-me que será até o momento em que perca sua consciência pelo aumento da dose de morfina, como combinou com seu médico. Reitera o desejo de que eu me encontre com seu marido e encaminhe seus filhos para análise. Mostra-me um álbum com as fotos dos pais biológicos e os adotantes, a seguir fotos

↑
La Roue de la chance (The Wheel of Fortune), 2011
Christian Boltanski
French Pavilion, Venice Biennial, 2011
Courtesy: Christian Boltanski Studio and Marian Goodman Gallery
©Christian Boltanski, Licensed by ADAGP
Photo credit: Didier Plowly

de sua própria família.

Nessa última sessão enfatizei que ela, agora, podia decidir quando tivesse chegado a hora da grande despedida. Ela ficaria viva nos filhos, no marido, nas mães, nos pacientes, e em mim. Ela deixava um legado amoroso para que todos cuidassem da vida psíquica.

C. morre um dia após essa sessão.

Ela consegue reunir suas mães psiquicamente e reconstruir sua história numa mudança catastrófica (Sor e Senet de Gazzano, 1988).

7. A inconfidência e a subversão do método analítico

No campo analítico, o trabalho de reconstrução (Freud, 1937/1991b), a intuição, o sonho alfa e a coragem do analista oferecem “enzimas digestivas” para que a revelação dosada da verdade transferencial possa ser assimilada. A capacidade de sonhar exorciza terrores demoníacos.

Intuir com sabedoria e prudência o que dizer, como dizer e quando dizer no resgate das inscrições e vivências primordiais (Freud, 1939/1991c) sediadas no corpo, outrora atuadas, encoraja a possibilidade de simbolizar e pensar (Chuster, Soares e Trachtenberg, 2014).

8. Adoção e sinistras cegueiras psíquicas

“O ominoso é algo que, destinado a permanecer oculto, tem saído à luz” (Freud, 1919/1992d, p. 241).

O sinistro, o não familiar, o estranho, está presente em toda adoção (Levinzon, 1997; 1999; 2004).

A perda do contato com a mãe no início da vida, quando não há uma separação Eu-Outro, quando a dependência é absoluta, é fonte de angústia e terror. Os pais adotantes podem ajudar, e muito, a elaborar o trauma, oferecer uma filiação simbólica, enraizar o filho numa árvore genealógica e alimentá-lo com verdades para que esse ser em formação possa ser autor e se apropriar de sua vida.

Mas, quando há uma trama de mentiras e segredos, a intenção é cegar a percepção psíquica, desqualificar a curiosidade, negar a realidade (Ogden, 1994/1996). O horror diabólico do *Unheimlich* aparece. O método analítico é subversivo por ser transformador, ampliar a consciência sobre si mesmo e buscar núcleos de verdade como ideal ético. Ele busca a libertação interminável do ser das amarras do inconsciente infinito.

No enredo tenebroso desta adoção, houve um roubo real, a lei foi transgredida. Não se trata das fantasias de roubo e dano à mãe biológica do bebê, como uma reedição da relação ambivalente e conflitiva dos pais adotantes com os próprios progenitores. A culpa, ante o crime cometido, impede o exercício das funções parentais com legitimidade, autoridade, confiança. O bebê arrancado de sua família de origem, da árvore genealógica, aprisionado na trama diabólica dos novos pais, perpetua a anemia psíquica na orfandade mental. O elo com a história ancestral é cortado, como as flores no sonho de C., e esta sofreu forte depressão (Spitz e Wolf, 1946) pelo abandono de ambas as famílias, ante mães mortas-vivas (Green, 1980/1988).

O filho que ocupa o lugar de fetiche, quando a esterilidade dos pais é recusada, não encontrará, no psiquismo desse “casal”, artesãos capazes de esculpir a subjetividade.

Ser uma boneca, uma possessão, não permite o caminho de humanização num clima de liberdade.

Resumo

O sinistro, o não familiar, o estranho, está presente em toda adoção.

A perda do contato com a mãe no início da vida, quando não há uma separação Eu-Outro, quando a dependência é absoluta, é fonte de angústia e terror. Os pais adotantes podem ajudar, e muito, a elaborar o trauma, oferecer uma filiação simbólica, enraizar o filho numa árvore genealógica, mediante às verdades possíveis para que o filho alcance autonomia e seja autor de sua vida.

Mas, quando há uma trama de mentiras e segredos, a intenção é cegar a percepção psíquica, desqualificar a curiosidade, negar a realidade. O horror diabólico do *Unheimlich* aparece. A mentira aprisiona, envenena o ser. O método analítico é subversivo por ser transformador, ampliar a consciência sobre si mesmo e buscar a verdade possível como ideal ético. A psicanálise busca a libertação interminável do ser diante das amarras traumáticas do inconsciente infinito que condenam à repetição compulsiva. Uma paciente que encontra na análise a possibilidade de reconstruir sua verdade histórica e se libertar do aprisionamento das mentiras, ilustra o trabalho.

Palavras-chave: *Adoção, Verdade. Candidatas a palavras-chave: Mentira, Reconstrução, Liberdade.*

Abstract

The sinister, the non-familiar, the strange, are present in all adoptions.

The loss of contact with the mother at the beginning of life, when there is no I-Other separation, when the dependency is absolute, is a source of anguish and terror. Adoptive parents can help, and a lot, to elaborate the trauma, offer a symbolic filiation, enroll the child in a genealogical tree through the possible truths so that the child reaches autonomy and becomes the author of his/her life.

But when there is a net of lies and secrets, the intention is to blind the psychic perception, disqualify curiosity and deny reality. The diabolic horror of *Unheimlich* arises. The lie captures and poisons the being. The analytic method is subversive because of being transformative, broadens self-awareness and seeks the possible truth as an ethical ideal. Psychoanalysis finds the endless liberation of the self from the traumatic handcuffs of the infinite unconscious that convict to the compulsive repetition. A patient who finds the possibility of rebuilding her true history into the analysis and escaping from the imprisonment of lies, illustrates this paper.

Keywords: *Adoption, Truth, Lie, Freedom. Candidate to keyword: Reconstruction.*

REFERÊNCIAS

- Ahumada, J. L. (1999). *Descobertas e refutações: A lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago.
- Alvarez, A. (1994). *Companhia Viva*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Anzieu, D., Houzel, D., Missenard, A., Enriquez, M., Anzieu, A., Guillaumin, J., Doron, J. et al. (1990). *Las envolturas psíquicas*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Athanassiou, C. A. (1982). A constituição e a evolução das primeiras identificações. *Revista Francesa de Psicanálise*, 46(6), 1187-1209.
- Bion, W. R. (1962). A theory of thinking. *The International Journal of Psychoanalysis*, 43, 306-310.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations: Change from learning to growth*. Londres: William Heinemann Medical Books.
- Bion, W. R. (1966). Catastrophic change. *Scientific Bulletin of the British Psychoanalytical Society*, 5, 13-26.
- Bion, W. R. (1987). Making the best of a bad job. in W. R. Bion, *Clinical Seminars and Four Papers*, ed. F. Bion, pp. 247-57. Abingdon: Fleetwood, 1987. (Trabalho original publicado em 1979)
- Bion, W. R. (1992). *Cogitations*. Londres: Karnac.
- Bollas, C. (1995). *Cracking up: The work of unconscious experience*. Londres: Routledge.
- Bollas, C. (2015a). *A Sombra do objeto: Psicanálise do conhecido não pensado*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1987).
- Bollas, C. (2015b). Psychoanalysis in the age of bewilderment: On the return of the oppressed. *The International Journal of Psychoanalysis*, 96(3), 535-551.
- Botella, C. e Botella, S. (1997). *Más allá de la representación*. Valencia: Promolibro.
- Cândido, A. (1970). Dialética da malandragem. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, (8), 67-89.
- Chuster, A., Soares, G. e Trachtenberg, R. (2014). A imaginação do analista e a imaginação radical. Em A. Chuster, G. Soares e R. Trachtenberg, *W. R. Bion: A obra complexa*. Porto Alegre: Sulina.
- Failla, H. P. (2006). *Juego e historicación en el psicoanálisis de un niño: A propósito de su adopción*. Trabalho apresentado no 26 Congresso Fepal, Lima, 7 de outubro de 2006.
- Freud, S. (1950). Carta 52 a W. Fliess. Em J. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1, pp. 274-280). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1991a). Carta a Romain Rolland (Una perturbación del recuerdo en la Acrópolis). Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas: Sigmund Freud* (vol. 22, pp. 209-222). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1936).
- Freud, S. (1991b). Construcciones en el análisis. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas: Sigmund Freud* (vol. 23, pp. 257-270). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1991c). Moisés y la religión monoteísta. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas: Sigmund Freud* (vol. 23, pp. 3-132). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1939).
- Freud, S. (1992a). Inhibición, síntoma y angustia. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas: Sigmund Freud* (vol. 20, pp. 71-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926 [1925]).
- Freud, S. (1992b). Introducción del narcisismo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas: Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 65-104). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1992c). La novela familiar de los neuróticos. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas: Sigmund Freud* (vol. 9, pp. 213-220). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1909 [1908]).
- Freud, S. (1992d). Lo ominoso. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas: Sigmund Freud* (vol. 17, pp. 217-252). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1992e). Más allá del principio de placer. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas: Sigmund Freud* (vol. 18, pp. 3-62). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Gampel, Y. (2002). El dolor de lo social. *Psicoanálisis*, 24(1-2), 17-43.
- Golse, B. (28 de janeiro 2005). *Os destinos do originário. Trabalho apresentado no Conselho Científico, Espace Pierre Cardin, Paris*.
- Green, A. (1988). A mãe morta. Em A. Green, *Sobre a loucura pessoal* (pp. 148-77). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1980).
- Green, A. (1995). *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1993).

- Green, A. (2010). *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Green, A. (2014). ¿Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte? Buenos Aires: Amorrortu.
- Grimm, J. e Grimm, W. (1996). Branca de neve. Em J. Grimm e W. Grimm, *Contos de Grimm*. São Paulo: Companhia das Letrinhas. (Trabalho original publicado em 1822 [1817]).
- Grotstein, J. S. (1997). The psychoanalytic fascination with the concept of the "primitive". Em S. Albanatti e K. Kostoulas (ed.), *Primitive mental states: Across the lifespan* (vol. 1). Londres: Jason Aronson.
- Grotstein, J. S. (2007). *A beam of intense darkness: Wilfred Bion's legacy to psychoanalysis*. Londres: Karnac.
- Houzel, D. (1999). *Identificação introjetiva, reparação, formação de símbolos*. São Paulo: SBPSP. (Trabalho original publicado em 1991).
- Laplanche, J. (2001). *Entre seducción e inspiración: El hombre*. Buenos Aires: Amorrortu
- Levine, H. B., Reed, G. S. e Scarfone, D. (org.) (2015). *Estados não representados e a construção de significado: Contribuições clínicas e teóricas*. Londres: Blucher Karnac.
- Levinzon, G. K. (1999). *A criança adotiva na psicoterapia psicanalítica*. São Paulo: Escuta.
- Levinzon, G. K. (2004). *Adoção clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Levinzon, G. K. e Simon, R. (1997). *A criança adotiva na clínica psicanalítica*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Malcolm, R. R. (1990). Interpretação: O passado no presente. Em E. Bott Spillius, *Melanie Klein, hoje: Desenvolvimento da teoria e da técnica. Volume 2: Artigos predominantemente técnicos* (pp. 89-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1986).
- Marucco, N. C. (2005). Actualización del concepto de trauma en la clínica psicoanalítica. *Revista de psicoanálisis y psicoterapia*, 63(3), 9-19.
- Marucco, N. C. (2007). Entre a recordação e o destino: A repetição. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(1), 121-136.
- Mattos, J. A. J. de (2018). *Do soma ao psíquico: Em busca do objeto psicanalítico*. Em J. A. J. de Mattos, *Impressões de minha análise com Wilfred R. Bion e outros trabalhos* (pp. 221-266). São Paulo: Blucher.
- Mattos, J. A. J. de e Braga, J. C. (2009). Consciência moral primitiva: Um vislumbre da mente primordial. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(3), 141-158.
- Meltzer, D., Bremner, J., Hoxter, S., Weddel, D. e Wittenberg, I. (1975). *Explorations in autism*. Perthshire: Clunie Press.
- Ogden, T. H. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1994).
- Pereda, M. C. (2001). Sobre as primeiras inscrições. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 3(1), 129-144.
- Rosenfeld, D. (2011). *El alma, la mente y el psicoanalista*. México: Paradiso.
- Rosenfeld, D. (2012). *The creation of the self and language: Primitive sensory relations of the child with the outside world*. Londres: Karnac.
- Roussillon, R. (2009). A associatividade e as linguagens não verbais. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 16(1), 143-165.
- Saboia, C. (2006). O papel do bebê no processo de acesso à subjetivação. *Estilos da Clínica*, 11(21), 186-195.
- Saint-Exupéry, A. de (1946). *Le petit prince*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1943).
- Silva, M. C. P. da (2013). Uma paixão entre duas mentes: A função narrativa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(4), 69-79.
- Sor, D. e Senet de Gazzano, M. R. (1988). *Cambio catastrófico*. Buenos Aires: Kargieman.
- Spitz, R. A. e Wolf, K. M. (1946). Anaclitic depression: An Inquiry into the genesis of psychiatric conditions in early childhood. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 2(1), 313-342.
- Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Suskind, P. (2014). *O Perfume: História de um assassino*. Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1985).
- Tesone, J. E. (2011). *En las huellas del nombre propio: Lo que los otros inscriben en nosotros* (pp. 149-166). Buenos Aires: Letra Viva. (Trabalho original publicado em 2009).
- Trachtenberg, A. R. C., Cezar Kopittke, C., Zimpek T. Pereira, D., Mainieri Chem, V. D. e Homrich Pereira de Mello, V. M. (2005). *Tranegeracionalidade. De escravo a herdeiro: Um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Wilheim, J. (2002). *O que é psicologia pré-natal*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1992).
- Winnicott, D. W. (1965). *Mother and child: A primer of first relationships*. Nova York: Basic Books. (Trabalho original publicado em 1957).
- Winnicott, D. W. (1974). Fear of breakdown. *The International review of psychoanalysis*, 1(1-2), 103-107.



Só... Solidão... Fronteiras entre a curva e a reta

A reta é uma curva que não sonha.
Manoel de Barros, 2010

Em nossa clínica com crianças buscamos criar possibilidades para que elas possam brincar, sonhar e construir um continente com objetos pensantes que acolhem e fazem companhia quando estão só. Parafrazeando Manoel de Barros (2010/2013), eu diria que a solidão é uma reta sem curva, uma reta sem um continente preenchido por objetos internos acolhedores capazes de manter vivos os sentimentos de esperança e de fé¹. E, ao mesmo tempo, poderíamos dizer que a capacidade de estar só depende de uma curva, ou de várias curvas em espiral, condição indispensável para os sonhos, para as fantasias e para conter os objetos continentes e pensantes, precursora de nossa capacidade criativa.

Todo nosso trabalho clínico, então, será primeiro o de construir e criar um continente para abrigar os objetos capazes de conter e pensar ao longo da vida, para depois nos ocuparmos dos conteúdos (Ferro, 1995).

Como compreendo e discrimino a capacidade de estar só e o sentimento de solidão?

Apresento a curva e a reta e depois ilustro com duas situações clínicas.

Só...

Tanto Klein, Winnicott quanto Bion consideram que a introjeção de um objeto bom é condição *sine qua non* para a capacidade de viver só e elaborar o sentimento de solidão.

Para Winnicott (1958/1990) existem duas formas de solidão ao longo do desenvolvimento. Uma forma primitiva em um estágio de imaturidade, de não-integração, na fase de dependência absoluta: a solidão essencial. E outra mais elaborada que implica em estar só na presença

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Prêmio Psicanálise de Crianças e Adolescentes. Congresso Fepal 2021. 1o Congresso Virtual.

1. Bion define a fé como uma resposta primordial e profunda de defesa contra o sentimento de catástrofe. É uma experiência emocional, singular. Porém não se trata de uma fé religiosa – um conjunto de dogmas e doutrinas que constituem um culto. Para o autor, esta fé se torna apreensível quando se representa no pensamento e por meio deste. Trata-se da fé na existência de uma realidade verdadeira e última. A fé que move um cientista a ir em busca de algo, mesmo sem dados objetivos.

de alguém, em um estágio muito primitivo, quando a imaturidade do ego é compensada de modo natural pelo suporte do ego proporcionado pela mãe (p. 209).

Ele vai mostrar a importância da regressão materna, o estado de preocupação materna, para que a mãe se identifique com o bebê e possa oferecer o *holding* necessário. Nessas condições, cria-se um campo de ilusão em que a mãe e o bebê vivem um estado de fusão. No decorrer deste estado fusional, o bebê ao ver a mãe vê a si mesmo; por sua vez, a mãe ao ver seu bebê rememora (inconscientemente) seus primeiros dias e semanas de vida, identificando-se com as necessidades do bebê. Com o tempo, ao ser capaz de introjetar essa mãe, suporte do ego, o bebê se torna capaz de estar só, sem precisar recorrer todo momento à mãe ou ao símbolo materno. Portanto, a experiência de estar só na presença do outro tem suas raízes na fase em que o bebê vive a dependência absoluta na relação inicial mãe-bebê e baseia-se no paradoxo de estar só na presença do outro. É expressão de saúde e a finalidade da maturidade emocional. O indivíduo que desenvolveu a capacidade de estar só está sempre capacitado para redescobrir o impulso pessoal, pois o estado de estar só é alguma coisa que (mesmo paradoxalmente) sempre implica que alguém esteja por perto (Winnicott, 1958/1990; 1967/1975; 1970 [1969]/1994).

Bion (1962; 1962/1990) demonstra que a capacidade de continência e *rêverie*² da mãe são fundamentais para digerir e compreender as sensações e comunicações não-verbais do bebê e a constituição da autonomia do pensamento. A noção de relação continente-contido permite ampliar a compreensão dos fenômenos relacionais como uma teoria que engloba não somente as primeiras relações, mas também às relações objetais e que abrange a teoria do pensamento.

A introjeção do objeto continente fornece um envoltório para as partes do *self* para, só mais tarde, na posição depressiva, estabelecer-se a identificação introjetiva com o objeto bom. O bom funcionamento da relação continente-contido, entre a mãe e a criança, permite ao bebê internalizar as boas experiências e estabelecer identificações introjetivas com o casal parental, formado por uma mãe cuja função continente constitui o receptáculo dinâmico das relações da criança (contido). A partir da experiência inicial mãe-bebê, o bebê introjeta a capacidade de continência e *rêverie* e desenvolve um aparelho para pensar os pensamentos (Bion, 1962; 1962/1990).

Gostaria de destacar aqui que a função de *rêverie* e de continência do analista, que ele desenvolve em sua análise pessoal, pode ser ampliada pela experiência de observação de bebês, segundo o método proposto

2. Bion (1962/1990) propõe que o sujeito depende da capacidade de *rêverie* materna para significar a experiência emocional do bebê e, então, ter a possibilidade de desenvolver sua capacidade de pensar, resultante dos aspectos identificatórios e projetivos. Esse autor inferiu e descreveu como os estados emocionais primitivos, tanto os de prazer como os dolorosos, são vivenciados concretamente e, como tais, não estão disponíveis para o desenvolvimento mental. Esses estados não podem ser pensados, imaginados, sonhados ou lembrados (em oposição a serem repetidos), até que tenham se transformado em experiências emocionais. Um bebê não pode adquirir a capacidade de transformar suas experiências primitivas de elementos-beta em elementos-alfa, como Bion (1962/1990) os chamou, exceto por meio da identificação com um objeto capaz de executar tal função fundamental, a função de *rêverie*. No desenvolvimento saudável, tal identificação é atingida via uso da identificação projetiva, como um mecanismo próprio de toda e qualquer comunicação. Nessa situação, o bebê evacua o difícil e indigerível conglomerado de experiências boas e más para dentro do objeto parcial que cuida dele. Esse objeto parcial receptivo oferece uma realização da expectativa inata do bebê, sua pré-concepção, de que há algum lugar onde o difícil pode se tornar tratável: o insuportável, suportável; o impensável, pensável. Assim, o objeto parcial primário, o *seio* na terminologia kleiniana, por um processo que Bion chama de função-alfa, age sobre os elementos-beta projetados e os transforma em elementos-alfa pensáveis, armazenáveis, sonháveis. Esses são projetados para dentro do bebê e introjetados por ele. O resultado é uma identificação com um objeto parcial capaz de executar a função-alfa, ou melhor, um esboço de identificação, pois a palavra identificação parece ser mais apropriada para descrever uma atividade muito mais formal e final (Isaacs-Elmhirst, 1980).

por Esther Bick (1964). A observação de bebês é uma experiência ímpar para entrarmos em contato com nossos estados primitivos de mente, no aqui e agora, e para desenvolvermos uma escuta continente e descentrada (sem julgamentos morais e preconceitos), a partir do contato com a dupla mãe-bebê, desde seus primórdios.

Klein (1971) propõe que a identificação com o objeto bom só é possível por intermédio do relaxamento das defesas contra a separação³ e a perda do objeto (pp. 133-156). No início, uma das defesas mais importantes é a identificação com objeto idealizado e onipotente. Depois, a percepção do objeto total e real desperta angústias características da posição depressiva infantil com afetos de tristeza e luto pelos objetos externos e internos que os acompanham. Apenas as experiências positivas são capazes de contrabalancear essas crenças internas de que o objeto está perdido, devido às fantasias de destruição.

A partir da síntese do amor e do ódio na ambivalência em relação ao objeto percebido como total, um objeto pode ser instaurado dentro do ego, e instala-se um sentimento de segurança, que se constitui em seguida no núcleo de um ego, que adquire unidade e força, graças à confiança investida nas partes boas do *self*. Essa identificação introjetiva com o objeto bom é o encontro com algo de bom em si que proporciona amparo e acolhimento.

O estabelecimento de um objeto bom dentro do ego marca então a aquisição de uma força do ego suficiente para tolerar a ausência do objeto sem angústia excessiva, o que permitirá, posteriormente, superar a tristeza diante das inevitáveis perdas que ocorrem na realidade externa.

E como pensar o sentimento de solidão?

Solidão...

Winnicott (1958/1990) vai diferenciar a capacidade de estar só do estado de retraimento e de separação. O isolamento é reflexo de fortes impactos vividos logo no início da vida como uma forma de preservar o núcleo do *self* de uma violação. O retraimento estabelece uma relação com os objetos subjetivos que vêm a facilitar o sentir-se real.

Entretanto, o retraimento também é uma separação que, como o estado autista, não concorre para o enriquecimento nem para o desenvolvimento do sentimento de *self*, mesmo que o sentir-se real esteja presente. Enquanto o indivíduo que consome grande parte do seu tempo sozinho pode vir a alcançar a capacidade de estar só, o estado de retraimento demonstra uma incapacidade de estar só.

Já o sentimento de solidão aponta para uma lacuna na experiência de estar só na presença da mãe/outro fundamental. Winnicott (1967/1975; 1958/1990) assinala que o indivíduo que experimenta uma intensa solidão pode ter vivido o impacto da falha da experiência de intimidade inicial com a mãe de um tempo em que a mãe deveria estar presente e identificada com seu bebê.

Bion (1962/1990) coincide com Winnicott (1970 [1969]/1994) no sentido de destacar a importância da figura materna (ou de quem cuida do bebê) na constituição do psiquismo do sujeito. As falhas na capacidade

3. A experiência de dormir é uma experiência de separação. Quando somos bebê necessitamos da ajuda do cuidador para conciliar o sono, acalmar-se e se consolar, e então dormir. Sem a introjeção de objetos bons é muito difícil se entregar ao sono.

de de *rêverie* e de continência maternas, juntamente com os ataques ao vínculo e ao conhecimento (L e K) podem então gerar falhas na constituição do pensamento, o que resulta na ausência da função *alfa*.

Nas situações em que os pais possuem patologias graves ou são incapazes de conter suas projeções sobre o bebê, o bebê se torna um "receptáculo" (e não um continente) desses "corpos estranhos" dos pais (ao invés de conteúdos), pois ele ainda é incapaz de metabolizar esses aspectos (Williams, 1995/1997a; 1995/1997b). Nesses casos, a falha da capacidade de continência é extremamente danosa e pode originar o "terror sem nome", como o reverso do modelo continente/contido (Bion, 1962; 1962/1990).

Klein (1971) considera que o sentimento de solidão deriva da nostalgia de ter sofrido uma perda irreparável, a de ter perdido irremediavelmente a felicidade da relação inicial com a mãe. Esse sentimento de solidão instalado na posição esquizo-paranoide, atenua-se com a posição depressiva quando a integração psíquica se torna mais forte. Ela considera que essa integração depende inteiramente da introjeção do bom objeto que se instala com a integração da ambivalência amor-ódio na posição depressiva, mitigando o ódio através do amor e assim reduzindo a violência das pulsões destrutivas. Ao mesmo tempo, ela assinala que é impossível alcançar uma integração completa e permanente, e um doloroso sentimento de solidão pode ressurgir a qualquer momento, quando se perde a confiança na parte boa do *self*. Klein acredita que o que tornará tolerável o sentimento de solidão será a força e segurança do ego resultante da internalização do objeto bom: "Um ego forte resiste melhor à fragmentação, pode adquirir mais facilmente um certo grau de integração e estabelece uma boa relação com o objeto original" (p. 134). A identificação com o objeto bom também atenua a severidade do superego e, quando se instala uma boa relação com o primeiro objeto, estão preenchidas as condições para dar e receber amor. Para Klein "a solidão, quando é verdadeiramente vivida, estimula a instauração das relações de objeto" (p. 135).

Portanto, a capacidade de viver a solidão como um revigoramento, em relação a si mesmo e aos outros, surge quando a presença do objeto ausente é internalizada. Esse processo progressivo de internalização constitui o resultado específico da elaboração das repetidas experiências de separações seguidas de encontros.

Solidão... só... no processo analítico

Ao longo do desenvolvimento infantil, assim como no processo psicanalítico, as sucessivas separações da pessoa importante provocam o temor renovado de que a perda do objeto bom na realidade externa cause a perda dos bons objetos internos.

Quando a solidão é vivida como um pesadelo, a curva vira reta e toda capacidade de pensar se esvai com seus objetos pensantes. Então a vida toda desmorona, e a função de *rêverie* do analista com características de acolhimento empático e desintoxicante, semelhante ao olhar materno, pode proporcionar um mundo com limites (o continente) onde o sentido pode ser encontrado (o contido) e reparar as falhas iniciais.

Durante o processo analítico a capacidade de continência do analista vai permitir ao paciente tolerar a angústia – especialmente a angústia de

separação, e no aqui e agora do encontro analítico ele se tornará capaz não apenas de reintrojetar a angústia modificada pela capacidade de *rêverie* do analista (contido), como também de introjetar o continente, isto é, a função continente do analista, que pode conter e pensar, de tal forma que por identificação o analisando possa por sua vez a conter e pensar. Este é um passo essencial para suportar a angústia e vir a ser capaz de suportá-la sozinho, tornando-se autônomo em relação ao analista (Quinodoz, 1993). Trata-se da construção de um continente que possa abrigar os objetos pensantes⁴.

Será na experiência vivida na relação analítica que o analisando poderá vir a tolerar melhor a consciência dolorosa de ser um indivíduo separado e só, mas também desenvolver suas potencialidades e riquezas. Poder estar absorto, associar livremente, entregar-se, debater-se na sessão são sinais de que a capacidade de estar só foi alcançada e o sentimento de solidão pode, então, ser vivenciado como um elã vital, uma fonte de criatividade pessoal e um estimulante para as relações afetivas.

Portanto, a introjeção de um objeto com o qual o sujeito dialoga, fruto da internalização da função analítica, oferece uma compreensão interna mais aprimorada que pode transformar o sentimento de solidão em capacidade de estar só e se tornar fonte de criatividade pessoal ao manter contato com o que existe de mais verdadeiro e profundo de si mesmo.

Passo então, a ilustrar o sentimento de solidão em duas situações clínicas. A primeira é um caso atendido na clínica transcultural do Centro de Atendimento Psicanalítico da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e o segundo de um garoto em análise há dois anos.

Claire e sua solidão

Claire, de cinco anos, foi atendida pela equipe da clínica transcultural.

A clínica transcultural é um modelo de intervenção psicanalítica que leva em conta a dimensão clínica, antropológica e também linguística, e que procura dar sentido às interações entre os níveis coletivo, intersubjetivo e intrapsíquico (Devereux, 1970; 1972; Moro, 2015). Implica no uso do complementarismo, ou seja, a multiplicidade de referências e uma ruptura com a posição etnocêntrica em torno da psicanálise, o que contribui para o descentramento do analista. Complementarismo e descentramento são os componentes essenciais dessa clínica plural que é a clínica transcultural.

O *setting* da clínica transcultural é constituído por vários terapeutas que recebem o paciente e sua família (visto que a família carrega uma parte do sentido do sofrimento do paciente, independente de sua idade), os profissionais que fizeram o encaminhamento (e que também fazem parte da história da família no país) e um tradutor, ou um intérprete cultural, para garantir que o paciente possa utilizar sua língua materna para

4. "Quando Bion fala de Continência do analista está falando de algo de dentro da pessoa do analista. Quando fala de *rêverie* do analista está se referindo ao mundo de fantasia deste. Na elaboração emocional do analista está implícito que esta passa por situações de desconhecimento, de angústia, de trabalho com suas emoções e impulsos, de transformações de sua pessoa que se dão ali no vínculo emocional com seu paciente e induzido por este. Já estamos longe daquele analista distante, objetivo, que era apenas uma tela em branco, cuja pessoa teria que permanecer incógnita. Estamos falando de um analista que é afetado pelo paciente e que isso produz modificações em sua maneira de encarar o material analítico [...]. Isto é, o analista afetado pelo paciente pode ter experiências desde as mais regressivas até as mais elevadas. Assim quando falamos de contratransferência no sentido de Paula Heimann, continência de Bion e Holding de Winnicott, estamos falando de recursos da pessoa do analista que servem de instrumentos para seu trabalho clínico" (Di Ciero, 2016, p. 3).

se comunicar, se assim desejar. Há sempre alguma terapeuta que se ocupa das crianças procurando ser interlocutora dos aspectos emocionais infantis que se apresentam por meio dos desenhos e do brincar durante as consultas.

A equipe de terapeutas, a partir de um trabalho interno de continência e *rêverie*, abdica de seus próprios valores culturais e concepções, descentra-se, procurando transformar em sonhos as experiências traumáticas relatadas pelas famílias. Esse trabalho interno depende de um trabalho relacionado à contratransferência cultural, ou seja, o modo como cada terapeuta se posiciona em relação à alteridade do paciente, os afetos sentidos, as teorias, etc., o seu modo de fazer e pensar culturalmente, a construção de suas conjecturas e intervenções durante o atendimento, elaborados depois da consulta (Moro, 2015, p. 190). Esses sonhos/pensamentos *alfa* são oferecidos ao grupo e transmitidos à família pela terapeuta principal.

Recebemos Claire acompanhada de sua mãe e sua irmã de quatro anos e nossa equipe composta por vários psicanalistas, a tradutora, a professora e a psicóloga da instituição que nos encaminhou, e por mim, terapeuta principal.

Ela é uma criança quietinha e sua mãe uma bela mulher com o semblante amargurado e um tanto apático. A família de Claire é do Haiti, seus pais vieram para o Brasil, há cinco anos, quando sua mãe estava grávida de seis meses dela. A Sra. Haitiana tem cinco filhos: duas meninas que nasceram aqui e três filhos mais velhos que ficaram no Haiti, com a avó paterna. Seu marido também migrou para o Brasil com elas, mas partiu há três anos.

Enquanto eu a ouvia contar tantas histórias de separações traumáticas de seu processo de migração, fui tomada por uma enorme tristeza. Sinto uma empatia com o desamparo e solidão desta senhora que teve duas filhas no exílio e sem o embalo da rede familiar e paterna. Ela estava profundamente deprimida, sem esperança, o futuro não tinha rosto. A parentalidade⁵ no exílio potencializa angústias primitivas, no nível psíquico e no nível cultural, especialmente na mãe. No nível psíquico, pela revivescência dos conflitos e pela expressão das emoções. No nível cultural, pelo processo ligado às representações culturais, às maneiras de fazer e de dizer próprias a cada cultura. Todos esses elementos culturais pertencentes à geração precedente se reativam, tornam-se de repente importantes, preciosos e vivos. Aqui o mandato transgeracional é central (Lebovici, 1996). Esse mandato é atribuído à criança na transmissão transgeracional e faz penetrar em sua vida psíquica a geração dos avós, por intermédio dos conflitos infantis de seus pais, sejam eles pré-conscientes ou recalçados.

É o caso dos traumas migratórios, os traumas e fantasmas que surgem do passado esquecido dos pais e que, em alguns casos, podem invadir os espaços e se instalar afetando gravemente a relação da mãe com seu bebê. Diante da eclosão de tantas emoções que são reavivadas

5. A parentalidade se fabrica com ingredientes complexos. Alguns deles são coletivos, pertencem à sociedade como um todo, mudam com o tempo, são históricos, jurídicos, sociais e culturais. Outros são mais íntimos, privados, conscientes ou inconscientes, pertencem a cada um dos dois pais enquanto pessoas, enquanto futuros pais, pertencem ao casal, à própria história familiar do pai e da mãe. Aqui está em jogo o que é transmitido e o que é escondido, os traumas infantis e a maneira com a qual cada um os contém. E depois, há toda uma outra série de fatores que pertencem à própria criança, ela que transforma seus genitores em pais (Moro, 2015).

no exílio, é necessário modificar nosso *setting* para acolher de maneira adaptada essas crianças e seus pais, no contexto de uma rede que permita tecer os laços e o ir e vir entre espaços de prevenção e de tratamento em uma complementação criativa (Moro, 2005; 2015).

Logo no início, a mãe, com uma voz monocórdica, relata que tem dificuldade em se comunicar em português, diferente das filhas que falam português, mas não crioulo.

Estamos acompanhadas de uma tradutora, o que permite que a Sra. Haitiana possa se expressar em sua língua materna.

“Claire está complicada na escola”, nos diz a mãe. “Todo dia sou chamada na escola porque Claire não quer ficar lá, e ela não fala e nem explica o porquê”. Essa menininha tão frágil se desespera na escola: chora, esperneia, fica muito desorganizada e foge, como se fossem surtos. “Ela grita e se assusta e ninguém consegue contê-la”, complementa a professora. A professora e a psicóloga pensam que são os bichinhos em sua cabeça, lêmdeas de piolho.

Com a ajuda da tradutora, vou colhendo cuidadosamente seus sentimentos diante do processo de migração, sua história de lá e daqui, e como ela compreende os choros e gritos de Claire.

Apesar de sua reticência em falar, aos poucos, fomos nos aproximando e a Sra. Haitiana pode compartilhar seu sofrimento e suas crenças culturais. Ela pensa que todo desespero de Claire deve vir dos espíritos: “há algumas entidades que estão fazendo isso com a menina”. Então, ela ligou para família do Haiti para pedir ao missionário que reze por Claire: “Jesus vai me ajudar, Jesus pode me ajudar.”

Também percebo que ela está muito deprimida. Ela divide conosco as dificuldades de estar sozinha em um país estrangeiro. Ela nos diz: “A polícia roubou meu comércio. Quando chego em casa estou muito cansada do trabalho e nem falo com as meninas”. Ela não conversa também porque as meninas não entendem crioulo e ela não fala português. As meninas então denunciam que sua mãe, quando fica brava, bate e xinga em sua língua materna. Ela se expressa em crioulo nos momentos de desespero.

Profundamente identificada com o desamparo de Claire, fico imaginando o sofrimento e a solidão dessas crianças que não têm uma mamãe que converse com elas, nem em crioulo, nem em português. Trata-se de uma relação sem palavras, uma não domina o idioma da outra. Imagino a solidão das meninas na noite escura, depois de um dia de desespero sem objetos para acalmar, consolar e conciliar o sono. As meninas estão enraizadas no novo país, mas a mãe resiste. Digo: “Talvez Claire grite para que a senhora lhe dê o que tem dentro de si, seus afetos, sua história, a narrativa de suas origens”. A Sra. Haitiana compreende: “ela quer a minha afeição!”

Durante esta consulta, Claire e sua irmã desenham, fazem colagem e brincam com as bonecas. Claire faz colares “curativos”, representando sua demanda emocional.

Ao final Claire expressa seu desejo: “Eu quero ficar aqui!” Ela mostra sua alegria de ter encontrado um lugar com pessoas que compreendem as suas necessidades emocionais.

Essa experiência clínica tem nos mostrado que as representações trazidas pelas famílias migrantes, ao serem compartilhadas, são de uma eficácia evidente. Elas renovam nossas maneiras de pensar enquanto

psicanalistas, obrigam-nos a nos descentrar, a tornar mais complexos nossos modelos e a nos afastar de nossos julgamentos apressados. Pensar essa alteridade é permitir que a parentalidade possa ser vivida por essas famílias de uma maneira menos traumática e que se familiarizem com outros pensamentos, outras técnicas... Porque a migração traz com ela essa necessidade de mudança e se essas mulheres não estiverem inscritas em nossos sistemas de prevenção e de cuidados, corre-se o risco de deixá-las restritas a uma solidão elaborativa, pois para pensar temos necessidade de co-construir juntos, de trocar, de confrontar nossas percepções com as percepções do outro; se isso não é possível, o pensamento não se apoia em nada a não ser nele mesmo e nos seus próprios construtos.

A troca com o outro nos modifica e impede o engessamento psíquico (Moro, 2005; 2015)

O *setting* oferecido pela clínica transcultural cria curvas para conter a solidão dessas famílias durante o processo de migração e para co-construímos os caminhos do enraizamento em uma nova cultura.

O mundo silencioso de Beto

Se Claire não conversava com sua mãe, Beto quando nasceu encontrou um mundo silencioso. Sua mãe teve uma depressão pós-parto profunda e ele foi deixado aos cuidados de uma tia avó. Quando chegou ao consultório, Beto vivia uma depressão primária, com muitos indicadores de autismo (Batistelli, Amorim, Lisondo, Silva, França, Barros, Leite Monteiro et al., 2014; Silva e Batistelli, 2018).

Ele estava com um ano e onze meses, quando sua pediatra drasticamente disse a sua mãe que ele era autista. Primeiramente acolhemos⁶ essa família em um *setting* de intervenção nas relações pais e filhos, para uma avaliação conjunta (Mélega, 1998; Silva, 2002; Mendes Almeida, Marconato e Silva, 2004)

Nas intervenções pais-bebês, tomamos em consideração as ações recíprocas que o bebê e a sua mãe, ou pai, têm um com o outro: os atos relacionais. Quando olhamos para a dupla mãe-bebê, observamos os modos de se relacionar da mãe com, ou para, o seu bebê (alimentá-lo, trocá-lo, brincar), gestos, sons, onomatopeias, jeitos de cantar (prosódias maternas, manhês), e coisas feitas pelo bebê/criança. Olhamos para a interação (Prat, 2 de maio de 2019).

Com essa escuta recebemos essa família. Beto chega de chupeta na boca, ao chamá-lo ele não nos olha, entra e – muito quieto – busca os objetos menores da caixa e brinca, principalmente com uma família de bonequinhos (Playmobil) colocando-os num caminhão com caçamba. Também se interessa por abrir uma caixinha de comidinhas ou mexer no fundo de uma prateleira da sala. Esses movimentos sugerem que há um dentro e um fora, um interior com figuras humanas e um princípio de capacidade simbólica.

Durante a intervenção resgatamos a história das relações dos pais com os filhos, entre os pais e dos pais com os próprios pais, não para interpretá-los mas para conhecer a qualidade dos vínculos e cuidar da função parental. Assim fomos aos poucos sabendo também da chegada de Beto.

6. Atendimento feito com a colega Fátima Maria Vieira Batistelli.

Então, a mãe, chorando muito, começa a nos contar que na ocasião da gravidez e do nascimento do filho mais velho, tudo correu bem. Ela, com a ajuda de sua mãe, cuidava dele e se encantava com a experiência. Depois de dois anos, já queriam ter o segundo filho, pois: “Já estava velha e não poderia esperar muito”.

A gravidez de Beto, correu bem, mas ao nascer tudo ficou muito difícil. Ela fazia tudo o que era necessário para os cuidados físicos, mas não conseguia se vincular.

Sentia que não conseguia gostar dele e, muitas vezes, rezou para que ambos morressem, pois assim tudo acabaria. Sentia-se péssima em pensar assim, mas “não conseguia gostar e nem criar vínculo com Beto”. Sua própria mãe estava doente na ocasião do nascimento e não podia ajudá-la e só mais tarde, quando Beto estava com quatro meses, descobriu que estava com depressão pós-parto e foi medicada. Nesta ocasião é que a tia avó (por parte de pai) entra na vida da família e passa a morar com eles e cuidar das crianças, principalmente de Beto. Essa tia, solteira e muito sozinha, dormia com Beto, ambos no mesmo colchão no chão, e abraçados dificultando que Beto tivesse outras experiências emocionais que não as sensoriais e adesivas (Bick, 1968; Meltzer, 1975/1986). Pareceu-nos que, diante de toda essa situação emocional, as duas mulheres, mãe e tia, viviam solidões não elaboradas e estabeleceram de alguma forma relações adesivas, na tentativa de que Beto não experienciasse qualquer tipo de sentimento de separação. Diante da fragilidade materna, essa tia ocupou o lugar da mãe, levando-a a se sentir ainda mais insuficiente.

Beto não encontrou uma mamãe capaz de absorver suas projeções e, assim ela foi percebida como hostil a qualquer tentativa de identificação projetiva ou a qualquer tentativa sua de conhecer a natureza de sua mãe. Beto, então, ficou com a ideia de um mundo que não queria conhecê-lo e não queria ser conhecido. Isso se refletia na forma como Beto se relacionava com o mundo: um mundo intrusivo que o levava a se recolher em seu refúgio, em seu isolamento.

A preocupação e o interesse materno era de que pudéssemos confirmar ou não, se o diagnóstico de autismo estaria correto. Tal situação parece ser vivida por ela como uma “sentença de morte” e, provavelmente, um castigo. Inclusive, traz uma dor enorme, na medida em que tinha ouvido de outra psicóloga que Beto “apenas aprenderia a amá-la, mas jamais a amaria verdadeiramente, pois as crianças com autismo são incapazes de ter sentimentos.”

No entanto, o próprio Beto, já na primeira sessão, mostra o contrário. A mãe nos tinha dito que ele não ia com ninguém estranho, mas se surpreende ao ver Beto buscar o meu colo. Acreditamos que, nesse momento, para além de um contato sensorial, Beto mostrava o encontro com um objeto que reconhecia suas necessidades e era capaz de enxergá-lo para além das manobras autísticas.

Na intervenção pais-bebês, como no trabalho com os pais de crianças em análise, não nos propomos a tratar os pais em sua personalidade nem em sua patologia individual, mas sim cuidar de sua função parental, e favorecer uma aliança terapêutica, a reconstrução da solidariedade parental e ajudar os pais a se permitirem um contato maior com os *déficits* do filho. Procuramos ajudar os pais de Beto a olhar para a criança – que, de fato, estava ali diante deles – que muitas vezes evitava o contato com os familiares e também conosco. O reconhecimento das necessidades

de Beto seria fundamental para que eles pudessem vir a aceitar um tratamento intensivo de psicanálise. Portanto, nossa preocupação não se resumia a simplesmente fazer ou desfazer um diagnóstico, embora não pudéssemos nos furtar de refletir sobre o problema.

Surpreendentemente, na segunda consulta, Beto chega reconhecendo o espaço e querendo adentrar nossa sala buscando pelos brinquedos com que já brincara na semana anterior. Ele vai para a mesinha, desenha comigo, joga bola para todos da sala, troca olhares de soslaio e faz um ensaio de narrativa com os bonequinhos de Playmobil.

Nestes ensaios de um brincar mais simbólico de Beto, fomos nos oferecendo para a família como modelo de um objeto que acompanha seu ritmo e, ao mesmo tempo, convoca-o e nomeia seus movimentos. Em alguns momentos, Beto emite sons que pudemos traduzir como querendo a chupeta ou água. Algumas vezes, corria para o colo da mãe, com uma demanda mais sensorial, e a mãe também respondia sensorialmente com muitos beijos e carinhos. Essa cena sugere um modo de se relacionar mais fundido e simbiótico, seja com a tia ou com o colo da mãe.

Ao apontarmos pequenos sinais de comunicação de Beto e ao observarmos e refletirmos juntos, fomos ampliando pequenas competências e possibilitando caminhos para possíveis transformações.

Já na terceira consulta, a mãe se mostrou diferente: muito mais viva e tomando posse das funções maternas. Beto passou a dormir sozinho, sem a tia e sem mamadeiras durante a noite. Ele chegou à consulta procurando por nós, emitindo vários sons, como *dá, qué, ma*, e brincando com mais desenvoltura. Ao ser chamado pela mãe, ele respondeu com um olhar rápido e atendeu a sua demanda. Para nós também, ele manteve o olhar por alguns segundos, várias vezes, durante a sessão.

Nesses encontros com Beto, procuramos resgatar a esperança em suas sutis potencialidades e favorecer suas capacidades de se relacionar e brincar compartilhado, para uma verdadeira troca intersubjetiva, além de fortalecer as competências parentais.

Após um período de férias, apesar de toda a angústia, sua mãe nos contou que estava apaixonada por Beto como havia acontecido com seu primeiro filho. Esteve totalmente devotada a ele nas 24 horas do dia e, ao mesmo tempo, culpada por ter tido sua depressão puerperal. Nós ficamos sensibilizadas e apontamos como os pais estavam muito mais próximos de Beto, apesar da dor e da tristeza e, que ao falarem do encantamento materno, havia esperança de juntos transformarmos os *déficits* de Beto em competências e repararmos um início de relação em que tudo parecia impossível.

Ao longo dessa intervenção conjunta fomos assinalando para os pais os recursos de Beto e, por meio da experiência vivida no aqui e agora dos nossos encontros, oferecemos-nos como modelo de um ser humano vivo que o “reclama” (Alvarez, 1994) para uma relação compartilhada e intersubjetiva, despertando seu interesse para o objeto humano. Aos poucos, fomos vendo os recursos de Beto para responder a esse investimento, bem como a mãe se empenhando em fazer o mesmo em casa.

De alguma forma, Beto foi beneficiado pelo olhar da pediatra (muito embora isso tenha sido apresentado de uma maneira desastrosa), pois nós sabemos que quanto mais cedo se viabilizem uma intervenção e

7. Anne Alvarez fala de “ir ao encaixo do paciente” [...] “faz uma analogia com a função materna, que não é só de acolher ou compreender e digerir as angústias e anseios de seu bebê, mas, quando necessário, reivindicá-lo, atrair sua atenção.” (Batistelli, Amorim, Lisondo, Silva, França, Barros, Leite Monteiro et al., 2014, p. 35).



um tratamento psicanalítico, mais a possibilidade de revertermos o isolamento em que a criança se encontra, para uma relação com emoções compartilhadas e sentimentos vivos⁸.

Beto apresentava muitos indicadores de risco: ausência e/ou evitação do contato visual, não falava ou se expressava de maneira muito rudimentar sem a intenção de se comunicar e não havia um brincar intersubjetivo (Batistelli, Amorim, Lisondo, Silva, França, Leite Monteiro, Lordello Coimbra et al., 2017). Embora o transtorno do espectro do autismo se refira a um conjunto heterogêneo de sinais, sua etiologia é entendida como multifatorial, na qual podem estar presentes aspectos orgânicos, psíquicos e ambientais, assim como nos sugere Tustin (1986/1990): “há uma interrupção precoce maciça do desenvolvimento cognitivo e afetivo, embora o desenvolvimento físico das crianças com autismo seja geralmente normal” (pp. 24-25). Considerando esses elementos e toda riqueza das intervenções com essa família, pensamos que Beto se apresentava com muitas portas em aberto e muito se beneficiaria de um trabalho analítico.

Então, após esse trabalho de intervenção, Beto inicia sua análise com quatro sessões semanais. No final do primeiro ano, vivi uma cena emocionante que ilustra a transformação do sentimento de solidão, de

8. Pesquisas atuais (Muratori e Maestro, 2007; Olliac, Crespín, Laznik, Sarradet, Bauby, Dandres, Ruiz et al., 2017) apontam que alguns sinais iniciais, particularmente o interesse intenso por estímulos não sociais e objetos concretos, podem representar um sinal de alerta, um indicador de um desenvolvimento atípico no primeiro ano de vida de um bebê. O desenvolvimento atípico pode desencadear uma formação neuronal anormal do cérebro e um desenvolvimento alterado do processo de desenvolvimento neuronal esperado. Por mais difícil que seja para os pais e os clínicos encontrarem um destino para suas percepções sobre os déficits de desenvolvimento do bebê, deve-se lembrar que, com um encaminhamento para uma intervenção psicoterápica conjunta pais-bebê, aliada à plasticidade cerebral, há grandes chances de, ao correr contra o tempo, oferecer um novo destino ao bebê e à sua família (Silva, 2013).

um tempo sem palavras (Roussillon, 2015). Nessa sessão, como de costume, assim que abro a porta, Beto entra correndo e entusiasmado para nosso encontro. Vai direto para a casinha e pega os bonecos-bebês, assim como outros bichinhos e os bonecos-crianças da casinha. Todos sobem as escadas e caem, ora do telhado, ora do segundo andar, ora do terraço. Tudo se desmantela como expressão de seu sofrimento psíquico. Durante esses movimentos vou narrando (Silva, 2016) de uma forma muito simples: “sobe...sobe...ora o bebê, ora o gatinho, ora o menino... e tibumba... Ahhhh caiu..”, depois tudo se repetia e eu diante de cada degrau da escada dizia: “sobe... sobe... 1, 2, 3, 4, 5, 6...” Por vezes ele repetia um som semelhante ao dos números, e quando caía, eu dizia: “tibumba... caiu... ahhh caiu...” Assim vou oferecendo interpretações onomatopéicas, (que em grego significa *criação de palavras*) pequenas palavras, que falam de ansiedades muito primitivas (quebra, rasgamento, queda, explosão, afogamento, desaparecimento...) como uma criação intermediária entre o som e a palavra (Prat, 2 de maio de 2019). É a criação de um ambiente continente que falhou lá no início. Uma curva! Em um dado momento, Beto se deteve nos bebês e repetidamente os deixava cair da casinha. Cada um dos bebês subia pausadamente os degraus da escada e do segundo andar o bebê caía, caía e caía. E caía, caía e caía. Então, eu narrava novamente: “o bebê está subindo a escada, 1, 2, 3, 4, 5... subiu e tibumba, caiu. Ahhhhh caiu. Fez dodói? Deixa que eu vou cuidar desse bebê”. Enquanto cuidava desse bebê eu cantava cantigas de ninar, e ele repetia o mesmo movimento com o outro bebê da casinha. Ele olhava para mim e pegava da minha mão o bebê que eu estava ninando, eu o devolvia, para tudo se repetir. Assim, eu inventava uma forma de me comunicar

com Beto (Silva, 2013; 2017), adaptando-me ao seu próprio modo de expressão e funcionamento psíquico, usando as suas próprias modalidades de simbolização, de tal forma que ele pudesse absorver algo mais familiar. Buscava um lugar intermediário entre a representação de palavra e a representação de coisa, porque o som da palavra criada, imitando o da coisa, permitirá uma experiência de compartilhamento. Buscava um caminho para transformar a reta em curvas, ou seja, criando uma função continente para possibilidade de um espaço tridimensional.

Depois, propus uma variação. A cada vez que eu pegava o bebê em minha mão e o acariciava, eu cantava *Se essa rua fosse minha* (Dp. e Luporini, 2011/2012, mús. 14), em que, curiosamente, uma das estrofes fala da solidão (*Se essa rua fosse minha, eu mandava ladrilhar, com pedrinhas de brilhantes, para o meu amor passar. Nessa rua tem um bosque, que se chama solidão, dentro dele mora um anjo, que roubou meu coração*)⁹. Repito, com algumas alterações, mas com a mesma entonação: “ai, ai, ai como é que vamos cuidar do bebê?” E ninava cada um deles. Eu estava muito sintonizada com o clima emocional que Beto ia encenando, imaginando-o no início de sua vida, na mesma posição desse bebê, todo desmanchado, em uma experiência de abandono e solidão absoluta.

Então, passei a chamar o bebê de Beto e a cada cena que se repetia, dizia: “Ahhh o Beto caiu, vem cá Beto (pegando o bebê em minha mão) eu vou cuidar de você... ahhh você caiu... Sabe Beto, a Cecília está aqui e vai cuidar de você, não vou deixar você sozinho...” E também cantei as músicas para embalar esse bebê que a todo momento se desmantelava. Beto olhou para mim com aquela sensação de ter realizado uma experiência emocional de um tempo sem palavras. A cena se repetiu mais duas vezes e então, ele novamente olhou para mim e se aproximou. Ele me abraçou e se aconchegou em meu colo. Senti-me emocionada ao me aproximar e nomear vivências tão primitivas e com a possibilidade de que Beto venha a descobrir um mundo novo a partir do encontro emocional com um objeto vivo e continente.

Assim, a partir dessa sequência progressiva de intervenções foi possível algum acesso a experiência de angústia primitiva, ligando o cair com o sentimento de se sentir abandonado: Beto é o bebê que cai e que preciso ajudar por meio de uma reconstrução histórica, colocando-o em contato com o abandono experimentado lá no início de sua vida (Silva, 2016).

É a partir desta experiência de parceria no cuidado que Beto tem desenvolvido a confiança em si mesmo e no mundo, o que permitirá a concepção e interiorização de um modelo de cuidar e a construção de um continente com objetos internos pensantes e brincantes, para uma capacidade de estar só.

Concluindo...

Podemos supor que os pacientes confrontados na primeira infância com uma mãe cuja atenção foi capturada fora da relação (por uma patologia pessoal, um estado depressivo, ou nascimento de um novo bebê...), expe-

9. *Se essa rua/Se essa rua fosse minha/Eu mandava/Eu mandava ladrilhar/Com pedrinhas/Com pedrinhas de brilhantes/Para o meu/Para o meu amor passar/Nessa rua/Nessa rua tem um bosque/Que se chama/Que se chama solidão/Dentro dele/Dentro dele mora um anjo/Que roubou/Que roubou meu coração/Se eu roubei/Se eu roubei teu coração/É porque/É porque te quero bem/Se eu roubei/Se eu roubei teu coração/É porque/Tu roubaste o meu também* (Dp. e Luporini, 2011/2012, mús.14)

rimentaram uma sintonia desafinada, sem uma relação de intimidade (Meltzer, 1982/1984) e com poucos recursos emocionais, que dificultaram sua capacidade de se representar e de dar sentido ao mundo psíquico, tanto o seu quanto o do outro.

Diante do sentimento de solidão presente na sessão, procuro lançar mão da atividade ficcional, aquela de poder sonhar os sonhos que o paciente não sonha, ou o sonho que talvez possa permear o seu mundo emocional, como instrumento/curva de acesso ao que há de mais profundo e verdadeiro. Criando curvas, tento oferecer recursos e narrativas para meus pacientes, como Claire e Beto, construindo um continente que possa abrigar objetos pensantes e reparando os danos do pensar em suas vivências de angústias de separação e solidão.

Assim, espero ter apresentado como alternativa aos caminhos retilíneos, os caminhos sinuosos pelos quais a construção de capacidade de estar só tem sido possível, sem que os elementos de angústia mais submersos e profundos sejam caçados ostensivamente, mas possam tomar corpo na sessão e, progressivamente, vir à tona e serem transformados.

Encerro com uma história infantil que ilustra o universo emocional da criança quando falha a relação de intimidade mãe-bebê. Nesta história a mãe reconhece suas falhas e repara os vínculos esgarçados, uma mamãe que tece as emoções promovendo um encontro emocional.

Mamãe zangada (Bauer, 2008):

Hoje de manhã mamãe gritou tanto, que eu me despedacei em pleno ar. Minha cabeça voou para o universo. Meu corpo afundou no mar. Minhas asas se perderam na selva. Meu bico desapareceu nas montanhas. Meu bumbum caiu no meio da rua. Minhas patas ficaram paradas, mas de repente se puseram a correr e correr. Eu queria procurá-las, mas os olhos estavam no universo... eu queria gritar, mas o bico estava nas montanhas... eu queria voar, mas as asas estavam na selva. Cansadas de correr, as patas chegaram no deserto do Saara ao entardecer, quando uma grande sombra se deitou sobre elas. Era a mamãe zangada, que tinha recolhido e costurado todos os meus pedaços. Falavam somente as patas. “Desculpe”, disse a mamãe zangada.

Resumo

A partir do poema de Manoel de Barros (2010/2013): *A reta é uma curva que não sonha*, a autora descreve a capacidade de estar só, como uma série de curvas em espiral, e o sentimento de solidão, como uma reta sem curvas. Apoia-se em Winnicott, Bion e Klein.

Ilustra com o atendimento de uma família haitiana atendida no *setting* da clínica transcultural e com o caso de um menino de um ano e onze meses com indicadores de risco de desenvolvimento atendida no *setting* de psicanálise com crianças.

Assim, nas duas situações clínicas, apresenta como alternativa aos caminhos retilíneos, os caminhos sinuosos pelos quais a construção de capacidade de estar só tem sido possível, sem que os elementos de angústia mais submersos e profundos sejam caçados ostensivamente, mas possam tomar corpo na sessão e, progressivamente, vir à tona, para serem transformados.

Finaliza com uma história infantil que retrata o universo emocional da criança quando falha a relação de intimidade mãe-bebê. Nesta história a mãe reconhece suas falhas e repara os vínculos esgarçados, uma

mamãe que tece as emoções promovendo um encontro emocional.

Palavras-chave: *Psicanálise, Sentimento de solidão, Psicanálise da criança, Autismo, Migração.*

Abstract

Based on the poem by Manoel de Barros' *The line is a dream without curve*, the author describes the ability to be alone as a series of spiral curves, and the feeling of loneliness as a straight line without curves. The author is based on Winnicott, Bion and Klein and illustrates with the care of a Haitian family assisted in the setting of a transcultural clinic and with the case of a boy (1 year and 11 months) with indicators of developmental risk assisted in the psychoanalysis setting with children.

Thus, in both clinical situations the winding paths are presented as an alternative to the rectilinear paths,. . The construction of the capacity to be has only been made possible without the most submerged and deep elements of anguish being ostensibly hunted, but they can take shape in the session and, progressively, come to the fore to be transformed.

The article ends with a story that portrays the child's emotional universe when the mother-baby relationship fails. In this story, the mother recognizes her flaws and repairs the broken bonds, a mother who weaves her emotions promoting an emotional encounter.

Keywords: *Psychoanalysis, Feeling of loneliness, Child Psychoanalysis, Autism, Migration.*

REFERÊNCIAS

- Alvarez, A. (1994). *Companhia viva: Psicoterapia psicanalítica com crianças com autismo, borderline, carentes e maltratadas* (M. A. V. Veronese, trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Barros, M. de (2013). *Poesia completa*. São Paulo: Leya. (Trabalho original publicado em 2010).
- Batistelli, F. M. V., Amorim, M. L. G., Lisondo, A. B. D. de, Silva, M. C. P. da, França, M. T. Barros de, Leite Monteiro, M. H., Lordello Coimbra, R. E. et al. (org.), (2014). *Atendimento psicanalítico do autismo*. São Paulo: Zagodoni.
- Batistelli, F. M. V., Amorim, M. L. G., Lisondo, A. B. D. de, Silva, M. C. P. da, França, M. T. Barros de, Leite Monteiro, M. H., Lordello Coimbra, R. E. et al. (2017). Sinais de mudança em autismo: Prisma, um instrumento de pesquisa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(4), 225-244.
- Bauer, J. (2008). *Mamãe zangada*. São Paulo: Cosac Naify.
- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psycho-analytic training. *The International Journal of Psychoanalysis*, 45, 558-566.
- Bick, E. (1968). The experience of skin in early object relations. *The International Journal of Psychoanalysis*, 49(2-3), 484-486.
- Bion, W. R. (1962). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós.
- Bion, W. R. (1990). Una teoría del pensamiento. Em W. R. Bion, *Volviendo a pensar* (pp. 151-164). Buenos Aires: Hormé. (Trabalho original publicado em 1962).
- Devereux, G. (1970). *Essais d'ethnopsychiatrie générale*. Paris: Gallimard.
- Devereux, G. (1972). *Ethnopsychanalyse complémentaire*. Paris: Flammarion.
- Di Ciero, P. (2016). Fé e compreensão psicanalítica. Em R. Simon, G. K. Levizon e K. Yamamoto (org.), *Novos avanços em psicoterapia psicanalítica*. São Paulo: Zagodoni.
- Dp. e Luporini, M. (2012). Se essa rua fosse minha. Em *Galinha Pintadinha 2* [DVD]. São Paulo: Bromelia Filminhos; Som Livre. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=IuZf_xTt_JU&ab_channel=GalinhaPintadinha (Trabalho original publicado em 2011).
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Isaacs-Elmhirst, S. (1980). Bion and babies. *The Annual of Psychoanalysis*, 8, 155-167.
- Klein, M. (1971). *O sentimento de solidão: Nosso mundo adulto e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lebovici, S. (1986). À propos des consultations thérapeutiques. *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant*, 3, 135-152.

Lebovici, S. (1996). La transmission intergénérationnelle ou quelques considérations sur l'utilité de l'étude de l'arbre de vie dans les consultations thérapeutiques parents/bébé. Em M. Dugnat (org.), *Troubles relationnels père-mère/bébé: quels soins?* (pp. 19-28). Ramonville-Saint-Agne: Érès.

Mélega, M. P. (1998). Intervenções terapêuticas conjuntas pais-filhos. *Alter: Jornal de Estudos Psicodinâmicos*, 17(2), 27-33.

Meltzer, D. (1986). Identificação adesiva. *Jornal de Psicanálise*, 19(38), 40-52. (Trabalho original publicado em 1975).

Meltzer, D., Milana, G., Maiello, S. e Petrelli, D. (1984). La distinction entre les concepts d'identification projective (Klein) et de "contenant-contenu" (Bion). *Revue Française de Psychanalyse*, 48(2), 551-569. (Trabalho original publicado em 1982).

Mendes Almeida, M. M., Marconato, M. M. e Silva, M. C. P. da (2004). Redes de sentido: Evidência viva na intervenção precoce com pais e crianças. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(3), 637-648.

Moro, M. R. (2005). Os Ingredientes da Parentalidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 8(2), 258-273.

Moro, M. R. (2015). Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, 26(2), 186-192.

Muratori, F. e Maestro, S. (2007). Early signs of autism in the first year of life. Em S. Acquarone (ed.), *Signs of autism in infants: Recognition and early intervention* (pp. 46-61). Londres: Karnac.

Olliac, B., Crespin, G., Laznik, M.-C., Sarradet, J.-L., Bauby, C., Dandres, A.-M., Ruiz, E. et al. (2017). Infant and dyadic assessment in early community-based screening for autism spectrum disorder with the PREAUT grid. *Plos One*, 1-22. Disponível em <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0188831>

Prat, R. (2 de maio de 2019). *Ações interpretativas na clínica com crianças*. Trabalho apresentado em seminário temático da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo.

Quinodoz, J.-M. (1993). *A solidão domesticada: A angústia de separação em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Roussillon, R. (2015). Para introduzir o trabalho sobre a simbolização primária. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), 33-46.

Silva, M. C. P. da (2002). Um self sem berço: Relato de uma intervenção precoce na relação pais-bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(3), 541-565.

Silva, M. C. P. da (2013). Indicadores de risco psíquico e do desenvolvimento infantil: Avaliação e intervenção nas relações iniciais pais-bebê. Em M. B. Morais, S. O. Campos e M. O. E. Hilário (ed.), *Pediatria: Diagnóstico e tratamento* (pp. 105-110). São Paulo: Manole.

Silva, M. C. P. da (2016). The analyst's narrative function: Inventing a possibility. *The International Journal of Psychoanalysis*, 98(1), 21-38.

Silva, M. C. P. da (2017). A caixa lúdica do analista: Reflexão sobre novas técnicas na análise de crianças. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(4), 71-88.

Silva, M. C. P. da, e Batistelli, F. M. V. (2018). Intervenção nas relações iniciais pais e filhos: O susto diante do diagnóstico de autismo. Em D. B. Wanderley e M. Leitgel-Gille (org.), *A intervenção a tempo em bebês com risco de evolução autística*. Salvador: Agalma.

Tustin, F. (1990). *Barreiras autísticas em pacientes neuróticos*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1986).

Williams, G. (1997a). As angústias catastróficas de desintegração, segundo Esther Bick. Em M.-B. Lacroix e M. Monmayrant (org.), *Os laços do encantamento: A observação de bebês segundo Esther Bick e suas aplicações* (pp. 37-39). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1995).

Williams, G. (1997b). O bebê como receptáculo das projeções maternas. Em M.-B. Lacroix e M. Monmayrant (org.), *Os laços do encantamento: A observação de bebês segundo Esther Bick e suas aplicações* (pp. 105-112). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1995).

Winnicott, D. W. (1975). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. Em D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 153-162). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967).

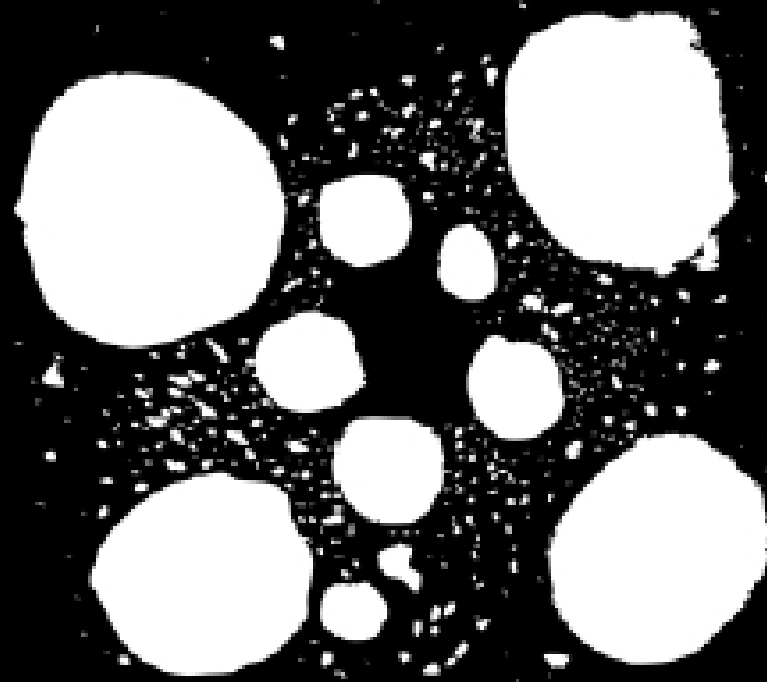
Winnicott, D. W. (1990). A capacidade de estar só. Em D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 195-202). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1958).

Winnicott, D. W. (1994). A experiência mãe-bebê de mutualidade. Em C. Winnicott, R. Shepherd e M. Davis, *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 195-202). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1970 [1969]).

Vórtice

*Feminicídio:
A violência que você não vê*

pp. 170-197



» Feminicídio: A violência que você não vê

*O patriarcado é o juiz
Que nos julga por nascer
E nosso castigo
É a violência que você não vê*

*O feminicídio
Impunidade para o meu assassino
É o desaparecimento
É o estupro*

*E a culpa não era minha, nem onde eu estava, nem o que eu vestia.
E a culpa não era minha, nem onde eu estava, nem o que eu vestia.*

O estuprador era você / O estuprador é você

*São os tiras (policiais)
Os juízes
O Estado
O presidente*

O Estado opressor é um macho estuprador / O Estado opressor é um macho estuprador

*O estuprador é você / O estuprador é você
Durma, menina inocente
Sem se preocupar com o bandido
Que para os seus sonhos, doce e sorridente
Assista seu amante bandido*

O estuprador é você / O estuprador é você

Colectivo Las Tesis, *Um estuprador no teu caminho*, 2019

O que é silenciado e ruma para os subterrâneos, do psiquismo ou da sociedade, adoce.

Decantemos o hino feminista, nascido no Chile, e cantado por mulheres do mundo inteiro de punhos cerrados como instrumento de luta.

A experiência da pandemia, ao contrário do que alguns imaginavam, acirrou os comportamentos violentos nas relações e nos ambientes nos quais eles já estavam presentes. A América Latina convive com um grave cenário de violência contra a mu-

lher, de tal maneira significativo que se tipificaram juridicamente crimes cotidianos como: assédio sexual, assédio no trabalho, estupro, violência doméstica e feminicídio.

Mas não é um problema circunscrito apenas ao nosso continente, trata-se de uma realidade global. Com o desemprego e a convivência estreita no isolamento social, viu-se a violência aumentar insidiosamente e o drama ganhar contornos de banalidade.

Os movimentos feministas têm sido os responsáveis, não somente pela pauta de reivindicações de direitos, mas também pela exigência de ações que combatam as trágicas estatísticas de violência de gênero. Elas incidem na tripla jornada de trabalho, passam pelas espantosas diferenças de salários e culminam na violência física e psicológica¹.

A psicanálise, sem dúvida, traz novos vértices para essas histórias, pois elas saem do anonimato e do silêncio e se tornam palavras, narrativas no campo do sofrimento psíquico singular, retirando das sombras o que se conseguiu calar e legitimando a dor profunda das vítimas. Construída no encontro analista-analisante, e inscrita no inconsciente de ambos, ela instala – na intimidade da relação – o movimento de dar voz aos sentimentos e às experiências recalçadas, àquelas que para sustentar o desejo do outro, apagam o desejo do sujeito.

A saída do silêncio e da angústia paralisante muitas vezes ocorre quando rompem com a solidão e com o afastamento de seus laços sociais e rumam para a dimensão de lutas compartilhadas, denunciadas. Em tempos de Covid-19, esta estratégia de sobrevivência também foi atacada e não são raras as notícias de mulheres mortas por não terem podido recorrer às suas redes de apoio. Outro dado relevante é o fato de a situação econômica determinar a negação da violência para dar o que comer aos seus filhos. As sucessivas experiências de crueldade trazem em si o trauma, a culpa, o ódio por si mesmo, as dúvidas sobre suas identificações, o terror, o infantil e um profundo, adocido e irreconciliável desamparo.

Desde a Grécia antiga, escritores e poetas trágicos narram os destinos de mulheres que tiveram suas vidas interrompidas precocemente.

Atualmente, as formas dramáticas de feminicídio estão estampadas nos jornais e nas mídias; partem da violência do homem contra a mulher, sobretudo quando a mulher demonstra *poder* a respeito de seu desejo e de seu corpo, e diz “Não!” ao homem, decidindo sobre a sua própria vida, quando os seus corpos e os seus desejos apontam para outras direções, sem mais aceitar a submissão ou o assujeitamento ao outro.

Para algumas mulheres reivindicar a subjetividade pode significar ir ao extremo, o suicídio, como diz Grada Kilomba (2019), um “ato de tornar-se sujeito” (p. 189). Aqui, Kilomba nos conta a história de Margareth Garner, que tenta se suicidar e matar os seus filhos ao ser capturada pelo senhor branco escravocrata. Na época, Garner declarou: “Eu sou um ser humano”.

O apagamento do outro como sujeito é o que permite a violência contra esse outro. A cultura patriarcal e machista, que nunca saiu de cena, está mais intensa e furiosa, motivada pela fragilidade narcísica na construção imaginária de um falo onipotente.

Contudo, movimentos de resistência têm surgido com força por toda a América Latina. Coletivos têm unido corpos e vozes femininas pelas ruas, em instituições capazes de divulgar informações importantes sobre os direitos da mulher e denunciar a violência sofrida por elas. No México, por exemplo, existe um coletivo de arte, Hilos, que tem como diretriz o repúdio à violência e principalmente trabalhos ligados ao feminicídio. *Sangre de mi sangre* (sangue do meu sangue) cujas fotos ilustram a nossa seção. Um destes trabalhos de selo coletivo é uma rede vermelha, tecida com a participação de mais de cem mulheres e exposta em manifestações e protestos, tendo-se continuamente.

Colette Soler (2016) escreve sobre o que *faz laço* em formato de pergunta e não à toa, porque como ela diz:

1. Dados do Portal Patrícia Galvão: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/sobre-as-violencias-contra-a-mulher/> acessado em 21/06/2021)

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

a experiência principal em nossa sociedade é o desenlace, ou a ameaça de desenlace. O desenlace é experimentado no trabalho, na estrutura familiar e nas relações ditas amorosas. [...] hoje, mais do que nunca, não se deve contar com nenhuma promessa de permanência. [...] ao amor, sabe-se, desde sempre, que não há nenhuma garantia. (p. 7)

São questões íntimas e sociais presentes em nossa cultura que encontram na sala de análise nomes, faces e testemunhos, conscientes e inconscientes, cuja repetição mortífera remonta à Antiguidade. Há um desejo de que o mal-estar esteja lá fora, distante de nós, na casa dos outros. Há uma ideia, ainda presente entre os psicanalistas, de que estes assuntos são objetos da sociologia, da antropologia e de que nós temos pouco a dizer sobre isso. **Vórtice** traz *o feminicídio* para o debate psicanalítico e conta com a valiosa contribuição de autoras e colegas, numa seção especial construída por mulheres.

Regina Esteves. Embora o tema provoque dor e inquietação, ele traz lucidez para a temática feminicídio.

Regina contrasta a delicadeza de sua escrita com a brutalidade de suas histórias; a forma como a narrativa se articula com a clínica. O caso com que inicia e encerra o seu texto de desfecho traumático nos conduz à cruel realidade atual. A autora revisita as histórias de Apolônia e Hipácia, passadas na Alexandria dos séculos III e V d. C., respectivamente, para buscar as origens da misoginia e da opressão machista e autoritária sofridas por mulheres. Histórias antigas e recentes se entrecruzam neste texto-testemunho para revelar a impossibilidade de mulheres romperem com a condição de submissão e violência perpetrada em nossa sociedade, e de se firmarem como sujeitos da própria vida.

Rocío Franco e Elizabeth Haworth. Em face da questão do feminicídio, as autoras propõem algumas ideias que se situam em uma zona de interseção de diferentes

perspectivas: sociológicas, criminalistas, jurídicas, tendo como eixo norteador a questão sobre o que a psicanálise pode dizer a respeito do feminicídio. Localizam suas abordagens levando em consideração alguns aspectos dos construtos de gênero e a problemática da masculinidade, questionando o sistema do patriarcado como um campo simbólico que faz parte da cultura.

Sandra Gonzaga e Silva. Para tratar do tema *feminicídio*, Sandra relembra a trágica morte de Ângela Diniz e seus desdobramentos que mobilizaram o Brasil nos anos 70, dando origem a um grande movimento de mulheres feministas. A autora chama a atenção para os avanços e os retrocessos de uma sociedade que há séculos mantém o corpo da mulher como um território de domínio e disputa, e que mata por machismo, ciúme e posse. Questiona a perspectiva falocêntrica dos desenvolvimentos freudianos e as suas implicações para a escuta psicanalista – interroga como os psicanalistas escutam as mulheres e os abusos de que são vítimas, afirmando o dever ético da psicanálise para além do divã, de reagir a todo tipo de violência e discriminação contra mulheres.

Dalia Guzik e Cristina Oñate. As autoras partem do fato de que, embora o feminicídio tenha ocorrido no início da história, sua crescente presença fez com que fosse necessário registrá-lo no marco legal.

Como as questões sociais e políticas atravessam e se inserem em nossa prática clínica? Esta é a pergunta com a qual nos convocam para uma reflexão crítica sobre a violência de gênero e o feminicídio. Guzik e Oñate buscam dar voz ao silêncio, às centenas de milhares de mulheres vítimas de crimes impunes. O texto contribui para uma reflexão sobre os elementos de subjetividade feminina e masculina que dificultam uma mudança radical para reduzir a incidência dessa pandemia. Trata-se do testemunho de que trabalhar próximo das questões de violência de gênero pode transformar a escuta analítica e o conhecimento de aspectos silenciados na dupla analítica.

Ludmila Frateschi. O texto de Ludmilla Frateschi convida o leitor psicanalista para uma reflexão sobre a escuta clínica digna de muita atenção. Ela nos propõe pensar sobre a singularidade da experiência de ambos os participantes da dupla analítica, a partir do relato clínico de uma analisante que se sentia ameaçada com o assassinato de Marielle Franco, por estar identificada com ela em sua condição de mulher e negra. Ludmila nos oferece um tecido de ideias surgidas de sua experiência como analista e mulher, levando em conta a função analítica do testemunho, ao mesmo tempo em que a analisante vive a singularidade de sua própria experiência no contato com a analisante. Os mundos sobrepostos, os movimentos da clínica, a escuta, o desconforto individual e o desconforto coletivo estão claramente entrelaçados.

Laura Ward da Rosa. Laura aborda o feminicídio a partir da perspectiva das paixões. Ela nos traz as loucuras passionais e outros problemas, por exemplo, aqueles relacionados à paranoia que podem fazer parte de laços de casal em que a degradação do vínculo se inicia sob a ilusão do amor e termina em assassinato. A relação que estabelece entre as ideias lacanianas sobre gozo e excesso, bem como as noções sobre o feminicídio e a relação do papel da mulher na história e na literatura nos parecem muito bem sucedidas. A partir de um caso clínico, a autora aborda também a questão transgeracional, tomando referências literárias como contribuições ao seu trabalho psicanalítico. O texto aponta para a forma alarmante com que o confinamento imposto pela pandemia aumentou a violência contra as mulheres e o número de feminicídios.

REFERÊNCIAS

- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantaço: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
Soler, C. (2016). *O que faz laço?* São Paulo: Escuta.

↓
Foto de
Alvaro
Argüelles



» Corpos femininos: Horizontes aniquilados

→
Les Vivants, 2010 (arriba)
Les Morts, 2010 (abajo)
Christian Boltanski
*French Pavilion, Venice
Biennial, 2011*
Courtesy: Christian Boltanski
Studio and Marian Goodman
Gallery
©Christian Boltanski, Licensed
by ADAGP
Photo credit: Didier Plowy

De cabeça baixa, olhos marejados, respiração entrecortada. Foi assim que ela chegou ao meu consultório pela primeira vez. Contou-me estar preocupada com o filho, que ia mal na escola, e atribuía o fato aos frequentes desentendimentos entre o marido e ela.

Procurara análise para aprender a lidar melhor com os comportamentos dele e evitar que o menino fosse prejudicado. Falou sobre a labilidade de humor e da necessidade de controle por parte do marido. Entendia que esse era seu jeito de ser, consequência do modo como ele fora educado pelos pais, que atendiam sempre a seus desejos: “era uma boa pessoa quando estava calmo, mas não podia ser contrariado”. De vez em quando, olhava para mim, mas logo abaixava a cabeça em direção às mãos, que mantinha unidas sobre as pernas. Perguntei-lhe se pintava. Ela fitou-me surpresa, como se eu tivesse adivinhado ou já soubesse de algo. Expliquei que havia resquícios de tinta em suas mãos. Ela as recolheu rapidamente como se quisesse es-

condê-las. Depois de algum tempo, contou que era artista plástica e que isso incomodava muito o marido. Pensara, em muitos momentos, que o melhor seria desistir da profissão, mas a pintura fazia parte da sua vida desde menina e talvez não pudesse viver sem ela. Depreendi dessa e das sessões seguintes que teríamos um longo caminho até que ela conseguisse apropriar-se de si mesma e da sua história. Infelizmente não houve tempo para completarmos esse percurso. Ela foi morta, alvejada a tiros pelo marido, que não chegou a cumprir pena a despeito de todas as provas.

Casos como esse nos deixam estarecidos e se repetem todos os dias em todo o mundo. No Brasil, neste início de ano, a média do número de mulheres assassinadas por questões de gênero era de quatro a cada 24 horas, situação que vem se agravando com a pandemia decorrente da Covid-19. O distanciamento social imposto pelas medidas sanitárias promoveu a aproximação física daqueles que dividem o mesmo espaço, e a convivência antes

* Sociedade Psicanalítica de Fortaleza.



resguardada pela escola e pelo trabalho se tornou problemática ou mesmo perigosa. Em uma cultura patriarcal, estruturalmente machista e autoritária, como é a brasileira, a mulher tem sido alvo constante de agressão, violência e assassinato.

Poderíamos nos referir a esses episódios como exemplos de feminicídio, mas talvez seja preciso questionar seu significado, como refere Rodrigues (2019):

A rigor, eu poderia mesmo pensar que feminicídio não é um significante que designa homicídio de mulheres – isto poderia ser chamado de mulhericídio –, mas que feminicídio é um significante que precisa ser pensado como designação de morte, negação e aniquilamento do elemento feminino, esteja o feminino onde estiver. (p. 153)

Nesse sentido, falamos de misoginia, que trata, em sua essência, de uma invenção, de uma construção cultural que vem se arrastando ao longo dos séculos.

Segundo Holland (2010), as origens da misoginia remontam ao século VIII a. C., quando surgiram as histórias da criação da humanidade na Grécia e na Judeia, que apontavam a mulher como responsável pelo sofrimento, a infelicidade e a morte (pp. 442-443).

Lembremos a história de Apolônia e Hipácia. Adepta do cristianismo, Apolônia viveu em Alexandria, no Egito, no século III d. C. A cidade se encontrava sob o domínio do Império Romano, tendo como autoridade máxima o imperador Décio, um dos mais cruéis perseguidores dos cristãos. Por professar sua fé, Apolônia foi perseguida, capturada e obrigada pelas forças imperiais a renunciar à fé cristã e prestar culto aos deuses romanos. Como ela se negou a obedecer às determinações do imperador teve os dentes arrancados com pedras afiadas e a face quebrada por pancadas. Por resistir à tortura, foi queimada viva em praça pública.

Dois séculos depois, Alexandria já era um importante centro científico e cultural

e se destacava pelos estudos avançados nas diversas áreas do conhecimento, que tinham os manuscritos compilados em sua excepcional biblioteca. Hipácia ensinava geometria, astronomia, filosofia e matemática na Academia de Alexandria, dedicando-se especialmente ao processo de demonstração lógica. Mas, naquela época, o cristianismo avançava e se apoderava dos centros importantes então existentes. O saber era relacionado ao paganismo, que tinha alicerces na ciência e nas tradições de liberdade de pensamento. O arcebispo Cirilo – que havia tomado para si a tarefa de destruir todos os pagãos, assim como seus monumentos e escritos – não escondia seu ódio por Hipácia e a incluiu na lista dos que deviam ser eliminados. Uma turba de cristãos enfurecidos, incitados e comandados pelo arcebispo, arrastou-a para dentro de uma igreja, torturando-a até a morte. Seu corpo foi esquartejado e queimado. Pouco tempo depois, destruíram a grande Biblioteca de Alexandria. A cidade deixou de ser o centro de ensino das ciências do mundo antigo e os pesquisadores se dispersaram pela Índia e pela Pérsia. Com a expansão do cristianismo, o Ocidente mergulhou no obscurantismo da Idade Média. O arcebispo Cirilo foi canonizado pela Igreja Católica em 1882.

O fato de Hipácia ser mulher, cientista e defensora da liberdade de pensamento era intolerável ao arcebispo e aos cristãos fanáticos, assim como a afirmação da minha paciente como artista plástica era intolerável ao marido.

Apolônia, por sua vez, não se dobrou aos ditames do imperador para que abandonasse seus princípios e caminhou para a morte em um ato suicida.

A respeito do suicídio, Kristeva (2019) chama a atenção para o fato de que há mulheres que se matam por não terem outra maneira de lutar:

Do ponto de vista psicanalítico, elas são objeto de uma pulsão de morte, elas não existem como indivíduo, elas não têm alternativa além de

redirecionar essa pulsão de morte a elas mesmas para chamar a atenção sobre os verdugos, para que eles sejam condenados. (p. 173)

Se há mulheres que se rebelam contra a opressão machista e autoritária, existem aquelas que suportam situações abusivas por muitos anos, com intenso sofrimento psíquico, autodepreciadas e conformadas em viver aquém de suas expectativas, pois não acreditam na real possibilidade de romper a condição de submissão imposta pela violência (Moterani e Carvalho, 2016). Talvez porque esse rompimento implique entrar em contato com a dolorosa consciência da introjeção dos padrões de conduta impostos pela sociedade, além de ter de optar por um ato de rebeldia, cujas consequências são antecipadas e temidas.

Essas histórias antigas e recentes têm em comum a impossibilidade, imposta às mulheres, de apropriação de sua singularidade e de se firmarem como sujeitos da própria vida. Muitas vezes, elas são mortas antes que isso aconteça. Poderíamos dizer que as mulheres vítimas de misoginia vivem uma miséria subjetiva (Moterani e Carvalho, 2016), emaranhadas em uma tessitura dissonante, da qual não conseguem se libertar.

Voltando ao caso de minha paciente, algum tempo depois de seu assassinato, deparei-me com um quadro dela em uma exposição de artistas plásticos. Na tela, em primeiro plano, a figura de uma mulher de cabeça baixa, com um chapéu de grandes abas que lhe cobria o rosto, e as mãos escondidas em meio a um molho de flores coloridas. Talvez um autorretrato. Ao fundo, um céu azul-anil delineado por um campo florido parecia traçar o desejo de horizonte.

REFERÊNCIAS

- Holland, J. (2010). *Una breve historia de la misoginia: El prejuicio más antiguo del mundo*. México: Océano.
- Kristeva, J. (2019). Cada sessão é uma poética, cada pessoa é uma poesia. *Calibán*, 17(1), 162-178.
- Moterani, F. M. C., e Carvalho, G. M. B. (2016). Misoginia: A violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica. *Avesso do Avesso*, 14(14), 167-178.
- Rodrigues, C. (2019). Misoginia, feminicídio, racismo, punitivismo: Alguns significantes da violência contra as mulheres. *Calibán*, 17(2), 150-155.

» Os feminicidas: O mal-estar que nos habita

O feminicídio é o último ato de uma cadeia de violência contra as mulheres, cuja motivação manifesta é o controle ou a submissão da vítima. As definições sociológicas e jurídicas situam o feminicídio como parte do amplo campo da violência de gênero que encontra suas raízes no patriarcado. No entanto, como afirma Marcelo Viñar (2013), “o mundo é muito complexo para um só narrador”.

O que pode dizer a psicanálise sobre o feminicídio? Para abordar esta questão, discutiremos um caso de feminicídio enquadrando-o na crise da masculinidade e agregando contribuições psicanalíticas do campo da criminologia.

Patriarcado, mandatos de gênero e crise de masculinidade

O feminicídio foi abordado a partir dos estudos de gênero e da teoria feminista, tomando o conceito de patriarcado como

elemento central. O patriarcado, longe de ser uma estrutura fixa, é uma organização do campo simbólico que consolida e retém os símbolos pelos quais circula o sujeito. Opera de maneira inconsciente, ordenando os afetos e designando valores entre os personagens da cena social interiorizada. Essa cena não pode ser revelada pelas tentativas de objetivação das ciências sociais (Segato, 2003).

Em *Psicologia de grupo e a análise do Ego*, Freud (1921/2007)¹ indica como operam os mandatos sobre o sujeito, superando a polaridade psicologia individual/psicologia social. O mandato se infiltra de forma inconsciente no sujeito que o assume como um ato motivado a partir de seu interior ou por decisão própria, tornando-o altamente eficiente como medida de controle social (Bordieu, citado em Segato, 2003). O paradoxo do mandato é que funciona como continente (sustenta e produz sentidos), ao mesmo tempo que é vivido

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

1. *Psicologia de grupo e a análise do Ego* é um texto prévio a *O Ego e o Id* (1923/1992), no qual Freud irá propor sua segunda tópica. Somente em 1923, o Superego entrará no vocabulário psicanalítico. O superego é uma instância posterior ao surgimento do eu ideal em termos do desenvolvimento infantil. O eu ideal e o ideal do eu correspondem ao funcionamento narcisista e posteriormente, na fase fálica, surgirá o superego que alojará o eu ideal e o ideal do eu, incorporando os mandatos ao funcionamento neurótico.

como elemento estrangeiro que domina o eu. Como estabeleceu Freud (1921/2007), o pertencimento ao grupo se sustenta a partir de um ideal comum que se aloja no lugar do eu ideal¹ e posteriormente no superego e no ego. Assim, os mandatos de gênero enquanto mandatos culturais se encontrariam precocemente alojados formando as bases da identidade do sujeito. A partir dessa instância inconsciente influem como imperativos. Os homens feminicidas nos permitem observar essas complexas relações entre mandatos fixados no eu ideal e um superego que não conseguiu interiorizar a lei edípica.

Compreendemos os feminicídios como sinal de uma crise de masculinidade pelo poder que as mulheres vêm adquirindo. Trata-se de um processo de várias décadas, alimentado pelos movimentos feministas, as teorias e as novas identidades de gênero. Essa crise se inicia no contexto das reformas neoliberais. O capital financeiro enfraqueceu a potência restritiva da lei, e o consumo e o prazer surgem como exigência superegoica, (Lewkowicz, 2003, citado em Bibbó, 2019). Surgem sentimentos de vazio e anomia que enfraquecem o enlace simbólico entre os semelhantes. O “dinheiro-potência” toma o lugar privilegiado do “pênis-potência” (Bleichmar, 2006/2007).

Como resultado deste excesso de desigualdade, o desamparo (*Hilflosigkeit*) já não pode operar como motor do desejo. Produz-se uma excessiva distância entre as possibilidades do sujeito e os mandatos necessários para ser e pertencer (Bibbó, 2019).

Para Bleichmar (2008/2010), é necessário repensar o “mal-estar na cultura” como “mal-estar desmedido”: um excesso de mal-estar pela frustração da cultura que exclui também a seus incluídos.

O feminicídio como ato em busca de palavra

A clínica com pacientes narcisistas, *borderline* e criminosos mostra que as condutas são portadoras de desejos, fantasias que buscam encontrar palavras. Sentimentos

insuportáveis de vergonha e humilhação se encontram na base das condutas violentas (Gilligan, 2009).

Para James Gilligan (2011), a psicanálise contribui para o estudo da violência a partir de: 1) A conduta violenta mais irracional pode adquirir significado psicológico caso se consiga escutar seriamente a pessoa. 2) A compreensão do aspecto compulsivo e incontrolável do ato violento requer interpretar o conteúdo inconsciente. 3) Toda conduta deve ser compreendida em relação com a história do sujeito, mas não se trata apenas das experiências passadas na infância, mas também de sua associação com fenômenos históricos, culturais e econômicos tais como raça, gênero e classe social.

A partir do enquadre psicanalítico, Campbell (2011) define a violência como uma reação defensiva frente a qualquer elemento que coloque em perigo a homeostase física ou psicológica, incluindo o equilíbrio narcisista. Seu objetivo é eliminar a fonte de perigo. Para isso, despoja-se o outro de qualquer valor, salvo sua periculosidade. Assim, por exemplo, se o olhar do outro é considerado perigoso, o sujeito atacará os olhos sem piedade. Esse tipo particular de violência (*ruthless aggression*) é parte do desenvolvimento do infante. Sua possibilidade de integrá-la como uma parte do *self* depende de poder exercer esta agressão na presença de adultos que possam contê-la. Quando esta função falha, “a criança só pode esconder seu *self* impiedoso e dar-lhe vida em um estado de dissociação”² (Winnicott, 1947/1969, p. 69).

Um caso

Juan Carlos Hernández (JCH) é conhecido como o Monstro de Ecatepec pelos vinte feminicídios dos quais assume a culpa. “É mil vezes melhor que comam os cachorrinhos e os ratos do que que elas continuem caminhando por aí” (Hernández, citado em de Mauleón, 10 de outubro de 2018, par. 5). Chamá-lo de *monstro* o desumaniza projetando o mal que nos habita. Frente a isso, a tarefa psicanalítica é recuperar o

2. N.do T.: Tradução livre.



↑
Humanidad de los objetos
 Hugo Aveta

sujeito-semelhante.

Em sua entrevista com o promotor declarou soluçando que buscava se vingar por ter sido abandonado pela sua companheira. “Se eu não fui feliz, ninguém o será”. Como aponta Gilligan (2011), para decifrar os significados da conduta violenta é preciso escutar seriamente. JCH fala do terror gerado pelo abandono. Lembra-se que quando era menino, sua mãe o obrigava a se vestir como mulher e que foi abusado pela mulher que dele cuidava enquanto sua mãe “saía para a putaria”. De seu pai, diz que era trabalhador, que quis ajudá-lo, mas não pôde.

Voltando a Campbell (2011), vemos a ruptura de um precário equilíbrio narcisista que tem sua origem nas falhas dos proces-

sos de construção de identidade masculina. JHC experimentaria a falta de controle sobre os sujeitos femininos como angústia de morte e atacaria para se defender. Trata-se de posições muito primárias da identidade masculina. Ao mesmo tempo, existe em seu relato um elemento pulsional: a transformação da libido em agressão destrutiva (Peña, 2003). O vínculo com a mãe é sexual e violento desde o início. A figura ausente e debilitada do pai não lhe permite encontrar um terceiro que o resgate do aprisionamento sedutor/violento com a figura materna. Dessa forma, JCH não pôde aceder a uma legalidade no sentido ético, sua “lei” é própria. “O que faço está bem patrão, porque estou apenas limpando o mundo de porca-

rias” (Hernández, citado em de Mauleón, 10 de outubro de 2018, par. 9).

Nito (2019) analisa este caso a partir de uma leitura kleiniana e propõe que a compulsiva destrutividade psicótica responde a um superego cruel. Sua violência se apoia na ideia delirante da mulher como fonte do mal e o homem como salvador. A partir do modelo de Segato (2003), interpretamos esta violência como mensagem a outros homens para resgatar seu status ameaçado. Mas a crueldade do feminicídio, sua irracionalidade não consegue ser capturada pelas lógicas políticas, já que estes mandatos são gatilho para violência, não a partir do eu, mas fixados no eu ideal, articulando a partir dali defesas muito primitivas que criam um verdadeiro curto-circuito entre ação, palavra e afeto, o que origina o ato violento.

Conclusão

O que é feminicídio para a psicanálise? A resposta seria que é um sintoma, não apenas do sofrimento de um indivíduo, mas também de um mal-estar na sociedade. Em palavras de Bleichmar (2008/2010), sintoma do “mal-estar desmedido”. Para tecer uma trama que enlace as lógicas políticas e psicológicas condensadas em seu ato violento, os feminicidas devem ser escutados em sua singularidade.

A partir da psicanálise encontramos novos sentidos para sair da imagem de monstros e reconhecê-los como seres humanos. O conhecimento sobre a psicodinâmica subjacente nos feminicidas permite reconhecer que seu ato traduz um sofrimento, como vimos em JHC. A violência justificada como ato de limpeza dá conta do superego primitivo e cruel que sustenta seu sintoma. Até aqui a clínica pareceria não necessitar de mais subsídios. No entanto, JCH não ataca mães perversas, ele justifica seus assassinatos pelo abandono de sua companheira. O mandato masculino de poder sobre as mulheres, alojado no eu ideal, opera com a tirania pulsional do id. O que permanece inconsciente para JCH é que, em cada morte, ele assassina não apenas sua companheira, mas também a mãe que o deixou no desamparo. Assassina o femi-

nino nele, seguindo o mandato patriarcal de repúdio ao feminino.

REFERÊNCIAS

- Bibbó, L. (2019). *Delincuencia: Aporte al conocimiento de lo femenino*. Em E. Ponce, e P. Alkolombre (comp.), *Violencias y subjetividad: Género, infancia y sociedad*. Buenos Aires: Cowap, Letra Viva, IPA.
- Bleichmar, S. (2007). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 2006).
- Bleichmar, S. (2010). *Violencia social-violencia escolar: De la puesta en límites a la construcción de legalidades*. Buenos Aires: Noveduc. (Trabalho original publicado em 2008).
- Campbell, W. (2011). The nature and function of aggression. Em P. Williams (ed.), *Aggression: From fantasy to action*. Londres: Karnac.
- Mauleón, H. de (10 de outubro de 2018). La confesión del asesino serial de Ecatepec. *El Universal*. Disponível em: <https://www.eluniversal.com.mx/columna/hector-de-mauleon/nacion/la-confesion-del-asesino-serial-de-ecatepec>
- Mauleón, H. de (11 de novembro de 2019). El monstruo de Ecatepec por dentro. *El Universal*. Disponível em: <https://www.eluniversal.com.mx/opinion/hector-de-mauleon/el-monstruo-de-ecatepec-por-dentro>
- Freud, S. (1992). El yo y el ello. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 1-66). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2007). Psicología de las masas y análisis del yo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18, pp. 63-136). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921).
- Gilligan, J. (2009). Sex, gender and violence: Estela Welldon's contribution to our understanding of the psychopathology of violence. *British Journal of Psychotherapy*, 25(2), 239-256.
- Gilligan, J. (2011). The interpretation of violence. Em P. Williams (ed), *Aggression: From fantasy to action*. Londres: Karnac.
- Nito, A. M. (2019). Tres escenas de conducta antisocial y sociopatía en México. *Sociedad Psicoanalítica de México A. C.* Disponível em: <https://spm.mx/tres-escenas-de-conducta-antisocial-y-sociopatía-en-méxico/>
- Peña, S. (2003). *Psicoanálisis de la corrupción*. Lima: Peisa.
- Segato, R. L. (2003). *Las estructuras elementales de la violencia: Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Buenos Aires: Prometeo, Universidad de Quilmes.
- Viñar, M. (2013). Avatares de la estructura familiar en el siglo XXI: La función paterna. *Declinación/ transformaciones. Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 117, 137-160.
- Winnicott, D. W. (1969). La haine dans le contretransfert. Em D. W. Winnicott, *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1947).

» Feminicídio: O que a psicanálise tem a ver com isso?

Praia dos Ossos, Búzios, 30 de dezembro de 1976.

Ângela Maria Fernandes Diniz, conhecida na sociedade carioca como “A pantera de Minas”, é assassinada com quatro tiros pelo namorado, Raul Fernando do Amaral Street (Doca Street) na varanda da casa de veraneio do casal. Esse crime e seus desdobramentos são contados pela linguista Branca Vianna, no *podcast* do mesmo nome da praia onde o crime aconteceu. Partindo da ideia de Branca e da pesquisa de Flora Thomson-DeVeaux, o roteiro e a realização de *Praia dos Ossos* é o resultado de um trabalho coletivo, extenso e aprofundado, resumido como “a história de uma mulher, da morte dela, e de tudo que veio depois” (Vianna e Thomson-DeVeaux, 2020, ep. 1).

O julgamento de Doca Street em 1979, réu confesso, defendido por um criminalista renomado, fala muito do Sistema Judiciário Brasileiro da época e, em grande parte, deste mesmo Sistema na atualidade. A tese defendida pelo advogado foi de *legítima defesa da honra*, transformando réu em vítima. O defensor usou de toda a sua retórica para desmoralizar Ângela Diniz, culminando com a afirmação de que, com sua trajetória de mulher fatal, lasciva, li-

bertina e neurótica, acabou por causar sua morte entendida como um suicídio, perpetrado pelas mãos do acusado em um “gesto de desespero [...] de um homem ofendido na sua dignidade” (Lins e Silva, citado em Vianna e Thomson-DeVeaux, 2020, ep. 2). Segundo uma testemunha, Ângela teria dito – durante a briga que antecedeu o assassinato – que queria terminar a relação, pois desejava estar com outros homens e mulheres.

Sob os aplausos de um público que lotava o Fórum da cidade de Cabo Frio, composto por homens e mulheres que torciam por Doca com faixas de apoio e a ampla cobertura do jornalismo escrito e televisivo, os jurados apresentaram a sentença de *excesso culposo de legítima defesa* com a pena de um ano e seis meses. O assassino saiu do recinto em liberdade, pois já havia cumprido mais de uma terceira parte da pena.

Este relato, contado em minúcias nos episódios do *podcast*, aponta para o nascimento de uma grande mobilização de mulheres feministas iniciada em Belo Horizonte, Minas Gerais, após outras três mortes de mulheres assassinadas por maridos ciumentos. Esta mobilização coincidiu com a incipiente abertura política do país e a Lei da Anistia (Lei Nº 6683, de 28

de agosto de 1979) que permitiu o retorno de mulheres exiladas que vinham de uma experiência do movimento feminista europeu. A mobilização cunhou o slogan “Quem ama não mata” e foi responsável pelo Centro de Defesa da Mulher e outras iniciativas que possibilitaram a criação das Delegacias das Mulheres (DDM) cinco anos após o início do movimento, presente também em uma caravana de manifestantes no segundo julgamento de Doca Street em 1981, após a anulação do primeiro, e que finalmente resultou em sua condenação por homicídio doloso com pena de quinze anos de prisão.

Mas, como bem nos alerta Branca Vianna: “Os movimentos nascem e morrem da contingência de um momento histórico [...] todo avanço gera também um rebote, um ricochete – no caso, uma reação conservadora. Então, cada vitória vem também com um retrocesso” (Vianna e Thomson-DeVeaux, 2020, ep. 7, p. 14).

Vivemos no Brasil este momento de retrocesso e de ameaça às instituições democráticas em que vicejam pautas de costumes apoiadas em misoginia e machismo estrutural. A despeito da Lei Maria da Penha (Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006) que visa criar mecanismos para punir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, e da Lei do Feminicídio (Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015) – qualificado como o assassinato de mulheres por serem mulheres –, definindo-o como crime de homicídio, constatamos o aumento exponencial destes crimes.

As estatísticas mostram que as principais vítimas são mulheres negras em situação de vulnerabilidade social. O Brasil tem a quinta taxa de feminicídio do mundo. A cada duas horas uma mulher é assassinada no país, sendo que o número de assassinatos de mulheres brancas estacionou, enquanto o de negras aumentou. As causas são estruturais, fundadas em uma sociedade falocêntrica – machista, patriarcal e escravocrata – em que o corpo da mulher, há séculos, é um território de disputa (Santos e Soares, 2020). As autoras, defensoras públicas, sublinham a coexistência da desigualdade de gênero e raça nos casos de

assassinato de mulheres e advogam que a instituição trabalhe para além da criminalização do delito e vá ao encontro dessas mulheres com ações preventivas, como a criação de grupos reflexivos e programas de recuperação e reeducação. Destacam que muitas vezes os responsáveis pela investigação mantêm os mesmos padrões de discriminação de gênero do autor da violência. A omissão estatal contribui para o extermínio diário de mulheres por gênero e raça.

A *pólis*, a psicanálise e os psicanalistas

As questões sociopolíticas da atualidade têm convocado os psicanalistas a pensar e atuar além do divã. Antonio Quinet, em entrevista ao jornal *Intervalo Analítico*, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), afirma:

Considero que o psicanalista tem eticamente o dever de estar do lado do sujeito e de seu mal-estar na civilização [...] possa contribuir não apenas como cidadão [...] mas a partir do que a prática e a técnica da psicanálise ensinam, isto é, utilizando as armas que usa na clínica: o ato e a interpretação. [...] pensar em intersecções das instituições com a pólis, para que, assim, [...] possa trazer suas contribuições para pensar e combater o mal-estar na civilização e para que o saber do psicanalista não fique restrito a uma casta de usuários e colegas. (Quinet, citado em Naidin, 2021, p. 12)

Neste sentido, as ações afirmativas pioneiras, de inclusão de negros, indígenas e refugiados nos institutos de formação psicanalítica, além das práticas de atenção e atuação junto às populações vulneráveis, expandem nosso olhar e acolhem um universo diverso, nublado pelo pensamento hegemônico da branquitude, exclusão e misoginia presentes na sociedade como um todo e em alguma dimensão nas sociedades psicanalíticas.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Escutando as mulheres

Quais as teorias sobre o feminino que apoiam a nossa clínica? Como escutamos nossas analisandas? Como afinamos esta escuta e acolhemos seus devires múltiplos, testemunhamos os abusos de que são vítimas?

Regina Neri (2005), em sua tese de doutorado, nos fala sobre a psicanálise e o feminino acompanhando prioritariamente a trajetória do pensamento sobre as mulheres em Freud e Lacan com suas encruzilhadas e tropeços. Neste ponto farei um arriscado esforço de síntese, para dar conta do espaço desta comunicação.

A autora afirma que a psicanálise, a partir do pensamento de seu criador, promove a substituição do determinismo anatômico que embasa o discurso essencialista do século 19, por um determinismo simbólico universal fálico, o que justificaria a articulação entre mulher, castração, passividade e masoquismo. Regina se pergunta:

Se a lógica fálica determina a inexistência do sexo feminino, afinal, que inexistência é essa que existe tanto? Que sexo não-sexo é esse que insiste, excita e incita a obra de Freud e Lacan nos deixando uma trilha valiosa – um passe –, o feminino para além da representação fálica? (p. 216)

Em seu texto *Análise terminável e interminável*, Freud (1937/2006a) vai recolocar a problemática da castração. Seria com a feminilidade que os dois sexos se confrontariam para sua elaboração, sendo esta feminilidade constitutiva do sujeito, anterior à inscrição da diferença sexual feminino/castrado, masculino/fálico.

Podemos pensar, a partir desses aportes, que é o desejo fálico de homogeneidade e de completude que impede os homens de lidar com as próprias faltas e desamparo, exigindo das mulheres este lugar tampão para supri-los em suas fantasias onipotentes.

Enfim, é também Freud (1932/2006b) que nos convida a consultar os poetas se desejarmos saber mais sobre as mulheres.

Sigamos o mestre!

A noite não adormece nos olhos das mulheres

*A noite não adormece
nos olhos das
mulheres*

*a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
há mais olhos que sonos
onde lágrimas suspensas*

*virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginias abertas
retêm e expulsam a vida*

*donde Ainás, Nizingas, Ngambeles
e outras meninas luas*

*afastam delas e de nós
os nossos cálices
de lágrimas.*

*A noite não adormecerá
jamais nos olhos
das fêmeas
pois do nosso
sangue-mulher*

*de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.*

Evaristo, 2008

REFERÊNCIAS

- Evaristo, C. (2008). *Poemas de recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala.
- Freud, S. (2006a). Análise terminável e interminável. Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (2006b). Feminilidade. Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932).
- Lei Nº 11.340/2006, de 7 de agosto, para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. *Diário Oficial da União*, 143(151), Seção 1, de 8 de agosto de 2006, pp. 1-4. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=08/08/2006>
- Lei Nº 13.104/2015, de 9 de março, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. *Diário Oficial da União*, 152(46), Seção 1, de 10 de março de 2015, p. 1. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=10/03/2015>
- Lei Nº 6683/79, de 28 de agosto, concede anistia e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, de 28 de agosto de 1979, Seção 1, p. 12265, col. 2. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/548559/publicacao/15766309>
- Naidin, R. (2021). Entrevista com Antonio Quinet. *Jornal da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Intervalo Analítico*, 22(1), 11-12.
- Neri, R. (2005). *A psicanálise e o feminino: Um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Santos, D. e Soares, C. (2020). Perspectivas de atuação da Defensoria Pública na violência de gênero. Para além da mera criminalização do feminicídio. Em J. Magalhães Xaud, L. Paes Landim, R. Barreto Ricarte de Oliveira (org.), *Defensoria pública: Reflexões sobre os direitos das mulheres* [recurso eletrônico] (pp. 27-43). Brasília: Anadep.
- Vianna, B. e Thomson-DeVeaux, F. (2020). *Praia dos Ossos* [minissérie em podcast]. Rio de Janeiro: Rádio Novelo. Disponível em <https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/>

» As vozes do silêncio: Por que falar de feminicídio?

A causalidade psíquica é o que emerge das relações entre natureza e cultura.
André Green, 1995

Dar voz ao silêncio das fantasias e aos desejos inconscientes, assim como aos aspectos mais obscuros e temidos da psique humana, constitui nossa tarefa psicanalítica. Como clínicos, nos submergimos no mundo interno do indivíduo, sua subjetividade, seu inconsciente... Como se inserem os temas sociais e políticos, como a violência de gênero e o feminicídio, em nossa prática clínica?

O fenômeno do feminicídio e da violência de gênero não são novos. Os feminicídios tem se manifestado ao longo da história, desde queimar bruxas no passado, até o antigo costume do infanticídio feminino em algumas culturas, e atualmente o feminicídio é a mais grave expressão de uma longa e trágica cadeia de violência de gênero, estruturada tanto no psíquico como no social.

O que é relativamente recente é o uso do termo *feminicídio* de forma legal, termo que se define como a “morte violenta de mulheres por razões de gênero, seja quando ocorre dentro da família, por parte de qualquer pessoa, ou que seja perpetrada ou tolerada

pelo Estado e seus agentes, por ação ou omissão” (Comissão Interamericana de Mulheres da Organização dos Estados Americanos, 2008). Isto é, trata-se de um tipo de violência particular por razões de gênero, e daí a diferença com o homicídio.

As vozes do silêncio são as de centenas de milhares de vítimas cujos mortos ficam impunes, silêncio imposto também pela normatização da violência feminicida em nossa cultura patriarcal e machista. Sem dúvida, hoje em dia, representam a pandemia dentro da pandemia. No México, há pelo menos dez feminicídios diários, tanto de adultas como de meninas, sem contar os homicídios dolosos e as cifras de desaparecidas. Segundo números oficiais, 97% dos feminicídios permanecem impunes (González, 2021).

Como, apesar dos enormes avanços na legislação de equidade de gênero, de políticas públicas com perspectiva de gênero, dos avanços na educação para mulheres, do controle da natalidade e outros progressos, continua existindo um alto grau de

discriminação e violência feminicida? Que fatores propiciam que seja normatizada e perpetrada?

A partir de duas experiências de trabalho comunitário relacionado com violência de gênero, ao levar a psicanálise mais além do divã, começamos a compreender alguns aspectos que favorecem a perpetração desse tipo de violência (Berman, 2017; Berman *et al.*, julho de 2019). Percebemos que existem elementos tanto da subjetividade feminina, como da masculina, que tornam difícil uma mudança radical para diminuir a incidência desta pandemia.

A subjetividade feminina e masculina começa a ser construída no início da vida. Nasce em entornos culturais e familiares que nos ditam as expectativas sobre o que representa ser mulher e homem. O contrato narcisista (Aulagnier, 1975/1977) contribui também para moldar nossos papéis de gênero e quem devemos ser em nosso contexto social. Como isso contribui para a perpetração da violência de gênero?

Não é possível compreender este fenômeno a partir do ponto de vista de uma causalidade linear, sem que faça necessário recorrer ao conceito de *causalidade recursiva* (Morin, 1994). A perpetração da violência de gênero pode ser compreendida como produto da retroalimentação em um looping, que se dá em uma interação entre o individual e o social, e entre o feminino e o masculino, o que a converte em um problema estrutural.

A cultura designa e impõe papéis de gênero, e em muitos países latino-americanos, o papel masculino está associado à atividade, à potência, ao poder, ao domínio, à força, à autoridade, à independência; em contrapartida, o papel feminino está associado à passividade, à receptividade, à impotência, à submissão, à fragilidade, à docilidade e à dependência (Oñate, 21 de julho de 2018).

A fragilidade da identidade masculina em nossa cultura se expressa pelo machismo, e é promovida pela ausência emocional do pai e um tipo de vínculo particular com a mãe. Entendemos o machismo do homem como a defesa narcísica patológica utilizada para negar sua vulnerabilidade e exces-

siva dependência infantil renegada ou desmentida. “Ele nega sua vulnerabilidade, dependência e frágil identidade masculina, com alardes potentes de domínio, controle, temeridade e desprezo” (Berman e Roel, 1993, p. 119). Esse tipo de homem projeta na mulher sua própria desvalorização, sua fragilidade, e a trata como objeto despojado de subjetividade que deve cumprir suas necessidades narcísicas. Pode lhe atribuir traços que muitas vezes coincidem com a visão que a mulher tem de si mesma.

Para alguns homens, tanto a proximidade como a distância e a autonomia da mulher resultam muito ameaçantes e representam um atentado contra suas necessidades de controle e onipotência, o que pode fazer com que se sintam diminuídos, humilhados, magoados, podendo passar ao ato, e buscar vingança, com explosões de ódio, fúria narcisista e fúria paranoide.

A mulher se converte em uma ameaça, na fonte de um desprazer extremo, no inimigo que é preciso destruir e aniquilar. Daí que o feminicídio expresse uma necessidade de destruir sadicamente o corpo feminino e o que ele representa. O ato feminicida pode ser interpretado socialmente como uma advertência para inibir e sufocar a busca de autonomia das mulheres, como uma expressão simbólica de poder contra quem se atreva a desafiar o *statu quo* ou a hegemonia do poder masculino, desafio que se paga com a vida (Arteaga e Valdés, 2010).

O tema das dificuldades femininas frente aos processos de poder na cultura patriarcal foi amplamente discutido em contextos interdisciplinares. Em nossa experiência na comunidade, notamos que, apesar dos importantes avanços do movimento feminista, existem ainda profundas resistências inconscientes para uma completa aceitação subjetiva da igualdade de direitos em muitas mulheres.

Estas resistências derivam de identificações e introjeções inconscientes, e dos mandatos, códigos sociais e culturais incorporados pelas mulheres a partir da cultura patriarcal e machista. Alguns desses se expressam na cultura popular em frases como: “Calada você fica mais bonita”; “A mulher deve ser como a espingarda,

* Asociación Mexicana para la Práctica, Investigación y Enseñanza del Psicoanálisis.

sempre carregada e em um canto". Nesse discurso social e intrapsíquico, o papel da mulher é cuidar e estar atenta ao outro; não se justifica sua existência por si mesma nem para si mesma. Inculcam na mulher a abnegação e o sacrifício pelos outros (Lagarde, 2016). Estas imposições dos papéis de gênero, mandatos e proibições se internalizam como ideais a serem alcançados. A autonomia é percebida por muitas mulheres também como um perigo de abandono e solidão.

Observamos uma especial proibição e dificuldade em muitas mulheres para a expressão de sua agressão que, ou é reintrojada e se manifesta em depressão, somatizações, etc., ou é expressa por meio de explosões que, em sua maioria, são interpretadas pelos demais como "estão fazendo drama". As manifestações de assertividade ou as expressões justificadas de agressão são percebidas por elas e pelos outros como perigosas, loucas e descontroladas.

O dito acima, permite entender como se reforça a violência de gênero por dinâmicas inconscientes femininas e masculinas, nas quais o homem pode se sentir com necessidade e direito de impor seu poderio, e a mulher parece acatar inconscientemente este mandato, pode submeter-se e recriar o mesmo contexto que a mantém subjugada por meio de pactos denegativos (Kaës, 1989) e cadeias identificatórias nas quais se perpetuam estas dinâmicas por gerações. É importante apontar que esses processos foram observados em mulheres que conscientemente sabem que têm direitos iguais, definem-se como autônomas, mas nas quais se observou o mesmo padrão atuado inconscientemente. Todas estas percepções, nos levaram a concluir que não basta lutar contra a violência por meios políticos ou sociais, não basta conhecer os direitos e as premissas feministas; é requerida uma profunda mudança interna, para a qual os psicanalistas temos muito a contribuir.

A psicanálise teve que revisar sua própria conceitualização do feminino e do masculino (Glocer Fiorini e Abelin-Sas, 2010; Burin, 1987/2002; Burin e Meler, 2000).

A escuta analítica requer uma abertura para compreender os aspectos de gênero e a maneira em que permeiam o material de nossos pacientes. Como aponta Santos (2017), o analista necessita oferecer uma escuta "segura", que não repita no contexto da análise a denegação da violência e da problemática de gênero que nem sempre se manifesta abertamente. Da mesma forma, necessitamos considerar o impacto do trauma social em que estamos imersos e a maneira com que perturba ou dificulta o trabalho analítico. Consideramos que os analistas não podemos permanecer desconectados do entorno social e de seu impacto em nós mesmos e nos processos intrapsíquicos. Em nossa experiência, o trabalho mais próximo com violência de gênero transformou nossa escuta analítica, nos enriqueceu e nos permitiu perceber aspectos silenciados em nós e em nossas pacientes. Romper o muro do silêncio em relação ao horror, a magnitude e intensidade da violência feminicida no México nos permitiu também compreender como a violência em todas as suas formas permeia o cotidiano da vida de nossas pacientes, e que, frente a isso, temos que emprestar nossa voz e estar mais alertas em nossa escuta analítica.

REFERÊNCIAS

- Arteaga, N. e Valdés J. (2010). Contextos socioculturales de los feminicidios en el Estado de México: Nuevas subjetividades femeninas. *Revista Mexicana de Sociología*, 72(1), 5-35.
- Aulagnier, P. (1977). *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1975).
- Berman, R. (2017). Girls at risk: Paths to safety, interventions with female adolescents at sexual risk in Quintana Roo, Mexico. Em P. L. Ellman e N. R. Goodman (ed.), *The courage to fight violence against women: Psychoanalytic and multidisciplinary perspectives* (pp. 47-62). Londres: Karnac.
- Berman, R. e Roel, G. (1993). La mujer, cómplice inconsciente del machismo. *Imagen Psicoanalítica*.
- Berman, R., Guzik, D., Jiménez, E., Oñate, C. e Rojas, R. (julho de 2019). *The group as a mirror: Working with normalized gender violence introjected in mexican female identity*. Trabalho original publicado no 51º Congreso IPA, Londres.
- Burin, M. (2002). *Estudios sobre la subjetividad femenina: Mujeres y salud mental*. Buenos Aires: Librería de Mujeres. (Trabalho original publicado em 1987).
- Burin, M. y Meler, I. (2000). *Varones: Género y subjetividad masculina*. Buenos Aires: Paidós.
- Comisión Interamericana de Mujeres de la Organización de los Estados Americanos (2008). *Declaración sobre el femicidio*. Disponível em: <https://www.oas.org/es/mesecvi/docs/DeclaracionFemicidio-ES.pdf>
- Glocer Fiorini, L. e Abelin-Sas, G. (ed.) (2010). *On Freud's "femininity"*. Londres: Karnac.
- Gonzalez Díaz, M. (2021). Feminicidios en México | Arussi Unda, de Las Brujas del Mar: "El machismo y la impunidad hacen la mezcla perfecta en donde se odia a las mujeres y no pasa nada" <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-55885880> Recuperado em 9 de abril de 2021
- Green, A. (2005). *La causalidad psíquica: Entre naturaleza y cultura*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1995).
- Kaës, R. (1989). El pacto denegativo en los conjuntos transubjetivos. En M. Missenard (org.), *Lo negativo: Figuras y modalidades*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Lagarde, M. (2016). *Los cautiverios de las mujeres: Madresposas, monjas, putas, presas y locas*. México: Siglo XXI.
- Morin, E. (1994). *Introducción al pensamiento complejo: La inteligencia ciega*. Barcelona: Gedisa.
- Oñate, C. (21 de julho de 2018). *Femicidio: El carácter perverso de la cultura*. Trabajo presentado en el Panel: Femicidio. Acto de violencia y poder. Asociación Mexicana para la Práctica, Investigación y Enseñanza del Psicoanálisis, Cidade do México.
- Santos, B. (2017). Naming bodies: What can research on femicide teach us about psychoanalytic listening? *Division/Review*, 17, 37-38

» A vida é real e de viés**

Em texto anterior (Frateschi, 2019), tentei mostrar que ser classificada como mulher torna uma pessoa vulnerável a um tipo específico de crime – a agressão *por ser mulher*.

O Brasil é o quinto país em que mais se matam mulheres no mundo. Em 2019, tivemos um caso de agressão de mulheres registrado a cada dois minutos. 66% dos ataques que resultaram em mortes tinham mulheres negras como vítimas. Com a letalidade da pandemia, os números passam a parecer banais enquanto se agravam; a partir de 2020 houve um aumento no número de casos (Bueno e Lima, 2020).

Trata-se daquele tipo de dado com o qual passamos a conviver sem prestar muita atenção, até que, por alguma razão, ele se faz presente.

Era 2018. Eva chegou ao meu consultório muito abalada. Era sua primeira sessão após o assassinato de Marielle Franco, ocorrido poucos dias antes. Ela deitou-se no divã e chorou:

Não sei o que fazer. Sinto a morte dela como um recado para mim: “não ouse”. Dizem até que eu me pareço fisicamente com ela. Se eu já sentia dificuldade em ocupar um lugar entre brancos da Zona Oeste paulistana intelectualizada, agora parece que me sinto verdadeiramente proibida de desejar isso – e ameaçada. Não é para mim.

Eu também, impactada, me emocionei. Lembrei então de outra cena, do ano anterior, em que eu mesma havia sido agredida por um homem desconhecido. No metrô, ele roçava a bandeira de seu time no meu cabelo e eu, educadamente, pedi que parasse. Ele então bateu com o mastro na minha cabeça e disse: “Feminista filha da puta. Bolsonaro 2018”. Pensei na hora em Elza Soares (2018): “Se tudo é perigoso, solta o ar” (mús. 5). E senti, como nunca, que eu e Eva éramos mulheres sujeitas a uma hostilidade difusa, mas real, atualizada e intensificada. E, também como nunca, que *eu era branca e ela, negra*.

Duas ideias hoje me ajudam a pensar a experiência. A primeira: a fala de Eva testemunha algo e me faz também testemunha de algo. Neste sentido, reproduzo aqui uma pergunta de Netrovsky e Selligmann-Silva (2000):

Como sustentar esse tipo de conhecimento, que não pode ser falsificado pela reflexão, nem tornado consciente de todo sem distorções? Como fazer do leitor [no nosso caso, do analista] uma testemunha do evento? E para quem narra: como se tornar, narrando, uma testemunha autêntica do acontecido e uma testemunha autêntica de si? (p. 9)



↑
Misterios,
2017
Christian Boltanski
3-screen
projection; 12
hours
Dimensions
variable
Courtesy:
Christian Boltanski
Studio and Marian Goodman Gallery
©Christian Boltanski, Licensed by ADAGP
Photo credit: Thierry Bal

Era preciso não tratar a experiência dela como uma fantasia e não a reduzir a uma reedição. Havia ali algo novo, *verdadeiro*, que trazia em si *tanto* dados sobre sua história *como* dados sobre o mundo que enfrentávamos. Um mundo que, modificando-se, empurrava-nos também a ambas duas para novos lugares frente aos quais teríamos que nos posicionar como sujeitos, fora e dentro da sessão¹.

A segunda ideia era sobre como ouvir a singularidade daquela experiência. Preocupava-me confundir o que ela vivia com uma idealização do que seria a experiência de *qualquer* mulher, ou qualquer mulher negra e, ao mesmo tempo, eu temia pôr em xeque a verdade que me contava, desmentindo-a.

Nos relatos de violência contra mulheres há elementos que se repetem. Muitas teorias se constroem em torno dessas repetições, em todos os campos de conhecimento. Elencam-se fatores econômicos e sociais que contribuem para que a mulher se man-

tenha presa ao marido-agressor, bem como questões morais e religiosas que ratificam o lugar da mulher como alguém que deve se submeter à violência. Listam-se também funcionamentos psíquicos que operam no sentido de impedir que a mulher crie e sustente para si mesma outra saída. Forma-se, assim, um discurso na cultura que busca *explicar* a vulnerabilidade, marcar *agressor* e *vítima* e fundamentar políticas de assistência que possibilitem sua emancipação. Extremamente necessário. Ao mesmo tempo, é digno de nota que o analista muitas vezes se veja pressionado a decidir se trata ou não a paciente como vítima. Somos empurrados a posições onipotentes e salvacionistas; ou, ao contrário, a posições negacionistas; ou ainda a posições supostamente isentas, mas também sem nenhum efeito sobre a narrativa da violência.

Eve Sedgwick (2020) discute a postura epistemológica de um modo que pode ser

* Instituto Durval Marcondes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

**Verso de *O queeres*, canção de Caetano Veloso (1984, mús. 7).

1. Refiro-me às posições frente à tensão entre a agressividade ilimitada/mortífera e o trabalho de cultura, como fala Freud em *O mal-estar na civilização* (1930/2010), tensão ali presentificada como experiência (ressalto passagem da página 90).

aplicado à escuta clínica. Ela aponta uma espécie de vício paranoico identificável na construção das teorias, como se a crítica, a suspeita e a historização fossem o único modo de investigação de um fenômeno. Segundo ela, ter “uma visão mistificada das opressões sistêmicas não obriga ninguém a intrínseca ou necessariamente seguir uma linha específica de consequências epistemológicas ou narrativas” (p. 394). Mas é como se uma leitura paranoica se instalasse quando escutamos alguém, e nos levasse a formar uma teoria *sobre* o que ouvimos. Podemos pensar que, em contato com mulheres em situação de violência, é comum ficarmos tomados pelo traumático da presentificação do corpo, da sexualidade e da proximidade da violência. Despertam-se nossas próprias angústias esquizo-paranoicas. Se tomarmos a mulher como a vítima e o agressor como algoz, livramo-nos daquilo que há em nós de potencialmente violável e, também, de potencialmente violador. Se desconsiderarmos que há de fato uma vítima, assumimos a posição, identificada com o agressor, de invalidar o que ela nos conta. A integração leva a outra posição: a mulher que ouvimos é vítima, *mas não só*².

Sedgwick defende que o conceito de posições (esquizoparanoide e depressiva) em Klein (1937/1996) fundamenta uma prática crítica não paranoica, e sim reparadora, na qual a leitura (escuta) se faça a partir de “instâncias relacionais heterogêneas e intercambiáveis” (p. 395).

Eu sabia – já na sessão – que eu e Eva não vivíamos a mesma coisa. Ela, uma. Eu, outra. Era preciso ouvir como aquele evento a impactava em sua singularidade. A sessão – e o trabalho que se seguiu – permitiu explorar o sentido que tinha para Eva o medo de ser assassinada como Marielle, em mais de um plano: as muitas vezes em que foi ou se sentiu agredida; o medo de

ser morta por si mesma e nas relações que constituía, ao privar-se de coisas que não se sentia autorizada a aproveitar; a diferença que sentia em relação a pessoas que via como mais privilegiadas; o desejo e o não-desejo de se posicionar politicamente.

Sedgwick (2020) retoma um modo de *identificar-se* com o outro que não é o da mistura, mas que também não é o de opor-se pela crítica. “Há um senso de que nossas histórias de vida quase não se sobrepõem. Há outro senso, segundo o qual elas se acomodam uma ao lado da outra [...] Estão juntas em sentido imediato.” (p. 418). Trata-se de algo mais alinhado àquilo que Puget e Wender (1982) descrevem como o momento em que separamos nossos mundos superpostos. Com Eva, não senti na pele as nossas condições identitárias, pelo contrário, senti *com ela e cada uma a seu modo* as posições políticas que ocupávamos naquele momento³. No meu entender, tal postura exige do analista a abertura para que ele também se transforme nas análises, na medida em que se põe, como leitor, na tentativa de reparar os objetos que temporariamente destrói pela crítica (paranoica) no discurso da paciente. Exige também que ele esteja aberto a ouvir um discurso que se desfaz e se integra constantemente, sempre se reconfigurando como algo *novo*⁴.

Havia ali na sessão – sempre há – uma realidade inapreensível que se fazia presente. Mas o que era capaz de movimentá-la não era apreendê-la, e sim dar voz, aos poucos e até onde fosse possível, aos seus muitos vieses.

2. Penso aqui em Freud (1900/2019) e na ideia de que no inconsciente, segundo o modelo dos sonhos, os planos de análise se somam e se desdobram, dissolvendo as oposições: “os sonhos não conseguem, de forma alguma, expressar a alternativa ‘ou...ou’; costumam incluir os dois termos como sendo igualmente válidos” (p. 358), bem como a própria ideia de que os sentidos de um sonho poderiam se ampliar até seu *umbigo*.

3. Baseio-me aqui nas ideias de uma entrevista dada por Puget à *Revista Percurso* da qual destaco: “Quanto mais alguém se conecta com o outro, faz um vínculo, mais aumentam as diferenças” (Puget, citada em Sacchet Jaskulski, 2019).

4. Maria Homem (2020/2021), falando do que observamos na cultura, propõe uma abertura da escuta que pergunte pelo novo: “A estrutura será a de uma psicologia de massas levemente paranoicas ou novas formas de construção do comum poderão surgir? O que eu sou e como eu vivo se relaciona com o que o outro é e como ele vive. Quero acreditar que estejamos interessados em escutar isso” (p. 65).



↑
Foto de Itzel Ximena Torres

REFERÊNCIAS

- Bueno, S. e Lima, R. S. (2020). Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020, *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, 14. Disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/02/anuario-2020-final-100221.pdf>
- Frateschi, L. (2019). Sejamos mulheres. Em C. Dunker e A. L. Rodrigues (org.), *Cinema e psicanálise: A tela do feminino ao feminismo* (vol. 8). São Paulo: Nversos.
- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 4). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Klein, M. (1996). Amor, culpa e reparação. Em M. Klein. *Amor, culpa e reparação: E outros trabalhos (1921-1945)*. São Paulo: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Homem, M. (2021). *Lupa da alma: Quarentena-revelação*. São Paulo: Todavia. (Trabalho original publicado em 2020).
- Nestrovsky, A. e Seligmann-Silva, M. (2000).

- Apresentação. Em A. Nestrovsky e M. Seligmann-Silva (org.), *Catástrofe e representação: Ensaio* (pp. 7-12). São Paulo: Escuta.
- Sacchet Jaskulski, L. S. (2019). Janine Puget: Uma experiência conceitual. *Percurso*, 62(31). Disponível em http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apq=artigo_view&ida=1346&ori=edicao&id_edicao=62
- Puget, J. e Wender, L. (1982). El mundo superpuesto entre paciente y analista revisitado al cabo de los años, *Psicoanálisis*, 4(3), 503-522.
- Sedgwick, E. K. (2020). Leitura paranoica e leitura reparadora, ou, você é tão paranoico que provavelmente pensa que este ensaio é sobre você. *Remate de Males*, 40(1), 389-421.
- Soares, E. (2018). Língua solta. Em *Deus é mulher* [CD]. Rio de Janeiro: Deckdisc, Disponível em <https://open.spotify.com/album/1A8ZLCxDufsUVf5NvDSb84?si=a-CK9ETVsSs2VA28rLqdvDw>



Paixões e feminicídio

Considero que não notamos que haja algum sujeito que atue mais imediatamente contra nossa alma que o corpo ao qual está unida, e que, por conseguinte, devemos pensar que aquilo que nela é uma paixão é comumente nele uma ação; de modo que não existe melhor caminho para chegar ao conhecimento de nossas paixões do que examinar a diferença que há entre a alma e o corpo, a fim de saber a qual dos dois se deve atribuir cada uma das funções que existem em nós.

René Descartes, 1649

Na clínica psicanalítica seguidamente nos deparamos com relatos de relações violentas e manifestações agressivas entre casais, a violência contra a mulher atingindo na atualidade cifras alarmantes, nem sempre valorizadas e, por vezes, subestimadas como comuns no cotidiano, por vezes até vistas como “expressões do amor” e do erotismo entre os pares. Nossa atenção, porém, foi despertada nos últimos tempos pela incidência altíssima da violência contra a mulher e do feminicídio, com um aumento na pandemia, em diversos países. Voltamos nosso interesse para a pesquisa

em psicanálise desde Freud e Lacan, dois autores que avançaram muito na compreensão da psicopatologia da vida amorosa.

Entre as patologias mais graves, é significativo que tanto Freud, no caso Schreber, como Lacan, no caso Aimée, partem da paranoia a partir do narcisismo e da descoberta lacaniana de que o Eu (moi) se constitui à imagem do outro especular. É indiscutível a atração que a paranoia exerce na clínica psicanalítica pela riqueza de suas expressões e pela possibilidade de uso da linguagem falada por meio do relato dos delírios, ou da palavra escrita no caso de

Schreber relacionados a Deus e ao seu médico Fleschig, ou nos romances escritos por Aimée dirigidos ao príncipe de Gales. Nesses quadros clínicos aparecem excessos e a expressão de paixões nas quais o Eu (moi) do ser que fala se constitui à imagem de um outro, identificando-se com esse outro, com o qual passa a formar um duplo. Um duplo estrangeiro capaz de ameaçar ou de descumprir com desejos e expectativas desse Eu, em pleno exercício do imaginário carente de vias simbólicas.

A introdução da linguagem cria uma separação entre as palavras e as coisas, num movimento que em termos lacanianos pode ser definido como uma transposição de registro. Por intermédio da simbolização, algo morre no real, onde a rigor tinha apenas *ex-sistência* (termo que Lacan toma por empréstimo de Heidegger), e emerge no simbólico, onde passa a fazer parte da realidade, que em Lacan difere do real enquanto registro. Já em Freud o ato fundador da ordem simbólica está ligado à morte: o assassinato do pai da horda primordial e seu reaparecimento subsequente como totem representa paradigmaticamente a morte da coisa que dá ensejo ao significante. Mais precisamente, o simbólico está relacionado ao conceito de pulsão de morte: a passagem da natureza à cultura implica que o homem funciona num regime de excesso, distinto do funcionamento biológico normal. A satisfação a que almeja a pulsão de morte é o gozo, um impulso desenfreado para o prazer gerando repetição, excesso, desprazer, sensações devastadoras que põem em xeque nosso equilíbrio. O simbólico surge com as inscrições do gozo no infante e, ao mesmo tempo, institui retrospectivamente o gozo e o limita, colocando fim ao excesso e instalando o princípio do prazer que promove a homeostasia e o equilíbrio psíquico. Assim, a vida humana desenha um arco entre o real indiferenciado do gozo absoluto e o real indiferenciado da morte. A aquisição simbólica permite ao sujeito um perfeito ajuste ao juízo de realidade: quem sou eu e quem é o outro? Qual o limite? Até onde sou eu e quando esse outro tem sua autonomia,

seu direito de fazer suas próprias escolhas.

O feminicídio, termo originário do inglês *femicide*, refere-se ao assassinato de mulheres por razões de gênero. Diana Russel e Jane Caputi redefinem o termo em 1990 como “O assassinato de mulheres por homens motivado por ódio, desprezo, prazer ou sentimento de possessão da mulher” (Russel, 2006, pp. 76-77).

Desde o início dos tempos a mulher é referida num papel subalterno, como acontece na Bíblia: Eva concebida de uma costela de Adão, responsável pela expulsão do paraíso, indutora do pecado e agindo por impulsos diabólicos. Na Grécia antiga as mulheres viviam reclusas no gineceu, local reservado para afastá-las do convívio com os homens e demais componentes da família.

Na literatura, Freud encontrou subsídios para estudar amor e loucura. Em Cervantes encantou-se no amor delirante e recomendou a leitura de *Dom Quixote* à sua noiva Martha, as aventuras do cavaleiro andante e sua paixão erotomaníaca por Dulcineia. E, principalmente em Shakespeare: em *Hamlet*, o amor edípico; em *Romeu e Julieta*, o amor romântico com fim trágico; em *Rei Lear*, o amor incestuoso e em *Otelo*, o mouro de Veneza, o feminicídio de sua loira e linda esposa Desdêmona. Após matá-la afirma tudo ter feito por amor!

Caso clínico

Joana tem em seu guarda-roupa, no quarto, uma caixa metálica que costuma olhar todos os dias, sem abri-la, com amor e saudade.

Como tudo podia ter sido diferente! [diz], jamais imaginei na vida que isso pudesse acontecer. Eles se amavam de verdade, não podiam viver um sem o outro, casaram-se em seis meses porque Carlos seria indicado para trabalhar no exterior e queria levar minha filha. Não podiam separar-se, mas já no primeiro mês ele começou a ficar ciumento, a controlar seus passos, a suspeitar que tivesse outros namorados, mas eram felizes e a gente pensa-

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

va que tudo era amor demais... Ela sofria, mas achava que ele a amava demais, por isso a controlava tanto. Depois ela ficou grávida e meu netinho nasceu. Uma felicidade! Decorridos dois anos Carlos foi ocupar uma cargo na África do Sul e eles se mudaram. Sofri muito, sentia muita saudade. Falávamos por telefone e mandava fotos, pareciam tão felizes! Depois de um ano começou a dizer que queria voltar para o Brasil, que não estavam bem. Numa noite tocou o telefone de madrugada e acordei assustada! Era da embaixada comunicando que minha filha tinha morrido. Fiquei em choque e chamei minha irmã. Não parava de chorar, me informaram que ele a matara, que estava preso e que eu deveria viajar até lá para retirar as cinzas de Andreia. Meu neto ficara com a família do pai. Foi tudo muito horrível porque me lembro de quando ela era pequena, por vezes meu marido me batia e ameaçava nos matar, e tínhamos que fugir correndo pelo mato até a casa de minha irmã.

Este relato impressionante nos dá conta do elemento transgeracional do impulso feminicida presente no vínculo tanático. Este aspecto não é considerado pelas autoridades policiais e não é investigado antes do desenlace, atendo-se o registro policial em *medidas protetivas de distanciamento* determinadas pela lei, visando afastar o agressor da vítima, porém ainda assim, deixando a mulher totalmente desprotegida e à *mercê* do drama familiar e dos pactos inconscientes impregnados de pulsão de morte, já inscritos na formação dos vínculos transgeracionais da família.

Paixão e loucura formam o substrato dos estudos de Gaëtan Gatian de Clérambault, o grande mestre de psiquiatria de Lacan, estudos que instilaram no seu aluno o interesse pelas psicoses passionais descritas em três níveis: erotomania, delírio de ciúmes e delírio de reinvidicação, para Freud, incluídas nas neuroses narcísicas.

Amablemente (milonga)

*La encontró en el bulín y en otros
brazos*

*Sin embargo, canchero y sin cabre-
arse,*

*le dijo al gavilán: "Puede rajarse,
el hombre no es culpable en estos
casos."*

*Y al encontrarse solo con la mina,
pidió las zapatillas y ya listo,
le dijo cual nada hubiera visto:
"Cebame un par de mates, Catalina"*

*La mina, jaboneada, le hizo caso...
y el varón, saboreándose un buen
faso,*

la siguió chamuyando de pavadas...

*Y luego, besuqueándole la frente,
con gran tranquilidad, amablemen-
te,*

le fajó treinta y cuatro puñaladas.
(Rivero e Diez, 1963/1964, mús. 11)

REFERÊNCIAS

- Cruz, M. (2017). Un abordaje de la noción de feminicidio desde una perspectiva psicoanalítica como recurso para mejorar la aplicación de la normativa legal vigente. *Ajayu Órgano de Difusión Científica del Departamento de Psicología UCBSP*, 15(2), 214-251.
- Czermak, M. (1998). Atualidade e limites da paranoia. Em M. Czermak e L. Sciara (org.), *A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria* (Vol. 2, pp. 73-84). Rio de Janeiro: Tempo Freudiano.
- Descartes, R. (2017). *As paixões da alma* (C. Mioranza, trad.). São Paulo: Lafonte. (Trabalho original publicado em 1649).
- Freud, S. (1969). Notas psicanalíticas sobre o relato autobiográfico de um caso de Paranoia (Dementia Paranoides). Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (2011). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade. Seguido de: Primeiros escritos sobre a paranoia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1932).
- Peskin, L. (2003). *Los orígenes del sujeto y su lugar en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Peskin, L. (2015). *La realidad, el sujeto y el objeto*. Buenos Aires: Paidós.
- Rivero E. e Diez, I. (1964). *Amablemente*. Em *En Lunfardo* [LP]. Buenos Aires: Phillips. (Trabalho original publicado em 1963).
- Russell, D. E. H. (2006). Definición de feminicidio y conceptos relacionados. Em D. E. H. Russell e R. A. Harmes (ed.), *Feminicidio: Una perspectiva global* (pp. 73-94). México: CEIICH-Unam.
- Tyszler, J.-J. (1998). A propósito das psicoses passionais. Em M. Czermak e L. Sciara (org.), *A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria* (vol. 2). Rio de Janeiro: Tempo Freudiano.

Dossiê

Primeiras impressões

pp. 200-227



» Primeiras impressões

Para exercer o “fascínio pela heresia” (Gay, 2009) e executar seu programa de ruptura com os padrões estéticos, sociais e políticos, as vanguardas artísticas do século XX adotaram a noção de infantil como ponto de vista. Uma busca que já ocorrera a partir da pesquisa da arte japonesa desde o impressionismo, do Taiti de Gauguin, das máscaras africanas na pintura cubista de Picasso, e da *arte primitiva* para os expressionistas. A busca pela percepção infantil, do louco e do *primitivo* era chave para a rejeição dos valores ocidentais e para a construção da crítica à modernidade, na tentativa de resgate das perdas por ela imputada.

Contemporâneo destas manifestações, Freud – em outro campo – escutava o que estava exilado nos hospícios e manicômios, compreendendo o sofrimento das pacientes histéricas como conflito. É o que o leva a estabelecer o seu pilar epistemológico na noção de *inconsciente* sustentada pelo infantil, conceito que articula pulsão, sexualidade e sua disposição perversa polimorfa, e recalque.

Mas se dermos um salto na história da arte, podemos nos lembrar da artista plástica francesa Louise Bourgeois, cujos trabalhos se centram em suas lembranças da infância. Ela resgata a figura materna em suas esculturas e desenhos de aranhas. E trabalha o aspecto paterno abusivo, particularmente em *A destruição do pai* (Bourgeois, 1974), instalação que cria um banquete canibal onde o pai – violento à mesa dos jantares familiares – é devorado. Portanto, trata-se de uma obra que elabora um ato de destruição a partir da mudança do seu papel passivo para o ativo, como forma de construir outra narrativa para a memória. Para ela, essa obra tem a função de exorcizar o medo: “Quando pude mostrar este medo na obra, senti-me outra pessoa. A obra me transformou. Não queria usar o termo terapêutico, mas decerto foi uma aventura terapêutica” (Bourgeois, 1998/2000, p. 222).

Assim, se o ideário das vanguardas utilizava a percepção infantil para provocar uma ruptura, em Bourgeois temos a

força do infantil em seu aspecto traumático transformada em arte, em discurso estético. O que nos leva à pergunta de Freud (1908/2015): “Não deveríamos procurar os primeiros indícios da atividade poética já nas crianças?” (p. 41).

Como um manancial ou uma mina d’água, a noção de infantil em psicanálise refere a uma operação originária de inscrição, de impressões e registros sensoriais que se organizam em fantasias. Já em 1896, em carta a Fliess, Freud (1896/1969) apresentara a ideia de traços mnêmicos inconscientes que são estruturantes da formação do psiquismo, como uma escrita que não pode ser apagada, e que sucumbe à amnésia. Traços que são inscritos e transcritos continuamente – e neste processo começam a se tornar a escritura particular de cada um. O infantil funciona como a palavra poética, que para Barthes (1953/2004) é prenhe ao mesmo tempo de todas as significações, passadas e futuras, e é fonte de onde saem todas as virtualidades de sentido.

São essas as primeiras impressões que norteiam o *Dossiê*. Elas referem às ideias – ou impressões – que nossos convidados apresentam. E também é reflexão sobre os destinos do infantil em todas as suas possibilidades, que nos posicionam como obra permanentemente em construção.

Ligado ao pulsional, o infantil é simultaneamente origem e devir do sujeito, uma potência em movimento. E como o anacronismo temporal do inconsciente o coloca em cena a todo instante, dependendo das possibilidades ou impossibilidades de simbolização ou representação, ele pode encontrar suas formas em realização criativa ou em destrutividade, como o magma que verte em lava.

Por isso, iniciamos com Yudith Rosenbaum, que trata do jogo das forças construtivas e destrutivas do infantil na obra de Clarice Lispector. Em seguida, Walter Omar Kohan fala sobre as relações entre infantil e filosofia a partir de Sócrates e Jean-François Lyotard. Depois, a partir das ideias de Michel Foucault, Mauro Vallejo discute a natureza do objeto “criança” e o valor que Freud concedeu à infância. E Kirs-

ten Locke trabalha com o conceito de *infans* em Jean-François Lyotard e suas relações com a obra de Freud.

E ainda que, para a psicanálise, o *infantil* difira da noção de *infância*, que se liga a um tempo da realidade histórica ou da história de seu desenvolvimento, pensamos na importância do trabalho que nos apresentam Hugo Brousset e Verónica Díaz, relatando a experiência peruana para a primeira infância, que foi considerada modelo para a América Latina pela Unicef.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- Barthes, R. (2004). *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Bourgeois, L. (1974). *A destruição do pai* [instalação]. Glenstone Museu <https://www.glenstone.org/artist/louise-bourgeois/>
- Bourgeois, L. (2000). *Destruição do pai. Reconstrução do pai: Escritos e entrevistas 1923-1997*. São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1998).
- Freud, S. (1969). Extratos de documentos dirigidos a Fliess. Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (2015). O poeta e o fantasiar. Em E. Chaves (trad.), *Arte, literatura e os artistas: Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908).
- Gay, P. (2009). *Modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

» As garras do infantil em Clarice Lispector**

Na tradição literária brasileira, muitos foram os autores que deram voz à negatividade humana, aos impulsos, afetos e desejos mais sombrios, rebeldes aos apelos da civilização: Gregório de Matos, o “boca do inferno”; Machado de Assis, que descortinou a perversa e dissimulada estrutura da sociedade brasileira de seu tempo; Guimarães Rosa, reencenando em terreno de jagunços o antológico pacto fáustico goethiano entre o homem e o diabo, que por sua vez já havia sido revisitado pelo *Macário*, de Álvares de Azevedo (1852/2001). Mais recentemente, poderíamos acrescentar Raduan Nassar e Hilda Hilst, cujas transgressões passam longe dos imperativos do verniz social.

Dentre essa série literária de escritores nada inocentes, pretendo focalizar a autora Clarice Lispector, judia ucraniana, nascida em 1920, cuja família foge da perseguição russa para o Nordeste brasileiro. A marca estrangeira de Clarice, no entanto, não se deve (apenas) à sua origem, mas ao olhar

desviante e estranhado para o mundo e para si mesma.

Esse é, sem dúvida, o olhar do artista que tem a mirada afiada para o que escapa ao habitual, ao já anestesiado pelos sentidos utilitários. Talvez se pudesse alinhar Clarice a outros desmascaradores da intimidade humana, como Schopenhauer, Nietzsche e o próprio Freud, espécie incômoda de escritores que desvendam o lodo recoberto pela florada cabotina, para usar expressão de Mário de Andrade no conto *Frederico Paciência* (1947/1996).

Dizia, então, o narrador protagonista: “Positivamente não valia a pena sacrificar perfeição tamanha e varrer a florada que cobria o lodo (e seria o lodo mais necessário, mais “real” que a florada?)” (Andrade, 1947/1996, p. 87).

Para Clarice Lispector, o compromisso radical com a verdade – sempre esquiva e cambiante –, acaba por sacrificar a perfeição e desnudar o lodo. Nessa trajetória

existencial, o Mal entranhado nas estruturas infantis, seja em personagens crianças, adolescentes ou adultos que teimam em resistir ao chamado “processo civilizacional”, mostra sua face e encontra na linguagem instrumento poderoso e penetrante, como até então não havia acontecido na história da literatura brasileira. As narrativas que pretendo expor aqui, de forma mais panorâmica do que detalhada, constituem o que poderia se chamar de um *topos* recorrente na obra clariciana. O campo da negatividade explorado pela autora – que implica em transgredir padrões estéticos e morais estabelecidos culturalmente – é revelador de uma dinâmica investigada pelo saber psicanalítico: o conflito entre as pulsões de Eros e Tânatos com suas representações nas instâncias psíquicas, conflito esse movido pelo embate entre sujeito e história, subjetividade e cultura.

A Beleza das Trevas

Para acompanhar esse caráter rebelde e demoníaco de uma escrita voltada para o desmantelamento impiedoso de referências e moldes preconcebidos, Clarice criou não apenas seus personagens, mas também seus leitores, capazes de sustentar uma travessia difícil. Estremecido em seu lugar de contemplação e acomodação, o leitor clariciano testemunha e participa do *tremendum fascinorum* da atmosfera insólita que ronda as narrativas. Como devotora das rupturas vanguardistas do início do século XX, Lispector empreende uma implacável desconstrução das categorias racionais como modo de ordenar o real. A realidade deixa de ser um mundo explicado pela consciência artística, individual, que não mais se autoriza a ser a visão absoluta de coisa alguma. O resultado é o desvelar de véus e coberturas falseadoras de universos psíquicos e sociais menos devotados ao Belo clássico e mais afinados às tensões desagregadoras das incômodas pulsões constitutivas do humano. Construído por uma linguagem que flerta com o indizível

e promove no leitor uma constante inquietação renovadora, é o Mal, atrelado à dinâmica do infantil – visto aqui como instância incontornável do sujeito – que cintila como potência mobilizadora dos enredos, provocando, paradoxalmente, movimento e transformação. Pressupomos, aqui, o que a infância tem de atemporal, desordenadora, criativa e turbulenta, capaz de desarrumar o que a consciência vigilante se empenha em controlar. É nesse sentido que o infantil se articula ao Mal e seus descaminhos como: o sadismo, a inveja e a perversidade.

Começo pela personagem Sofia, do conto *Os desastres de Sofia*¹, em *A legião estrangeira* (Lispector, 1964/1992), uma reescrita inovadora do famoso texto romântico do século XIX *Les malheures de Sophie*, de 1858, da escritora russa Condessa de Ségur (1779-1874). Clarice colore a diabólica inocência da pré-adolescente de nove anos com tintas mais perversas do que Ségur, e desnuda o que se encontra no subterrâneo da relação entre a menina e seu professor. Reforço que vou privilegiar apenas as ações *pouco amistosas* da inquieta aluna desejosa de conturbar a vida de seu mestre, amado e odiado. A ambivalência, portanto, amálgama onde crescem desejos e interdições, é o núcleo do enredo do conto. Ressalte-se que o texto é narrado pela já adulta personagem, que busca desvendar elos obscuros de sua história. Narra-se a si mesma, portanto, na distância do que teria sido um momento crucial da formação de sua personalidade.

Atraída pela figura descompassada e contraditória do anônimo professor do ensino primário, Sofia precisava desestabilizar a atenção de quem lhe ocupava os sonhos noturnos, falando alto, mexendo com os colegas e interrompendo a lição com piadinhas,

[...] até que ele dizia, vermelho:
– Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me

* Professora. Doutora de literatura brasileira na Universidade de São Paulo. Atua na interface da crítica literária com a psicanálise.

** O presente texto retomou, acrescentou e modificou duas análises previamente publicadas em meu livro: *Metamorfoses do mal* (Rosenbaum, 1999/2006). O artigo também tomou como base uma das seções do texto *As metamorfoses do mal em Clarice Lispector* (Rosenbaum, 1999).

1. O conto foi publicado depois como folhetim no *Jornal do Brasil* (1970), com o título *Travessuras de uma menina: Noveleta*, o que é sugestivo das implicações infantis aqui consideradas.

obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser o objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos. Ele me irritava. (Lispector, 1964/1992, p. 9)

Sofia se enreda em emoções confusas e impulsiona o ódio de seu objeto de amor e irritação. Seu desejo, atravessado por intensidades antitéticas que a convulsionam, é amplificado pela escritora em sua mirada microscópica. Testemunhamos o embate íntimo que oscila entre danação e salvação do professor incógnito, demais para a menina que porta o saber no nome (*sophia* em grego é *sabedoria*) e que é atizada em sua incipiente (e não menos feroz) sexualidade pré-púbere:

Eu tinha nove anos e pouco, dura idade como o talo quebrado de uma begônia. Eu o espicaçava, e ao conseguir exacerbá-lo sentia na boca, em glória de martírio, a acidez insuportável da begônia quando é esmagada entre os dentes; e roía as unhas exultante. [...] Cada dia renovava-se a mesquinha luta que eu encetara pela salvação daquele homem. Eu queria o seu bem, e em resposta ele me odiava. Contundida, eu me tornara o seu demônio e tormento, símbolo do inferno que devia ser para ele ensinar aquela turma risonha de desinteressados. Tornara-se um prazer já terrível o de não deixá-lo em paz". (p. 10)

As expressões antitéticas dizem por si: glória de martírio, prazer terrível... Sofia parece *espicaçar*, através do talo da begônia, a imagem do professor (o uso ambíguo do pronome "eu" na frase "eu o espicaçava" permite essa leitura) em seus "negros sonhos de amor" (p. 10), até se perceber como "sendo a prostituta e ele o santo" (p. 10). Mas, logo adiante a narradora se pergunta: "Seria para as escuridões da ignorância que eu seduzia o professor? E com o ardor de uma freira na cela. Freira alegre e monstrosa, ai de mim" (p. 11).

Prostituta ou freira? Ambas. Certamente tais fantasias, que habitam nosso inconsciente atemporal, definem as projeções (ou identificações projetivas, como diria Melanie Klein) presentes no texto e lançam a linguagem para o campo dos paradoxos. Se como diz Freud, o inconsciente não reconhece a negação, as polaridades coexistem em sua simultaneidade perturbadora. Mas a retomada memorialística da narradora passa a ter função analítica, dando voz ao que na época se expressava em atuação paroxística. Rememorar e reinventar sua história é um processo analítico.

Na sequência, o professor conta aos alunos uma parábola e pede que a reescrevam, mas "usando as palavras de vocês" (Lispector, 1964/1992, p. 13), diz ele. A história contada é a de um homem pobre que sonhara que descobrira um tesouro. Sai à sua procura pelo mundo e sem encontrar volta à pobre casinha. Sem ter o que comer, começara a plantar em seu quintal. "tanto plantara, tanto colhera, tanto começara a vender que terminara ficando rico" (p. 14). Mas, em sua arrogância juvenil, Sofia ouve "com ar de desprezo, ostensivamente brincando com o lápis, como se quisesse deixar claro que suas histórias não me ludibriavam e que eu bem sabia quem ele era" (p. 14).

A moral incutida no relato é clara: o trabalho árduo ou o princípio da realidade é o caminho da riqueza.

A redação escolar de Sofia, no entanto, não se rende ao manual. Ela transgride "levianamente" (p. 15) os preceitos normativos e propõe uma inversão rebelde, "algo sobre um tesouro que se disfarça, que está onde menos se espera, que é só descobrir [...] sujos quintais com tesouros" (p. 15). Para a aluna em crise identitária e em franca experimentação de suas potências tanáticas, "o ócio, mais que o trabalho, me daria as grandes recompensas gratuitas, as únicas a que eu aspirava" (p. 15). E aqui faço um grande salto nas páginas finais do conto, pulando, inclusive, vários detalhes da bela cena epifânica em que professor e aluna se desnudam mutuamente através de olhares devastadores. Por um instante ambos se encontram fora das formatações esperadas, ela como uma "menina muito engraçada"

(p. 21) – nas palavras dele – e ele sorrindo desajeitadamente, "quebrando uma crosta" (p. 20). Diz a narradora: "Até que o esforço do homem foi se completando todo atento, e em vitória infantil ele mostrou, pérola arrancada da barriga aberta – que estava sorrindo. Eu vi um homem com entranhas sorrindo" (p. 20).

Meu foco agora recai sobre o assombro do mestre diante da escritora nascente. Nenhuma *travessura* havia até então conseguido deslocar o professor de seu rígido papel, como o faz a potência imprevista do texto ficcional de Sofia. O que ela rejeitava em si, em meio à difícil passagem da infância para a adolescência, ganha forma em palavras e encanta o adulto. "Sua composição do tesouro está tão bonita" (p. 20), diz ele. Incrédula, Sofia desconfia que o adulto caísse na sua mentira e se culpa por tê-lo iludido. Que profícua ilusão a arte nos traz, demolindo nossas certezas... O território infantil com suas imensas contradições, repleto de gestos construtivos e destrutivos, engendra a criatividade inesperada, mas latente: uma pequena redação (amostra da produção artística que seria a da própria autora?), capaz de arrancar do lodo o gesto amoroso da escrita. E ao lado da gênese da criação ficcional, também o feminino surrado e escondido, desabrocha. Na voz de Sofia adulta: "Seria fácil demais querer o limpo; inalcançável pelo amor era o feio, amar o impuro era a nossa mais profunda nostalgia". (p. 24)

Parte 2

Se no conto *Os desastres de Sofia* (Lispector, 1964/1992) o que há de sádico e maléfico no campo infantil se transmuta em escrita transformadora – através de outros componentes infantis, como a rebeldia e a transgressão –, o mesmo não se pode dizer da perversidade que rege *A quinta história*, do mesmo livro *A legião estrangeira* (Lispector, 1964/1992). De gênero literário impreciso, meio conto, meio crônica, meio receituário, o texto apresenta uma mulher anônima às voltas com um problema doméstico: como matar baratas. Em apenas três páginas,

constroem-se variações do mesmo tema e a cada parágrafo a narrativa repete o já dito mas avança como espiral, acrescentando sempre um novo elemento ao enredo. A receita que a protagonista recebe ao se queixar de baratas traz o conteúdo da primeira história, intitulada "Como matar baratas" (p. 101): "Que misturasse em partes iguais açúcar, farinha e gesso. A farinha e o açúcar as atrairiam, o gesso esturricaria o de-dentro delas. Assim fiz. Morreram." (p. 101). Por trás de uma inocente moldura de receituário, que será o álibi de um ritual de assassinato, vamos testemunhar a quebra da normalidade doméstica e a irrupção das pulsões tanáticas mais radicais. O projeto do crime, como se viu, choca pelo tom banal com que é descrito.

A segunda história nomeia o ato da dedetização das baratas como sendo "O assassinato" (p. 101). Abandonando a frieza anterior, a narradora/criminosa é invadida pela crescente excitação assassina e se descobre sujeito de um gozo desconhecido. A pacata dona de casa se percebe uma assassina em potencial enquanto prepara a mistura. O tom erótico ganha espaço, e o desejo sádico emerge imbuído de sua inerente sexualidade.

Interessante notar que a cena remete a um caldeirão de magia e bruxaria, ou seja, um cenário de contos de fadas infantis com suas malvadezas... Cito a imagem:

Meticulosa, ardente, eu aviava o elixir da longa morte. Um medo excitado e meu próprio mal secreto me guiavam. Agora eu só queria gelidamente uma coisa: matar cada barata que existe. Baratas sobem pelos canos enquanto a gente cansada sonha". (p. 102)

Casa tomada

O cálculo meticuloso e ordenado do crime convive harmoniosamente com a ardência erótica e sádica envolvendo o leitor numa narração que disfarça (ou nem tanto) o seu teor destrutivo. Parece que o mal que se quer eliminar – o *de-dentro* dessas baratas que sobem pelos canos enquanto

sonhamos – remete à vida pulsional sob repressão no inconsciente.

Perturbam a nossa *tranquilidade* e se revelam à noite quando a vigília relaxa. A arquitetura do apartamento e seus compartimentos são a própria casa psíquica. A área de serviço, parte marginal da habitação e lugar do lixo indesejável, acena para o que foi alijado da consciência. A barata traz à tona o que rejeitamos ou desconhecemos de nós mesmos e que queremos expulsar, exterminar de nossa *sala de estar*. Esse “mal secreto” (p. 101) que retorna já nos foi familiar antes do recalque, o que nos leva ao notável ensaio de Freud, de 1919, *O infamiliar* (Freud, 1919/2019). Pelo grau de ameaça e horror angustiante que a barata representa para a narradora, é possível que estejamos diante do fenômeno psicanalítico nomeado como *Das Unheimliche*, ou seja, a volta do que deveria ter permanecido oculto, mas vem à luz, como define Freud emprestando as palavras de Schelling².

E sabemos, pelo ensaio citado, que os conteúdos que retornam são vivências e complexos infantis tornados inaceitáveis ao convívio civilizacional. A barata em Clarice é essa instância dupla que aponta, de um lado, para a mais prosaica e cotidiana situação, e, de outro, para a metaforização do mundo pulsional que insiste em resistir ao seu silenciamento impondo ao sujeito formas cada vez mais elaboradas de recalque.

Aqui o procedimento repressor é o veneno da mistura com o gesso “que enturricaria o de-dentro delas” (p. 101). Inevitável lembrarmos da aparição da barata saída do fundo do quarto da empregada Janair em *A paixão segundo G. H.* (Lispector, 1964/1986), do mesmo ano do conto em análise. Vale citar um parágrafo, apenas para notarmos as afinidades entre os textos:

Foi então que a barata começou a emergir do fundo [...] Sem nenhum pudor, comovida com a minha entrega ao que é o mal [...] levantei a mão como para um juramento, e num só golpe fechei a porta sobre o corpo meio emergido da barata [...]. (pp. 48-49)

No início de seu périplo, G. H. quer livrar-se da barata incômoda, mas, – e aí o romance e o conto caminham por sentidos opostos –, o informe da massa branca da barata, semidestruída pela primeira pancada, exerce um inquietante fascínio sobre G. H. que passa a reconhecer na alteridade radical do inseto algo que lhe diz respeito e precisa ser conhecido. G. H., então, se lança na aventura de entregar-se ao outro de si e enfrenta terríveis resistências para comunicar em rito satânico e sagrado com o que foi projetado no ser abjeto e grotesco. O avesso, portanto, da narradora do conto.

Hipoteticamente, a barata seria, nos dois casos, uma figuração analógica do inassimilável inumano do humano que nos habita “de-dentro” e nos convoca a um constante trabalho de simbolização e organização de um material avesso à disciplinarização. Essa matéria-bruta que sai da barata atingida pelo golpe de G. H. restitui-nos ao mundo infernal e caótico do qual emergimos no processo civilizatório e com o qual mantemos distância. Até que suba pelos canos enquanto sonhamos ou atuamos ao manifestar nossas mais recônditas pulsões e fantasias... E o que era familiar se torna estranho e perturbador.

Voltando ao conto, a terceira história, a das “Estátuas” (Lispector, 1964/1992), é a contemplação do crime pela narradora em seu voyeurismo sádico. Sentindo-se poderosa, vislumbra de sua “fria altura de gente” (p. 102) o “alvorecer em Pompeia” (p. 102). Dezenas de baratas transformadas em estatuazinhas – “baratas que haviam endurecido de dentro para fora” (p. 102) – sinalizam o processo de embrutecimento que nos faculta a adaptação inevitável. Pelos índices de identificação entre a protagonista e as baratas – “para baratas espertas como eu” (p. 102) –, dedetizar as baratas é atacar a própria interioridade, o que se converte em sintoma na quarta história: “Eu iria então renovar todas as noites o açúcar letal? como quem já não dorme sem a avidez de um rito” (p. 103). Ao final, a escolha: “[...] qualquer escolha seria a do sacrifício: eu ou minha alma. Escolhi. E hoje ostento

secretamente no coração uma placa de virtude: ‘Esta casa foi dedetizada’” (p. 103).

A higienização, álbi perfeito para o abafamento do infantil negado, destina-se a se perpetuar, já que a queixa e as baratas voltam, assim como as histórias. É o que se lê no último parágrafo: “A quinta história chama-se ‘Leibnitz e a transcendência do amor na Polinésia’. Começa assim: ‘queixei-me de baratas.’” (p. 103).

Não importa onde cada um de nós esteja, aqui ou na Polinésia, carregará junto uma subjetividade marcada pelo infantil. Sofia encontrou um caminho para torná-lo um operador de transformação, enquanto a dona de casa optou por engessar a ameaça insuportável. Seja como for, Clarice Lispector nos conduz às vicissitudes das garras do infantil, prontas para criar ou destruir.

REFERÊNCIAS

- Andrade, M. de (1996). *Contos novos*. Belo Horizonte: Itatiaia. (Trabalho original publicado em 1947).
- Andrade, M. de (1996). Frederico Paciência. Em M. de Andrade, *Contos novos*. Belo Horizonte: Itatiaia. (Trabalho original publicado em 1947).
- Azevedo, A. de (2001). *Macário*. Porto Alegre: L&PM Pocket. (Trabalho original publicado em 1852).
- Condessa de Ségur (1858). *Les malheurs de Sophie*. Paris: Hachette.
- Freud, S. (2019). O infamiliar [Das Unheimliche]. Edição comemorativa bilingue (1919-2019). Seguido de: O homem da areia de E. T. A. Hoffmann. Em E. Chaves, P. H. Tavares e R. Freitas (trad.), *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1919).
- Lispector, C. (1986). *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lispector, C. (1992). *A legião estrangeira*. São Paulo: Siciliano. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lispector, C. (1992). A quinta história. Em C. Lispector, *A legião estrangeira*. São Paulo: Siciliano. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lispector, C. (1992). Os desastres de Sofia. Em C. Lispector, *A legião estrangeira*. São Paulo: Siciliano. (Trabalho original publicado em 1964).
- Rosenbaum, Y. (1999). As metamorfoses do mal em Clarice Lispector. *Revista USP*, 0(41), 198-206.
- Rosenbaum, Y. (2006). *As metamorfoses do mal: Uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp/Fapesp. (Trabalho original publicado em 1999).

2. Ver: Freud (1919/2019, pp. 27-126).

» Filosofia: Essa velha criança nua**

*A palavra filosófica não captura o desejo; pelo contrário,
seu dono é essa velha criança nua.*
J.-F. Lyotard, 2012

A filosofia tem muitas infâncias e muitos infantes. Algumas filosofias, inclusive, pensam-se a si mesmas como infância. É o caso, por exemplo, da desconstrução. H. Cixous e J. Derrida (2019) o dizem de muitas formas e com diversos sentidos durante um seminário com psicanalistas. Um deles a considera um dispositivo de redução da fala; de não se poder falar tão cômoda e impunemente; de problematizar as palavras e o modo como, a partir delas, abandonamos as contradições e impossibilidades, tão próprias do universo infantil.

Além de ser ela mesma infantil, a desconstrução – enquanto dispositivo de desfazer os problemas e de mostrar como um campo problemático se constitui como tal – seria um caminho que levaria até a infância; assim, a infância seria o destino da desconstrução.

Há ainda um segundo sentido. Na sua crítica ao logocentrismo, a desconstrução é infantil ao afirmar uma não fala, a suspensão de toda e qualquer fala, um mundo pré ou a-linguístico: uma criança sem fala. Uma criança também sem origem.

Derrida (Cixous e Derrida, 2019) afirma que a escrita inventiva é profundamente infantil no sentido de supor um compromisso corporal que não renuncia a nenhum prazer e a nenhum significado, e assim, expressa

uma perversão polimorfa. Algo como se a escrita inventiva fosse expressão de um desejo ilimitado, de poder experimentar o gozo e de escrever qualquer coisa. “Escritores criativos – diz Derrida em conversa com Cixous – estão em estado de infância” (p. 152). Sentimo-nos tocados pela afirmação e desejamos infantilmente – ou seja, perversa e polifonicamente – que este texto seja lido por leitores em estado de infância (ou que leve a elas e a eles até a infância).

Nessa conversa, H. Cixous sorri enquanto Derrida fala. E comenta sobre as ambiguidades e potências que a possibilidade de inventar e de criar contém. A desconstrução é infantil no sentido de ser anterior à linguagem; portanto, nela, duas coisas contrárias podem existir ao mesmo tempo. Podemos acreditar e não acreditar que algo é possível ou impossível, necessário ou inócuo. Como a infância, também a desconstrução é esse mundo selvagem, rico e perigoso em que não precisamos renunciar à contradição e ao impossível. Como mostra performática dessas contradições, Cixous (Cixous e Derrida, 2019) também afirma que a desconstrução “ilumina (!?) a eterna criança que somos” (p. 155).

Outro filósofo contemporâneo, o também francês J.-F. Lyotard (1986/2005), sugere que a filosofia e a infância andam de

mãos dadas, pois a filosofia não é outra coisa senão a infância do pensamento, ou seja, essa infinita potência de recomeço no pensamento que a pergunta instaura e que mostra que, em última instância, quando pensamos estamos sempre no começo. Para dizê-lo com outras palavras: pensar de verdade, pensar-se a si mesmo, fazer da filosofia um exercício de se colocar a si mesmo em questão, exige, cada vez, ir até a mais recôndita infância do pensamento, começar a pensar tudo de novo, como se nunca tivéssemos pensado, como se estivéssemos pensando, cada vez, pela primeira vez. Isso faz quem habita a filosofia: começa a pensar desde o início, mais início possível. Assim, a infância é quase uma condição da filosofia.

A filosofia e a infância mantém uma mesma relação com o possível: quando se entra na filosofia, lê-se no seu frontispício: “Tudo pode ser de outra maneira”. Sempre.

Se não for, não há o que pensar. Cada vez que alguém afirma: “Isto não pode ser pensado” lastima-se a filosofia. Por fim, e mais perto ainda desse exercício, a infância é a marca da própria escrita em filosofia; que se antecipa ao escrever, que se escreve antes de saber, para saber, uma escrita, a filosófica, que – afirma Lyotard (1986/2005) – é como uma criança prematura e inconsistente. De modo que, embora as pretensões e apostas de alguns filósofos neguem ou despreciem uma dimensão infantil, a filosofia – desde essas perspectivas – não só nunca abandona sua condição infantil como ainda, se ela o fizer, corre o risco de se abandonar infrutuosamente. Quase como Sócrates nos alerta do perigo que frente ao risco de morte, dele – a filosofia que está nascendo – se abandone e se esqueça de si mesma.

Um infante de uma filosofia infantil

Sócrates, infante, filósofo, o primeiro de uma tradição da filosofia. Infante cronológico, portanto, que faz nascer uma filosofia entre a vida e a morte, porque a tradição que veio depois se interessou pela vida de Sócrates, mas não menos pela sua morte. Claro, Sócrates teve a sorte de que um Platão o escrevesse. O escrito em que Sócrates

se defende das acusações de corromper os jovens e introduzir novos deuses é quase uma carta de apresentação da filosofia. Uma apologia de si, de Sócrates e da própria filosofia.

Nessa defesa, logo no início, Sócrates se coloca do lado da verdade e coloca os seus acusadores do lado da retórica. E diz que por se sentir um estrangeiro nos tribunais – falando neles pela primeira vez com setenta anos – expressará seu discurso na língua de sua infância. Perante o risco de morte, a filosofia lembra e chama à infância. Pede sua ajuda, necessita da sua verdade.

Sócrates é uma figura infantil em vários sentidos. Seus rostos, ainda num testemunho como o de Platão, são contraditórios, impossíveis, exagerados, próprios de um menino, ou seja, de alguém perverso e polimorfo. Atentemos para como ele ou seus interlocutores o descrevem nos *Diálogos*: estrangeiro, intratável, perguntador, incômodo, sem lugar, o mais sem lugar (*atopótatos*) de todos na única cidade em que podia viver, Atenas, a mesma em que nasceu.

O mesmo J. Derrida (1997) apresenta num diálogo sobre a hospitalidade essa lembrança de Sócrates no início da sua defesa, esforçando-se em marcar o seu não-lugar estrangeiro ante a fala onipresente nos tribunais. Com setenta anos, sentindo a morte próxima, só pode falar a língua com a qual foi educado, a sua língua infantil. Sócrates, que identifica as acusações contra ele como acusações contra a filosofia, só pode falar a língua da sua infância. Improvisando, inventando, só sabendo seu não saber, infantilmente, aferra-se à filosofia perante a iminência da morte.

A maneira pela qual Sócrates responde às acusações mostra outras máscaras do seu rosto infantil. Ele brinca com seus acusadores: eles dizem que é irreligioso e ele conta uma história em que o Deus principal de Atenas, Apolo, afirma que não tem ninguém na cidade mais sábio. É tudo infantil, contraditório e impossível. Como o Deus supremo pode dizer que o mais sábio é quem só sabe que nada sabe? Só pode ser uma brincadeira de crianças.

No mundo infantil da filosofia, ou no mundo filosófico da infância, o mais sábio

* Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

** Este texto tem como base um texto anterior publicado como: *Visões de filosofia: Infância* (Kohan, 2015).

→
Subliminal, 2020
 Christian Boltanski
 4-channel video installation,
 sound, continuous loop
 Dimensions variable
 Installation view Galerie
 Marian Goodman, Paris
 Courtesy: Christian Boltanski
 Studio and Marian Goodman
 Gallery
 ©Christian Boltanski,
 Licensed by ADAGP
 Photo credit: Rebecca Fanuele



não sabe; não sabe outro saber que o saber de querer sempre saber, tudo, sem limites; questionar todos, sem condições. O gesto de Sócrates é infantilmente impressionante: nada é apenas o que parece ser; tudo pode ser de outra maneira, inclusive da forma contrária à que é: a ignorância sabe, o saber ignora; o ignorante sabe, o sábio ignora.

Assim, com Sócrates, a filosofia nasce como uma infância insaciável, contraditória, impossível; não poderia ser de outra maneira. Frágil e potente, aberta e provocadora, estrangeira e hostil, a filosofia nasce como uma infância insuportável para o estado das coisas instituído.

A segunda acusação (“corromper os jovens”) é ainda mais difícil de refutar.

Sócrates evidentemente altera a relação ao saber dos que conversam com ele, sem importar a sua idade. Os acusadores têm razão: Sócrates quer compartilhar o que sabe, seu desejo de tudo saber. Mais uma mostra de infância. Por isso, conver-

sa com outros e, em especial, com os mais jovens. Se ele próprio é insuportável, então contagiando outros, seu saber se torna infinitamente mais insuportável. Depois de conversar com Sócrates são muitos os que se tornam insuportáveis. O julgamento só pode encontrar culpável a infância. Há que extirpar a filosofia da *pólis*; há que adormecer a infância do pensamento.

Derrida sugere outros lugares em que Sócrates se mostra como um estrangeiro na *pólis*: no *Críton* (ou *Do dever*) (Platão, trad. em 2019), por exemplo, perante as leis: está tudo combinado para Sócrates escapar tranquilamente de madrugada; seus amigos oferecem toda espécie de suporte e argumentos: morrer é desatender os filhos, dar razão aos seus inimigos, dar vida aos que combatem a filosofia... Sócrates, como sempre, inverte as coisas: a vida está na sua morte, numa forma de morrer, ternamente, infantilmente, com amigos, justa e verdade. A morte está na vida dos que esquecem

a vida para postergá-la a qualquer preço.

No *Fedro* (Platão, trad. em 2011), perante o tribunal da escrita (Derrida, 1968/2000), Sócrates coloca as condições estrangeiras da filosofia, dentre elas dispor de “tempo livre” (*scholé*), escola, tempo de verdade que se possa perder, liberado das exigências dos que querem submeter a vivência do tempo a qualquer outra coisa que não seja o próprio exercício de pensar junto.

A associação entre infância e filosofia aparece também no *Górgias* (Platão, trad. em 2016) onde Sócrates recebe de Cálicles uma crítica à filosofia, à sua inutilidade e periculosidade. A infância é percebida como algo menor, incompleto, impotente e a sua associação com a filosofia serve para mostrar as fraquezas de uma e outra. Cálicles critica Sócrates e o acusa de agir como uma criança; é tempo de crescer, argumenta, de distanciar-se da filosofia para dedicar-se a questões mais importantes (484 c). A filosofia – sustenta Cálicles – corrompe os

homens quando estes permanecem muito tempo nela e acaba tornando-os inexperientes (*ápeiron*) e ridículos para o mais importante: a vida pública, política, na *pólis* (484 c–d). Assim, os filósofos se comportam como crianças. O filósofo é tão ridículo e infantil nos assuntos públicos, acrescenta, como os políticos nas conversas filosóficas.

Para Cálicles é bonito dedicar-se à filosofia na medida em que serve à educação (*paideia*). A raiz dessa palavra está aparentada com a palavra *país*, que significa *criança*. Cálicles não aprecia nem as crianças, nem a educação ou a filosofia. Todas elas fazem parte de um mundo inferior, anterior ao mundo real da política. A filosofia pode acompanhar a vida humana durante a fase do jogo (*paízon*), justamente porque é o momento de perder tempo, do tempo sem importância. Mas aquele que se dedica à filosofia na vida adulta se torna um homem desprezível (um anti-homem, *an-androi*), principalmente porque ele não ocupa um

lugar público (na *agora*) no centro da cidade, lugares da realização da cidadania.

Cálicles tem razão. Entendida à *la* Sócrates – com formas infantis e estrangeiras de expressar-se em uma comunidade – a filosofia é completamente atópica: ela deseja saber de tudo, busca desconhecer todas as coisas, questioná-las, desaprender o que sabemos, afirmar o valor do não saber, do buscar responder, com todas as suas forças, questões que não podem ser respondidas. É perversa e polimorfa e, por isso, insuportável para os que legislam um estado de coisas. Ela afirma uma relação perturbadora com os conhecimentos consagrados. É infantil demais a filosofia socrática; insuportável para qualquer especialista em legislar a vida.

Este é o paradoxo de Sócrates, do *phármakon* (droga, remédio, veneno) filosófico que ele inventa. Sócrates – a filosofia, a infância – não tem lugar na *pólis*, não sabe falar a sua língua; essa língua é o que a *pólis* mais precisa e, ao mesmo tempo, o que a *pólis* não pode suportar... Ela diz infantilmente o que a *pólis* não pode, não quer ouvir: questiona-a, interpela-a, faz lembrar o que ela pretende ter deixado para trás e não quer recordar.

Sócrates é um filósofo infantil, um amigo da infância, uma figura infantil. Ele inventa a filosofia com uma forma infantil, como estilo de viver perguntando, questionando, incomodando, falando uma língua estranha, estrangeira, inabitável... Vive a filosofia e vive a infância.

Infantia

Na escrita de outro francês, J.-F. Lyotard, a infância aparece de formas variadas. Por exemplo, um dos seus livros mais emblemáticos – *Le postmoderne expliqué aux enfants* (Lyotard, 1986/2005) – está conformado por cartas escritas para crianças e termina com um “Memorial sobre o curso de Filosofia” em que descreve a filosofia como uma auto-didática, uma prática de re-

começar a cada vez no pensamento. Eis as últimas três linhas do livro:

O pensamento talvez tenha mais infância disponível entre os de trinta e cinco anos que entre os de dezoito, e fora do curso de estudos mais do que dentro. Nova tarefa para o pensamento didático: buscar sua infância em qualquer parte, inclusive fora da infância. (p. 122)

Há dois sentidos aqui para a infância. Um deles, como começo, interrupção, estrangeiridade do pensamento; o outro, como etapa cronológica. A infância como começo pode estar dentro ou fora da infância como cronologia primeira de uma vida. É possível habitar a infância para muito além de uma fase cronológica da vida.

Em outros trabalhos, Lyotard se ocupou de pensar mais detalhadamente a infância não cronológica¹. Dentre os muitos sentidos que tem dado à infância, apresento um: a *infantia* como a diferença entre o que pode e não pode ser dito, o indizível, algo perdido que habita, imperceptivelmente, o dizível como sua sombra, seu lembrete, um não dito que trabalha como uma condição para que algo com sentido possa ser dito.

Nesse aspecto, a *infantia* – como condição latente que está por trás de cada palavra pronunciada por qualquer ser humano – é uma das duas formas do inumano (Lyotard, 1988/1991); por um lado, está o inumano do sistema, chamado de *desenvolvimento, competitividade, democracia representativa, mercado, mundo livre*; por outro, o inumano que cada alma humana carrega pelo fato de ter nascido de uma indeterminação forçada a se abandonar a si própria, a se determinar sem poder fazer nada para evitá-lo. A segunda forma do inumano é essa passagem do não ser ao ser da qual todos nascemos e ninguém escolhe. Fomos forçados a nascer, nenhum ser humano foi perguntado se queria vir ao mundo.

Essas duas formas do inumano se opõem uma à outra. Vejamos, por exemplo,

em relação ao tempo. A primeira impõe a necessidade de correr atrás do tempo, de fazer dele um bom uso, torna-lo produtivo; ser eficiente, eficaz na forma de percorrer essa linha extensiva, sucessiva, consecutiva, irreversível de movimentos cronológicos que constitui sua imagem preferida do tempo. A segunda não corre atrás do tempo, deixa o tempo se perder em percursos não lineais, mas polimorfos, intensivos, repetitivos de forma complexa, ou ainda anda distraída em busca do tempo perdido, especialmente aquele tempo remoto da indeterminação abandonada num movimento em que o passado nem sempre antecede o presente e o futuro pode não sucedê-lo. É quase aquele tempo livre que Sócrates firma no *Fedro* (Platão, trad. em 2011), como uma condição para filosofar. O tempo de uma criança brincar. O tempo circular de eterno retorno, dos ciclos, como o tempo dos aimarás; de um passado que está na nossa frente porque se pode ver e do futuro que está atrás porque é desconhecido.

Da economia se abre um caminho para a política. Se a primeira forma do inumano busca impor o capital como única alternativa triunfante e hegemônica, Lyotard (1988/1991) considera que a política só pode ser a resistência a essa forma capitalista de inumano em nome da memória da outra forma de inumano esquecida, aquela de uma alma que constantemente lembra a dívida com o inumano do qual nasceu. Em suas palavras:

[...] que mais resta de “político” que não seja a resistência a este inumano? E que mais resta, para opor resistência, que a dívida que toda a alma contraiu com a indeterminação miserável da sua origem, da qual não cessa de nascer? Ou seja, com o outro inumano? Está a dívida que temos para com a infância e que não é saldada. Mas basta não esquecer para resistir e, talvez, para não ser injusto. Esta é a tarefa da escrita, do pensamento, da literatura, das artes, aventurar-se a prestar testemunho. (p. 7)

Basta não esquecer a dívida com a infância para não sermos injustos. Basta não

esquecer a dívida com a infância para não sermos injustos? Não o sabemos. Mas em tempos em que afloram os discursos de formação da infância, ainda em nome da filosofia, talvez uma tarefa política interessante para o pensamento seja lembrar que não há por que, nem como, acabar com a infância. Ela é indestrutível e nos constitui como sinal de nossa condição indeterminada. Lembrá-la na escrita, na arte, na educação, constitui uma força, um estilo, uma forma política de testemunho.

A escrita, como a filosofia e a infância, é uma espécie de sobrevivente, uma entidade que deveria estar morta, mas *ainda* está viva (Lyotard, 1997, p. 63). Como sobreviventes, a escrita e a infância são também uma esperança: “o acontecimento de uma alteração radical possível no fluxo que empurra as coisas a repetir o mesmo” (p. 62). A infância nomeia algo que “já é”, mas sem ser ainda “algo”; uma espécie de espanto que introduz no mundo do humano uma forma do inumano que ainda não pode ser identificada; a infância é o nome de um milagre, o da interrupção do ser das coisas pela entrada de seu outro, do outro do ser.

Dívida, esperança, milagre, a infância é uma forma de tempo sensível: “A capacidade de sentir prazer e dor, afetividade, *aisthesis*, é independente de sua possível articulação. [...] Este tempo antes do logos é chamado *infantia*.” (p. 109). Voz estrangeira antes da palavra, tempo sem logos, tempo afetivo, sentido. Outra vez a infância chama à filosofia (*philo-sophía, phílos*): afeto, paixão, amizade. A filosofia é – como a infância – um tempo sensível, antes do logos, antes do tempo. *Antes* não significa tempo passado, mas tempo primeiro, inicial, inaugural, uma condição.

A privação da infância é o totalitarismo do humano, ou um retorno do humano ao inumano. Não há vida só na infância. Mas também não há vida sem infância. Outra vez o paradoxo, o enigma, o impossível. Nessa exigência incontornável da presença de uma ausência se encontram mais uma vez infância e filosofia. Esses dois impossíveis necessários para que exista vida e morte, para que uma vida seja vivível para um

1. Para um estudo mais detalhado da concepção de infância em Lyotard sugiro ver: Smeyers, P. e Masschelein, J. (2000/2012); Fry, K. (2014) e, particularmente, Locke, K. (2012) quem desdobra – nos três sentidos que aqui apresentamos – a forma complexa em que Lyotard trabalha o conceito de infância.

ser humano. Eis a tarefa política da escrita, da arte, da educação, da filosofia: lembrar-nos que somos infância e dos riscos das pretensões de apagá-la.

REFERÊNCIAS

- Cixous, H. e Derrida, J. (2019). On deconstruction and childhood. *The Oxford Literary Review*, 41(2), 149–159.
- Derrida, J. (2000). La pharmacie de Platon. Em L. Brisson (trad.), *Platon: Phèdre* (pp. 255–403). Paris: GF-Flammarion. (Trabalho original publicado em 1968).
- Derrida, J. e Dufourmantelle, A. (1997). *Anne Dufourmantelle invite Jacques Derrida à répondre: De l'hospitalité*. Paris: Calmann-Lévy.
- Fry, K. (2014). Lyotard and the philosopher child. *Childhood & Philosophy*, 10(20), 233–246.
- Kohan, W. O. (2015). Visões de filosofia: Infância. *Alea: Estudos Neolatinos*, 17(2), 216–226.
- Liddel, H. G. e Scott, R. (1996). *Greek-English lexicon*. Oxford: Clarendon Press. (Trabalho original publicado em 1843).
- Locke, K. (2012). Lyotard's infancy: A debt that persists. *Postmodern Culture*, 23(1). Disponível em: <http://www.pomoculture.org/2015/07/07/lyotards-infancy-a-debt-that-persists/>
- Lyotard, J-F. (1991). *The inhuman: Reflections on time* (G. Bennington e R. Bowlby, trads.). Stanford: Stanford University Press. (Trabalho original publicado em 1988).
- Lyotard, J-F. (1997). *Lecturas de infancia*. Buenos Aires: Eudeba.
- Lyotard, J-F. (2005). *Le postmoderne expliqué aux enfants*. Paris: Galilée. (Trabalho original publicado em 1986).
- Lyotard, J-F. (2006). The affect-phrase. Em K. Crome e J. Williams (eds.), *The Lyotard reader and guide*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- Lyotard, J-F. (2012). *Pourquoi philosopher?* Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1964).
- Platão (2001). *Diálogos: Teeteto – Crátilo*, vol. 9 (C. A. Nunes, trad.). Belém: UFPA. (Obra original do século IV a. C.).
- Platão (2011). Fedro. Em C. A. Nunes (trad.), *Diálogos de Platão* (vol. 3). Belém: UFPA. (Obra original do século IV a. C.).
- Platão (2016). Górgias. Em E. Bini (trad.), *Diálogos 2: Górgias; Eutidemo; Hipias Maior; Hipias Menor*. São Paulo: Edipro. (Obra original do século IV a. C.).
- Platão (2019). Criton (ou Do dever). Em E. Bini (trad.), *Diálogos Socráticos* (vol. 3). São Paulo: Edipro. (Obra original do século IV a. C.).
- Smeyers, P. e Masschelein, J. (2012). L' enfance, education and the politics of meaning. Em P. A. Dhillon e P. Standish (eds.), *Lyotard: Just education* (pp. 140–156). Londres: Routledge. (Trabalho original publicado em 2000).

Calibán -
RLP, 19(1-2),
215-219
2021

Mauro Vallejo*

» Flores, anjos e marionetes: A criança como mistério maleável no pensamento de Freud

Há apenas algumas semanas, circulou pelas redes um pequeno vídeo em preto e branco que aparentemente capturava um breve instante da vida cotidiana ou familiar de Sigmund Freud. A cena, com cerca de vinte segundos, transcorre em um lugar como um jardim ou praça. Uma mulher tem em seus braços uma menina pequena, claramente de menos de um ano de idade. A seu lado está o criador da psicanálise. A imagem não é clara, mas Freud parece ter algo em sua mão esquerda. A mulher, desejosa de atrair a atenção da criança, puxa esse objeto, arrastando em sua direção a mão do psicanalista (que opõe certa resistência a esse gesto que o transforma em um autômato). No mesmo momento outro homem estala os dedos perto do rosto da menina, tentando também captar seu interesse. Outras cinco pessoas, em semicírculo, olham extasiadas os movimentos esquivos da pequena. De repente, com uma agilidade surpreendente e com passos rápidos, um envelhecido Freud se retira do quadro e reaparece com uma flor na mão. Ele a aproxima do rosto da menina, que tenta tocá-la com seus dedos.

Este artigo retoma, de algum modo, a constelação de objetos que compõem essa cena duvidosa. Trata-se da interrogante pela natureza da criança no pensamento freudiano, em sua fase inicial. Sejam mais precisos: o que está em jogo não é tanto a natureza disto que chamamos criança, mas sim sua localização mutante em um discurso, sua redistribuição tática. Algo assim como sua *ontologia oscilante*. Para refletir a propósito dessa localização vacilante, lançamos mão de algumas figuras que estruturam aquele filme doméstico: corpos que parecem marionetes (e marionetes que emulam corpos), objetos sedutores e olhares, olhares por toda parte. Tanto se insistiu em que aos olhos de Freud a mulher não deixou de ser jamais um enigma intransponível que se passou por alto o *mistério maleável* que a criança sempre significou para esse mesmo olhar.

Para entender como funciona essa localização versátil da criança, nada melhor que retomar o autor que a colocou em evidência. Em uma aula de 12 de março de 1975 no *Collège de France*, Michel Foucault (1975/1999) afirma que um dos mecanis-

* Pesquisador do Conicet (Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas)

mos pelos quais se conseguiu a conformação ou a coagulação da família conjugal ao longo do século XIX foi dado pela problematização do corpo da criança; fundamentalmente, sua sexualidade onanista. Ao postulado de que a masturbação infantil era a causa das piores doenças se somou a certeza de que a culpa não era da criança, pois o ato não respondia a nenhum impulso interno. Se a criança se tocava, isso era a consequência de uma sedução prévia produzida por um adulto (principalmente, as empregadas domésticas e os educadores). A solução redentora passava pela modificação do espaço familiar, que consistia na “eliminação de todos os intermediários”¹ (p. 231). Durante todo este longo século, os pais foram intimados a vigiar, apalpar e investigar os corpos de suas crianças, com o mandato expresso de surpreender a irrupção do gesto pecaminoso. Foi tão insistente o convite para fazer com os corpos de seus filhos um só e mesmo corpo que se produziu uma “indiscrição incestuosa”. A partir desse ponto de vista, nas palavras de Foucault, a psicanálise “vai aparecer como técnica de gestão do incesto infantil e de todos os seus efeitos perturbadores no espaço familiar.”² (p. 253)

A hipótese de Foucault é certamente provocadora, pois convida a perguntar até que ponto o impulso inaugural da teoria de Freud não foi mais que um elo erudito de uma corrente de longa data. Efetivamente, a formulação do filósofo parece feita para caber sem sobras no molde da teoria da sedução. Com essa conjectura, o psicanalista não faria outra coisa a não ser prosseguir, talvez sem saber, um discurso que há décadas preenchia diversos manuais referentes ao cuidado do corpo infantil (provenientes da medicina, da pedagogia ou da higiene profana). Em seus enunciados dos anos 1895-1897, Freud repetia sem titubear os lemas e os temores daquela velha ladainha: as piores doenças eram uma derivação de apalpadelas e abusos perpetrados por babás, governantas e educadores em geral.

Então, a provocação de Foucault pode valer menos por seu conteúdo que pelo procedimento que a ampara; isso é, analisar os saberes sobre o corpo da criança não tanto pelo que efetivamente dizem sobre esse objeto, mas sim por sua funcionalidade estratégica. Em outras palavras, atender de que forma fazem da criança uma caixa vazia que serve para reordenar ou redistribuir outros elementos.

Esta foi abertamente a operação fundante da psicanálise. No espaço de uns poucos anos, quando esse discurso se empenhava em efetuar eleições estratégicas duradouras, a essência e a funcionalidade disso que se chamava criança se viram alteradas de forma frequente. Tudo isso requereria um desenvolvimento muito mais extenso, mas apontemos que, no que diz respeito a seu saber sobre a infância, dois movimentos alternados se produzem em Freud: por um lado, uma *cisão*, e pelo outro lado, uma *manipulação instrumental*.

No campo da *cisão* cabe colocar um aspecto chamativamente negligenciado no itinerário de Freud. Durante dez anos, entre 1886 e 1896, três vezes por semana o futuro psicanalista trabalhou como diretor da seção de doenças neurológicas de *Ersstes Öffentliches Kinder-Kranken-Institut in Wien* (Primeiro Instituto Público para Crianças Doentes de Viena). No desempenho desse cargo, observou e atendeu uma infinidade de crianças afetadas por severas patologias neurológicas. Graças a essa experiência, transformou-se em um dos principais especialistas no estudo das paralisias cerebrais e das diplegias em infantes, tal e como se reflete em algumas de suas publicações na matéria (Freud, 1893b, 1897; Freud e Rie, 1891; Bonomi, 2007).

Conforme aumentava seu interesse pelas psicose, o hipnotismo ou as neuroses atuais, esse trabalho no terreno da neurologia infantil deixou de entusiasmar-lo. Seja como for, durante longos anos Freud teve um contato cotidiano com crianças pequenas; apalpou seus corpos, mani-

pulou seus membros, mediu suas reações. Edificou ao redor desse *corpo observado* um *corpus* teórico que cultivou um perdurável respeito entre seus colegas continentais – a ponto de seu principal e extenso tratado de 1897 continuar sendo, durante muitas décadas, uma referência iniludível na matéria. Podemos nos perguntar: como pôde evitar que esse saber e essa expertise sobre a infância não contaminassem suas elaborações contemporâneas no campo das psicose, especialmente no período no qual o infantil começou a cobrar uma significação substancial em sua compreensão dessas patologias em adultos? A resposta se encontra na célebre *cisão*. Poderíamos citar como botão de teste um pequeno escrito de 1893, no qual Freud (1893a) tenta resenhar os casos de enurese infantil que ele tinha observado em seu trabalho frente àquele instituto. Quem, por esses mesmos meses, se destacava em seu trabalho com adultos jovens como um exímio semiólogo de lembranças, afetos e representações, em seu manejo de crianças doentes mostrava ser um neurologista de estirpe, que nem por suspeita poderia se permitir a suposição de fenômenos afetivos por trás de um lençol molhado.

Se dirigirmos a atenção para seus escritos mais familiares, verificamos essa impermeabilidade em relação a toda aprendizagem a propósito das crianças. Durante muitos anos – muitos mais do que costuma se supor –, Freud compartilhou com seus colegas a presunção da assexualidade dos infantes. Já em um escrito de 1888, Freud citava a impressionante evidência da histeria em “meninas e meninos sexualmente imaturos”³ (p.56) como indicador mais que suficiente para descartar a ideia de que a sexualidade tivesse algum papel na provocação daquela doença nervosa. Aos olhos de Freud – e essa certeza tardou muito em ser desfeita –, a criança era um anjo assexuado. E a mais clara confirmação dessa verdade pode ser encontrada no lugar onde não se quer vê-la: em sua teoria da sedução.

A infância aparece na pluma do Freud psicanalista no instante mesmo em que se dilui a criança neurológica. Quase no mesmo instante no qual a *criança real* deixa de estar cotidianamente sob o olhar do neurologista vienense, outra infância emerge no outro lado de seu trabalho e de seu pensamento (ou, melhor, em seus ouvidos). *Uma infância já não real, mas textual*. Até outubro de 1895, a infância não desempenhava nenhuma função especial na explicação que Freud dava das doenças neuróticas. Na parte final desse ano, Freud percebeu que em muitos casos o evento que tinha de cumprir o papel de causa das manifestações patológicas era trivial ou anedótico, e que por si mesmo não podia produzir a doença. Era necessário buscar em outro lugar, mais atrás, a verdadeira causa. E é então que Freud começa a se preocupar com a infância, o que faz no *Projeto* para uma psicologia científica (Freud, 1950 [1895]/1994b), mediante a célebre tese da “suplementaridade”. Tudo isso é coisa sabida e não tem sentido repetir aqui os detalhes da teoria da sedução. No entanto, há algo sobre o que talvez não se tenha refletido o suficiente. Que características apresenta a criança dessa teoria? O traço mais chamativo é sua carência de impulsos. Quem ler (com olhos abertos) os três escritos de 1896, assim como as cartas nas quais Freud desenvolve a teoria traumática, verá que Freud jamais atribui a essa criança algum desejo, impulso ou vontade (Freud, 1896/1999c, 1896/1999d, 1896/1999b).

Até meados de 1897, essa criatura textual denota uma superfície corporal sem avesso. A infância é o momento no qual se imprimem como lembranças inconscientes os indícios dos ataques dos adultos. É o negativo da família (ou do lar, conformado pelo pessoal auxiliar). Essa criança “lembrada” é uma marionete de papel, um corpo sem impulsos, quase sem fantasias, capaz de, no máximo, repetir mais tarde, com seus coleguinhas, as injúrias sexuais recebidas.

Em síntese, em todo este tempo, a *criança freudiana* era um ente estritamente

1. N. do T.: Tradução de Brandão, E. A tradução desta citação corresponde à página 293 de: Foucault, M. (2001) *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1975).

2. N. do T.: Tradução de Brandão, E. A tradução desta citação corresponde à página 346 de: Foucault, M. (2001) *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1975).

3. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 45 de: Freud, S. (1996). Histeria. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 34 - 51). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1888). Versão eletrônica recuperada em: <https://cutt.ly/VnadqSh>



↑
Les linges, 2020
 Christian Boltanski
 Metal tables on wheels, cardboard, cotton cloth, staples,
 neon flexible LED (optional), Dimensions variable
 Installation view Galerie Marian Goodman Paris

Courtesy: Christian Boltanski Studio and Marian
 Goodman Gallery
 ©Christian Boltanski, Licensed by ADAGP
 Photo credit: Rebecca Famuele

narrativo. A criança vale ali somente como lembrança. Assim como seu corpo não tem profundidades – pois ele só existe como receptor dos abusos, e carece de impulsos próprios – ele mesmo não tem outra existência que a da lembrança. É duplamente um ente textual, como componente do relato dos pacientes, mas sobretudo como peça de um saber.

E é aqui que cabe recuperar a categoria de *manipulação instrumental*. Não apenas para explicar a irrupção dessa infância textual, mas também para esclarecer sua rápida metamorfose. A que missão serviu a colocação da criança-lembrança como eixo ou engrenagem fundamental da primeira teoria da sedução? A resposta está nos próprios escritos de 1896: mediante a postulação

desse particular mecanismo explicativo das psiconeuroses, Freud não somente dava com uma ansiada fundamentação etimológica das patologias, mas podia finalmente romper com a hereditariedade que tanto o incomodava. Dizer que toda neurose adulta era o efeito retardado de uma violação perpetrada sobre a criança por uma babá ou um educador (jamais por um pai! Pelo menos até dezembro de 1896) servia de forma perfeita para ambas as missões. Então, sabemos que essa conjectura foi muito mal recebida pelos médicos europeus, e uma das objeções mais sérias foi que ela desconhecia os padrões familiares (ou hereditários) das doenças nervosas. Foi para contrapor essa impugnação que a criança textual sofreu uma mudança discutível, ocorrida em vá-

rios tempos. Primeiro, sem deixar para trás sua carência absoluta de impulsos, a criança deixou de ser vítima de atentados cometidos por esses terceiros um tanto distantes e passou de repente a se definir como mártir da perversão do pai. Graças a essa permuta, a fenomenologia patológica voltou a se adequar aos bons usos da medicina do final do século: a súbita introdução do pai como abusador – que pode ser datada com dia e hora graças às cartas enviadas a Fliess (Freud, 1950 [1887-1904]/1994a) – habilitou Freud a mostrar que sua teoria também explicava, sem a arcaica linguagem da herança, a ocorrência familiar dos mal-estares. A substituição da babá pelo pai provocou um tipo de retrocesso na estratégia de familiarização empreendida por Freud: renunciou-se a uma familiarização política (o lar como nicho prejudicial) a favor de outra que não deixava de ser sanguínea (Vallejo, 2012, 2013).

A segunda mudança esteve cifrada na paulatina atribuição à criança de uma vida impulsiva (que também pode ser datada detalhadamente mediante a leitura da correspondência com Fliess). Essa injeção de interioridade não podia, por acaso, colocar em perigo o já construído? De fato, o apon-tamento do caráter polimorfo dessa recém estreada sexualidade infantil (cuja certidão de nascimento data de outubro de 1987) podia significar a dissolução da construção familiar que até então tinha velado o intercâmbio de impulsos. Freud exorcizou com presteza esse pavor, retraduzindo com o código de Édipo os balbucios sexuais dessa nova criança.

A infância foi para esse adiantado Freud uma peça móvel, um lugar vazio cuja significação primordial estava dada por sua funcionalidade estratégica. *Familiarizar* a patologia foi o artifício produtivo que Freud precisou para dar um enquadre tranquilizador ao mundo escuro que se abria frente a seus olhos. Ou que, melhor dito, fazia-se escutar. Pois se Freud tivesse permanecido preso ao hábito cansativo de ver corpos infantis, talvez nunca teria sido capaz de ver na enurese outra coisa que tendões “travessos”. Ao se dedicar a forjar uma criança, que até aquela época era apenas um carretel textual de lembranças, foi capaz de dar

ouvidos a desejos que, bem ou mal, escavavam com agilidade e passos indecisos, a confinamentos forçados.

REFERÊNCIAS

- Bonomi, C. (2007). *Sulla soglia della psicoanalisi*. Florência: Bollati Boringhieri.
- Foucault, M. (1999). *Los anormales*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1975).
- Freud, S. (1893a). Über ein Symptom, das häufig die Enuresis nocturna der Kinder begleitet, *Neurologisches Zentralblatt*, 21, 736-737.
- Freud, S. (1893b). *Zur Kenntniss der Cerebralen Diplegien des Kindesalters*. Viena: Franz Deuticke.
- Freud, S. (1897). *Die infantile Cerebrallähmung*. Viena: Alfred Hölder.
- Freud, S. (1994a). Cartas a Wilhelm Fliess. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950 [1887-1904]).
- Freud, S. (1994b). Proyecto de psicología. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1, pp. 362-364). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950 [1895]).
- Freud, S. (1999a). Histeria. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1, pp. 41-45). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1888).
- Freud, S. (1999b). La etiología de la histeria. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 3, pp. 185-218). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1999c). La herencia y la etiología de las neurosis. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 3, pp. 139-156). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1999d). Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 3, pp. 157-184). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. e Rie, O. (1891). *Klinische Studie über die halbseitige Cerebrallähmung der Kinder*. Viena: Moritz Perles.
- Vallejo, M. (2012). *La seducción freudiana (1895-1897): Un ensayo de genética textual*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Vallejo, M. (2013). *Familiarización neurológica versus familiarización psicoanalítica: Una aproximación al problema de lo familiar em Sigmund Freud, neurólogo infantil del Erstes öffentliches Kinder-Kranken-Institut in Wien (1886-1896)*. Em L. Lutereau e A. Kripper (comp.), *Deseo, poder y diferencia: Foucault y el psicoanálisis* (pp. 31-49). Buenos Aires: Letra Viva.

» Lyotard e Freud: Criança e infância como “afeto”

A figura teórica da infância é particularmente forte na última obra de Jean-François Lyotard: *Leituras de infância*, publicada em 1991. No entanto, esta figura já estava presente no irônico título *O pós-moderno explicado para crianças: Correspondência 1982-1985* (Lyotard, 1986/1992). Nesta obra, os ensaios são endereçados como cartas aos filhos de vários interlocutores da filosofia de Lyotard sobre o “pós-moderno”, inclusive seu próprio filho e seus netos. De acordo com minha leitura, parece não ser acidental o fato de o título da quarta edição ter sido alterado para apenas *O pós-moderno explicado [The postmodern explained]*; alguém que não conheça Lyotard e esteja à procura de um “pós-moderno para leigos”¹, como a referência a crianças *poderia* sugerir, ficará extremamente decepcionado, para não dizer confuso. Incluo aqui este ponto porque é importante enfatizar a diferença entre a noção empírica-biológica da infância e aquela percebida por Lyotard. Enquanto a

primeira visão entende a infância como o tempo não sofisticado e “imaturado” anterior à maturidade e à “completude” do adulto, Lyotard vê a infância como “o sentido transcendental de um antes radical” (Bennington, 2007, p. 200). Este “antes” apresenta, claro, a marca da frase-afeto² de Freud, mas Lyotard explica esta noção com seus próprios termos, distante da descrição clínica de infância (e sexualidade) de Freud. Lyotard (1989/1993) propõe na seguinte passagem esta definição da noção de infância como um “antes” radicalizado:

Por *infância*, não me refiro, como proposto pelos racionalistas, a uma idade privada de razão. Refiro-me à condição de uma pessoa ser afetada em um período em que ela não tem os meios – linguísticos e representacionais – para nomear, identificar, reproduzir e reconhecer o que a está afetando. Por *infância*, refiro-me ao fato de que nascemos antes de nascermos para nós mesmos. Por-

tanto, nascemos de outros, mas também para outros, entregues indefesos às mãos de outros. (p. 149)

A infância, neste sentido, é um “estado”; um estado de nascer em um ambiente, cultura e modo de vida que é constitutivamente desconhecido e irreconhecível para a criança “não formada”, nem informada – já que ela chegou “tarde demais”. Criança, continua Lyotard, implica um estado de *infância* do qual e pelo qual, necessariamente se fala a partir da linguagem e das ações de outros “antes” do domínio da articulação e do conhecimento serem adquiridos por conta própria, via entrada na idade adulta. Aqui a criança “nasce mais tarde, com linguagem, precisamente ao deixar a infância” (Lyotard, citado em Smeyers e Masschelein, 2000, p. 151). Em um *insight* – e provocação – à ideia de Kant sobre a aquisição de conhecimento e sua relação com maturidade, Lyotard (1989/1993) faz referência a *Resposta à pergunta: “O que é o Iluminismo?”*. Segundo Lyotard, Kant define o iluminismo como a vinda à tona da humanidade de sua auto-imposta imaturidade. E, citando Kant, continua: “Se a infância persiste após a infância, é por preguiça e covardia [...] é tão fácil ser imaturo” (p. 151)³. A jogada estratégica de Lyotard ao endereçar suas cartas a crianças em *O pós-moderno explicado para crianças* (1986/1992), no entanto, difere dessa noção de infância como, de certa forma, inferior à idade adulta e, ao contrário, aponta para uma visão da infância como sendo o espaço privilegiado de despreparo, suscetibilidade e abertura “antes” do (I)luminismo. Para chegar a este ponto, no entanto, Lyotard elabora, em *O inumano* (1991a), a respeito das qualidades da infância que podem permanecer na idade adulta. Ele pergunta:

Que poderemos chamar de humano no homem? A miséria inicial da sua infância ou a sua capacidade de adquirir uma “segunda” natureza

que, graças à língua, o torna apto a partilhar da vida comum, da consciência e da razão adultas? Num ponto estamos todos de acordo: esta última assenta e suporta a primeira. A questão é apenas saber se esta dialética, seja qual for o nome com que a enfeitemos, não deixa vestígios. (p. 3)⁴

Aqui, a criança é vista como necessitando ser *salva* de seu *status* de imaturidade e falta de desenvolvimento, ser iniciada na vida do adulto que é dotado de linguagem, de conhecimento e de certeza. Entretanto, Lyotard questiona se algum traço da infância não perdura na vida adulta: “Ao nascermos criança, nossa tarefa seria de obter posse completa de nós mesmos”, uma posse que ocorre apenas no terreno da vida adulta (Lyotard, 1989/1993, p. 148). Sua preocupação, no entanto, é saber se essa maturação adulta final e total pode ser realmente vista como completa. Não poderia haver traços de infância deixados para “trás” na vida adulta? Lyotard lida com esta questão ao investigar e destrinchar o “antes” que sinaliza a infância (ou, em termos lyotardianos, que é o *signal* da infância) como o espaço *antes* do pensamento ser consciente; antes da experiência ser revisitada como tal; antes da vida adulta substituir a inocência. Lyotard critica a noção de que o desenvolvimento adulto com aquisição de conhecimento e sofisticação requer certo nível de “esquecimento” e ignorância de uma potencial abertura e suscetibilidade da infância. Tal esquecimento da infância, Lyotard continua criticando, é enquadrado em um discurso de *libertação* de um estado de incompletude e incerteza para se alcançar um estado mais estável de domínio e controle. É isto, avisa Lyotard, é o que a doutrina ocidental do Humanismo e seu correlativo princípio iluminista de emancipação parecem sinalizar; como demonstram os comentários de Kant sobre infância como “imaturidade”. Aqui,

*Professora titular na School of Critical Studies in Education at the University of Auckland.

1. A onipresente série norte-americana *para leigos* surgiu para explicar a Microsoft, mas se expandiu para qualquer área da existência humana, como *Cozinha básica para leigos*, *Jardinagem básica para leigos*, *Dança*, etc. Seus livros têm a intenção de oferecer instruções simplificadas e claras sobre como “fazer” algo. De acordo com a Wikipédia, a série contém cerca de 1700 títulos; parece que precisamos de instruções para muitas coisas (ou talvez haja muitos leigos por aí).

2. É importante notar que o termo *frase-afeto* é uma apropriação de Lyotard do pensamento de Freud e, como explicado neste artigo, é uma das várias iterações que Lyotard emprega para falar da dimensão inarticulada, escorregadia e não capturável do *ser*. Também é importante notar que Lyotard apela a um conjunto de diferentes formas de se falar desse “antes” radical do afeto; na obra em questão, ele utiliza a figura da criança e, especificamente, da “infância”. Há muitas referências a crianças e infância neste regime de pensamento. Por exemplo, o título completo da primeira edição do livro de Lyotard *O pós-moderno explicado* (1986/1992), continha um explicativo adicional “para crianças” (*Le postmoderne expliqué aux enfants*). Também é importante a relação que Lyotard propõe entre *infância* e seu pensamento sobre o *inumano*.

3. A severidade da recriminação da infantilidade por parte de Kant (tido como o maior dos moralistas) pode ser vista como em acordo com sua extrema impaciência em relação à música das ruas e os sinos da igreja à sua janela – ele reclamava que estes sons distraíam e interrompiam sua escrita e sua concentração.

4. N. do T.: Tradução de A. C. Seabra e E. Alexandre. A tradução desta citação corresponde à p. 11 de: Lyotard, J.-F. (1997) *O inumano: Considerações sobre o tempo* (A. C. Seabra e E. Alexandre, trad.). Lisboa: Estampa. (Trabalho original publicado em 1988).

a emancipação consiste em estabelecer-se na posse completa de conhecimento, vontade e sentimento; em obter a regra do conhecimento, a regra da vontade e a regra do controle emocional. Os emancipados são pessoas ou coisas que não devem nada a ninguém além de si mesmos: livres de quaisquer débitos para com o outro. (p. 150)⁵

A infância desafia, no entanto, as certezas e suposições envolvidas na ideia de libertação, e é aqui que Lyotard insiste no reconhecimento da ilusão de certeza oferecida pelo discurso da emancipação. O exemplo clássico da regra humanística de emancipação é, obviamente, a educação. Em relação a Freud, as noções de Lyotard de criança e infância pertencem ao terreno do inarticulado e inapresentável como um “estado de carência” (p. 152), e é desta “carência” que a emancipação pretende escapar: “o sonho de ter lidado com a minha carência, com aquilo de que eu careço, com o que me fez carecer, o que me fez ter carência” (p. 152.). Em educação, é esta carência que guia a necessidade de crianças serem iniciadas no mundo adulto do conhecimento como uma condição imprescindível de sua infância:

Que devemos educar as crianças – relembra Lyotard (1991a) – é uma circunstância resultante apenas do facto de elas não serem todas pura e simplesmente conduzidas pela natureza, de não estarem programadas. As instituições que constituem a cultura preenchem esta falta natural. (p. 3)⁶

Infância é também, no entanto, a falta que oferece a narrativa da história seu ímpeto em direção a uma futura “emancipação” e completude que está sempre no futuro e que nunca pode ser atingida. Não é, no entanto, o propósito deste artigo explorar essa avenida. Mas o que eu quero colher desta análise da criança é a apresentação da infância como uma existência em falta: de articulação, conhecimento e maturação.

Lyotard usa estas qualidades para descrever a *figura* de infância que habita nossas explorações “adultas” (e, como veremos, o pensamento e a arte).

Finalmente, voltando ao Freud de Lyotard, a *frase-afeto* como o evento absoluto do “primeiro golpe” de *Nachträglichkeit* se torna o momento da infância que excede rótulos biológicos de maturação para atingir o estado geral de “incapacidade”. O primeiro golpe ou choque precede significação (ele simplesmente acontece) e, como tal, é o momento de “pré-maturação” (Lyotard, 1988/1990, p. 17) no aparato psíquico: a “infância” da frase como um afeto “antes” que articulação e significado possam ser atribuídos. Segundo Tomiche (1991), isto é “uma hipótese [retirada de Freud] baseada na noção de pré-maturação do aparato psíquico e elaborada em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e *Sobre o narcisismo: Uma introdução*” (p. 59). Esta é, para Lyotard, a infância da frase-afeto, uma infância “que não seria um período do ciclo da vida, mas uma incapacidade de representar e ligar alguma coisa” (Lyotard, 1988/1990, p. 17); uma infância que é inerente ao pensamento como aquilo que excede o pensamento como um evento. “Isto – defende Lyotard (1988/1990) – é a não-firmeza constitutiva da alma, sua infância e sua miséria” (p. 17). Ademais, infância como afeto é “impossível” de ser detectada, mas isto não previne a necessidade de *tentar* achá-la, *tentar* lembrá-la, *tentar* “testemunhá-la”. Primeira infância e infância como traços de uma indeterminação, para Lyotard, apresentam-nos um débito que nunca pode ser finalizado ou resolvido. Lyotard (1997/1999) enfatiza que é possível, no entanto, “insistir em uma atitude de pensamento e vida que tenta dar ouvidos à coisa, apesar de ela ser inaudível, já que o ouvido não está em condições de ouvi-la por, de certa forma, não haver nada a ser ouvido” (p. 4).

REFERÊNCIAS

- Bennington, G. (2000). The same, even, itself... *Parallax*, 6(4), 88-98.
- Bennington, G. (2007). Childish things. Em C. Nouvet, Z. Stahuljak e K. Still (ed.), *Minima memoria: In the wake of Jean-François Lyotard* (pp. 197-218). California: Stanford University Press.
- Lyotard, J.-F. (1990). *Heidegger and "the jews"* (A. Michel e M. S. Roberts, trad.). Minneapolis: University of Minnesota Press. (Trabalho original publicado em 1988).
- Lyotard, J.-F. (1991a). Introduction: About the human. Em G. Bennington e R. Bowlby (trad.), *The inhuman: Reflections on time* (pp. 1-7). Stanford: Stanford University Press.
- Lyotard, J.-F. (1991b). *Lectures d'enfance*. Paris: Galiléé.
- Lyotard, J.-F. (1992). *The postmodern explained to children: Correspondence 1982-1985*. Sydney: Power Publications. (Trabalho original publicado em 1986).
- Lyotard, J.-F. (1993). The grip (*Mainmise*). Em B. Readings e K. P. Geiman (trad.), *Political writings: Jean-François Lyotard* (pp. 148-158). Minneapolis: University of Minnesota Press. (Trabalho original publicado em 1989).
- Lyotard, J.-F. (1998). A few words to sing. Em A. Krims (ed.), *Music/Ideology: Resisting the aesthetic* (pp. 15-36). Amsterdam: G+B Arts International.
- Lyotard, J.-F. (1999). Freud, energy and chance: A conversation with Jean-François Lyotard. *Teknema: Journal of Philosophy and Technology*, 5, 15. Disponível em: <http://teknema.free.fr/5Beardsworth.html> (Trabalho original publicado em 1997).
- Lyotard, J.-F. (2002). Emma: Between philosophy and psychoanalysis. Em H. J. Silverman (ed.), *Lyotard: Philosophy, politics, and the sublime* (vol. 8, pp. 23-48). Nova Iorque: Routledge. (Trabalho original publicado em 1989).
- Nouvet, C. (2007). The inarticulate affect: Lyotard and psychoanalytic testimony. Em C. Nouvet, Z. Stahuljak e K. Still (ed.), *Minima memoria: Essays in the wake of Jean-François Lyotard* (pp. 106-122). Stanford: Stanford University Press. (Trabalho original publicado em 2003).
- Smeyers, P. e Masschelein, J. (2000). L'enfance, education, and the politics of meaning. Em P. A. Dhillon e P. Standish (ed.), *Lyotard: Just education* (pp. 140-156). Londres: Routledge.
- Tomiche, A. (1991). Lyotard's Freud. *L'Esprit Créateur*, 31(1), 48-61.
- Tomiche, A. (1994). Review: Rephrasing the Freudian unconscious: Lyotard's affect-phrase. *Diacritics*, 24(1), 42-62.

5. N. do T.: Esta e as citações a seguir são de tradução livre a não ser que se especifique o contrário.

6. N. do T.: Tradução de A. C. Seabra e E. Alexandre. A tradução desta citação corresponde à p. 11 de: Lyotard, J.-F. (1997) *O inumano: Considerações sobre o tempo* (A. C. Seabra e E. Alexandre, trad.). Lisboa: Estampa. (Trabalho original publicado em 1988).

» A política de desenvolvimento infantil precoce no Peru e o impacto da Covid-19**

Durante os últimos 20 anos, o Peru desenvolveu uma política integral de desenvolvimento infantil precoce (DIT, por sua sigla em espanhol – desarrollo infantil temprano) e se posicionou como referência internacional no assunto. A política de DIT do Peru se baseia em três pilares fundamentais: 1. o alinhamento do orçamento com atividades; 2. a priorização de serviços preventivos; 3. a complementaridade de programas sociais focalizados. Um trabalho intersectorial e intergovernamental ao redor desses pilares obteve avanços importantes no DIT, sendo que o mais relevante deles foi a redução da desnutrição crônica infantil de 28% em 2005 para 12,2% em 2019: um dos maiores graus de redução em nível global (Instituto Nacional de Estatística e Informática, 2020). No entanto, frente ao novo cenário da pandemia da Covid-19, esses avanços devem enfrentar alguns desafios: a anemia infantil ainda afeta 40,1% de meninas e meninos entre 6 e 35 meses de idade. A pandemia também levou à interrupção temporária de serviços, o que acentuou a urgência de reforçar ações para continuar com o suporte às famílias e suas crianças pequenas.

A política de DIT no Peru

O Peru decidiu redobrar esforços em sua política de DIT ao redor de 2007, depois de analisar a evidência que sustentava a necessidade de investir no assunto. Para começar, o DIT é um processo que contempla desde a gestação até os cinco anos de vida, um período crítico para o ser humano. Cerca de 85% do cérebro se desenvolve nessa etapa, e 50% das capacidades cognitivas são determinadas pelo que acontece ao redor das crianças (Banco Mundial, 2014). Os tomadores de decisão do Peru também notaram como as experiências em idade precoce têm um impacto duradouro na formação de capital humano do país, e como a falta de investimento nessa etapa reduzirá as oportunidades das pessoas para superar armadilhas da pobreza e ser mais produtivos no futuro.

Com base nessa informação, alinharam-se as seguintes ações para que se garantisse um enfoque adequado ao DIT:

a. Alinhamento do orçamento com atividades

O Ministério de Economia e Finanças (MEF) desempenhou um papel fundamental ao alinhar o orçamento com metas específicas ligadas ao planejamento local para a obtenção de resultados. A adoção do modelo de Orçamento por Resultados (PpR, na sigla em castelhano) em 2007 possibilitou a vinculação explícita entre os objetivos e as ferramentas de política com o orçamento. Dessa maneira, o MEF liderou a concepção e a implementação de programas multissetoriais baseados em resultados, entre eles o Programa Articulado Nutricional. Através desse programa, foram canalizados recursos destinados a eliminar brechas em serviços preventivos chave para a desnutrição crônica infantil (DCI): imunização, controles de crescimento e desenvolvimento (CRED) e assessoramentos (sessões demonstrativas). Em termos de planejamento, o PpR foi alinhado a estratégias de melhoria de cobertura de serviços em nível territorial (Estratégia Crescer). Finalmente, foram desenvolvidos mecanismos de incentivos entre o nível central e os níveis subnacionais para promover a priorização de atividades vinculadas ao DIT. Entre esses mecanismos está o Fundo de Estímulo ao Desempenho, implementado entre o Ministério de Desenvolvimento e Inclusão Social (MIDIS), o MEF e cada uma das regiões do país (Unicef e Diálogo Interamericano, 2021).

b. Priorização de serviços preventivos

Em princípio, o PpR permitiu que as regiões aumentassem seus recursos destinados ao desenvolvimento infantil. Do mesmo modo, o Governo central assinou Convênios de Apoio Orçamentário com as regiões que registravam as taxas mais altas de desnutrição infantil e os maiores déficits na cobertura de serviços. A estratégia utilizada depois foi a universalização de serviços preventivos, a começar pelas regiões com piores indicadores. Por exemplo, apesar de

o Peru contar com um esquema completo de vacinação, foi estabelecida como prioridade a vacinação contra o pneumococo e o rotavírus, já que essas vacinações são vetores importantes para deter episódios de infecções respiratórias e diarreias, que são determinantes chave para a má nutrição (Marini, Rokx e Gallagher, 2017). Esses esforços fizeram com que a porcentagem de crianças menores de 12 meses vacinadas contra o rotavírus e o pneumococo aumentasse mais do que o triplo entre 2009 e 2016, de 25% para 79%, e que a porcentagem de crianças menores de 36 meses com controles preventivos se duplicasse e passasse de 28% para 58% no mesmo período (Instituto Nacional de Estatística e Informática, 2020).

c. Complementaridade de programas sociais

O enfoque de universalização de serviços preventivos foi complementado com uma reforma e escalada de programas sociais focalizados. Em 2011, o Governo criou o MIDIS, instituição reitora do setor de proteção social no país. Com a sua criação, foram transferidos cinco programas sociais para o novo Ministério, incluindo os programas Juntos e Cuna Más (algo como Ninar Mais, em espanhol). Juntos é um programa de transferências monetárias condicionadas que oferece incentivos às famílias mais pobres com a finalidade de que suas crianças sejam atendidas por serviços de saúde, nutrição e educação; conta com uma cobertura de aproximadamente 700 mil domicílios. Cuna Más, por sua vez, tem por objetivo melhorar o desenvolvimento cognitivo, social, físico e emocional de crianças menores de três anos em condição de pobreza, através de duas modalidades de atendimento: centros de cuidados diurnos (creche) e serviço de acompanhamento familiar (visitas ao domicílio de crianças pequenas). No início de 2020, Cuna Más ofereceu serviços a mais de 170 mil famílias, incluindo 55 mil crianças que frequentavam creches, bem como 105 mil crianças

** Unidade de Desenvolvimento Humano do Banco Mundial.

** Este texto reflete a opinião pessoal dos autores e não deve ser interpretado como uma posição do Banco Mundial.

e 10 mil mulheres grávidas que receberam visitas a domicílio em zonas rurais.

Os impactos da Covid-19 no DIT

O trabalho conjunto sobre esses três pilares supôs grandes avanços para o Peru. No entanto, à medida que a pandemia da Covid-19 continua, a primeira infância se encontra em uma posição especialmente vulnerável. Como resposta à pandemia, foram fechadas instituições educativas e creches de Cuna Más. As medidas de distanciamento social também tiveram um impacto no acesso a serviços de saúde e proteção social, ao aumentar o risco de uma nutrição deficiente para crianças, além de aumentar eventos de violência doméstica (Guerrero, 2021).

É possível fazer estimativas desse impacto. Um estudo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef, por suas siglas em inglês) apresenta uma análise do efeito da pandemia sobre indicadores de desenvolvimento infantil para os anos 2020 e 2021, ao empregar como base a queda de renda das famílias. O estudo (Unicef, 2021) estima que a porcentagem de meninas e meninos de 6 a 35 meses com anemia aumentaria de 40,1% em 2019 para 50,8% em 2020. Do mesmo modo, espera-se que a porcentagem de meninas e meninos menores de 36 meses que contam com vacinas básicas completas para sua idade se reduza de 78,6% em 2019 para 70,1% em 2020, o que coloca em perigo – pelo menos temporariamente – os avanços conseguidos pela política de DIT no Peru.

A resposta diante dos desafios e exigências pendentes

A pandemia acentuou a urgência de reforçar ações para atender a primeira infância. Por isso o Governo, principalmente, através do Midis, adaptou a implantação dos seus principais programas sociais durante 2020.

Por um lado, Juntos expandiu sua filiação, ao incorporar 442.618 domicílios adicionais de modo temporário, tendo como

prioridade famílias pobres com crianças menores de 24 meses (Bocanegra Ramírez, 27 de dezembro de 2020). Do mesmo modo, e pela primeira vez desde a sua criação, o programa mudou seus critérios geográficos de focalização e permitiu a incorporação de distritos com níveis de pobreza superiores a 15% (diferentemente dos 40% para a implementação regular). Essa mudança permitiu filiar 136.620 domicílios pobres em áreas urbanas afetadas de forma grave pela pandemia. O programa adaptou também suas condicionalidades habituais de saúde críticas para o desenvolvimento das crianças menores de um ano, incluindo a suplementação de ferro –chave para conter o aumento da anemia¹. Finalmente, acelerou-se a implantação de um serviço de apoio familiar através do Juntos para promover o uso de serviços de saúde preventiva à medida que eles vão sendo retomados.

Do mesmo modo, o Cuna Más somou 76 mil crianças menores de um ano como parte da sua expansão temporária. Depois da suspensão dos serviços presenciais em abril de 2020, o programa rapidamente começou a desenvolver uma modalidade de serviço de atendimento remoto em junho de 2020. Dessa forma, mais de 25 mil atores comunitários voluntários se reorganizaram para fazer o acompanhamento de crianças e famílias através de ligações telefônicas, SMS, WhatsApp, rádios locais e alto-falantes comunitários – em regiões de acesso remoto –, com o objetivo de monitorar a saúde, nutrição e bem-estar das crianças, assim como para fornecer informação sobre a Covid-19. Cuna Más também implementou diversas estratégias de comunicação complementares, como a distribuição de folhetos educativos, podcasts, vídeos e imagens através das redes sociais para promover o desenvolvimento cognitivo e emocional infantil. O desenvolvimento dessa estratégia de adaptação temporária recebeu apoio técnico também do Banco Mundial.

Para concluir, pode-se resgatar uma série de aprendizados da experiência peruana para o desenvolvimento infantil e sobre

como lidou com a pandemia. Em primeiro lugar, a provisão de serviços integrados para o DIT requer o envolvimento de múltiplos atores em todos os níveis – do nacional ao local – e a participação de diversos setores. Uma forma de conseguir isso é através do alinhamento de planos, orçamentos e resultados. Para isso é importante: 1. contar com um processo orçamentário orientado à obtenção de resultados, com foco na criança e no entorno direto das famílias; 2. basear as decisões na melhor evidência disponível, bem como nos processos de planejamento local (Unicef e Diálogo Interamericano, 2021). 3. os programas sociais, também, podem complementar os esforços para a eliminação de brechas de serviços preventivos, ao promover um aumento da demanda do seu uso na população mais pobre. 4. finalmente, os programas devem incluir mecanismos flexíveis que permitam sua expansão e adaptação rápidas em caso de um choque externo nos domicílios, como vem sendo a atual pandemia.

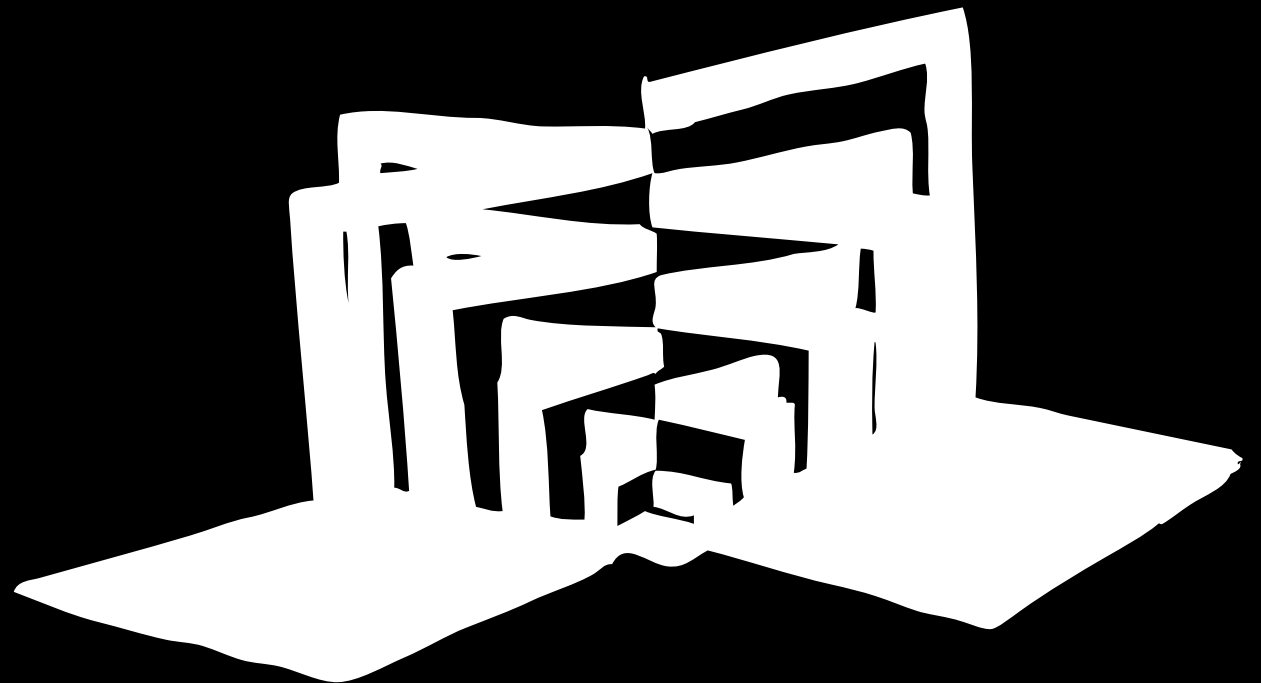
REFERÊNCIAS

- Banco Mundial (2014). Jamaica: ¿Es posible que los niños desfavorecidos alcancen alguna vez a sus pares más privilegiados? *World Bank*. Disponível em: <http://documents1.worldbank.org/curated/en/362921467995665663/pdf/77086-SPANISH-Box393202B-PUBLIC-28-SP-E2P-Jamaica-Read.pdf>
- Bocanegra Ramírez, C. (27 de dezembro de 2020). Juntos afilió a 442,618 nuevos hogares en 1,594 distritos de todo el país. *Plataforma digital única del Estado Peruano*. Disponível em: <https://www.gob.pe/qu/institucion/munijepelacio/noticias/322208-juntos-afilio-a-442-618-nuevos-hogares-en-1-594-distritos-de-todo-el-pais>
- Decreto Supremo 010-2020-MIDIS, que aprueba los Lineamientos para la implementación de las intervenciones temporales del Ministerio de Desarrollo e Inclusión Social para el año 2020 frente a la pandemia COVID-19, en el marco de lo dispuesto en el Decreto de Urgencia N° 095-2020. 20 de agosto de 2020. Peru. Disponível em: <https://www.gob.pe/institucion/midis/normas-legales/1108718-010-2020-midis>
- Guerrero, G. (2021). Midiendo el impacto de la COVID-19 en los niños y niñas menores de seis años en América Latina: Mapeo de encuestas en curso y sistematización de lecciones aprendidas. *Diálogo Americano*. Disponível em: <https://www.thedialogue.org/wp-content/uploads/2021/01/Midiendo-el-impacto-de-la-Covid-19-en-los-ninos-y-ninas-menores-de-seis-anos-en-America-Latina-2.pdf>
- Instituto Nacional de Estadística e Informática (2020). Encuesta demográfica y de salud familiar. *Instituto Nacional de Estadística e Informática*. Disponível em: https://www.inei.gob.pe/media/MenuRecursivo/publicaciones_digitales/Est/Endes2019/
- Marini, A., Rokx, C. e Gallagher, P. (2017). Standing tall: Peru's success in overcoming its stunting crisis. *World Bank*. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/28321/117053-OUO-FINAL-Peru-book-FA-SINGLE-PAGES-with-cover.pdf?sequence=5&isAllowed=y>
- Unicef (2021). COVID-19: Impacto de la caída de los ingresos de los hogares en indicadores de salud y educación de las niñas, niños y adolescentes en el Perú: Estimaciones 2020-2021. *Unicef*. Disponível em: <https://www.unicef.org/peru/media/9656/file/Policy%20Brief.pdf>
- Unicef e Diálogo Interamericano (coord.) (2021). Presupuesto por resultados para el desarrollo infantil temprano: El caso de Perú. *Unicef*. Disponível em: <https://www.unicef.org/lac/media/20636/file/Presupuesto-por-resultados-para-el-desarrollo-infantil-temprano-El-caso-de-Peru.pdf>

1. Priorizam-se as vacinas de pneumococo e rotavírus, e a suplementação de ferro necessária para prevenir a anemia, o que é determinado por meio do Decreto Supremo 010-2020-Midis (20 de agosto de 2020).

Textual

pp. 230-247





Calibán -
RLP, 19(1-2),
230-238
2021

Christian Boltanski: Letra e música



Encontrei-me com Christian Boltanski há pouco mais de dois anos em seu escritório de Malakoff, nos subúrbios de Paris. Os dois esgotados – ele acabava de chegar de Berlim e estava com um resfriado terrível, e eu acabava de ter um encontro intenso com sua vizinha, a também artista Sophie Calle – conversamos por pouco mais de meia hora. Prometemos um ao outro um novo encontro em breve, mas – com a pandemia – acabei por escrever-lhe de novo somente há poucas semanas. Concordamos em falar por telefone e, além disso, nesse ínterim, ele me enviaria as imagens que havia prometido para *Calibán*. Como as imagens prometidas não chegavam e ele não respondia aos meus e-mails, escrevi para ele novamente no dia 13 de julho. Em 14 de julho, lia no jornal que Christian Boltanski acabara de morrer.

Nunca sabemos quando um encontro será o último encontro. Quando escuto nosso diálogo – atravessado pela morte como um tema crucial da sua vida e obra – a sua voz assume uma potência inédita. A voz de um estrangeiro, tão alheio e ao mesmo tempo tão próximo em suas investigações ao discurso da psicanálise.

Este número de *Calibán* inclui as imagens que Christian Boltanski havia nos prometido, que nos chegam do além graças à gentileza de seu galerista. E a forma como as incluímos não é tanto como uma ilustração de outros textos, mas como textos em si, verdadeiras intervenções, intromissões na nossa conversa. Se suas imagens equivalem aos nossos textos, e são a verdadeira letra do artista, talvez esse diálogo fragmentário possa funcionar como sua música.

Mariano Horenstein

Acho que a psicanálise é algo muito interessante, mas penso que quando você é um artista não precisa dela porque, de certa forma, a análise você faz por sua conta. De uma forma bastante ingênua e exploratória, mas você faz. Descobri que se você tem um problema, você pode falar a respeito e, neste caso, já não é mais sobre o seu próprio problema, mas torna-se um problema para os outros porque você torna-os conscientes de algo... É mais pessoal e mais coletivo. O que quero dizer é que fazer arte é falar sobre sua própria história, mas como se... Deve ser a história de todos. Se podemos ler Proust, é porque todos nós sentimos ciúmes. Acho que o mesmo vale para a arte. A peça é um êxito, para mim, se todos quiserem dizer “sou eu”, “é a minha história”, “eu sei que é a minha história”. A arte não é de ninguém. É o espelho dos outros. Não tem rosto. É o espelho de todos. A questão é reconstruir a própria história enquanto se olha para o artista, para a arte. O que você faz é enviar certa classe de estímulo... e, logo, cada um deve reconstruí-lo.

Assim que, de certa forma, seu processo artístico substitui qualquer tipo de processo psicanalítico. Você mesmo realiza sua própria psicanálise.

Quero dizer... Para mim, é o trabalho que o faz.

Existe alguma imagem que seja central no seu trabalho? Desde o início até a atualidade.

Acredito que no início da vida de todo artista existe um trauma. E ao longo da vida tentamos trabalhar com esse trauma, falar sobre ele.

A Shoah...

A Shoah, sim. Eu nasci em 44, mas vivi a Shoah indiretamente. Sim, esse é o meu trauma. Para Louise Bourgeois, o trauma era a relação com seu pai. Para mim é algo mais histórico... Quando eu era muito jovem, ouvi muitos sobreviventes da Shoah que falavam. Não para mim, mas para a minha família. Eles tinham acabado de chegar da Shoah e nós os convidávamos, e eles conversavam sobre isso com meu pai... Meu pai esteve três anos escondido sob o chão da minha casa. Toda essa história foi um padrão para mim... eu era uma criança pequena, quase um bebê.

Estou seguro de que isso é muito importante, mas, por outro lado, me parece que um artista deve ser, como eu te disse, universal. Por exemplo, no Japão eles nunca ouviram falar da Shoah, mas lá eles amam meu trabalho porque não estou falando apenas da Shoah. Falo do fato de morrer.

Você sabe que Adorno escreveu sobre o que significa escrever poesia depois de Auschwitz. E o que acontece com a arte depois de Auschwitz?

A arte teve que sobreviver depois de Auschwitz. Quero dizer, qualquer um pode assassinar a seu vizinho...

Essa é uma lição que aprendemos depois do Holocausto.

Mas, ao mesmo tempo, qualquer um podia *salvar* seu vizinho. A Shoah é muito especial, mas tem algo... Milan Kundera escreveu uma espécie de brincadeira em um livro: "Os velhos mortos devem dar lugar aos novos mortos". É um cemitério, e o jardineiro do cemitério estava dizendo onde colocar... Bem, porque você tinha que ter espaço suficiente para os novos mortos.

Nós também estamos na era da Shoah. Não exatamente a Shoah, mas, você sabe, Ruanda, Cambodja... Todo o mundo trata de matar os seus... e, ao mesmo tempo... Amo as pessoas, mas não importa o que esteja fazendo, podem me matar. E eu também posso matar. Acredito que o horrível sobre a Shoah não foi somente a matança dos judeus, mas o fato de não permitir uma identidade àqueles que matas. Se eu te matar agora... Você chegou tarde, discutimos e, bem, eu te mato, ok, mas a coisa horrível sobre a Shoah foi a destruição da identidade: sem nomes, sem rostos, sem túmulos. E eu acho que a crueldade ali está em deixar de lado a identidade das pessoas; não o assassinato, mas suprimir a identidade, negar a identidade a cada uma dessas pessoas. Para mim, cada uma delas é tão importante. Frágil e importante. Acho que é por isso que fiz tantos livros com nomes, listas de nomes ou muitas fotografias, porque acho que é triste que, cada um sendo único e todos diferentes, com o drama da Shoah se tenha decidido privá-los de identidade. Como te disse, acho que o meu trauma, na minha vida, foi a Shoah. No entanto, não gosto de falar sobre isso. Fiz, por exemplo, muitas peças com suíços mortos: fotografias de suíços mortos. E escolhi os suíços porque eles não tinham razão para morrer, nenhuma razão histórica para morrer.

Eram neutros.

Eram neutros e são ricos e limpos... um psicanalista poderia dizer que os suíços são judeus, mas eu nunca quis trabalhar com judeus mortos. Nunca uso uma fotografia da Shoah em meu trabalho pois é impossível para mim.

De certa forma, o seu trabalho fala sobre isso, mas sem mostrar nenhuma fotografia.

E não é só sobre isso. Por exemplo, trabalho muito com a ideia de acaso. Por que eu sobrevivi? Por que meu amigo teve que morrer? E todos os sobreviventes da Shoah se perguntam a mesma coisa. É uma questão de acaso, isso é muito importante para mim, porque devemos escolher entre o acaso ou o destino. Talvez você morra esta noite, e talvez seja porque você veio para Paris. E, se você é religioso, pode imaginar que é questão de destino, mas se, como eu, não for, será puro acaso. Falar sobre o acaso é muito importante para um sobrevivente. Quer dizer, trabalho muito com a ideia do dedo de Deus: por que essa pessoa morre? Por que ele sobrevive? Vou te contar uma anedota, mas é uma história verdadeira. Há muito, muito tempo, eu estava muito deprimido e um amigo meu me disse: "Você deve consultar um psicanalista".

Disseram para você fazer isso...

Você conhece a história?

Não, não. Por favor, me conte.

Enfim, fui ver o psicanalista e vejo que na sala de espera tinha um quadro horrível, péssimo. Cheguei e contei o que fazia da vida, que era um pintor. Ele escreveu "sou pintor". Comecei a contar a ele sobre meu trabalho, mas a contar para alguém que nunca tinha visto uma obra de arte contemporânea. Disse a ele que tinha muitos suíços mortos em casa, as fotografias dos suíços mortos, mais de 5.000 ou 6.000. Disse a ele que adorava colocá-las na parede e observá-las. E ele me perguntou: "Você gosta apenas de suíços mortos? Não aqueles que estão vivos?" Eu gosto deles também, mas especialmente dos suíços mortos. Depois disso, disse a ele que tinha muitas roupas, principalmente vestidos de mulher, e que adorava colocá-los no chão e caminhar sobre eles. E, depois de duas sessões, eu desapareci. Tinha certeza de que ele lamentou muito, porque pensou que poderia escrever um artigo sobre esse homem, esse louco que amava os suíços mortos. Quer dizer, o que estamos fazendo...

Não funcionou para você...

Se você não conhece a arte contemporânea, pode se tornar algo muito louco.

E esses dois encontros foram sua única experiência?

Sim, mas acho que foi o que chamamos de defesa... Fiz isso para me esconder de alguma maneira.

Mas você tem seu próprio método para curar a si mesmo, para curar inclusive sua depressão, talvez: o trabalho.

Sim, essa imagem cinza [indica-me uma] tem muito a ver com psicanálise... Porque esta em cinza, a imagem está oculta. E você pode escolher se quer ou não ver a verdade. É sua decisão.

A verdade nunca é clara...

A peça é simplesmente cinza. E é possível mantê-la cinza, mas, se quiser, você pode chegar a ver a realidade. E para mim a realidade era horrível, mas inclusive você pode escolher entre saber ou não saber.

E qual é a sua decisão?

É fazer isso, e sim... [silêncio]. É escolher, é também o escolher, pois conheço a imagem abaixo do cinza.
Tenho muitos amigos psicanalistas.

E você conversa com eles sobre o seu trabalho?

Com alguns, mas nunca de uma maneira psicanalítica. Acredito no que te disse: a psicanálise é muito importante, não sou contra de forma alguma, mas acho que tem muitas explicações para uma obra de arte. Cada um tem que encontrar sua própria explicação. A psicanálise é um caminho, mas não é o único.

Sim, eu sei.

E às vezes, se você o enxergar dessa maneira, torna-se muito simples. Você pode ver... Tenho um irmão que é sociólogo, e algumas vezes ele fala comigo a partir da perspectiva dele dos mercados, da burguesia... E sim, é verdade, mas...

É apenas um ponto de vista...

Percebo algo muito interessante no seu trabalho, algo que está intimamente ligado à psicanálise, e é que a memória é, de certo modo, uma invenção.

Sim, quero dizer... acho que arte já não é memória, porque há algo na arte... Arte é artifício. E eu sou um mentiroso.

Um mentiroso profissional.

Sim, porque não se trata de dizer a verdade, mas de que as pessoas possam descobrir a verdade, ou senti-la.

Mas você sabe que, muitas vezes, quando quer mentir, termina dizendo a verdade e, ao mesmo tempo, quando tenta dizer a verdade, termina mentindo.

A verdade e a mentira são tão conflitantes... Quando faço uma peça com suíços mortos, com fotografias de suíços mortos, sempre incluo alguma de um suíço que está vivo. E quando me pergunto o porquê, penso que não há verdade ali, porque há alguém que está vivo. Mas se você esperar alguns anos...

Será verdade! [Risos] O humor é muito importante para você... Porque você trabalha com tragédias, mas tem senso de humor.

Meu trabalho é muito triste, mas eu sou uma pessoa alegre. O trabalho é tão triste que me faz querer ser feliz. A vida é tão terrível que... Esses são bebês poloneses [aponta algumas imagens em seu atelier]. Tenho 5.000 bebês poloneses, é uma história bastante engraçada. Há um jornal muito grande em Varsóvia chamado

Gazeta que não estava vendendo muitos exemplares, decidiram, então, introduzir fotografias dos bebês que nasciam a cada semana, e assim muitos pais compravam dois ou três jornais. Estavam muito orgulhosos de ter seus bebês no jornal, então mais e mais exemplares foram vendidos, e é por isso que tenho 5.000, 6.000 bebês poloneses... Todos feios. Odeio bebês, não gosto. Eles parecem mortos.

Você está preparando este trabalho para mostrá-lo? Para exibi-lo onde?

Não, não, não. Não faço nada. Tenho um *show* no Japão e depois disso no Centro Pompidou, mas trabalho diretamente no lugar.

Mas este é o seu laboratório. É aqui onde você pensa.

Sim, mas trabalho principalmente nos lugares. O que estou fazendo agora é algo muito grande, mas, ao mesmo tempo, destruo tudo depois. Agora não produzo peças que você poderia ter em um apartamento, mas sim como uma espécie de partitura musical: eu faço algo, é destruído e aí você pode fazê-lo outra vez.

Uma e outra e outra vez, aqui e lá.

Mas não há...

Objetos físicos.

Não há mais objetos. Isto é sobre conhecimento. Existem duas maneiras de transmitir algo. Uma é por meio dos objetos e a outra por meio do conhecimento. Para os judeus, não é o objeto que importa, mas o conhecimento. Também para o xintoísmo, o que é importante é o conhecimento, embora esse seja muito importante enquanto objeto.

E o que você acha dos objetos de arte?

São apenas uma relíquia. De fato, a maioria das cidades europeias começaram com pequenos ossos de homens primitivos. E, depois disso, as pessoas vão rezar, criam catedrais, e assim sucessivamente... Agora, se você quiser criar uma cidade...

Deve construir um museu em vez de uma catedral...

Um grande museu, onde as pessoas vão rezar, e então as cidades se tornam ricas...

Então, as peças de arte são relíquias contemporâneas ...

Exato. E, para mim... Bem, não para mim, porque eu destruo tudo, mas os objetos, a mitologia, as lendas, estão aqui para ficar.

A mitologia permanece.

Muito mais que os objetos.

Apenas as palavras, não o objeto em si.

Há dois anos criei uma peça na Argentina. Fui à Patagônia e fiz uns grandes chifres

para poder falar com as baleias. E enquanto o vento soprava, eu trabalhava com a acústica... O som era como o das baleias, porque elas são, para os índios, os animais que estavam ali desde o início dos tempos. E fiz uma pergunta às baleias: Por que estamos aqui?

E aí você trabalhou com os sons.

Trabalhei com som. Eu ia ao interior e uuuuuh... É exatamente igual ao som das baleias. E é verdade que há tanto vento que daqui a um ou dois anos tudo estará destruído, mas talvez na memória das pessoas... Eu viria a ser aquele homem estranho que chegou e tentou falar com as baleias. Creio que há uma lenda, uma mitologia é muito mais forte que um objeto. Pense, por exemplo... você está em um filme [aponta para uma câmera nos observando] e alguém tenta olhar você na Tasmânia, no sul da Austrália: minha vida é totalmente filmada. Não há como escapar.

E o que fazemos com os filmes?

Há alguém na Tasmânia que comprou minha vida.

Que comprou sua vida... Então, agora eu mesmo sou parte do seu trabalho...

Exatamente. Se você for lá, poderá me ver. [O telefone toca e eu aproveito a oportunidade para olhar para uma câmera de vigilância de 360 graus instalada no teto do atelier, que provavelmente nos filma enquanto conversamos]. Você pode ver se for à Tasmânia, há milhares e milhares de...

E sua vida ... Ah! É filmada 24 horas por dia? Existe um arquivo de toda a sua vida?

Sim.

E a quem pertence? O dono é um colecionador?

É um homem estranho. Está convencido de que vou morrer muito em breve, de que praticamente não há mais nada para terminar. Quando termine, vou morrer.

E este fato interfere na sua vida? Ou você vive como se não fosse filmado?

Eu digo "olá" ao entrar no atelier. [risos] E o engraçado é que você não pode... Se você olhar alguém, você não pode olhar para sua própria vida ao mesmo tempo. E essa pessoa que está olhando para mim é alguém que escolhe olhar para mim o tempo todo.

Quer dizer, então, que não tem vida própria?

Este homem que comprou minha vida é muito rico, não quer olhar para mim o tempo todo. "Não tenho tempo", disse, então paga a alguém para me olhar, e o trabalho dessa pessoa é me olhar.

Mas pode alguém ser o dono da vida de outro? Você acredita nisso?

O que ele me disse é que o que fez foi comprar minha memória porque eu esqueço. Vou me esquecer quando você esteve aqui, mas ele saberá exatamente quando foi.

Uma memória viva.

Sim. Sim. Minha memória, ele tem minha memória.

Parece ficção científica.

O curioso é que esse homem era muito rico, tinha uma espécie de fundação na Tasmânia. Tasmânia é um lugar muito solitário, você sabia? Não há ninguém lá. É muito longe porque fica entre a Austrália e o polo Sul. Esse homem criou uma fundação lá, mas era alguém muito pobre que ganhou todo o seu dinheiro jogando no cassino e em outros lugares. É um homem muito estranho. Pode fazer cálculos tão rápido quanto um computador e ganha sempre; ele ganha. E agora ele está apostando em corridas de cavalos, dez corridas de cavalos por dia ou algo assim. Ganha sempre. E vendi esta obra para ele de uma forma muito curiosa: pedi a ele uma quantia em dinheiro por uma obra, e ele decidiu me pagar todos os meses.

Ah! Todo mês, pelo resto da vida... como um salário.

Durante toda a minha vida. Mas ele me disse que nunca perde e que tinha certeza de que eu morreria antes de atingir o preço que ele havia pedido pela peça no princípio. Por isso ele criou este espaço, ele tem certeza que vou morrer antes. Porque se eu sobreviver um ano a mais do que ele calculou, se eu não morrer, para ele será pagar mais do que pensava.

Ah, entendo. Seria um mau negócio para ele.

Um mau negócio para ele. Ele me disse "nunca perco", e que vou morrer. Já veremos se ele ganha ou não.

Conte-me um pouco mais sobre sua ideia de relíquia. Gosto disso, porque relíquia é algo que implica um valor, mas um valor imaginário, completamente imaginário. Você toca nesta xícara e ela se torna a xícara que Boltanski tocou, e prontamente vale muito. O que você acha disso? Como se sente? Você brinca com isso? A arte está repleta disso.

Toda arte, você sabe. Hoje em dia você pode criar milhares de cópias de uma peça de Van Gogh, exatamente igual, mas você ainda tem que ir para Amsterdam, esperar na fila para ver o original durante dois minutos e ficar perto da aura... E não é uma questão de beleza da obra de Van Gogh porque você pode vê-la onde quer que esteja. É uma questão religiosa.

E você, como artista, joga com isso. Pega essa coisa e brinca com ela...

Sim, mas, ao mesmo tempo, agora já não, porque tudo é destruído. Por exemplo, no ano passado vendi uma peça muito grande para um museu na Bélgica, mas não dei nada a eles.

Pagaram por nada.

Pagaram por nada. Eles pagaram e eu disse: "Podem fazer de novo algum dia".

Você deu a eles o projeto de montagem da peça?

Não. Vendi a eles as fotografias e a peça.

Mas você destruiu o objeto, você não entregou.

Exato, assim que podem fazê-lo outra vez.

E o que eles disseram?

Eles disseram que sim.

Pagaram por nada...

As peças já não são materiais, e quem sabe um dia...

Isto é algo que também acontece na psicanálise: o pagar por nada.

Sim, mas há uma lei para fazer isso. Eles são obrigados a fazer isso. Vou fazer esta peça no Centro Pompidou: são os donos da nova obra, mas têm que me pedir autorização para poder expor a peça. Ela pertence a eles, mas não há nenhum material. Não há relíquia. Apenas há conhecimento.

Você vende o conhecimento, não o objeto.

Sim, mas acredito que às vezes você pode comprar um objeto quando, na verdade, o que você realmente compra é o conhecimento.

Você acha então que existe um certo fetichismo no mundo da arte? Encontramos relíquias em todos os lugares...

Acredito que existam diferentes mundos da arte. Por exemplo, vou ao Japão com muita frequência e há um lindo templo xintoísta que tem seiscentos anos, mas é destruído a cada vinte anos.

Sim, estive lá, em Ise. É incrível.

É exatamente o mesmo. É muito antigo e, ao mesmo tempo, muito novo. E o que importa é que tem muita gente que sabe como fazê-lo: isso é o conhecimento.

Porque eles reconstruíram o templo com métodos tradicionais. É o conhecimento, você tem razão.

Por exemplo, para os judeus, se você tem seis judeus em algum lugar, já é o suficiente, você não precisa construir uma catedral ou um templo. Você só precisa ter seis judeus que conheçam a história. E eu acho que é por isso que os judeus nunca desapareceram.

Apesar de que os templos foram destruídos.

Exato, não precisa de um templo.

Tem razão, o que importa é a história.

Calibán -
RLP, 19(1-2),
239-247
2021

»

O fracasso e sua beleza

Uma conversa sobre cinema e psicanálise com Arnaud Desplechin*



Arnaud Desplechin é um tipo carismático, um cineasta *cult* francês que sabe – em questão de minutos – entusiasmar e criar proximidade com seu interlocutor. Ou, ao menos, foi isto que me aconteceu quando o encontrei em Paris em uma manhã de primavera dois anos atrás.

Cheguei em seu apartamento onde conversamos em meio a uma deliciosa desordem doméstica, em uma língua que não era a minha e não era a dele e que, apesar disso, conseguia captar nas entrelinhas, de uma maneira lúdica e espontânea, nada estranha a um diálogo analítico, algo do “espírito” do inconsciente.

Quando decidimos nosso encontro, em um intercâmbio de e-mails, ele me disse que o assunto psicanalítico – que conhece de primeira mão, como um analisante apaixonado – era ainda obscuro e complexo para ele, um verdadeiro labirinto no qual poderia perder-se. E terminava seu e-mail nomeando tanto seu medo cênico como sua paixão pela causa freudiana, assemelhada talvez a sua verdadeira causa, a do cinema.

Não há de ser causal – ao escutar não só o que diz, mas o modo como o diz – que psicanálise e cinema, duas experiências que nasceram contemporâneas e parecem estar sempre em risco de extinção, estejam tão presentes e unidas tanto em sua entrevista como em seus filmes.

Mariano Horenstein

* * Entrevista realizada por Mariano Horenstein em Paris em 6 de abril de 2019.

Você tem um vínculo, uma intimidade com a psicanálise.

Meu primeiro vínculo com a psicanálise foi através dos livros. Meu pai não pôde estudar depois do ensino médio. Teve que trabalhar desde muito jovem e foi um grande pesar para ele, uma ferida, não ser um acadêmico. Então meu irmão e minha irmã se tornaram acadêmicos por isso. Eu fui o único na minha família que não quis ser acadêmico. Eu queria ser igual ao meu pai, então o que fiz foi ir para a escola de cinema, onde não aprendi nada mais do que colocar uma lâmpada, carregar uma câmera, gravar sons.

Tinha um apetite por criar coisas. Quando cheguei a Paris, com dezessete anos, pensei: “Ok, essa vai ser a minha vida. Jamais serei um acadêmico. Está bem”. Pensei: “Ok, farei coisas estúpidas, as coisas que amo fazer, então tenho que ler livros para, se estou na faculdade de cinema, obter conhecimento”. Li no jornal: “Jacques Lacan é o homem mais inteligente da França”, assim que comprei seus seminários. Não entendi uma única palavra. Levei dois anos para chegar ao final do livro, o primeiro deles. Havia aprendido algo, mas não sabia o que era que havia aprendido. Os estudos lacanianos foram parte do pacote da crítica cinematográfica. Foi meu primeiro vislumbre da psicanálise.

Comecei a ler Freud e descobri a um novelista incrivelmente poderoso, um escritor maravilhoso. O que me encanta é o fato de que o livro não é apenas a história de cada um dos casos, mas também a história do narrador. E é aí que eu estava equivocado, porque me dei conta disso: havia crise, o narrador estava ele mesmo em crise, ele estava pondo em cena o fato de que ele estava em busca da verdade e que, às vezes, ele tomava um caminho equivocado, e algumas vezes, outra maneira que era melhor, etc. Esse tipo de crise do narrador dentro da narrativa é exatamente o que adoro em uma novela. Não conseguia parar de pensar sobre os vínculos entre cinema e psicanálise. Parecia-me que tinham algo em comum. Comecei a forjar minha própria teoria sobre a relação entre cinema e psicanálise. O início foi simplesmente como um garoto bobo de dezessete anos que pensou: “Tudo bem, vou ler algo verdadeiramente difícil, como uma espécie de desafio estúpido”.

E qual é a sua própria teoria?

Primeiro e principal, é um ponto de vista histórico. O nascimento do cinema é contemporâneo ao nascimento da psicanálise. O movimento entre os velhos tempos e a Modernidade, tem algo... algo que aparece, e é a quebra de continuidade. Pode-se imaginar que exista uma continuidade entre o século XVI e o século XIX, e no final do século XIX há uma ruptura, que é o nascimento da Modernidade, e a Modernidade chegou na arte, no cinema e... tem algo novo, que é a psicanálise, então eu fiquei impactado com o fato de acontecerem ao mesmo tempo.

O segundo ponto é que me parecia que a psicanálise não pode ser reduzida a uma ciência, mas sempre há uma tentativa de torná-la ciência. Um bom psicanalista é um analista que está sempre tentando se tornar um cientista, dizer algo que estará absolutamente fundado, polido, estabelecido, lógico, aceitando, abarcando a complexidade da alma humana, **então é estabelecer algo que é uma ciência, mas nunca será inteiramente, e essa é sua beleza, a da psicanálise.** E o que me encanta no cinema é que não é uma arte. O cinema é simplesmente a tentativa de se tornar uma forma artística. Mesmo que você saiba que o que você está fazendo nada mais é do que *shows*, você tenta tomar este material e transformá-lo em arte, **e nessa tentativa de converter-se em uma ciência ou transformar-se em arte, creio que surge uma irmandade entre a prática da psicanálise e a prática cinematográfica.**

Uma irmandade no fracasso. Ambas disciplinas falharam na tentativa de tornar-se uma ciência ou uma arte...

Eu não acho que tenham falhado. Acho que a ciência hoje em dia seria muito pobre sem a psicanálise. Os cientistas necessitam da psicanálise para esclarecê-los, necessitam ter o sentimento deste objeto tão estranho que está constantemente tentando se tornar uma ciência e que está constantemente aceitando que não terá sucesso porque está lidando com seres humanos. Há certa beleza no fato de não estar tendo sucesso absoluto, mas que está sempre tentando, porque você não pode ser um analista sério se não der ao seu paciente essa tentativa, de alcançar o ponto no qual sua arte se converta em uma ciência. E minha prática de fazer cinema será arte, então sempre que estou começando um filme, às vezes tenho que me lembrar do fato de que não sou um artista. Sempre devo lembrar que o que estou fazendo não é nobre. Como posso dizer que é nobre se vem da arte popular? É por esta razão que amo cinema, porque é simples. Você pega um quadrinho, tenta transformá-lo em imagens, efeitos e tenta surpreender o público. É muito humilde, não é nobre, como a pintura. Vamos, Truffaut fez filmes antes de você, Bergman fez filmes antes de você, então é uma arte. Você tem que tentar... Isso é o que me fascina. Essa seria uma irmandade entre a prática da psicanálise e a prática do cinema. E a terceira é sobre sonhos.

Que estão muito presentes nos seus filmes...

Sim, mas é isso... Se eu penso... Se estou pensando em Bazin, o crítico de cinema mais famoso da França, ou se estou pensando em Panofsky, os dois homens que estavam escrevendo que a ferramenta principal para um cineasta é a realidade. Essa é a ferramenta sólida que você tem. Pode ver isso nos filmes do Lumière. Você coloca sua câmera lá, você tem alguém atuando, ou um cachorro correndo ou uma árvore, isso é real e essa é a sua ferramenta. Essa é a razão pela qual não é narrativo, porque suas ferramentas são porções da realidade. Quando você sonha, é incrivelmente real e não é a realidade, e fala... Há uma ilusão que se desvanece, que se esfuma, devido à psicanálise ou ao cinema. De fato, essa realidade é aborrecida. Na minha vida diária, acho que o que eu experimento é muito comum e pobre... Acho que isto é a realidade. Isso é o que os adultos nos disseram: “Vamos, a vida é suja”. Depois do trabalho e depois da escola... Você tem que pensar nessa estrutura. Sua vida é suja, simples, básica. Não é fascinante. E o que aconteceu, eu volto novamente, sempre volto aos filmes do Lumière, você filma um trem fumegante entrando na estação da cidade, você..., a realidade e é mágico. É incrível e começa a significar, obviamente, a significar alguma coisa. E você não sabe o que isso significa. Quando eu me levanto cada manhã, é um pesadelo terrível sobre *la femme*... Sonhos chatos como os que tenho todas as noites e que significam coisas que não consigo entender. O que Freud descobriu ... Antes de Freud, todo o mundo pensava que havia algo oculto nos sonhos, sabiam que os sonhos nos falam, mas o que estão dizendo? Assim, estavam tratando de encontrar algum dicionário estúpido. Se tenho um sonho com um cavalo, é boa saúde. Se estou sonhando com um chapéu, é azar. Se sonho com uma lâmpada, é dinheiro. Esse tipo de coisa. E de repente Freud disse: “Não, essas imagens que parecem tão reais são na verdade palavras e, se você colocá-las na ordem certa, terá uma frase. Há uma criança dentro de você que está falando. Se você ouvir com atenção, poderá ouvir a frase que está em seu corpo, mesmo que não saiba que é parte de sua própria voz. Você tem outra voz falando... em seus sonhos”.

Essa é a mesma experiência que temos com imagens em filmes, as imagens reais e simples podem ser muito expressivas. Mas você pode ver que assim que a realidade

nesse caráter de ferramenta para o cinema é..., começa a significar, começa a brilhar... E você fala: "Nossa! Na realidade isto é incrível!". Não é tudo o que os adultos me disseram. A realidade é incrível e depois de ir ao cinema para me lembrar do fato de que a vida, mesmo a vida cotidiana, é um fracasso absoluto. Então, eu entro em um cinema para me lembrar de que existe algo que é profundo, uma verdade profunda: essa realidade é fascinante..., carregada de significados diversos que simplesmente estão ali. E é isso que faço quando dirijo filmes. E você percebe que tudo significa muitas coisas, e isso tudo está falando ao mesmo tempo, essa vida diária não está em silêncio, há um ruído maravilhoso, que está por toda parte na imagem, e você tem que conseguir captar tudo para poder organizar, reparar, conhecer e aceitar o fato de que existem... E me parece que quando você precisa ir a uma sessão com um psicanalista, é para ter sua vida de volta, porque, no dia a dia, com todo o mundo adulto que está, constantemente, te dizendo que você tem que ir à escola, que você tem que ir para o seu trabalho, você tem que ir com o seu parceiro, ter filhos, etc., etc., sua vida não é nada. Sua experiência é absolutamente comum e banal, e então você tem uma sessão que em sua maior parte é chata e, de repente, uma palavra aparece: uma palavra estranha. "Por que você escolheu essa palavra?" E de repente há pequenas faíscas e elas começam a brilhar, a resplandecer. **Você pode se reapropriar da sua vida por meio da sessão. É por isso que você vai para a análise. Essa é a razão pela qual faço filmes, para me reapropriar da minha própria vida.** E é por isso que encontro outra irmandade entre a psicanálise e o cinema.

E você já teve a experiência de ter sido analisado?

Sim... posso dizer porque você é estrangeiro. Negaria se estivesse falando com um francês. Sim, já passei por este tipo de processo, mas já tarde na minha vida. Em algum momento, antes de fazer filmes, já trabalhava com a indústria do cinema. Tive um tempo normal de escritura... sei lá, não podia sair, não podia caminhar pela rua, sentia que todas as portas estavam fechadas para mim e fiquei tão aborrecido que pensei: "Porque não vou ao terapeuta?". Porque na verdade o sofrimento que eu estava experimentando era real, então eles não podiam me ajudar. Esperava saber se teria dinheiro para o meu filme ou não, etc., por isso estava deprimido. Se vou a um terapeuta, o que ele me dirá? "Você pode apenas rezar para ter o dinheiro e isto é tudo". E uma noite eu produzi um sonho estranho, e neste sonho não era minha voz, e percebi que eu era muito mais complicado dentro de mim do que pensava. Percebi que não era o próprio rei de mim mesmo, que não era eu, mas sim, era, então pensei: "Oh, há dores em meu próprio corpo que não posso compreender".

Uma espécie de alteridade falou em seu sonho.

Sim, outra pessoa. Preciso estar na frente de outra pessoa para poder começar a ouvir as outras vozes, onde antes eu estava surdo acerca destas próprias vozes. Pude perceber que havia uma pequena criança machucada dentro de mim que eu havia ignorado por muito tempo. E eu estava com tanta dor que realmente não conseguia continuar vivendo. Eu estava bloqueado em tantos níveis... Então conheci meu psicanalista, que ajudou a mim e a outro e mais outro. Levei um tempo para descobrir... Eu tinha esquecido tudo sobre os livros que havia lido. Não me importava. Eu só precisava de ajuda. E depois disso tive a sorte de conhecer a... Tive uma relação bastante terrível com um terapeuta. Me ajudou durante um tempo, mas, depois a relação não funcionou e me deram um nome e me tratei com uma psicanalista francesa muito reconhecida. Ela me salvou. Ela me iluminou... E ela morreu, o que foi uma experiência muito estranha.

Enquanto você fazia análise com ela?

Sim. Ela era muito velha quando a conheci. Não foi minha primeira analista, mas foi minha primeira experiência psicanalítica séria.

Você teve duas experiências.

Três ou quatro.

Você é um especialista.

Sim, um especialista. Mas quando a conheci, li sobre essa experiência de perder seu analista, o que é muito estranho... Acho que **a experiência de perder um paciente deve ser muito significativa, muito poderosa, aterradora, mas perder seu analista é uma rachadura, uma vertigem absoluta.** Demorou... Hoje posso falar sobre isso com você, já se passaram dez anos. Foi um grande luto, mas se eu comparar aquele luto com a sorte que tive em conhecer a esta mulher...

Depois disso tive outro analista para poder me recuperar daquela dor, para ficar de luto. Ainda não sou capaz de chorar por aquela mulher sozinho, a perda foi muito grande para mim. Desculpe ser tão íntimo, mas ainda não sou capaz de lidar com essa perda sozinho. Se estou pensando nisso, fico desesperado, mas se estou conversando com outra pessoa... acho que talvez o mesmo... o processo psicanalítico acabou para mim com a perda dessa mulher, mas ainda assim preciso de alguma ajuda para conseguir recuperar o que quero, ler de novo, aceitar e lidar com isso.

Então, o trabalho principal está feito, mas tenho algumas preocupações pequenas aqui e ali.

E você trabalhava na indústria cinematográfica, mas começou a fazer filmes por conta própria após sua primeira análise? É verdade?

Oh, antes da minha primeira análise, eu era um homem jovem muito doente. Não estava em análise. Eu não conseguia falar, não conseguia andar... Era uma estátua. Eu não estava bem de saúde e isso era tudo. Não era capaz de me expressar. Eu estava em... como posso dizer? - psicoterapia em vez de psicanálise. Foi a primeira ajuda que pude conseguir.

Primeiros socorros...

Sim, primeiros socorros! Mas não era um processo psicanalítico. O processo psicanalítico começou mais tarde, depois do meu quarto filme, e há algo muito poderoso quando você inicia uma relação assim.

Hoje em dia me sinto mais confiante, mais vivo, consigo falar sobre isso sem chorar. Ela me ensinou a viver, a amar, a ser, a ter problemas, a ter soluções. Ela apenas me ajudou. É brincadeira. Amo as piadas dos psicanalistas, mas também amo piadas de pacientes sobre os analistas, são muito engraçadas. Tenho um amigo que fez diversas psicanálises ao longo da vida. Começou quando tinha treze. Agora ele está na casa dos sessenta e ainda vai ver psicanalistas. E ele brincava quando o conheci, ele é gerente de produção, um homem maravilhoso. O produtor é quem encontra o dinheiro e o gerente de produção é quem o gasta (risos). E tem uma brincadeira que adoro. Cada vez que ele voltava de uma sessão, ia a três ou quatro sessões semanais, dizia: "Sinto como se não tivesse verdadeiramente começado a psicanálise". E eu amo essas brincadeiras. Ele ficou 15 anos com o mesmo analista e tinha a sensação

de que não tinha começado nada, de que você fala essas bobagens que significam... E há também essa sensação que você pode ter quando está na sala de espera de seu psicanalista, quando pode ver que seu analista decorou a sala, comprou novos quadros, novas plantas, novas luminárias, tinta fresca nas paredes: "Eu fico feliz em ver que todo o meu dinheiro está aqui". É uma brincadeira adorável e é um sentimento que todos experimentamos. "Estamos progredindo. Ok. Temos uma nova poltrona. Bem!". É uma sensação tão curiosa... Eu pertencço, e não gostamos nada de ver que pertencemos à comunidade de... como Lacan os chamava Você entende francês? Eu pertencço aos ignorantes e adoro isso, como quando sou um espectador que vai ver um filme. Eu amo ser criança. Eu sou apenas uma criança boba, sem conhecimento de nenhum tipo, assistindo ao filme. Pertencço aos ignorantes, como te disse. É engraçado, porque eu te disse que quando era jovem não queria me tornar um acadêmico, que queria ser como meu pai, e isso era tudo.

Graças a Deus vc não se transformou em um! Porque você brinca constantemente... O que há de ficção e a maneira como a realidade se torna ficção e a ficção se torna realidade?

Não sei onde começa a ficção. (Silêncio). Vou começar com o filme que estou terminando agora e o filme que gostaria de escrever depois disso...

Qual é o nome do filme que você está gravando agora?

Eu já tenho um título em francês. O título francês é *Roubaix, une lumière*, e o título americano é *Oh, mercy*, como o álbum do Bob Dylan. Tudo é baseado em fatos reais. Não existe ficção de qualquer tipo. É um documentário que vi onze anos atrás e adorei, refiz com atores e não atores. É a vida de uma delegacia de polícia em Roubaix, minha cidade natal, que é uma cidade muito pobre e, de certa forma, é uma representação da condição feminina para uma instituição. Mas todos os diálogos provêm da realidade, tudo é real. Então, todos os policiais são interpretados pelos policiais de Roubaix, todos os garotos maus são interpretados pelos garotos maus de Roubaix, a maioria argelinos. Você tem estrelas de cinema interpretando alguns papéis e pessoas comuns desempenhando outros papéis. A ficção não está em lugar nenhum. E agora mesmo estou trabalhando na música e, obviamente, é ficção por todos os lados. Eu não inventei coisas. Tem a ver com a afirmação que eu estava explicando para você: O que é uma ciência? O que não é uma ciência? As pessoas, a maioria dos meus personagens... é sobre duas mulheres que cometem um assassinato e a questão não é por que o fizeram, é por causa da miséria. Não é: "Elas fizeram isso?" Sim, fizeram. É *como* elas fizeram. Pegar essas duas mulheres que cometeram um ato muito desumano e trazê-las de volta à humanidade, esse é todo o processo do filme. Na vida real, sem psicanálise, sem cinema. Pode-se dizer que são duas personagens, duas mulheres completamente presas à determinação sociológica. A sociologia sempre foi considerada uma ciência. E é isso que amo na psicanálise, porque ela está contra a sociologia, que é minha grande inimiga. A ideia de aprisionar um ser humano dentro de uma determinação sociológica. Acredito que cada um de nós é muito mais do que isso. Somos muito mais que as determinações sociológicas, que sim existem. Claro que existem, mas somos muito mais do que isso. E essa é a moral que estou tentando filmar. É por isso que o filme é uma ficção. É uma ficção, o que quer dizer que conta mais verdade do que o documentário, porque vou tentar encontrar a alma, porque existem duas assassinas, elas tinham alma. Esse seria um dos paradoxos da relação entre a ficção e a vida real. Estou terminando esse filme, que é muito singular na minha carreira. Espero usar uma representação de gente, gente muito abatida, muito pobre, e comeci a tirar fragmentos e pedaços da minha

própria vida onde não tenho soluções, sofrimento íntimo, existe também algum material autobiográfico, tentar finais felizes quando eu não encontrava felicidade em minha própria vida. E pensei que o cinema é a ferramenta perfeita para fazer isso, reapropriar-me de minha própria vida de uma maneira melhor, para tentar repará-la. E agora eu tenho que tentar encontrar a história para que eu possa compartilhar com o público, com pessoas que têm suas próprias preocupações, suas próprias histórias pessoais... Portanto, gostaria de apresentar um material extremamente autobiográfico e tentar reparar na ficção o que não pode ser reparado na vida real. Uma das razões pelas quais adoro assistir filmes é que há tantas coisas que não podemos reparar. Hoje em dia, se você pensar em política... Todo o mundo é um desastre, um desastre absoluto. Estamos em uma situação desesperadora, mas na ficção você pode repará-la. E ao fazer isso, podemos ver como os finais felizes bobos que tem nos filmes de Hollywood dos anos 1940 diziam a verdade. Transformar sentimentos como a amargura ou a rivalidade em algo engraçado está totalmente de acordo em relação ao mundo. Penso em finais de filmes, o que eu penso em finais felizes de Hollywood. Seria o fim de *Some Like It Hot*¹: Está lá Jack Lemmon, vestido como uma mulher, com um milionário em um barco e o milionário quer se casar com ele e diz: "Na verdade, eu fumo na cama". E ele diz: "Sem problemas"! E Jack Lemmon diz: "Ok, não posso ter filhos". "Não tem problema, vamos adotar". Então Lemmon tira a peruca e diz: "Mas eu não sou uma mulher". "Ninguém é perfeito". (Risos) É bobo, mas é verdade. Existe algum milagre que é a ficção, talvez seja algo que não tenha muita utilidade, mas te ensina alguma coisa, então eu gostaria de tomar algo do meu próprio material autobiográfico, que é uma espécie de final a transformar...

Se você tivesse que comparar, de alguma forma, o trabalho que você faz em sua própria análise com o trabalho que você faz como diretor, você acha que é mais próximo da parte da escrita, da filmagem ou da edição?

Não gostaria de falar do *trabalho* que estou fazendo nas minhas sessões porque sou muito mais patético do que isso. Simplesmente estou tentando de salvar meu traseiro. Eu me queixo e tenho vergonha de me queixar, paro de me queixar e imploro e não dou respostas porque não há respostas que se possam esperar. Eu sou patético e estou bem com isso. Agora, poderia comparar com a filmagem. Porque eu chego com um material comum, e à medida que chego ao *set* todas as manhãs, digo: "Quem escreveu essas malditas linhas?". Não são engraçadas o suficiente, não são fortes o suficiente, são chatas. Depois, os atores começam a atuar e (estala os dedos) algo acontece e você pode ouvir um significado, algo que não está escrito, que não é previsível... Eu ouço algo e de repente digo: "Essa é a razão pela qual ele diz isso!" Eu percebo o que está acontecendo e posso comparar com o momento em que chego a minha sessão e digo: "Ok. Estou esperando. Não tenho nada para dizer e estou esperando a resposta do Festival de Cannes ou de Veneza, e devastado. Tenho um distanciamento terrível com meu produtor". Ponto. Então, algo novo. E de repente, em um cantinho, algo do que estou dizendo, algo vai acontecer na relação com o analista, uma faísca de sentido.

1. N. da E.: Filme de Billy Wilder, com Jack Lemmon, Tony Curtis e Marilyn Monroe, que em português se chamou *Quanto mais quente, melhor*.

Fazer filmes como um modo de reparar a vida

Haroun Farocki nos convidou a desconfiar de imagens.

Quanto a gente deve confiar nelas?

Todas as imagens que pretendem realizar nossos desejos raramente mentem. Toda imagem que seja promessa de outra imagem está dizendo uma verdade. Nossa tarefa é decifrá-las.

Há algo do que podemos chamar de “verdadeiro” que permanece refratário no campo das imagens?

Lendo André Bazin, eu confio profundamente que a imagem fotográfica é uma impressão, uma marca, uma prova de que algo aconteceu um dia. E este “algo” era real. Bazin costumava dizer que o Santo Sudário foi o primeiro ancestral do cinema. O fascinante é que este sudário era falso. Não obstante, havia uma marca tão real quanto a dos cascos de um cervo na neve. A marca da nossa crença... Pensando sobre esses ancestrais do cinema, eu gostaria de acrescentar as chamadas *mãos negativas* nas cavernas primitivas: a memória de uma mão de quarenta mil anos simplesmente traçada com pigmento vermelho.

E quanto ao som? Qual é o lugar do que se ouve no cinema?

Pra mim, a imagem é hipnótica. Seu poder de fascinação é infinito. Um som reforça maravilhosamente a potência ao “real”. Se você olhar uma foto da Marilyn Monroe, é uma foto da Marilyn Monroe, que existiu. Mas se você escutar uma gravação da voz dela, é só a voz da Marilyn Monroe. E eu desato a chorar.

Em psicanálise, como você sabe, o que é ouvido prevalece. Então, vozes, sons – e seus efeitos, como você aponta – estão em foco principal..., como um filme que vemos mal, mas escutamos muito bem. O que você acha deste tipo de narrativa, com efeitos tão “reais”?

Sim, o som é a pura realidade, a pura presença. A imagem é a memória dessa amada presença.

Seu percurso, pelo que você me conta – e como quase tudo na vida – tem suas raízes na infância...

Ontem eu visitei minha velha mãe no interior. Durante nossas longas vidas, tivemos uma relação muito difícil. Mas ontem eu recuperei vivamente uma lembrança: eu tinha seis anos e olhava minha mãe no apartamento dos meus avós, um domingo. E algo me incomodava. Então, me aproximei dela para arrumar seu colar. e voltei pra minha cadeira. Foi meu primeiro gesto como diretor: compor a imagem de uma mãe que não conseguia gostar de mim. Mas eu consegui apresentá-la na sua melhor versão.

Então seu trabalho parte de uma necessidade de “arrumar” algo que te incomoda no outro? Se você me permite este tipo de interpretação selvagem... ainda que, talvez, não o seja tanto em função do que você dizia...

Interpretação aceita! Pra mim, fazer filmes me permite “compor” a vida.

Como se constrói um *certain regard*, o teu?

Meu *regard* se constrói em um sistema infinito de referências e exegeses. Sou aluno de Panofsky!

Descreva pra nós o que você aprendeu de Panofsky, por favor: já que apenas ouvimos alguma coisa sobre seus ensinamentos...

O que eu aprendi de Panofsky é que a imagem tem sempre uma genealogia, uma explicação. Eu não gosto da crítica que admira a beleza de uma pintura ou de um filme sem tentar entender de onde ela vem. Eu acredito no processo interminável de entender onde e por quê. Por que é tão bonita? Detesto ser demasiado abstrato, vou dar só um exemplo. Em *L'argent de poche (Na idade da inocência)* de Truffaut, no fim do filme, uma criança tem que fazer um exame médico na escola. E o médico faz um raio X daquela pobre e estranha criança. E o médico descobre ferimentos ocultos: a criança era uma criança espancada. Por que isso é simplesmente genial? Porque o raio X é a metáfora do cinema. Foi gravado, foi filmado, então é verdade. E a criança pode ser salva. Eu acho que minha interpretação vem de Panofsky.

O que permanece do infantil hoje na sua prática como cineasta?

Eu te disse como, quando eu era criança, eu olhava meus pais ouvirem programas sobre os novos filmes na rádio francesa. E eu ficava impressionado como o mundo adulto podia parar por uma hora pra discutir seriamente sobre filmes. Filmes me pertenciam, eu conhecia o assunto – eles sempre vão pertencer às crianças. Filmes eram meus brinquedos, e os adultos os interpretavam e respeitavam... Minha tarefa atual é construir imagens infantis que possam nutrir discussões sem fim.

Então você viu uma cena em que seus pais estavam *escutando*. Você tomou como visual algo da dimensão do som...

Exatamente!

Poderíamos ensaiar um elogio à “imaturidade” quando se trata de produzir arte?

Com certeza! Se eu sou maduro? Não tenho ideia. Mas quando eu construo um filme, eu tenho sete anos de idade.

A pandemia deslocou tudo, até a experiência ritual de se ir ao cinema. No entanto, o cinema resiste. Como você imagina que as coisas irão mudar quando tudo isso estiver acabado?

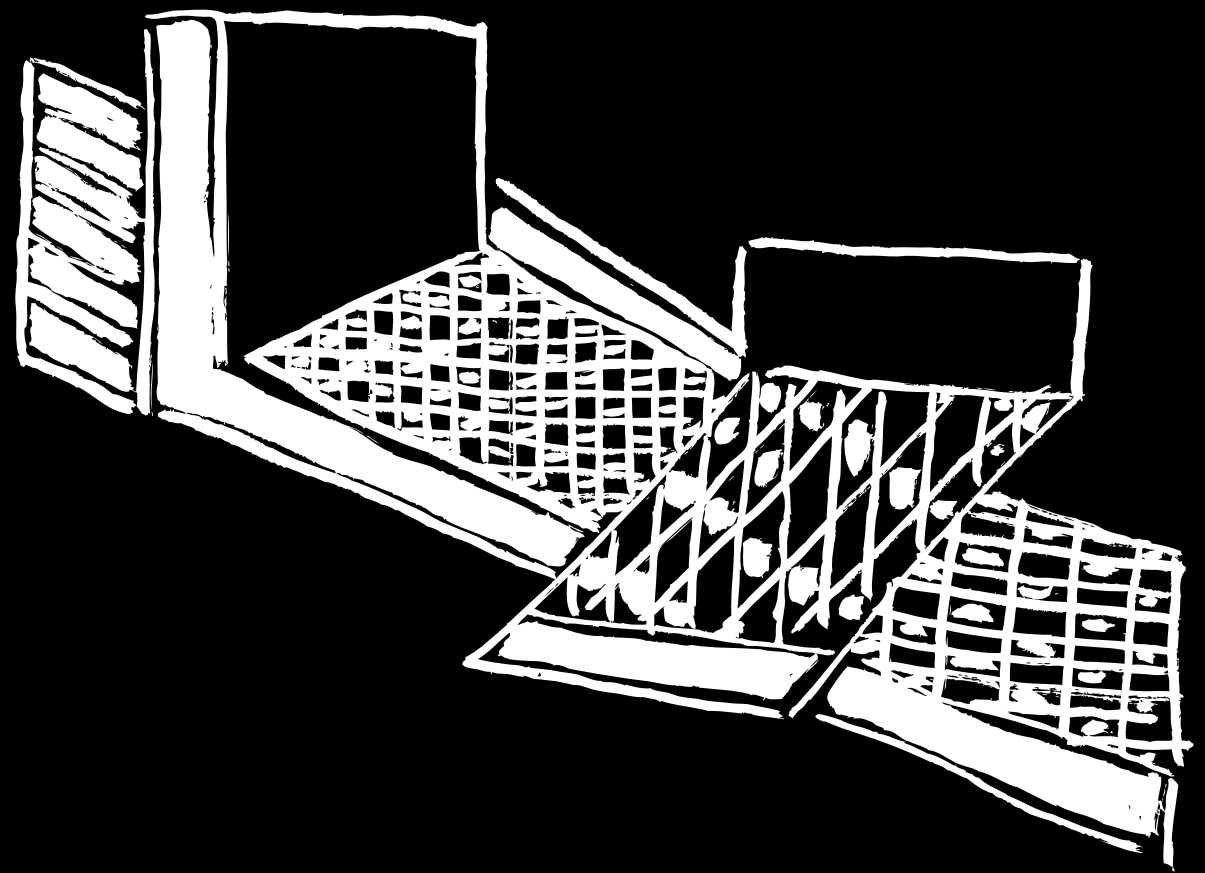
Todos sabemos que a TV é a inimiga da experiência teatral do cinema. Sabemos disso há muitas décadas! Lembro da frase do Godard: quando você olha para a tela da TV, você abaixa a cabeça. Quando você olha para a tela do cinema, você a levanta. Com o passar dos anos, haverá cada vez menos público no cinema – isto é um fato econômico. Mas o ritual vai continuar, graças a algo tão precioso que foi inventado em 1895. Uma nova caverna, onde podemos ver as sombras, sonhos, onde podemos ser parte de um público. E este é um outro fato: a verdade da arte.

Você consegue imaginar um mundo sem essas duas práticas centenárias, o cinema e a psicanálise?

Eu fico aterrorizado quando eu vejo, hoje em dia, a fúria, a amargura, o crescente obscurantismo, o que é sempre sinônimo de ódio à psicanálise. Um homem, Freud, descobriu um modo de habitar nossos sonhos enquanto estamos acordados. **Um homem, Freud, descobriu um modo de construirmos a nós mesmos, em vez de se acreditar loucamente em um eu. Nunca deixamos de nos inventar.** E esta é uma boa definição da liberdade. Estou assustado com o apetite por identidades, eu quero escapar de toda identidade. Não posso me imaginar privado de apetite de liberdade, de sonhos.

Clássica & Moderna

pp. 250-261



» Liberdade para imaginar com Silvia Bleichmar

Apresento a seguir duas breves vinhetas clínicas de Silvia Bleichmar.

Ao interpretar determinada brincadeira com soldadinhos como fantasia homossexual, Silvia Bleichmar recebeu um indignado “não é isso” de um jovem paciente. Entendeu, posteriormente, que a brincadeira se relacionava a uma tentativa de masculinização por meio de um fantasma homossexual¹. A resposta inesperada, transformada em interrogação, compôs as reflexões da psicanalista sobre transmissão da masculinidade².

Outra passagem: em uma entrevista inicial com um homem enviado como um caso de neurose obsessiva, escutou o relato deste ter sentido compulsão de enforcar algumas mulheres com quem havia acabado de ter relação sexual, chegando mesmo a colocar as mãos em torno do pescoço da parceira. A autora utiliza a vinheta³ como ilustração para a diferenciação que realiza entre sintoma e transtorno. Caso se tratasse de um sintoma obsessivo, argumenta, o desejo de matar estaria recalado. Em seu lugar apareceria uma impotência ou alguma forma deslocada de hostilidade, enfim, uma defesa perante o impulso. O sintoma neurótico é uma formação de compromisso entre instâncias psíquicas diante de um conflito intrapsíquico; o disfarce do recalado que retorna é parte da solução intrapsíquica. A fala do paciente denotava uma ação sem disfarce, descarga direta na motricidade, o que indicaria ausência de freios (de recalque) sobre este impulso. A distinção entre sintoma e transtorno visava sinalizar o caminho terapêutico: o primeiro seria no sentido de tornar consciente o inconsciente. O segundo, no sentido de se aproximar de algo sem simbolização para ajudar a formar uma malha de contenção ao não simbolizado, para que este possa se tornar passado, ser aquietado, enterrado ou até mesmo esquecido.

As duas passagens ilustram a forma de pensar e atuar da psicanalista argentina Silvia Bleichmar. Pensava a clínica escrutinando teorias psicanalíticas. Buscava nelas as respostas para as indagações nascidas na sala de análise, levando em conta consistência e coerência diante de diferentes pressupostos metapsicológicos. Na ausência de boas respostas, investigava por *insights* dentro e fora do campo psicanalítico para construir suas próprias formulações teóricas. Na ausência de boas respostas, imaginava-as.

Freudiana, laplancheana, ex-lacaniana com orgulho, em dívida com Klein⁴, admiradora dos pensamentos de Bion, Winnicott, Aulagnier, Castoriadis, entre tantos outros, Silvia Bleichmar buscava compreender o que via na clínica sem se furtar à liberdade de trânsito onde necessário, fosse entre escolas psicanalíticas, na literatura, no pensamento que lhe

* Departamento de Psicanálise *Sedes Sapientiae*, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Vinheta apresentada em Bleichmar (2015b, p. 10; 1993, pp. 186-187; 2006/2009, p. 18).

2. Conceito trabalhado em Bleichmar (2006/2009).

3. Vinheta apresentada em Bleichmar (1997, p. 36; 1993/1994, p. 194).

4. Ver: Bleichmar (1997, p. 33)

era contemporâneo, na história, na sociologia... Foi uma ávida leitora desde criança, informa-nos o verbete que leva seu nome no *Diccionario de psicoanálisis argentino* (2018). Foram as interrogações nascidas na clínica com crianças pequenas durante os anos de formação da psicanalista, que ao não serem respondidas pelo pensamento kleiniano e pós-kleiniano – preponderante na Argentina na época – e tampouco em sua posterior incursão na clínica lacaniana, aproximaram Silvia Bleichmar do pensamento de Laplanche. Mais especificamente foram as proposições do autor sobre o inconsciente fundado com o recalque originário como necessário à aquisição da linguagem – ideia presente em texto escrito com Leclair para o *Colóquio de Bonneval* de 1960 –, que a levaram a desenvolver seu doutorado com Laplanche no início dos anos 1980.

O recalque originário

A partir da aproximação com Laplanche, Silvia Bleichmar gestou sua teorização sobre o recalque originário como processo histórico, fundado a partir dos tempos reais de constituição do psiquismo⁵. Para a autora, o recalque originário é uma cisão do psiquismo, uma primeira organização estrutural, na qual o inconsciente tópico é fundado com o recalque de cada um dos diferentes movimentos pulsionais autoeróticos da criança. Em outras palavras, quando a criança deixa de fazer o que lhe dá vontade na hora que sente vontade. Inicialmente, a criança abre mão da satisfação de suas pulsões por amor a um outro significativo (ou pelo medo de perder o amor deste outro), dado que é o outro que interdita a ação. Portanto, a força para contrainvestir a livre circulação da pulsão advém do outro. A criança demonstra então a existência de conflito, o que indica que o processo de recalque originário foi iniciado. Quando a tópica inconsciente é finalmente constituída, o que incomoda se aquieta, pois os movimentos pulsionais passam a atuar sob o princípio de prazer.

A autora aproximou o processo de recalque originário aos destinos da pulsão. Os dois destinos anteriores à constituição definitiva do recalque - volta sobre si mesmo e transformação no contrário - dão indicação do início do processo de cisão do psiquismo. Estes movimentos podem ser observados na clínica, quando, por exemplo, a criança demonstra pudor. Assim, o recalque originário pode ser circundado ou até acompanhado *in situ* na clínica com crianças. Observar sinais como uma raiva transformada em cuidado, o surgimento de asco ou de pudor, o aparecimento na fala infantil do “eu” (como sujeito de uma ação) ou do não (como diferenciador eu/não-eu), bem como a presença de parâmetros de temporalidade (antes/depois) e de espacialidade (acima/abaixo ou frente/trás) são indicativos clínicos do andamento do processo de recalque originário ou de seu estabelecimento definitivo.

Os movimentos pulsionais, quando finalmente recalcados, formam o fundo do inconsciente recalado e atuam como força de atração aos elementos que são recalcados secundariamente. Bleichmar preferia o nome originário a primário, por ser o processo que dá origem ao inconsciente, ademais, por ser possível a existência de movimentos pulsionais que sejam recalcados após o recalque secundário.

Aquém e além do originário, um modelo de psiquismo

Boa parte da obra publicada de Silvia Bleichmar (livros e artigos escritos pela autora ou seminários transcritos)⁶ que se seguiu ao trabalho desenvolvido em torno do conceito recalque originário versa sobre aspectos que foram apenas mencionados ou pouco trabalhados em seu primeiro livro. A começar por desdobramentos acerca do objeto do recalque originário, o autoerotismo infantil. Para a autora, o autoerotismo se estabelece a partir de marcas

5. O doutorado da psicanalista se tornou seu primeiro livro: *En los orígenes del sujeto psíquico: Del mito a la historia*, publicado na Argentina em 1986.

6. A autora também escreveu diversos textos de caráter mais social, além dos voltados à clínica e à metapsicologia.

metabolicamente inscritas que produzem excitação no psiquismo e que não alcançam outra forma de contenção. O autoerotismo, sob certo aspecto, já é um modo de organização de marcas excitantes.

Para desenvolver tal ideia, Silvia Bleichmar emprestou a expressão freudiana “signos de percepção”⁷ - que havia sido trabalhada por Laplanche como mensagem enigmática - para formular sua abordagem sobre o *caráter indiciário dos signos de percepção*.

Bleichmar entende que nos primeiros tempos de vida do bebê são inscritas marcas sensorio-perceptivas, signos de percepção, que não chegam a serem representações. São indícios de um encontro, restos ou resíduos de vivências do bebê na relação com o outro. Tais marcas podem ser inscritas como pura excitação ou podem ser marcas que funcionam apaziguando esta excitação, ao fornecerem tramitação para as primeiras, modelo inspirado pela carta 52 e pelo *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950 [1895]/1974). As marcas excitantes que se tornam autoerotismo poderão passar pelo recalque originário quando contrainvestidas. No entanto, há signos de percepção fruto de inscrições de intensidades, marcas excitantes, que não conseguem passar por maiores transcrições e organizações, permanecendo soltos no psiquismo. Estes signos de percepção não atuam sob o princípio de prazer, uma vez que não foram fixados no inconsciente com o recalque. Mas são elementos inconscientes no sentido qualitativo do termo⁸. Quando atuantes no psiquismo, buscam descarga direta na motricidade, sem elaborações intermediárias, como transtornos.

Note-se que estas marcas de intensidade, excitantes, podem ser inscritas a qualquer momento da vida da pessoa, como em situações de traumatismo. Tal como nos signos de percepção dos primeiros tempos, as marcas de intensidade resultantes de vivências traumáticas que não conseguem tramitação psíquica, que não são digeridas, elaboradas ou simbolizadas permanecem soltas no psiquismo. Nesta condição, insistem na repetição. Ou seja, na impossibilidade de sua digestão, atuam como pulsão de morte buscando descarga imediata. Seguindo a terminologia laplancheana, também usada por Bleichmar, atuam como pulsão sexual de morte.

Merecem destaque dois fatores subjacentes às considerações sobre o pensamento da autora realizadas até o momento. Em primeiro lugar, a importância do meio social, sobretudo nas figuras dos adultos da primeira infância, para a constituição do psiquismo. A “criança” de Silvia Bleichmar é um ser desamparado com uma potencialidade biológica que será desenvolvida *exclusivamente* a partir do outro.

Por um lado, o outro subverte o biológico da criança com sua sexualidade inconsciente, desviando-o em direção ao sexual (prazer/desprazer) por meio das inscrições sexualizantes. E o psiquismo se estabelece e se desenvolve somente com o sexual, a pulsão é o motor do psiquismo.

Por outro lado, o outro é imprescindível também ao transvasar narcisismo⁹, possibilitando a inscrição de marcas amorosas, que também são signos de percepção nos primeiros tempos de vida. São estas marcas que fornecem contenção às intensidades, são estas marcas iniciais que ajudam a formar uma malha para tramitação das intensidades. Esta malha irá se organizar, posteriormente, em torno de uma massa ideativa de ego.

É o outro que humaniza a cria humana¹⁰, já na inscrição do pulsional e ao longo do processo de constituição do psiquismo, tal é a importância do meio. O outro continuará imprescindível, seja como objeto total de amor e de ódio, seja como agente de interdições, como representante de valores sociais, culturais, morais e de ética.

O segundo fator se relaciona ao primeiro na medida em que também destaca a importância do meio social por intermédio do histórico-vivencial. Silvia Bleichmar propõe um

7. Tradução para a expressão freudiana *Wahrnehmungszeichen* presente na Carta 52 escrita a W. Fliess (Freud, 1896/1986).

8. Bleichmar nomeia os signos de percepção que ficam soltos no psiquismo de Arcaico. O Arcaico, no entanto, não é uma tópica psíquica.

9. A ideia subjacente ao conceito *narcisismo transvasante* de Bleichmar está presente em *A fundação do inconsciente: Destinos de pulsão, destinos do sujeito* (1993/1994).

10. *Humanização e cria humana* são expressões usadas por Bleichmar em diversas ocasiões.

modelo de psiquismo aberto ao real, formado por inscrições psíquicas (signos de percepção, representações-coisa, representações-palavra) que se organizam em estruturas mais ou menos estáveis ao longo da vida. Tais montagens estruturantes podem se reorganizar, sobretudo ao longo do processo de constituição do psiquismo, formando novas configurações ou montagens; ou passar por desestruturas em momentos de maior intensidade. Na clínica, a concepção de psiquismo aberto ao real implica a possibilidade do estabelecimento de novas montagens e configurações, de neogênese.

Algumas das organizações mais estáveis foram amplamente trabalhadas pela autora, como o *originário* (inconsciente originário) e o inconsciente secundariamente recalado. Assim como o ego e o superego, que também são estruturas relativamente estáveis de formação heterogênea (a partir de marcas de distintas ordens, como blocos inteiros e como resíduos identificatórios), cujas montagens e remontagens se estendem ao longo da constituição do psiquismo que ocorre durante a infância e a adolescência.

Nestes (ego e superego), o outro também exerce papel fundamental na figura de cuidadores e pessoas mais próximas, no grupo ou por meio de discursos sociais.

Silvia Bleichmar, no entanto, defendia que quaisquer que fossem as marcas, elas seriam *metabolicamente inscritas*, o que significa desqualificação e recomposição no processo de transmissão. Isto é importante porque significa que o que sai do outro não é o mesmo que se inscreve. Mais que isso, o que se inscreve se torna autônomo, perde o vínculo com o externo, passa a ser parte da pessoa, já não podendo mais ser reconhecido como advindo do outro.

O originário na clínica com adultos e crianças

Silvia Bleichmar se tornou conhecida na Argentina, na psicanálise latino-americana e entre laplancheanos, dentro e fora da França, especialmente por sua proposta de *originário*, nascida a partir de indagações na clínica com crianças.

A psicanalista, no entanto, defendia que o conceito de originário era central na psicanálise tanto com crianças quanto com adultos, dado seu caráter diagnóstico e prescritivo. Assim, já na primeira entrevista, buscava enxergar a condição em que se encontrava o psiquismo do paciente, em termos de sua constituição. Nas palavras da autora:

Então, o que procuro na primeira entrevista? Procuo o seguinte: esta é a tópica, busco a trama de base, se a repressão esta configurada, se noto um sintoma, ou não o noto, procuro ver a partir de onde o conflito psíquico esta se produzindo. Assim nos colocamos diante do funcionamento tópico. E, se é um adulto, podemos começar a trabalhar [...]. Se não é um neurótico, temos que definir como vamos trabalhar. (Bleichmar, 1997, p. 41)

O modelo proposto pela psicanalista, a partir do *originário*, ajudava-a a calibrar sua escuta clínica, fornecendo-lhe confiança (e os textos da autora transpiram confiança) para compreender se estava diante de uma situação com predominância neurótica ou o grau de constituição do psiquismo da criança, por exemplo.

Chama a atenção, nas inúmeras vinhetas presentes em seus textos, a clareza com que ela apontava, na situação clínica, os operadores de seu modelo. Da identificação de defesas a graus de estruturação egóico-narcísicas de seus pacientes, seu modelo, sem dúvida, funcionava como organizador para seu pensamento. Assim, o modelo inaugurado com o *originário* era termômetro e bússola. Como instrumento diagnóstico, delineava o “objeto”. Como norte, ajudava-a a decidir o “método”¹¹ e as prescrições clínicas.

Na clínica com crianças isso se refletia nas decisões sobre frequência das sessões ou sobre atender apenas a criança, a criança junto com o casal parental ou com apenas um dos genitores, por exemplo. Na clínica com adultos, determinava a prescrição sobre frequência

11. Ver: Bleichmar (1997, p. 39)

das sessões, uso do divã, condições necessárias para aceitar o caso. Ou, ainda, quando era necessário fornecer simbolizações de transição¹² para cercar fenômenos refratários ao método psicanalítico clássico.

Bleichmar questiona: “A que chamamos, os psicanalistas, ‘o infantil’ a partir de Freud?” (Bleichmar, 1993/1994, p. 132), propondo uma resposta em torno da ideia de inconsciente:

O infantil em psicanálise então não se apresenta como ‘infantilização’ [...] também não se contrapõe ao adulto [...]. Seu estatuto está determinado pela ligação, nos primeiríssimos tempos da vida, de uma sexualidade destinada ao recalçamento, quer dizer, a seu sepultamento no inconsciente. (Bleichmar, 1993/1994, p. 136).

O que certamente pode ser compreendido como seu *originário*, mas também contempla seus espraiaamentos inconscientes:

O infantil inscreve-se assim, para a psicanálise, no inconsciente, e uma formulação geral que propusesse a superação do ‘infantil’ como resolução definitiva não deixaria de expressar a esperança de esgotar o inconsciente, de conceber um sujeito livre de todo inconsciente e, em consequências, livre de conflito. (Bleichmar, 1993/1994, p. 132)

Imaginando a clínica com Silvia Bleichmar

Certa ocasião fui interpelada por um comentário de um colega surpreendido com a compreensão que apresentei sobre um paciente com transtorno alimentar. Creio que talvez o colega desconhecesse o pensamento de Silvia Bleichmar.

Tratava-se de um jovem adulto que repetidamente relatava comer de forma compulsiva em alguns momentos do dia. Engolia tudo que via pela frente, rapidamente, escondido. Nem chegava a mastigar de tão rápido que engolia a comida. Sentia vergonha de comer na frente de outros.

Em uma sessão, compartilhei a imagem que vinha me frequentando, de um tubo enfiado até a traqueia pelo qual lhe metiam comida, como um ganso sendo estufado para produzir *foie gras*, impossibilitado de fechar o bico. Questionei, então, o que o paciente conhecia sobre sua amamentação. Não sabia muito, mas o suficiente para contar que havia passado bastante tempo no peito da mãe, quietinho, não deu trabalho. Seu nascimento coincidiu com o adoecimento da avó, mãe de sua mãe. Durante o período de amamentação do paciente, a mãe teve que cuidar da própria mãe. Depois desta sessão, começaram a aparecer os dentes do paciente. Metaforicamente, nas relações com pessoas de seu convívio ou literalmente, pelo uso de expressões como mastigar ou morder ao se descrever comendo.

A imagem que ofereci seria compreendida por Bleichmar como uma simbolização de transição. O questionamento sobre amamentação visava ajudar a cercar o fenômeno compulsivo. O paciente continuou assaltando despensas, em menor frequência. Outros interesses começaram a surgir, outras questões e preocupações mais neuróticas, como Silvia Bleichmar diria, começaram a ser trabalhadas.

O trabalho de fornecer uma simbolização de transição e de cercar o fenômeno visava, por uma parte, dar contenção a isto que se apresentava como necessidade, como intensidade. Era muito interessante, o paciente dizia que comer daquele jeito não lhe dava prazer, pelo contrário, produzia muito sofrimento. Ele *não conseguia* deixar de comer de forma insana em alguns momentos, sobretudo quando se sentia angustiado e se estivesse sozinho. A comida, neste sentido, funcionava como um mecanismo autoerótico que produzia algum apaziguamento, ainda que insuficiente. O circuito autoerótico era freado na presença do

12. Conceito trabalhado em Bleichmar (2004/2015c).

outro. Comer produzia vergonha¹³, o que sugeria a presença de um processo incipiente de recalque, assim como sustentava a hipótese do “a mais” do sexual autoerótico, montado a partir da inscrição de intensidades (de prazer/desprazer) não capturadas por uma malha narcísica. Talvez o adoecimento da avó, logo após o nascimento do paciente, tenha dificultado o transvasamento narcísico materno e a inscrição de marcas apaziguadoras que funcionariam como vias colaterais de circulação.

Em minha imaginação, este paciente não tinha chegado a constituir uma representação da existência de um mecanismo corporal de freio à comida. A boca pode ser fechada, tal como o freio de um carro pode pará-lo no trânsito. Desta forma, a simbolização de transição visava também ajudar o paciente a conseguir produzir uma inscrição psíquica de sua capacidade de fechar a boca, na esperança de organização de uma nova montagem, uma neogênese na clínica. Pura imaginação minha? Bom, com Bleichmar aprendi a ter liberdade para imaginar a clínica.

REFERÊNCIAS

- Bleichmar, S. (1993). *Nas origens do sujeito psíquico: Do mito à história* (K. B. Behr, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bleichmar, S. (1994). *A fundação do inconsciente: Destinos de pulsão, destinos do sujeito* (K. B. Behr, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas Sul. (Trabalho original publicado em 1993).
- Bleichmar, S. (1997). A concepção do originário em psicanálise: Consequências na clínica de crianças e adultos. *Boletim Formação em Psicanálise*, 6(1), 27-51.
- Bleichmar, S. (2005). *Clínica psicanalítica e neogêneses* (A. B. de Mello, H. Vetorazzo Filho e M. C. Perdomo, trad.). São Paulo: AnnaBlume.
- Bleichmar, S. (2009). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 2006).
- Bleichmar, S. (2010). *Psicoanálisis extramuros: Puesta a prueba frente a lo traumático*. Buenos Aires: Entreideas. (Trabalho original publicado em 1986 [1985]).
- Bleichmar, S. (2015a). Estatuto do histórico em psicanálise. Em R. C. Brandani e M. C. Perdomo (trads.), *Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos* (pp. 61-66). São Paulo: Zagodoni. (Trabalho original publicado em 2002 [2001]).
- Bleichmar, S. (2015b). O que resta de nossas teorias sexuais infantis? *Percurso. Revista de Psicanálise*, 28(54), 9-22.
- Bleichmar, S. (2015c). Simbolização de transição: Uma clínica aberta ao real. Em R. C. Brandani e M. C. Perdomo (trads.), *Do motivo de consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos* (pp. 31-58). São Paulo: Zagodoni. (Trabalho original publicado em 2004).
- Bleichmar, S. (2016). *Vergüenza, culpa, pudor: Relaciones entre la psicopatología, la ética y la sexualidad*. Buenos Aires: Paidós.
- Calvo, M. (2018). Silvia Bleichmar. Em C. L. Borensztein (coord.), *Diccionario de psicoanálisis argentino* (vol. 1, pp. 97-100). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.
- Freud, S. (1974). Projeto para uma psicologia científica. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 1, pp. 395-506). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950 [1895]).
- Freud, S. (1986). Carta 52 de 6/12/1896. Em J. M. Masson (org.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904* (pp. 208-216). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Laplanche, J. e Leclaire, S. (1969). O inconsciente: Um estudo psicanalítico. Em H. Ey (org.), *O inconsciente: 6º Colóquio de Bonneval* (pp. 111-154). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

13. Silvia Bleichmar sugeriu diferenciações entre vergonha e pudor. A vergonha mencionada pelo paciente poderia ser compreendida como pudor, dada sua proximidade com o corpo.

» Silvia Bleichmar da cozinha:
“Se Aristóteles tivesse
cozinhado, teria escrito
muito mais”**1



↑
*La memoria
del mundo*
Hugo Aveta

Sentada diante da folha em branco e frente a uma tarefa que penso ser colossal, apelo à memória buscando aquelas fórmulas com as que se costuma dar início a um perfil.

Penso no Moisés de Thomas Mann (1943/1985): “Seu nascimento foi inaudito, daí que amasse apaixonadamente a ordem, o inviolável, o que deve e não deve ser feito” (p. 7); na autobiografia de Isadora Duncan (1927/1983): “O caráter de uma criança já está em sua plenitude no seio da mãe”² (p. 13); ou também em uma deliciosa biografia de meu poeta favorito: “Charles Baudelaire é parisiense de nascimento”³ (Porché, 1997, p. 17).

Apelo a elas e a muitas outras, substituindo o sujeito em questão pelo nome de minha mãe: seu nascimento foi uma rara união entre ceticismo e vontade, mesmo se sua família paterna tivesse acabado de ser massacrada na Europa... Desde pequena mostrou uma determinação evidente que se refletia no modo em que, frente a uma sanção que vivia como injusta, mordida os lábios para não chorar... Nasceu em Bahía Blanca, uma cidade “de províncias”, onde o fotógrafo local teve que se submeter frente à fortaleza de minha avó Sara para que o habitual retrato que se fazia das meninas a mostrasse, com apenas três anos, de calças, com um pé para o alto, nessa pose de herói que só era permitida aos homens... Silvia Bleichmar era argentina... Silvia Bleichmar era psicanalista..., latino-americana..., judia..., deixou uma vasta obra..., morreu jovem.

E, uma vez resolvido o começo, como definir o tom? Familiar e íntimo ou, ao contrário, neutro e acadêmico. Esse, talvez, não seja totalmente meu problema, entendo que o tom emergirá ao fazer que ela fale de si mesma; qualquer outra coisa me resulta impensável.

Enquanto vacilo, entendo que não é possível introduzir sua obra sem dar conta de uma marca que a diferenciava como sujeito, como autora e como pensadora: uma avidez imensa pelo conhecimento, porém, mais ainda, por esse conhecimento acompanhado do efeito do diálogo incessante que se estabelece com os outros em qualquer de suas formas: pares, alunos, colegas, pacientes, amigos, objetos internos, autores, livros.

* Asociación Trabajo del Psicoanálisis.

** Sor Juana Inés de la Cruz (1691), *Respuesta de la poetisa a la muy ilustre sor Filotea de la Cruz*. Verso citado no livro *Nas origens do sujeito psíquico* (Bleichmar, 1985/1986, p. 16).

1. N. do T.: Esta e as citações seguintes são tradução livre, a não ser quando se especificar o contrário.

2. N. do T.: Tradução de Moraes, J. A tradução desta citação corresponde à página 376 de: Duncan, I. (2018) *Minha vida*. Lisboa: Sistema Solar. (Trabalho original publicado em 1927).

3. N. do T.: Tradução livre.

Neste sentido, seu perfil requer muitos outros, já que, precisamente, “sentir-se parte dos demais” foi uma das razões pelas quais voltou para a Argentina depois de seu exílio mexicano, e não – como disse uma vez – “por sentir saudades das *medialunas*”.

Talvez seja esta qualidade para um intercâmbio genuíno o que convida a imaginar o que diria em relação a tal ou qual acontecimento, já que permanece como interlocutora em cada um dos que pudemos conhecê-la e se sustenta nas gerações mais jovens, em um diálogo com a obra carregado com o mesmo entusiasmo não reverencial com que soubemos fazê-lo com a própria Silvia⁴. Um pensar acompanhado, mas não complacente a defini-la.

Costumava começar e encerrar o seminário que dava cada segunda-feira durante mais de dez anos agradecendo ao auditório por acompanhá-la e estimulá-la nesse trabalho rigoroso (mas ainda assim irreverente e lúdico) com o que se debruçava sobre o tema proposto em cada ocasião.

Deste seminário das segundas-feiras ficou grande parte da obra publicada depois de sua morte (Bleichmar, 2009, 2011, 2014, 2016, 2020), mas também um trabalho de revisão da sexualidade masculina (Bleichmar, 2007), que considerava uma das grandes dívidas da psicanálise e que levou em frente antecipando-se a debates atuais em função de “sustentar os paradigmas se despreendendo do lastro” (Bleichmar, 2005, p. 107).

O reposicionamento da noção de perversão em termos metapsicológicos à parte de toda a leitura moral das práticas sexuais⁵, assim como o esforço por separar o Édipo (enquanto assimetria sexual constitutiva) da novela da modernidade, em qualquer de suas reformulações, foram uma tentativa porque nossas teorias não sucumbiram junto com as formas da subjetividade de uma época que colocam em risco a própria legitimidade da disciplina⁶. Para isso, a diferença entre aquelas regras gerais do funcionamento psíquico – definidas como “construção do psiquismo” (funcionamento diferenciado dos sistemas psíquicos, repressão, superego, complexização tendente à regulamentação intrapsíquica) – e os modos históricos-sociais particulares de produção de sujeitos aptos para cada sociedade – pensados em termos de “produção de subjetividade” – resultou central (Bleichmar, 2005).

Mas voltemos atrás. Silvia Bleichmar nasceu em 1944, era a filha mais nova de uma família judia, metade lituana, metade argentina, que apenas quatro anos antes de sua aparição teve que abandonar Buenos Aires em busca de meios para sobreviver. Anos depois, ela mesma foi expulsa de um colégio (por contestadora e irreverente) e de um país, estudou em mais de um curso universitário, casou-se mais de uma vez, teve mais de um filho e mais de uma geografia. Sua vida se sobrepõe a cada passo com seu pensamento e sobre sua biografia já escreveram muito – entre outros, eu mesma –: melhor avançarmos sobre aquelas linhas libidinais⁷ (Bleichmar, 2009) que a mesma Silvia foi estendendo sobre o mundo na criação preciosa de uma rede que ainda hoje sustenta sua lembrança.

Uma digressão final: quando meus irmãos e eu éramos pequenos, o acesso à biblioteca não tinha restrições e o convite a percorrê-la se regia pela ordem de que fôssemos nós, as crianças, quem resolvêssemos quais livros deveriam ser lidos ou abandonados depois da primeira olhada, nos guiando unicamente por nossos gostos e interesses. É assim como escalamos precoce e fastidiosamente *O muro* de Sartre, ficando depois presos em “A autoestrada do sul” de Cortázar ou embarcando com Monteiro Lobato e Narizinho rumo à Acrópole de Péricles, enquanto saboreávamos com o pensamento algo chamado néctar e

4. “A escritura é exercida sempre no horizonte dos olhos de todos aqueles que nos ajudam a pensar e a nos pensar em nossa rota” (Bleichmar, 1993, p. 15). N. do T.: Tradução livre.

5. “Redefinimos então a perversão como processo no qual o gozo está implicado a partir da des-subjetivação do outro” (Bleichmar, 2006, p. 102). N. do T.: Tradução livre.

6. “Não se trata de acomodar os paradigmas fundamentais da psicanálise aos tempos correntes, mas sim de fazer decantar neles aqueles aspectos que unificam o rigor teórico à máxima fecundidade prática. Cada vez que um enunciado é colocado em questão pelos novos modos da subjetividade, nos obriga a uma revisão de seus fundamentos, em razão de que, fora de todo relativismo, os núcleos de verdade que possui não podem ser expulsos junto com as formas de subjetividade dos tempos nos quais foram acunhados” (Bleichmar 2006, p. 9). N. do T.: Tradução livre.

7. O “signo de percepção [...] enquadra a abertura no mundo de linhas libidinais que atravessam os objetos. Digamos, são elementos que, provenientes do campo do real, se despreendem dos objetos produtores de prazer primário e entram a funcionar como autonomamente, e vão marcando as linhas de interesse no mundo” (Bleichmar, 2009, p. 310). N. do T.: Tradução livre.

ambrosia, que se supunha ser tão saboroso que os próprios deuses o preferiam em relação a um chocolate com churros ou um bom churrasco. Essa liberdade com que éramos estimulados a entrar em qualquer mundo que nos resultasse chamativo era a que ela mesma tinha experimentado em sua infância quando ficava sob os cuidados dos bibliotecários de Bahía Blanca que, vendo-a entediada-se no Anexo Infantil, muito cautelosamente, pediram autorização para que acesse à coleção “verdadeira”.

Tanto em seu caso como no nosso, um mundo tão ignoto requereria um mapa ou, pelo menos, algo parecido a uma bússola: se a proposta era ampla, a ingenuidade, ao contrário, não estava permitida.

Para isto fomos instruídos: cada vez que nos encontrássemos com um autor, deveríamos pensar com quem dialogava ou, por que não, com quem discutia. Essa chave continua sendo para mim essencial frente a qualquer leitura, e ao ser olido qualquer texto de Silvia, proponho fazê-lo seguindo esse Norte ou, melhor ainda, esse Cruzeiro do Sul.

No começo dos anos setenta, e depois de deixar sem conclusão a faculdade de Sociologia, forma-se em psicologia e começa sua formação como analista em um tempo que define como de esgotamento em relação aos paradigmas vigentes em psicanálise.

Neste contexto, interessa-se pelo caráter refrescante da chegada do pensamento de Lacan na Argentina, ainda que se volte, no entanto, ao estudo sistemático da obra freudiana. Simultaneamente, começa seu trabalho clínico e a assalta a sensação de que a prática com crianças se encontra atolada entre dois determinismos – o endogenismo kleiniano e o estruturalismo lacaniano – que obstaculizam sua potência⁸ e, assim, não permitem mitigar o padecimento de quem a consulta (Bleichmar, 1985/1986). A partir dali o sofrimento psíquico virá a ser o modo de balizamento principal em relação à eficácia de suas intervenções.

No marco de seu exílio mexicano, em experiências de verdadeiro encontro com crianças que arrastam padecimentos brutais – e em vias de realizar uma guinada para uma clínica mais fecunda em relação a traumatismos cuja ancoragem histórica não é suficiente para explicar a sintomatologia, mas que não podem ser resolvidas pela via de endogenismo do fantasma ou as determinações estruturais –, interessa-se cada vez mais pelos fundamentos da metapsicologia freudiana.

A passagem “do mito à história” se produz a partir da recuperação do conceito da repressão originária⁹, que lhe permite começar a propor um modelo de constituição do sujeito – mais tarde aparelho – psíquico, histórica e traumáticamente instruído, mantendo o inconsciente e a sexualidade ampliada (enquanto um a mais de prazer que não se reduz ao autoconservativo) como noções centrais.

Seu encontro com Jean Laplanche (o mais lacaniano dos freudianos), que a acolhe como doutoranda em Paris VII, resulta estimulante. Compartilham a paixão pela obra de Freud e o questionamento a seu desvio biologizante. Laplanche se torna interlocutor privilegiado e estimulante ao longo dos anos; guardo a lembrança de ir caminhando atrás deles tentando imaginar o apaixonante diálogo que se percebia de longe ir se enquadrando em longos passeios.

Em seu livro *Nas origens do sujeito psíquico* (Bleichmar, 1985/1986) – também tese de doutorado e, portanto, mais engessado pelos requisitos da academia – e depois no muito mais pessoal *A fundação do inconsciente* (Bleichmar, 1992), vai dando forma a um modelo próprio em uma releitura de Freud: o *Proyecto*, a *Carta 52* e os textos metapsicológicos de 2015.

8. “Uma situação enormemente estressante para os que nos iniciávamos na tarefa analítica, já que não contávamos com princípios diretores claros, nem com guias técnicos que nos permitissem saber com que parâmetros trabalhávamos quando nos encontrávamos frente ao paciente. Chegou-se a tal grau de maniqueísmo ciência-ideologia que em um pequeno artigo que escrevi em 1976 mostrava a imagem grotesca de um analista aterrorizado, segurando-se com firmeza à poltrona, preocupado em evitar qualquer deslize ‘pré-científico’, ‘ideológico’, na interpretação, mais do que interessado no processo da própria cura em que se encontrava comprometido. Interpretação da transferência para a história, interpretação da história em função da transferência, interpretação lacunar ou transcrição simultânea, interpretação da defesa ou interpretação do conteúdo, interpretação, enfim, ou não interpretação, eram algumas das opções entre as quais nos debatíamos” (Bleichmar, 1985/1986, pp 19-20).

9. “Foi ficando cada vez mais claro para mim que não se podia definir a priori nenhum tipo de técnica se não se voltasse a situar o conceito básico de repressão originária e o lugar dessa na constituição do dispositivo psíquico. O ‘mito’ da repressão originária devia ser retomado como conceito e colocado em jogo no próprio campo clínico” (Bleichmar, 1985/1986, p. 20).



↑
Hércules
Hugo Aveta

Ali sustentará que o dispositivo psíquico – que logo depois de sua fundação permanecerá aberto ao real – começa a se constituir a partir do encontro com o outro adulto que, enquanto “duplo comutador” e de uma posição assimétrica (efeito da situação antropológica fundamental que implica o estado de desamparo na criança), produz uma dupla inscrição: sexual e narcisista. A sexualidade reprimida do adulto é veiculada nos cuidados primários, à sua revelia, enquanto o narcisismo “transvazante” – dirá Bleichmar – facilitará a inscrição de marcas que constituirão, por sua vez, as vias colaterais de ligação para que essa sexualidade, também inscrita de forma metabólica, dando origem à pulsão, não arrase com o sujeito psíquico em vias de constituição¹⁰. A excitação, pulsão, *Drang*, esforço de trabalho, que impulsiona o dispositivo psíquico à descarga ou à satisfação, será refreada por estas vias colaterais de ligação que operarão como pré-requisito e diques, anteriores à instauração da repressão que dará precisamente “origem” ao dispositivo clivado, gerando assim as melhores condições para o funcionamento psíquico. Nada há aqui de um modelo por derivação biológica.

Seu interesse naquela história traumática-vivencial – que, sobre a base de condições edípicas de início, define os “destinos da pulsão” e, portanto, “os destinos do sujeito” – a leva a um avanço “extramuros” em relação à psicanálise, em que é acompanhada muitas vezes por Carlos Schenquerman, seu companheiro por quase quarenta anos. É dessa forma que rear-

10. Sugerimos revisar o capítulo 1 do livro *A fundação do inconciente*: “Primeras inscripciones, primeras ligazones” (Bleichmar, 1993, pp. 17-68).

ticula as ferramentas proporcionadas pela psicanálise para intervir em catástrofes coletivas como o terremoto que afetou grande parte do México e impactou dramaticamente a Cidade do México em setembro de 1985. Os “grupos elaborativos de simbolização” vêm a ser os dispositivos para atenuar os efeitos do traumatismo na população afetada em um primeiro momento (Bleichmar, 2010), e também modelo para a posterior intervenção no atentado à Associação Mutual Israelita Argentina (Amia), em Buenos Aires, em 1994.

Se em Silvia Bleichmar o encontro com os *impasses* da clínica definiram esta guinada teórica para uma “psicanálise de fronteira” – necessária tanto nas intervenções com crianças como em relação a correntes não neuróticas, efeito de traumatismos severos ou falhas parciais da repressão (Bleichmar, 1993) –, é também porque se vê interpelada pelo sofrimento subjetivo fora do consultório durante a grande crise argentina de 2001 que apela para a psicanálise como “grande teoria da subjetividade” para tentar ampliar a compreensão das consequências psíquicas dos processos de dismantelamento social (Bleichmar, 2002).

A forma febril com que atacava o teclado de seu computador para produzir, um atrás do outro, aqueles textos que faziam a elaboração coletiva de padecimentos inomináveis, dava conta de sua convicção de que apenas o pensamento compartilhado podia mitigar o sofrimento psíquico, fosse este o efeito do ataque da pulsão ou dos horrores da vida que confrontam os seres humanos com processos de dismantelamento de sua identidade, sua subjetividade, seu eu. Nesse trabalho de escritura que levava adiante em sua máquina-roca, fiava, para nós e para ela mesma, os restos do desfiado.

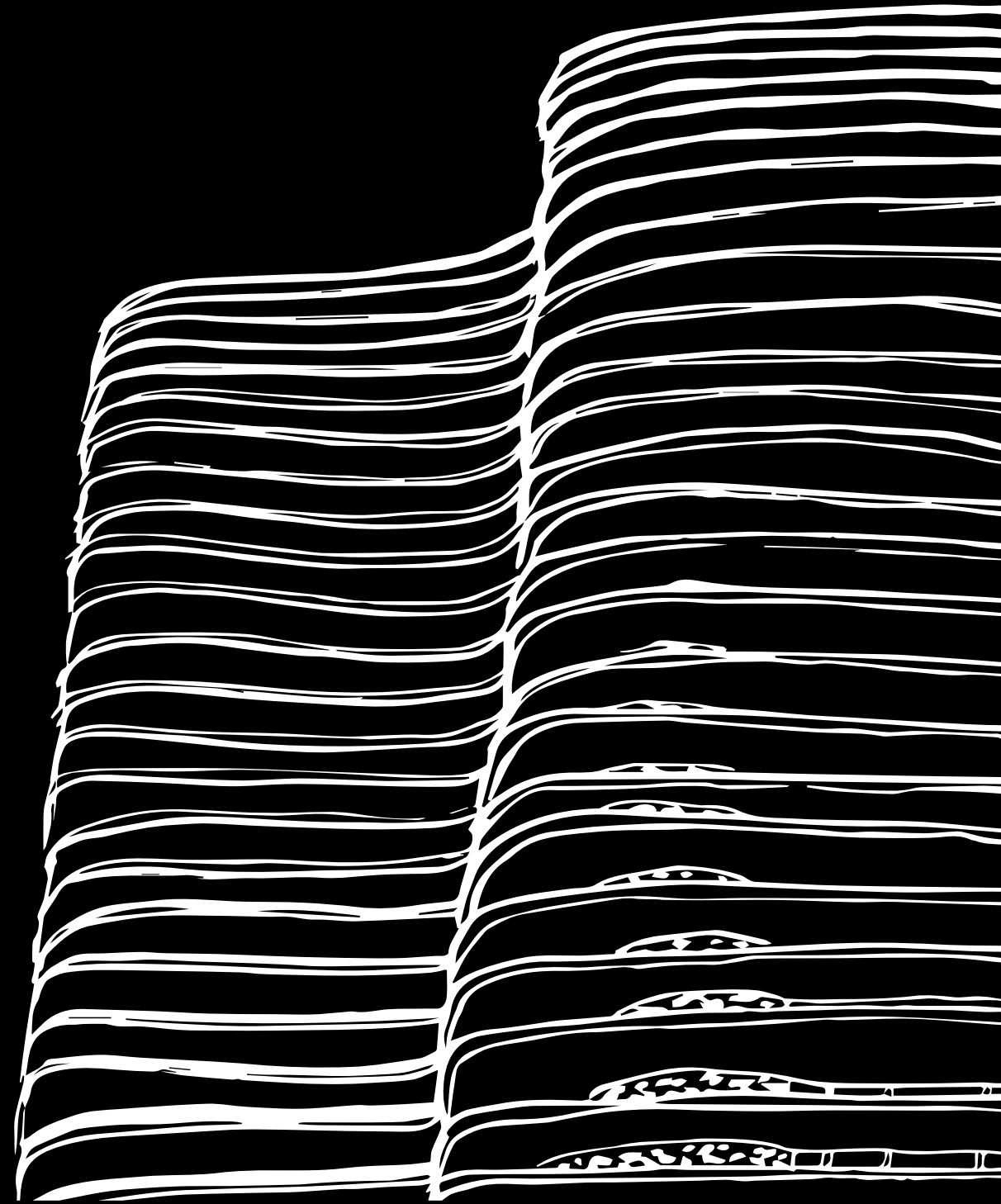
Impossível não sentir que nos faz falta.

REFERÊNCIAS

- Bleichmar, S. (1986). *En los orígenes del sujeto psíquico*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1985).
- Bleichmar, S. (1993). *La fundación de lo inconciente*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bleichmar, S. (2000a). *Clínica psicoanalítica y neogénesis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bleichmar, S. (2000b). *Dolor País*. Buenos Aires: Libros del Zorzal.
- Bleichmar, S. (2005). *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía.
- Bleichmar, S. (2006). *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2009a). *El dismantelamiento de la subjetividad: Estallido del yo*. Buenos Aires: Topía.
- Bleichmar, S. (2009b). *Inteligencia y simbolización*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2010). *Psicoanálisis extramuros*. Buenos Aires: Entreideas.
- Bleichmar, S. (2011). *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2014). *Las teorías sexuales en psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2016). *Vergüenza, culpa, pudor*. Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2020). *El psicoanálisis en debate*. Buenos Aires: Paidós.
- Duncan, I. (1983). *Mi vida*. Buenos Aires: Losada. (Trabalho original publicado em 1927).
- Mann, T. (1985). *Los diez mandamientos de Moisés*. Buenos Aires: Leviatán. (Trabalho original publicado em 1943).
- Porché, F. (1997). *La vida dolorosa de Charles Baudelaire*. Buenos Aires: Taurus.

Cidades Invisíveis

pp. 264-269



» Quito, cidade oculta

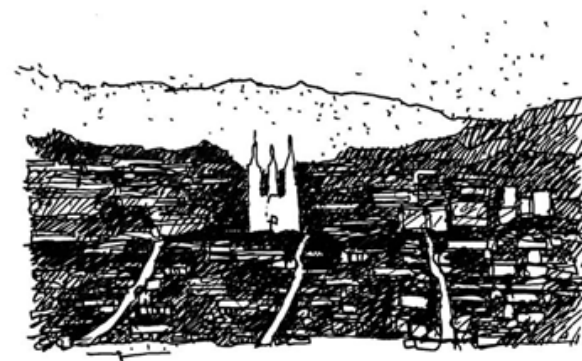
A vida nas cidades contempla a interação social e a percepção do mundo como resultado de um momento histórico ou do lugar que tem na cultura o nexos social, os vínculos econômicos, a língua, a forma mesma em que se concebe o *ethos citadino*. Assim também a forma como se dispõe uma multiplicidade de aspectos que respondem a uma periodização, a vicissitudes naturais, a mudanças político-econômicas, a movimentos migratórios, enfrentamentos bélicos, ao surgimento de ideias que se constituem em novos paradigmas para entender o que foi pensado de uma forma e se transforma em outra coisa, produzindo uma reviravolta na vida do espírito e, que finalmente, dá conta de uma complexa evolução. Nesse sentido, podemos pensar que as cidades modernas não são os templos, as ruas, as escolas, as praças, as edificações, mas sim a ordem social e o sistema de relações que tramam uma cultura das ruas, escolas, instituições etc. (Ospina, 2015).

Na Cordilheira dos Andes, lá longe, no horizonte, podem se vislumbrar os momentos fundacionais da cidade de Quito, as lutas que deram lugar ao “encontro de duas culturas”, no qual se destacou a cosmovisão daquele que triunfou com suas vilezas e bondades. Esse ato fundante, como todo acontecimento desse gênero na América Latina, foi uma obra eminentemente política, como afirmação de um fato de con-

quista (Romero, 1986). Assim, a cidade foi pensada como uma urbe que reproduzia maneiras trazidas por aqueles que buscavam repetir o distante e torná-lo próximo. A instauração de uma língua, a legitimação de determinadas formas simbólicas e a destruição de outras que ficaram no esquecimento ou que perduraram em um tipo de sincretismo nas novas: um novo Deus, novos cultos, novos referentes linguísticos, novas formas de interação, primazia de formas estéticas determinadas e silêncio sobre o inefavelmente novo, como uma maneira de negação da inédita realidade que se impõe como um fato. Assim,

apreender a América em sua turbulência, sua complexidade e em sua enfática estranheza, necessitaria uma linguagem nova, um tom muito afastado dos costumes de sua época, em uma crueza e uma audácia que o fariam irreconhecível aos olhos de seus contemporâneos.¹ (Ospina, 2012, p. 22)

O traçado da velha urbe, e também da nova, responde ao tempo como esse grande demiurgo profano, em uma forja feita de seres humanos que se lançam à vida por meio de ações. O fazer, neste sentido, cria história e se constitui na forma em que se estrutura um momento e transcende o instante. Não obstante, a forma em que a urbe é visualizada, em todo seu esplendor



e em seu doloroso declínio, em seu vigor e em seu lânguido ocaso, é um olhar que revela uma posição. Para quem as edificações do século XVI são construções arcaicas e anacrônicas, a cidade antiga é uma ruína e algo a ser derrubado devido a seu arcaísmo. Quem não considera a história dentro da perspectiva do novo século e ignora a evolução de uma rica e heterogênea tradição não olha somente um horizonte limitado por seu imediatismo, motivo pelo qual supõe que as formas urbanas coloniais devem ser ocupadas por espaços funcionais, com avenidas amplas e em um tom afeito ao cada vez maior fluxo de veículos, ao mesmo tempo que transformadas pelas exigências do mercado imobiliário.

Para o historiador e o arquiteto, assim como para o arqueólogo e o urbanista, a zona colonial é uma galeria de estilos, de formas singulares de edificação, um panorama que ilumina o passado cheio de personagens esquecidos e de uma vida que imagina acontecimentos históricos, costumes, intrigas, repartições públicas e empresas privadas. As canções que são cantadas em celebrações falam de lugares difíceis de identificar (La Guaragua), ao mesmo tempo que as lendas que são contadas supõem momentos ausentes e acontecimentos esquecidos ou pensados a partir de uma posição moral localizada em outra época. Uma urbe que no final do século XVI e começo do século XVII contava com três universidades nas quais se formou grande parte da intelectualidade da América Latina, do México ao Rio da Prata (Meza Cepeda e

Arrieta de Meza, 2006). Ainda que na Cidade do México, Bogotá e Lima existissem universidades, as de Quito atingiram um prestígio que fez que a cidade se chamasse “o monstro de três cabeças”, um tipo de Cão Cérbero, uma questão que, como representação, leva a pensar no significativo da metáfora. Porque Quito é isso, uma metáfora, um espaço cultural situado em uma agreste topografia, onde a religiosidade se objetivou em templos de grande valor estético, ao mesmo tempo que a plástica iluminou uma importante escola pictórica.

Uma cidade nos Andes, a quase 3.000 metros de altura, que não chegava aos 25.000 habitantes no final do século XVI, na qual se produzem acontecimentos, se gestam ideias e se ensina. Sua maior fonte



*Grupo Psicoanálisis Quito.

1. N.do T.: Esta e as demais citações são de tradução livre, salvo se especifique o contrário.



de riqueza, em seus inícios são os batanes², que enviam tecidos para grande parte da América Hispânica. Seus habitantes empreendem cruzadas em busca de riqueza, esquadrinham novas geografias e, de forma similar, são estabelecidas rotas que unem a serra com a costa e oriente selvático, articulando regiões às quais se tinha pouco acesso.

As vontades coletivas que acolhem a modernidade, o barroco, a educação, o romanticismo, a ciência se transformam frente ao novo, ao subsistirem formas sociais que procedem do Medievo, que se nutrem de um pensamento escolástico e buscam com ímpeto estender, ao mesmo tempo que manter, uma visão de mundo que renega o mundano. São questionadas e se veem ameaçadas tradições e histórias, formas de ser e fazer (Berman, 1989). Mas – *e pur si muove* –, desde as façanhas libertárias, as disputas que geram o fracasso dos países, causadas pela avidez dos caudilhos, a cidade de Quito se consolidada como o centro político de um novo Estado. As lutas para colocar em ordem um conglomerado caótico e heterogêneo, além dos modelos para que germine um Estado laico e uma nova ordem social nos encontram no século XX.

As ideias, que movem mentes inquietas que buscam horizontes universais nas letras, trazem para a urbe imagens plenas de esplendor, de lugares distantes, concomitantemente a um potente progresso e desenvolvimento. Nessa tônica, grupos de inquietos artistas plásticos e escritores leem textos de Freud nos inícios dos anos vinte, graças à tradução de Luis López Ballesteros e de Torres. Abre-se um caminho para ideias que mostram a riqueza e diversidade de um mundo múltiplo no espaço individual, ao mesmo tempo que se matiza o olhar de uma realidade que se centra em um novo século, acompanhado por lutas fratricidas, massas que ultrapassam o conhecido e incendiam a cidade. A força das ideias germina e reproduz em Quito os debates e

2. N. do T.: Máquinas destinadas a transformar alguns tecidos com a trama muito aberta em tecidos com a trama mais densa.

as confrontações que no mundo significaram um fracasso da humanidade, enquanto a razão iluminou campos de concentração, *gulags* e a grande fome que acompanha genocídios inauditos. As ideologias que movem massas e o desenvolvimento do poder bélico não têm paralelo na história da humanidade, e, em razão do apontado, enfrenta-se a ameaça da aniquilação.

Quito vive o instante da humanidade, com expectativa e à distância, vislumbrando processos que incidem no caminho que vai sendo traçado portas adentro. A dinâmica de um processo histórico e a forma na qual as ideias se permeiam impulsam um movimento no qual a trama do novo se cozinha no subsolo de pequenos cenáculos (Valencia Sala, 2007).

A psicanálise não é uma exceção; nasceu na cidade, abrigada em palavras e histórias, mais ligada à arte que vinculada à prática clínica. Este nascimento marca a índole e o destino das ideias, situando-as no plano da ficção e na ordem da criação literária, que vive as vicissitudes de uma luta que persegue o modernismo promovendo uma estética ligada ao realismo socialista, luta na qual indiretamente se sanciona a psicanálise por considerá-la uma disciplina que prospera na individualidade e, por conseguinte, em uma ideologia burguesa. Se há equívocos trágicos, esse é um deles, ao limitar e restringir um rico horizonte de ideias.

O caminho percorrido e um segundo nascimento da psicanálise ocorre em um complexo momento do contexto latino-americano dos anos setenta, junto com o resgate do centro histórico e seu imenso acervo arquitetônico, ao que não escapa um patrimônio intangível recuperado de histórias, personagens, livros, canções, comida e costumes. A psicanálise retorna assim, em instantes em que são revividos momentos históricos, são visibilizados conflitos sociais que sempre estiveram presentes, são descobertos espaços ocultos e transitam pela urbe personagens esquecidos, restituídos ao imaginário social. Retornam as ideias psicanalíticas quando se recupera o passado da cidade e se inaugura um anár-

quico crescimento, fruto da presença de novas fontes de riqueza. A cidade prospera e vai mostrando uma face diferente, a um ritmo que as condições econômicas não permitiam até há pouco tempo, enquanto o passado se descobre e ancora a urbe a uma rica tradição. Ideias novas, pela mobilidade de pessoas de diversos países, precipitam-se e tiram de um sono letárgico os habitantes da capital. Quito se faz presente através da densa neblina com a que amanhece e vai se recuperando, em um movimento que se encontra ainda incipiente, uma vibração que a incorpora ao mundo. Na América Latina, dizíamos, foram vividos os anos de chumbo nos anos setenta pelas mudanças e pela força dos conflitos sociais que despertaram uma reação de violência dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que isso obrigou muitas pessoas a abandonar seus países. Esta questão permitiu que muitos intelectuais, pesquisadores de diversas áreas – em conjunto com psicanalistas –, se hospedassem tornando-se imponderáveis mestres que contribuíram com sua capacidade, da mesma forma que ocasionaram uma significativa transformação. É a oportunidade em que diferentes percepções confluem e se consegue estabelecer uma distância com o novo e o que permaneceu, em um exame que capturou a riqueza do próprio por meio de um agudo e atento olhar, a partir da diversidade; esse é o transe no qual se geraram novos acontecimentos e o mundo citadino adquiriu corpo.

Conhecer a cidade de Quito em sua evolução é situá-la na linha das palavras, as que iluminam sua topografia e tecem a trama das ruas, dos edifícios, das presenças e das ausências. As palavras definem espaços e conduzem a lugares pouco conhecidos para os próprios habitantes. As vezes que davam nome a colinas e espaços habitados passaram a ter nomes castelhanos como uma forma na qual se expressa a posse dos lugares. Além disso, as maneiras pelas quais a mestiçagem foi representada, na expressão de um modismo do lugar, falam dos homens que habitam a cidade como *chullas*. Esse termo se entende como



“metade ou uma parte de algo”. Quando se fala de um par de meias, se diz “um par de meias”, e quando se fala de apenas uma meia, se diz “chulla meia”. O mestiço, nesse sentido, é um chulla, uma vez que é metade descendente de espanhol e metade descendente de indígena ou afro, ao mesmo tempo que amorenado pelas origens e graças a um intenso sol de alturas montanhosas. É aquele que carece de unidade porque sua interioridade cavalga entre dois mundos, questão que faz dele um sujeito trágico, que em sua fatalidade se pensa como uma consciência desafortunada.

A metamorfose que muda a apropriação de si subverte a carência e tece uma formidável singularidade que só é alcançada em e pela linguagem, uma vez que essa se constitui no meio privilegiado do vínculo com outro, em potente articulação. De modo semelhante, colocar em palavras o olhar que fala da cidade é mostrar uma cidade falada, cheia de vida e de movimento, tal como por meio da linguagem é factível fazer o que fazemos quando traba-

lhamos como psicanalistas. Não obstante, é preciso estarmos atentos porque o falar é problemático. É habitual que quando se diz: “Não me fale” ou “Vou te falar”, não se esteja mencionando algo relativo a fazer uso das palavras para explicar, descrever e delimitar algo, mas que se denote crítica, um chamado de atenção ou uma forma de punição. “Vou te falar” quer dizer “Vou te repreender” ou “Vou te advertir”. Quando a linguagem adquiriu essa forma? Quanto da linguagem nos enche de suspeita e se constitui em um estorvo? É, quem sabe, fruto da imposição de uma língua que para expressar e conduzir uma mensagem tinha que ser articulada a gritos?

O que se semeou nos anos setenta, continuou com um sustentado incremento, durante os anos oitenta e noventa, com a visita de inumeráveis psicanalistas à urbe. Assim como, ao mesmo tempo, o retorno de quem buscou horizontes de formação e trabalho em lugares próximos e distantes, foi dando frutos nos oitenta, noventa e na primeira década de 2000. É neste avanço do trem



da história, que entra em jogo a possibilidade de dar um alcance internacional a um grupo de estudo, que nasce com o novo século. Ao mesmo tempo procura-se recolher um legado e se projetar a um espaço mais amplo de ideias, de práticas, de um pensamento pujante no âmbito internacional e que recebe uma acolhida generosa e interessada de grupos e associações. O esforço é enorme, mas é um afã compartilhado no qual os intercâmbios são ricos e enriquecedores. Ao abrir os limites das fronteiras do pensamento, abre-se a apreensão do real, e a perspectiva de um mundo que corre o risco de se esgotar em um tipo de alienação no dia a dia, transforma-se em um grande assombro, ao incluir diferenças que outorgam novos significados ao existente.

São a cidade de Quito como ideia e a psicanálise como destino o que leva a situar o problema entre dois eixos, tal como o formulamos: um, o *arjé*, e outro, o *telos*. Entre um princípio arcaico que se aproxima da construção de mitos, de lendas e de tradições, e um fim que está colocado em um

horizonte por vir, em uma elaboração que toma como *leitmotiv* a história.

REFERÊNCIAS

- Berman, M. (1989). *Todo lo sólido se desvanece en el aire*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Calvino, I. (2019). *Las ciudades invisibles*. Madri: Siruela.
- Meza Cepeda, R. D. e Arrieta de Meza, B. M. (2006). Coexistencia de tres Universidades en el Quito Colonial (1681-1769). *Revista Venezolana de Ciencias Sociales*, 10(2), 415-429.
- Ospina, W. (2012). *Las auroras de sangre*. Bogotá: Random House - Mondadori.
- Ospina, W. (2015). *La lámpara maravillosa*. Bogotá: Random House - Mondadori.
- Romero, J. L. (1986). *Latinoamérica: Las ciudades y las ideas*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Valencia Sala, G. (2007). *El círculo modernista ecuatoriano*. Quito: Corporación.

De Memória

pp. 272-277



» Para evocar as contribuições de Víctor Guerra



Como aconteceu com Mozart ou José Bleger, a morte prematura não conseguiu impedir que Víctor Guerra (a partir de agora VG) nos deixasse um valioso legado potente e original.

Pode-se argumentar que seu referencial originário foi a observação de bebês (ou o desenvolvimento do psiquismo primordial), como o foi para Esther Bick; ou a relação paterno-filial, como no caso de Freud com Hans; ou, décadas mais tarde, a compilação intitulada *Cuerpo, historia, interpretación: Piera Aulagnier. Del imaginario al proyecto identificador* (Hornstein et al., 1991). No entanto, é mister registrar que VG cozinhou os ingredientes com seu perfil pessoal e valioso.

Explorar o tempo *infans* (0 a 3 anos) tem suas lógicas e dificuldades específicas. Não podemos tratar nosso rebento como um *alter ego* ou semelhante, já que a imaturidade do neonato interpõe uma assimetria radical no vínculo e cria uma expressividade virginal e desconhecida. Por isso, nossos achados são sempre conjecturais. (Antigamente eludíamos a dificuldade naturalizando esse tempo com a alternativa do constitucional e do adquirido). Hoje, exploramos essa fronteira ou conjecturamos como se inscrevem as experiências primitivas, criando o conceito de identificações arcaicas.

Esther Bick assinalou a observação objetiva do positivismo procurando minimizar a ingerência do observador no campo de estudo, criando assim um cenário panóptico. Diferentemente desse enfoque, o de VG procurava traduzir de viva voz uma narrativa da situação em curso, verbalizando gestos, atitudes, sons que visavam expressar as emoções e representações vigentes na cena protagonizada pelo bebê e seu(s) adulto(s), e o terapeuta.

Entendo que esta postura traz em seu acionar o princípio dialógico de Mijaíl Bajtín, que já tinha também se expressado (com paixão e sagacidade) por certas figuras relevantes da psicanálise rio-platense – H. Racker, M. e W. Baranger, José Bleger. Na observação dialógica, a resposta emocional e cognitiva do observador é uma aresta essencial da observação. É por isso que os colegas e alunos que o acompanharam e admiraram em sua aventura criativa se nutriram tanto da frescura de sua produção oral como da leitura de seus textos.

O começo da carreira de VG foi em um renomado centro de perinatologia, e continuou por longos anos em um jardim de primeira infância – bem nomeado de Maternalito –, de acordo com o modelo familiar dos tempos atuais, que inclui ambos os pais imersos muitas horas no mercado de trabalho, em contraste com a família tradicional do pai *breadfeeder* e a mãe no lar.

Suas afinidades com a medicina e a educação, não obstante, não o impediram de submergir em um terceiro vértice de apaixonamento pela literatura e pela poesia, que acompanharam seus textos e suas aulas. Com essa trajetória e sua bagagem vivencial, começou a construir sua tese de doutorado na Universidade Paris-Descartes, tarefa já avançada que a morte interrompeu.

* Psicoanalista de la Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

Como testemunho do afeto que semeou, um grupo numeroso de seus colaboradores no Mercosul e na França retomou a tarefa que a morte deixou truncada e, reunindo textos e anotações, conseguiu uma edição póstuma, tanto em francês como em espanhol.

Uma das consequências desta longa e lúcida experiência foi a de sistematizar as conquistas e os *impasses*, os progressos e os fracassos nos processos de maturação e vinculares que o neonato vai desenvolvendo a partir da imaturidade originária e durante os primeiros quatro semestres de sua vida, que o autor designa com o nome de *indicadores de intersubjetividade*. De acordo com Piera Aulagnier, *há teorias que podem cadaverizar um texto vivencial*. O rótulo adotado pode sugerir uma analogia com os DSM (por suas siglas em inglês de *Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais*), cuja fria descrição de sintomas os objetiva e aliena. Existe uma observação descritiva e outra que é compreensiva.

Então, de maneira oposta, o texto de VG acarreta o desassossego e o entusiasmo que o acesso à intimidade precoce acaba por produzir. Texto, gesto, fraseio e ritmo naqueles nos quais ele acompanha as cadências da comunicação, gestual e verbalmente. (Interpretar, por acaso, não é isso?). A sequência aponta e ilumina a intimidade do vínculo – terno ou hostil – que define o mais essencial de nossa espécie.

Com este enfoque, os analistas de infantes poderão discernir mais claramente as conquistas e fracassos de um *ser* relacional em desenvolvimento e em processo de maturação com a mielinização do sistema nervoso central (SNC) que transforma o quadriplégico em atleta e o pensamento animista sincrético dos inícios que compartilhamos com os seres primitivos, até chegar ao pensamento simbólico, no qual se definem (parcialmente) as fronteiras entre a mente, o corpo e o mundo exterior. Usamos *sincrético* para qualificar essa experiência interior na qual não se definiram as fronteiras (a separação do psiquismo com o corpo e com o mundo exterior).

As escalas esboçadas ou sistematizadas nestes indicadores são uma valiosa ferramenta para ajudar famílias e pediatras na detecção e no tratamento do que – se me lembro bem – agrupa-se sob a *label* de Transtornos do Espectro Autista como conquistas ou fracassos do psiquismo primordial.

Para os analistas que só trabalham com adultos e adolescentes, os textos de VG sobre psiquismo primordial constituem um marco na bibliografia sobre casos limite, abundantes na atualidade de nossa prática, provavelmente em consonância com a cultura de um viver acelerado.

Como destaca Alberto Konicheckis, esta realidade arcaica não se limita ao bebê e não termina nele, mas sim, se formula e estrutura uma experiência primordial que VG chama de *complexo do arcaico*: emoções ancoradas na sensorialidade e ritmicidade do corpo, experiências primitivas que nos habitam e acompanham por toda a vida.

Os trabalhos de Green com Urribarri na Associação Psicanalítica Argentina (APA), seu livro *La folie privée* (Green, 1990) e a compilação de Anne Brun e René Roussillon, *Aux limites de la symbolisation* (2016) são contribuições na mesma direção, essenciais para uma psicanálise do século XXI.

REFERÊNCIAS

- Brun, A. e Roussillon, R. (2016). *Aux limites de la symbolisation*. Paris: Dunod.
- Green, A. (1990). *La folie privée: Psychanalyse des cas-limites*. Paris: Gallimard.
- Green, A. (2012). Green en APA: Ideas directrices para un psicoanálisis contemporáneo (entrevistas). *Revista de Psicoanálisis*, 69(1).
- Guerra, V. (2018). *Rythme et intersubjetivité chez le bébé*. Paris: Érès.
- Guerra, V. (2020). *Vida psíquica del bebé: La parentalidad y los procesos de subjetivación*. Montevideo: Asociación Psicoanalítica del Uruguay.
- Hornstein, L. et al. (1991). *Cuerpo, historia, interpretación: Piera Aulagnier. De lo originario al proyecto identificador*. Buenos Aires: Paidós.

» A escuta sensorial e estética do analista na obra de Víctor Guerra

Víctor Guerra evocava frequentemente seu diálogo com amigos imaginários e agora cabe a nós, na França, dar continuidade a esse diálogo com ele: guardamos um intenso sentimento de sua presença e dos resquícios de trocas apaixonantes com ele. Na Université Lumière Lyon 2, onde ele deu palestras regularmente, dedicamos um colóquio à sua obra na ocasião da publicação de seu livro.

O que primeiro arrebatava na leitura da obra de Guerra é a enorme qualidade de sua escrita que articula de maneira impressionante rigor científico e linguagem poética. Este diálogo íntimo entre o teórico e o poeta que o habita é colocado a serviço da pesquisa psicanalítica. Ele recorre frequentemente à literatura e à poesia sempre que se encontra diante de situações clínicas complexas – as quais ele vai explorar, assim, por esses atalhos.

Entre suas numerosas contribuições, o último capítulo de sua obra trata da escuta sensorial e estética do analista em casos de distúrbios da subjetivação arcaica. O que Víctor Guerra (2018) chama de *subjetivação arcaica* é a maneira pela qual o bebê vai progressivamente formar sua vida pulsional ao longo dos encontros com o objeto. Estes trabalhos mostram como a construção da subjetividade depende da maneira como a vida pulsional do bebê é recebida, acolhida ou rejeitada pelo objeto a que ela visa, assim como da maneira como o objeto traduz, transforma a mensagem subjetiva do bebê. Sua obra mostra como a apropriação subjetiva passa pelas formas da linguagem sensório-motora entre o bebê e seu ambiente primordial e, principalmente, pela *interludicidade* (Guerra, 2018).

Uma das principais originalidades da obra de Víctor Guerra consiste em aproximar o papel desempenhado pela sensorialidade nos processos de subjetivação do lugar que ela ocupa na criação artística. Ele vincula o trabalho do analista ao do poeta ao evocar o impacto estético de uma sessão que o analista escuta também em nível sensorial. Ele se inspira em Octavio Paz para dizer que o analista ouve com os olhos, pensa com a orelha e cheira com a mente, em uma transmodalidade sensorial. Apoiando-se nos textos de Marcelo Viñar, Guerra mostra como a escuta psicanalítica tem correlação estreita com formas de experiências artísticas.

* Diretora do Centre de Recherches en Psychopathologie et Psychologie Clinique. Professora de Psicopatologia e de Psicologia Clínica na Université Lumière Lyon 2.

As tão belas páginas dos textos de Víctor Guerra rememoram como uma abordagem psicanalítica do processo criativo de uma obra torna clara a mobilização de experiências sensoriais arcaicas por parte do criador. Parece-me que o que interessa a Guerra no processo criativo é a maneira pela qual a obra contemporânea tenta, frequentemente, explorar as partes de si que não podem ser conhecidas ou figuráveis, que remetem a catástrofes físicas, a agonias primitivas (Winnicott, 1989/2000). A obra representa, assim, uma tentativa de figuração por parte dos artistas deste estrangeiro em si, dando forma e figura em seu trabalho criador a essas experiências arcaicas que não puderam ser transcritas nem em imagens, nem em palavras: ela é uma verdadeira tentativa de sobrevivência.

Guerra liga este tipo de experiência criativa não somente ao tratamento de bebês, mas aos tratamentos que nos confrontam com zonas de retração da subjetividade, com vivências de ausência total, de vazio, ou com experiências de sofrimento extremo que não se manifestam sob a forma de memórias. Face aos enigmas de certos pacientes, ele recorria à sua intensa convivência com artistas para compreender os processos em marcha. A questão do processo criativo aparece, então, como uma via expressa para explorar nossa prática de psicanalista.

Víctor Guerra (2018) tenta justamente pensar a posição do psicanalista em sua relação com a sensorialidade e a estética, perguntando-se qual é o papel da sensorialidade e do corpo não somente na criação artística, mas na criação do sujeito ao longo de seu processo de subjetivação. Ele define a escuta estética como uma abertura do analista “para os aspectos primários sensoriais e rítmicos da comunicação que têm um valor de descoberta e de reinauguração de um Dizer próprio através de uma palavra, um gesto ou um jogo” (p. 178). Com as crianças autistas, Guerra tem a arte de ir buscá-las compartilhando justamente sensações, cores, uma música. Ele se torna, com elas, “pura sonoridade”, uma “luz brilhante”, uma “superfície acariciada”, como escreveu P. Aulagnier (1986, p. 401).

Eis aqui as últimas linhas de seu livro:

O trabalho analítico com um paciente [...] é também habitar de novo essas palavras de infância. E, a partir do jogo compartilhado, poder manter abrigados os ocios do pensamento para dar à dor e ao vazio uma nova chance de subjetivação no movimento da vida. (Guerra, 2018, p. 194)

É a “vida” quem tem a última palavra. Víctor, sua obra permanecerá profundamente viva em cada um de nós.

REFERÊNCIAS

- Aulagnier, P. (1986). *Un interprète en quête de sens*. Paris: Ramsay.
Guerra, V. (2018). *Rythme et intersubjectivité chez le bébé*. Toulouse: Érès.
Winnicott, D. W. (2000). *La crainte de l'effondrement et autres situations cliniques*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1989).

» Víctor Guerra

Uso a palavra para compor os meus silêncios.
Manoel de Barros, 2008

O psicanalista Víctor Guerra (1958-2017) foi integrante da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU) e membro da diretoria de crianças e adolescentes da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), de 2014 a 2016. Sua pesquisa sobre as relações precoces o levou a ocupar posição de destaque na América Latina e seu trabalho ganhou repercussão internacional. Sua sensibilidade e seu entusiasmo em compartilhar descobertas estarão sempre presentes para os que com ele conviveram.

Por mais de 25 anos, Guerra trabalhou com observação e consultas terapêuticas de bebês e crianças pequenas, atuando com pais, educadores e os profissionais envolvidos nos cuidados em um centro de educação da primeira infância. A atividade sempre foi mencionada por ele como fundamental em sua formação, tendo contribuído para seu interesse na constituição do vínculo primário e do processo de subjetivação.

A partir dessa experiência clínica, o psicanalista desenvolveu os indicadores de intersubjetividade durante o primeiro ano de vida. Em 2012, este trabalho culminou em um filme realizado com financiamento da Associação Internacional de Psicanálise (IPA, por suas siglas em inglês). Trata-se de uma ferramenta clínica que permite pensar como o bebê constitui o processo de subjetivação na presença do objeto primário. Ele descreve como o bebê avança em sua jornada desde o encontro de olhares com o objeto, até o prazer de brincar juntos.

Seu doutorado foi realizado na França e publicado em um livro lançado na Universidade de Paris e Lyon: *Rythme et intersubjectivité chez le bébé* (Guerra, 2019). Em 2020, o livro foi lançado em espanhol pela Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU). A artista plástica, Martha Barros, filha do poeta Manoel de Barros, ao saber da admiração que Guerra nutria pelo poeta brasileiro, cedeu um de seus trabalhos para ilustrar a capa deste livro.

Guerra – que dialogava intensamente com a arte, a poesia, a música e a pintura – dialoga, em um texto apresentado na 5ª Jornada de Literatura e Psicanálise da Asociación Psicoanalítica del Uruguay, (29 de junho de 2007) com o poeta Manoel de Barros, e compara o trabalho do analista ao trabalho do poeta no jogo que ambos fazem com as palavras, abrindo novas possibilidades de sentido.

Nesse texto, o autor uruguaio também revela a importância que teve para ele sua experiência pessoal no estabelecimento comercial do pai – um imigrante italiano – que reunia espanhóis e italianos que ali comiam, bebiam, compravam alimentos e contavam suas his-

tórias com palavras e, às vezes, pelo silêncio do olhar e dos gestos. Eram histórias impressionantes de saudades da pátria e dos parentes deixados para trás, da dificuldade com a língua, da adaptação ao novo país. Nos encontros no balcão do comércio do pai se constituía o futuro analista, que – diante do sofrimento de tantos relatos – já percebia a força da linguagem não-verbal dos personagens de sua infância.

Guerra desenvolveu vários conceitos importantes para o campo da primeira infância como: o ritmo, o complexo do arcaico, a lei materna, a estética da subjetivação, o transtorno de subjetivação arcaica, o falso *self* motriz e o objeto tutor.

O intercâmbio com psicanalistas franceses resultou em um diálogo, principalmente com René Roussillon e Bernard Golse, e foi muito importante para o desenvolvimento de suas ideias.

Guerra (2017) ampliou o conceito de lei materna de Roussillon (1991/2006), como uma lei do encontro, fazendo um contraponto à lei paterna, que propicia a separação e introduz o terceiro. A lei materna leva em conta o próprio ritmo do sujeito e acrescenta dois outros elementos organizadores desse encontro, fundamentais para a constituição psíquica, como o espelhamento e a abertura à palavra e ao jogo.

Ele destaca, ainda, que não pode haver união sem perspectiva de separação, e não se pode separar o que não foi antes unido. Portanto, antes de descobrir e aprender a andar e se deslocar – e assim desenvolver a capacidade de se separar –, a criança descobre, entre outras coisas, o prazer de co-criar um jogo com o outro, o que constitui uma das bases do processo de subjetivação. Essa ideia está presente nos indicadores de intersubjetividade.

Guerra argumenta que no vínculo mãe-bebê e pai-bebê se constrói um ritmo em comum, uma música necessária e fundante para a dança da subjetivação que tem como base central a busca de comunicação e a linguagem corporal de tempos arcaicos.

No encontro com o bebê, os pais revisitam consciente e inconscientemente sua própria infância, as vivências de como foram cuidados e tratados por seus objetos – e isso pode gerar angústias, esgotamento e tensão. Guerra (2018) descreve tal experiência como um revistar desse mundo infantil, com suas paisagens agradáveis e desagradáveis. Muitas vezes, afirma ele, esse lugar não é tão luminoso, e sim opaco e com angústias ocultas pela bruma do tempo.

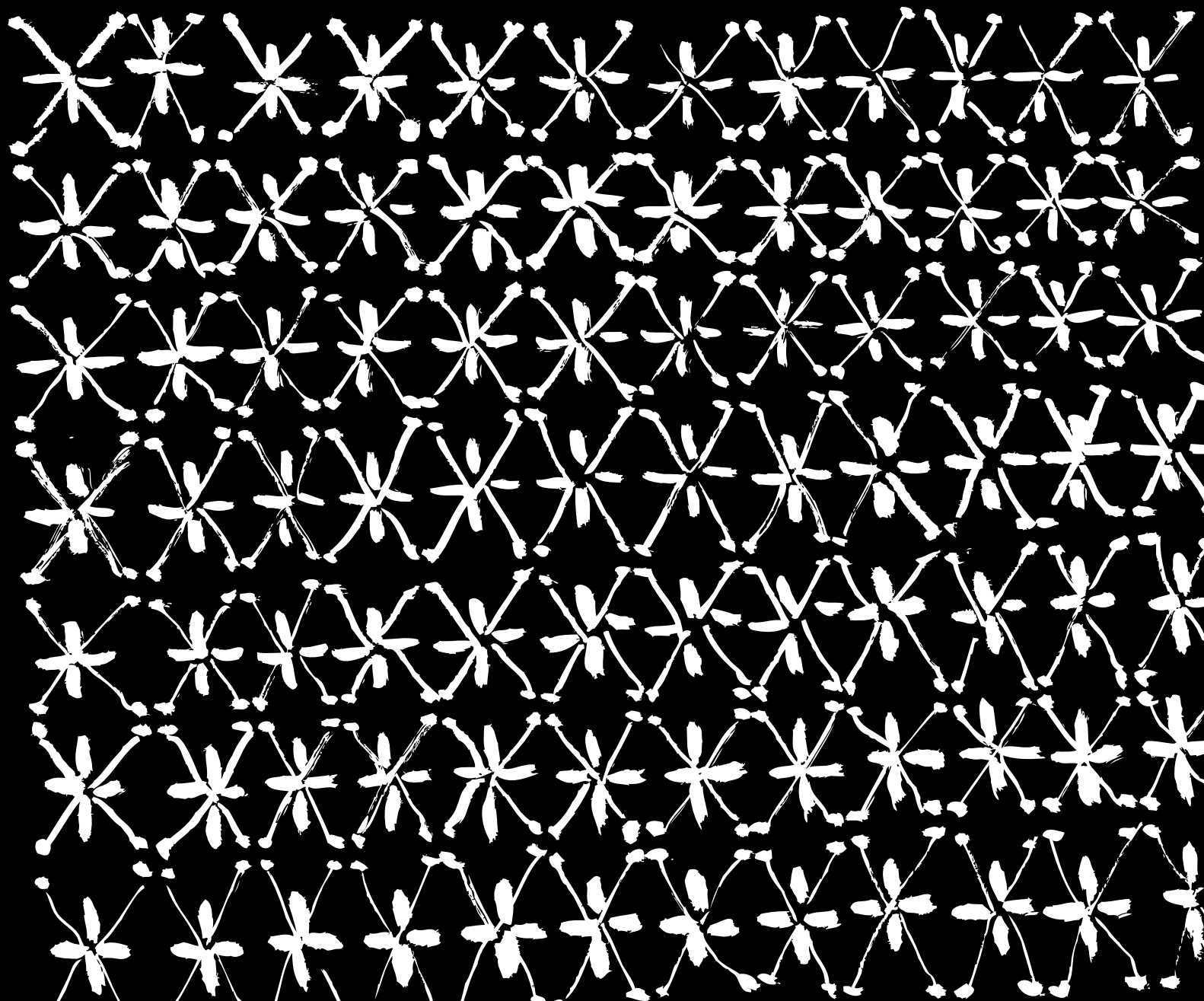
Víctor Guerra sabia compor com palavras – como diz Manoel de Barros – os silêncios que nos habitam.

REFERÊNCIAS

- Barros, M. (2008). *Memórias inventadas*. São Paulo: Planeta.
- Guerra, V. (29 de junho de 2007). *Poesía y psicoanálisis: Manoel y Víctor, encuentro de voces de infancia*. 5ª. Jornada de Literatura y Psicoanálisis. Asociación Psicoanalítica del Uruguay, Montevideo.
- Guerra, V. (2017). Ritmo, musicalidade comunicativa e a lei materna na artesanía da subjetivação humana. Publicação Ceapia - Revista de psicoterapia da infância e adolescência - ano 26, n. 26 (2017). Porto Alegre, pp. 8-21
- Guerra, V. (2019). *Rythme et intersubjectivité chez le bébé*. Toulouse: Érès.
- Guerra, V. (2020). *Vida psíquica del bebé: La parentalidad y los procesos de subjetivación*. Montevideo: APU, IUUP.
- Roussillon, R. (2006). *Paradoxos e situações limites da psicanálise*. São Leopoldo: Unisinos. (Trabalho original publicado em 1991).

*Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Bitácula





Análise, teimosia do sintoma e migração

Daniel Delouya

Este livro pertence à série *Escritas Psicanalíticas*, coleção que se propõe a reconstituir o pensamento de autores da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Reúne dezesseis artigos e uma introdução do autor. Tomando o luto como “eixo central da psicanálise” que visa “a uma recuperação que se efetua sobre o pano de fundo de uma perda incontornável e a instauração da marca desta falta” (p.27), Daniel nos oferece uma coletânea que une rigor teórico de extrema sofisticação a uma narrativa “apaixonada” de seus encontros analíticos – no sentido da paixão devoradora com que Freud descreve sua psicologia a *Fliess* –. Aproxima-se assim do “absurdo” do inconsciente e da proposta freudiana de “devolver às palavras seu poder mágico” (p.136), desenlutá-las! Acrescentam-se ainda ao livro recortes de um intenso debate institucional na SBPSP, fazendo trabalhar o diálogo entre autores (Winnicott, Bion, Green, Fédida) e uma aproximação à interface psicanálise e cultura, tratada aqui por meio dos fenômenos de migração. Leitura profícua para os que se interessam pela psicanálise em suas vertentes teóricas, clínicas e culturais. (Rodrigo Lage Leite)

São Paulo: Blucher, 2021



Escritos pandémicos 2020/21

Luis Campalans Pereda

Algumas datas marcam *impasses* na humanidade, como o sismo ocasionado pela explosão da pandemia em fevereiro de 2020.

O novo livro de Campalans traz uma recompilação de ensaios que foram escritos no intervalo de tempo que vai do início da pandemia até março de 2021. Cada artigo abre espaço a uma reflexão íntima e pungente que chacoalha nossos conformismos.

Os textos transitam por diversos cenários, sempre tracionados pela irrupção do real representado pelo vírus enquanto desconhecido e incontrolável, na mesma medida que instalou a angústia e o medo em escalas nunca vistas. Os escritos analisam sua função histórica, estrutural como instrumento de poder e questionam a sedução dos discursos hegemônicos e midiáticos.

O autor ressalta o papel vital da libido, tão importante para a preservação da vida humana quanto os anticorpos.

A reflexão acontece no contexto da nossa experiência cotidiana como analistas, cuja dificuldade alcançou graus superlativos. Sem renunciar aos fundamentos da psicanálise, inseparáveis da escuta. (Carolina García)

Buenos Aires: Autores de Argentina, 2021



Cómo ordenar una biblioteca

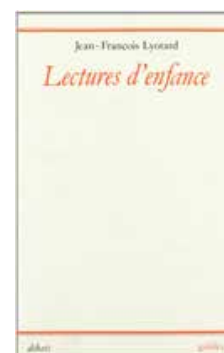
Roberto Calasso

Com inteligência inesgotável e beleza literária, Roberto Calasso – recentemente desaparecido – nos oferece *Cómo ordenar una biblioteca*. Em uma erudita reflexão percorre a relação que estabelecemos com os livros a partir de uma perspectiva íntima e pessoal, e nos surpreende, mais uma vez, com uma “autobiografia involuntária”, nas palavras de Nicola Lagioia.

O leitor, ao se entregar à sua leitura, não deve confundir-se com o título, pois de forma alguma se trata de um método de classificação bibliográfico. A partir de vários campos do conhecimento abarcando correntes filosóficas, estéticas e morais de diversa procedência, com grande rigor conceitual, Calasso nos apresenta uma relação viva com o pensamento, a cultura e a arte.

Cómo ordenar una biblioteca não trata apenas sobre como ordenar, senão também sobre como editar, escrever, comprar. Mas, acima de tudo, aborda como ler livros convidando o leitor à transformação dos seus planos de preferências e paixões, encarando as surpresas, sem aguardar soluções. Porque, simplesmente, para o autor uma biblioteca é um organismo em permanente movimento, um terreno vulcânico onde alguma coisa sempre está acontecendo. (Soledad Sosa)

Barcelona: Anagrama, 2020



Lectures d'enfance

Jean-François Lyotard

Este conjunto de ensaios de Lyotard – originalmente produzido em francês e prestes a ser publicado em inglês como *Readings in infancy* (previsto para 2021) – oferece uma ampla visão do engajamento desconstrutivo do autor com a literatura, a política e a psicanálise em conexão com a última fase de sua carreira ensaística. Cada texto orbita ao redor de um grande especialista de uma das esferas analisadas: Joyce, Kafka e Valery, em literatura; Arendt e Sartre, em política; e Freud, em psicanálise, por meio de uma leitura arrebatadora, como um empreendimento crítico e fecundo. Inspirada particularmente em Freud, esta coleção de ensaios “performa” a noção de infância em relação a seu objeto de engajamento.

A figura da infância é elaborada por Lyotard a partir de diferentes ângulos como um comprometimento próprio, independentemente do resultado, de falar do que permanece inarticulado e inapresentável, e de saber que falhar é uma condição para a própria ética. (Kirsten Locke)

Paris: Galilée, 1991

Autores neste número

Alejandro Beltrán

abeltran.psi@gmail.com

Sociólogo com mestrado e doutorado em Psicanálise. Psicanalista didata e atual presidente da Sociedad Psicoanalítica de México (SPM), onde é professor e supervisor. Recebeu o Prêmio Internacional Avelino González e o Prêmio Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) de crianças e adolescentes. Trabalha com crianças, adolescentes e adultos.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

alicia.beatriz.lisondo@gmail.com

Analista didata e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Analista de crianças e adolescentes pela International Psychoanalytic Association (IPA). Vice-presidenta da Associação Latino-Americana de Observação de Bebês Método Esther Bick (Alobb).

Alicia Killner

alicia.killner@gmail.com

Analista com função didática da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA). Coautora do livro *Psicoanálisis, ficción y clínica* (Letra Viva, 2014) entre outros. Autora de numerosos trabalhos sobre literatura e psicanálise.

Álvaro E. Carrión Alarcón

alvarocarriona@gmail.com

Membro da International Psychoanalytical Association (IPA), formado pelo Instituto Latinoamericano de Psicoanálisis (LaP) e membro do Grupo Psicoanálisis Quito (GPQ). Professor universitário, psicólogo clínico e mestre em filosofia. Desenvolve pesquisas sobre a história das ideias e a recepção da psicanálise no Equador.

Analia Wald

awald1963@gmail.com

Doutora em Psicologia pela Universidad de Buenos Aires (UBA). Membro da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA). Especialista em crianças e adolescentes. Diretora de projetos, professora e supervisora em instituições acadêmicas. Integrante da Diretiva de crianças e adolescentes da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal). Autora de numerosas publicações.

Anne Brun

annebrunlyon@orange.fr

Psicanalista, professora no Centre de Recherche en Psychopathologie et Psychologie Clinique (CRPPC) da Universidade Lyon 2, do qual foi diretora 2009-2019. Autora de vários artigos e livros, entre os quais escreveu *Mediations thérapeutiques et psychose infantile* (Dunod, 2014).

Bernardo Tanis

bernardo.tanis@gmail.com

Ex-presidente (2017-2020) e membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e da International Psychoanalytical Association (IPA). Doutor em Psicologia Clínica. Autor de numerosas publicações.

Carla Braz Metzner

carlabmetzner@gmail.com

Psicóloga, psicanalista pelo Instituto Sedes Sapientiae e membro do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae. Membro do Le Cause des Bébès. Mestranda na Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP) com o tema sobre a clínica do transtorno de subjetivação arcaica de V. Guerra.

Cláudio Laks Eizirik

ceizirik.ez@terra.com.br

Analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Professor Emérito de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ex-presidente da International Psychoanalytical Association (IPA) e da Federação Psicanalítica de América Latina (Fepal). Prêmio Sigourney, 2011.

Cristina Oñate

crisonater@gmail.com

Presidenta e analista com função didática da Asociación Mexicana para la Práctica, Investigación y Enseñanza del Psicoanálisis (Ampiep). Participou da Comissão de Ensino e, atualmente, da Comissão de Pesquisa da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal). Prêmio International Psychoanalytical Association (IPA) na Comunidade (2019).

Dalia Guzik Rubinstein

dguzikampiep@gmail.com

Ex-presidente e analista com função didática da Asociación Mexicana para la Práctica, Investigación y Enseñanza del Psicoanálisis (Ampiep). Docente e membro do Comitê de Ensino da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) (2020-2022). Prêmio International Psychoanalytical Association (IPA) na Comunidade (2019).

Elizabeth Haworth

lizhaw@gmail.com

Psicanalista da Sociedad Peruana de Psicoanálisis (SPP). Psicóloga formada pela Pontifícia Universidad Católica del Perú (PUCP). Diplomada em Gênero e Desenvolvimento pela St. Mary's University em Halifax, Canadá. Especialista em atendimento de casos de violência individual e grupal. Assessora em projetos particulares e públicos.

Gisele Senne de Moraes

gimoraes@uol.com.br

Doutoranda e mestre em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), onde estuda a obra de Silvia Bleichmar. Psicanalista e membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Hugo Brousset

hbrousset@gmail.com

Antropólogo pela Pontifícia Universidad Católica del Perú (PUCP). Trabalha na Unidade de Desenvolvimento Humano do Banco Mundial.

Josimara Magro Fernandez de Souza

josimfs@gmail.com

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP). Coordenadora da V Bienal de Psicanálise e Cultura (2020-2021) da SBPRP. Coordenadora do grupo Múltiplas Manifestações da Sexualidade e do Núcleo de Reflexão sobre psicanálise e mal-estar na cultura, da Diretoria de Cultura e Comunidade.

Kirsten Locke

k.locke@auckland.ac.nz

Senior lecturer na School of Critical Studies in Education da University of Auckland, Nova Zelândia. Filósofa da educação ligada às dimensões afetivas da educação e especializada em aplicar o pensamento filosófico na história das ideias em contextos educativos.

Laura Ward da Rosa

lauraros@terra.com.br

Membro titular com função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPPA). Coordenadora de formação analítica do Instituto da SBPPA. Integrante do Comitê de Formação e Transmissão da Psicanálise da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal).

Leonardo Peskin

leonardopeskin@hotmail.com

Membro titular, didata e professor da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA). Professor em cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado. Membro de comitês de revistas de psicanálise. Autor de *Los orígenes del sujeto y su lugar en la clínica psicoanalítica* (Paidós, 2012) e *La realidad, el sujeto y el objeto* (Paidós, 2012).

Ludmila Yajgunovitch Mafrá Frateschi

ludmilafrateschi@gmail.com

Psicóloga pela Universidade de São Paulo (USP) e psicanalista pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Membro filiado do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Atua em consultório particular e em instituições. Integra as equipes editoriais do *Jornal do Observatório Psicanalítico* e do *Jornal de Psicanálise*.

Luiz Carlos Tarelho

lcarlostarelho@gmail.com

Psicanalista, doutor em Estudos Psicanalíticos pela Université Denis-Diderot, Paris VII (1997) e pesquisador ligado à Fondation Jean Laplanche. Autor de *Paranoia et théorie de la séduction généralisée* (PUF, 1999). Coautor dos livros: *Por que Laplanche?* (Zagodoni, 2017) e *Três destinos da mensagem enigmática* (Zagodoni, 2020).

Magdalena Filgueira Emeric

mfilgueira.mefe@gmail.com

Psicanalista da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU). Integrante da Comissão Diretiva e diretora de publicações da APU (2018-2020). Professora associada à Faculdade de Psicologia da Universidad de la República (Udelar). Diretora de publicações da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) (2020-2022).

Marcelo Viñar

marvin@belvil.net

Psicanalista. Membro Honorário da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU). Ex-professor do Departamento de Educação Médica da Faculdade de Medicina (Udelar). Autor de numerosos artigos e livros, como: *Exílio e tortura* (Escuta, 1992), *Fracturas de memoria* (Trilce, 1993), *Psicoanalizar hoy* (Trilce, 2002) e *Mundos adolescentes y vértigos civilizatorios* (Noveduc, 2009), entre outros.

Maria Cecília Pereira da Silva

mepsilva@gmail.com

Analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Coordenadora da Clínica 0 a 3 – Intervenção nas relações iniciais pais-bebê e da Clínica Transcultural do Centro de Atendimento Psicanalítico da SBPSP. Professora do Departamento de Psicanálise de crianças do Instituto Sedes Sapientiae. Pós-doutorado em Psicologia Clínica.

Marina Calvo

marinaicalvo@gmail.com

Formada em Psicologia e Ciências da Comunicação pela Universidad de Buenos Aires (UBA), da qual foi professora de graduação e pós-graduação. Membro da Asociación Trabajo del Psicoanálisis. Organizadora do Colóquio Silvia Bleichmar, cujas publicações coedita. Traduziu Jean Laplanche para Amorrortu e é autora de inúmeras publicações.

Mauro Vallejo

maurosvallejo@gmail.com

Doutor em Psicologia e pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet), com especialização em história da psicanálise e da medicina. Estudou a história das doenças nervosas, a hipnose e o curandeirismo na cidade de Buenos Aires no final do século XIX.

Rafael Mondrzak

mondzrak@gmail.com

Médico, psiquiatra, membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), presidente da Associação de Candidatos da SPPA (2020-2021). Membro da Diretoria da Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul (APRS).

Raquel Zonis Zuckerfeld

raquelzonis@gmail.com

Membro da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA) e da Sociedad Argentina de Psicoanálisis (SAP). Membro fundadora e docente do Instituto Psicosomático de Buenos Aires (IPBA). Professora titular de Psicofisiologia da Universidad Maimonides (Umai).

Regina Célia Cardoso Esteves

estevesregina@yahoo.com.br

Membro efetivo e ex-presidente da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFor). Doutora em Psicologia pela Universidade do Minho (UMinho), Portugal. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Rocío Franco

rfrancovaldivia@gmail.com

Mestre em Psicologia pela Universidad Católica de Lovaina (UCL). Psicanalista da Sociedad Peruana de Psicoanálisis (SPP). Docente universitária, com pesquisas sobre justiça comunitária e questões de gênero no mundo rural. Consultora para organismos internacionais e do Ministério da Mulher e Populações Vulneráveis do Peru.

Rubén Zukerfeld

erezeta@fibertel.com.ar

Membro titular da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA). Membro fundador e titular com função didática da Sociedad Argentina de Psicoanálisis (SAP). Professor emérito da Universidad del Salvador (Usal).

Sandra Gonzaga e Silva

sagon@globo.com

Psiquiatra e psicoterapeuta infantil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), onde ocupou diversos cargos institucionais. Foi coordenadora do Café Literário por nove anos. Atual editora do jornal *Intervalo Analítico*. Autora de artigos científicos.

Verónica Díaz

vdiazhinostrza@worldbank.org

Economista pela Universidad del Pacífico (UP), Peru. Trabalha na Unidade de Desenvolvimento Humano do Banco Mundial.

Walter Omar Kohan

wokohan@gmail.com

Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

Yudith Rosenbaum

yudith@uol.com.br

Professora, doutora de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo (USP). Atua na interface da crítica literária com a psicanálise. Autora de *Manuel Bandeira: Uma poesia da ausência* (Edusp, 2001), *Metamorfoses do mal: Uma leitura de Clarice Lispector* (Edusp, 2006) e *Clarice Lispector* (Publifolha, 2004).

Orientações aos autores

Calibán é a publicação oficial da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), organização vinculada à Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Vem sendo editada de forma regular desde 1994, antes sob o título *Revista Latino-Americana de Psicanálise*.

Sua proposta editorial tem o objetivo de propiciar a difusão e o desenvolvimento do pensamento psicanalítico latino-americano em sua especificidade, bem como promover o diálogo com a psicanálise de outras latitudes. Procura estimular a reflexão e a discussão através da inserção das questões pertinentes à psicanálise nos contextos científico, cultural, social e político contemporâneos. Sua periodicidade é semestral.

Cada número incluirá em seu conteúdo artigos em formato de ensaio, artigo científico, entrevista, resenha ou outros que os editores considerarem pertinentes. A publicação de artigos em *Calibán* não reflete o pensamento dos editores ou sua concordância com os conceitos emitidos, sendo de exclusiva responsabilidade de cada autor ou entrevistado as opiniões constantes em cada um dos trabalhos ou entrevistas publicados na revista.

1. Os trabalhos a serem publicados em Argumentos deverão ser inéditos. No entanto, se os editores os considerarem de especial interesse, trabalhos que já tenham sido publicados ou apresentados em congressos, mesas-redondas etc. poderão ser editados, com a especificação do local e da data originária de exposição.
2. Caso o trabalho inclua material clínico, o autor tomará as mais estritas medidas para preservar a identidade dos pacientes, sendo de sua exclusiva responsabilidade o cumprimento dos procedimentos para alcançar esse fim ou para obter o consentimento correspondente.
3. Os trabalhos apresentados serão objeto de uma avaliação independente com características do método "duplo-cego", feita por pelo menos dois pareceristas do Comitê de Pareceristas da revista, que poderão fazer recomendações voltadas à eventual publicação do artigo. A avaliação será feita com base em critérios parametrizados, e a resultante aceitação, rejeição ou o pedido de alterações ou ampliações do trabalho constitui a tarefa dos pareceristas da revista, que remeterão suas sugestões à Equipe Editorial. Os editores definirão, em função da pertinência temática e das possibilidades da revista, a oportunidade da publicação. A equipe editorial se reserva o direito de não tornar públicas as avaliações dos trabalhos recebidos, assim como cabe à equipe editorial a decisão final acerca da publicação ou não de um trabalho, a partir de uma análise criteriosa das avaliações.

4. Os trabalhos deverão estar redigidos em espanhol ou em português. Em casos específicos, poderão ser publicados trabalhos originais em outros idiomas.
5. Deverão ser enviados por e-mail aos endereços eletrônicos editorescaliban@gmail.com e revista@fepal.org em duas versões:
 - A) Artigo original com nome do autor, instituição à qual pertence, endereço eletrônico (no rodapé da primeira página) e breve descrição curricular de 50 palavras.
 - B) Uma versão anônima com pseudônimo e sem menções bibliográficas que permitam eventualmente identificar o autor. Deverão ser eliminadas as referências nas propriedades do arquivo digital que identifiquem o autor.
Ambas versões deverão ter o seguinte formato: documento Word, folha A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, entrelinha dupla. Nenhuma das versões deverá exceder 6.500 palavras. Seções específicas da revista poderão incluir um número menor de palavras.
6. A bibliografia, que não será considerada na extensão máxima de palavras permitida, deverá ser apenas a imprescindível e ajustar-se às referências explicitadas no texto. Todos os dados de referência das publicações citadas serão incluídos, com especial cuidado de esclarecer quando se trata de citações de outros autores e de que sejam fiéis ao texto original. A bibliografia e as citações bibliográficas se ajustarão às normas internacionais da *American Psychological Association*, disponíveis em www.fepal.org.
7. Também se anexará um resumo na língua original do artigo, redigido em terceira pessoa e de aproximadamente 150 palavras, junto à sua tradução para o inglês.
8. Deverão ser acrescentadas, na língua original do artigo e em inglês, palavras-chave do Tesouro de Psicanálise da Asociación Psicoanalítica Argentina, disponível para consulta em <https://www.apa.org.ar/Media/Files/alfabeticosimple>
9. Caso o trabalho seja aceito para publicação, o autor deverá assinar um formulário de autorização mediante o qual cede legalmente seus direitos. Pela mencionada cessão, ficará proibida a reprodução escrita, impressa ou eletrônica do trabalho sem autorização expressa e por escrito dos editores.



*Argumentos: **O infantil***

*Vórtice: **Feminicídio***

*Dossiê: **Primeiras impressões***

*Textual: **Boltanski***

Desplechin

*Clássica & Moderna: **Silvia Bleichmar***

*Cidades Invisíveis: **Quito, cidade oculta***

*De Memória: **Víctor Guerra***